



*Este livro é um produto da parceria entre os grupos:
PDL/RS&RTS/PRT*





Disponibilização: Jo Slavic
Tradução: Safire
Revisão e Formatação: PDL

Donna Grant
Série Vale dos Druidas, Livro 03
Amanhecer nas Highlands
Título Original: Highlands Dawn

Agradecimentos

Para meus amigos Robyn, Robin, Mary e Georgia, obrigado por estar aí nas boas ou nas más horas.

Aos admiradores, obrigado! Vocês fazem com que valha a pena.
Que Deus os benza e guarde a todos vós!

Sinopse

→Um imortal com muitas perguntas sem resposta...

Ao imortal Dartayous, um guerreiro druida poderoso, é-lhe dado uma missão, guardar a Moira viva para que possa cumprir a profecia. Mas com cada dia que passa o desejo ardente que sente por ela corrói mais e mais a parede que rodeia seu coração.

→Uma sacerdotisa druida em busca de uma chave...

Moira Sinclair deve encontrar a chave para entrar em o Reino Fae, mas ao entrar na esfera sagrada, os segredos que manteve guardados saem à luz e a obrigam a ver-se como realmente é. O formoso e autoritário rei do Fae ganhará seu coração? Ou Dartayous a reclamará como sua definitivamente?

“Em um tempo de conquista
Haverá três
Quem ponha fim à linha MacNeil.

Três nascidos
Nas festas do Imbolc, Beltaine e Lughnasad
Quem destruirão a todos
No Samhain, a Festa dos Mortos.
Um que recusa a forma Druida
Legado do Inverno
E ao fazê-lo assim marca o início do fim.

Para que o merecedor prevaleça, o fogo
Deve perdurar sozinho para vencer ao herdeiro
A água deve apaziguar à besta selvagem, e
O vento deve inclinar-se ante a árvore.”

Prólogo

Castelo Sinclair, Highlands de Escócia.
3 Fevereiro de 1607.

O tempo estava se acabando. Moira controlou as lágrimas e correu tão rápido como lhe permitiram suas pequenas pernas. Os gritos de sua irmã ainda ressonavam em seus ouvidos quando encontrou a porta escondida e se introduziu no escuro e escorregadio túnel dentro do castelo. Tinha que encontrar a seus pais e a sua irmã mais nova. Era seu dever, como irmã mais velha, assegurar-se que suas irmãzinhas estivessem sãs e salvas. Seu pai lhe tinha insistido nisto desde que podia recordar. Não importava o fato que o desobedecesse agora. Ela tinha feito o caminho com a Fiona até deixá-la no bosque quando o castelo foi atacado. Suas ordens tinham sido ficar no bosque quando alcançasse a segurança das árvores, mas não podia deixar de pensar no novo bebê só no castelo. Sua nova irmã, com só uns minutos de vida.

O bebê era inocente e não poderia viver tranquila se não conseguia pô-lo a salvo junto à Fiona.

Moira alcançou a porta que conduzia à antecâmara. Empurrou-a e se sentiu aliviada ao ver que se abria e escutou. Ouviam-se aplausos que provinham do pátio exterior. O castelo tinha sido tomado, e embora fosse apenas uma menina, sua jovem mente tinha assimilado que sua vida no clã Sinclair tinha mudado para sempre. Depois de olhar para baixo, ao escurecido vestíbulo, deslizou-se fora do túnel e silenciosamente fechou a porta detrás de si.

Pegou-se à parede e sigilosamente caminhou para a antecâmara de seus pais. Quando finalmente alcançou a antecâmara, suas pernas não lhe responderam. Não fazia falta olhar para dentro para saber que seus pais tinham morrido. Sabia como também sabia que muito possivelmente sua vida terminaria aquela noite.

Quando estava a ponto de dar meia volta e escapar, escutou os gritos de Fiona em sua mente. Por suas irmãs ela confrontaria o horror que ia encontrar dentro da antecâmara. Por suas irmãs lutaria, para manterem-se juntas. Com resolução, Moira suspirou e deu um passo ao interior do quarto. Abriu a boca em um grito silencioso ao ver os corpos sem vida de seus pais sobre o chão. Olhou para baixo e se encontrou pisando em sangue. Sangue de seu pai. Controlando-se, gritou tão só em sua mente, pois não queria alertar aos soldados. Tinha que encontrar a sua irmã. Piscou afastando as lágrimas e procurou o bebê. Sua mãe tinha mantido o bebê com ela desde que nasceu então o bebê teria que estar ainda com ela. Mas isso não sabia.

Não importava a dor que lhe produzia ver aquele horror nem quanto procurou, não pôde encontrar ao bebê. Foi até o berço de madeira que seu pai tinha feito e se ajoelhou a seu lado. Em um de seus extremos ainda se via uma parte da manta que sua mãe tinha tecido, mas já não abrigava com amor a sua irmã recém-nascida. As lágrimas que com tanta força continha deslizaram pelas suas bochechas ao ver o berço vazio. Não só tinha perdido a seus pais e a sua irmãzinha, sabia que também tinha perdido a Fiona. Fechou sua pequena mão

sobre a única coisa que sua família tinha deixado, a cruz de prata que pendurava de seu pescoço escondida sob seu vestido.

Quando ouviu passos atrás dela, nem sequer se incomodou em levantar a cabeça e olhar. A morte seria bem-vinda. Tinha falhado com seu pai, e não tinha podido manter a promessa de proteger a suas irmãs com sua própria vida se necessário. Não sentiu o aço sobre seu corpo, se não uns doces braços que a elevaram em um abraço quente.

—Shh, não chore mais. — Sussurrou-lhe uma rouca voz ao ouvido — Agora está a salvo.

Tentou olhar a seu salvador, mas através da cortina de suas lágrimas tão só podia ver uns resplandecentes olhos azuis brilhando com força na escuridão. Sua voz a acalmou. Assentindo, reclinou a cabeça contra seu ombro, a textura branda e pouco familiar de seu colete descansou contra sua bochecha.

— Aonde me leva? — finalmente lhe perguntou quando o homem passou correndo pelo vestíbulo.

— Para cumprir teu destino.

Quando eles cruzaram a porta secreta que conduzia ao exterior e para onde levou a Fiona, encontrou-se com outro homem que os esperava. Reconheceu-o imediatamente. Era Frang, o druida, Supremo Sacerdote que tinha visitado seus pais frequentemente.

— Vim te levar para casa. — disse-lhe Frang.

— Minha casa é aqui.

Seus olhos azuis brilharam tristes quando jogou uma olhada ao castelo.

— Já não mais, moça.

— Tenho que encontrar a Fiona. — disse-lhes enquanto tentava escapar dos braços de seu salvador.

— Fique tranquila. — sua calma e profunda voz sussurrada em seu ouvido a acalmou.

Frang lhe tocou seu braço.

— Não se preocupe, Moira. Já não é necessário que vá procurar Fiona, ela está segura com o Cormag MacDouglal.

— Foi-se? — sussurrou, embora por dentro sabia que essa era a pura verdade. — Não pode haver-se ido, prometi cuidaria dela.

— Não encontrei a caixa forte. — disse Frang a seu salvador — Devemos consegui-la e escondê-la imediatamente no vale dos Druidas.

— Perdi-os a todos. — disse a pequena sem deixar de chorar.

Não lutou quando seu salvador a estreitou com força contra ele, como se tentasse lhe transmitir parte de sua força.

Ela deu boas-vindas a esse calor, já que não sentia nada nesses momentos, estava como vazia e se perguntou se algum dia voltaria a sentir.

Capítulo 1

Highlands ocidental
Agosto de 1625

— Esse sim é um homem que eu reclamaria.

Moira levantou a cabeça deixando de examinar uma maçã, mas a velha bruxa que pensou que tinha falado começou a resmungar enquanto tirava mais fruta de debaixo das mesas. Moira olhou ao redor do mercado aberto e se encontrou sozinha.

Exceto pela velha.

Olhou à anciã outra vez, mas esta se ocupava de empilhar fruta e saudar com a mão às pessoas que passavam diante de sua cambaleante loja. Moira sacudiu a cabeça e voltou para exame da fruta.

Depois de muitas semanas da viagem ela e Dartayous finalmente tinham chegado a um pequeno povo de pescadores que pertencia definitivamente aos Macleod. Estavam na última etapa da sua viagem, ou ao menos esperava que esse fora o caso.

—Aye. Um homem como ele poderia esquentar inclusive estes velhos ossos.

Esta vez quando Moira levantou o olhar os olhos da mulher estavam cravados nela. Já não tinha o aspecto de uma anciã adoentada, em seu lugar se erguia com sábios olhos marrons. Seguiu o olhar fixo da velha em Dartayous.

Moira tinha estado ignorando ao seu companheiro da viagem durante semanas, mas presenciar como sorria e falava a uma menina do povo lhe dava um pequeno alívio. Sua cara áspera, quase severa se transformou com esse sorriso. Seus amplos e magros lábios se levantavam em um amplo sorriso, mostrando os brancos e nivelados dentes.

— É ele seu?

Girou-se para a velha.

— Não.

— Eu diria que era, — disse a bruxa e estendeu os nodosos dedos para tocar a mão de Moira. — Vi-os quando entravam no povoado. Ele te olha como se lhe pertencesse.

—Você está equivocada. — Entretanto, seus olhos procuraram Dartayous outra vez. Seu cabelo marrom ondulado à altura dos ombros se movia suavemente para a brisa do mar.

— Ele é meu guia. Nada mais, — respondeu e voltou a examinar a maçã.

— Não é bom mentir para nós mesmas. Já o tem feito muito tempo. — Moira semicerrou seus olhos e olhou à mulher. Havia poucas pessoas de quem ela tomara conselho, mas cada fibra de seu ser insistiu em escutar à bruxa.

— Tem uma viagem longa diante de você.

Moira riu. A mulher era uma fraude.

— Está enganada, velha. Fiz uma viagem longa. Está a ponto de terminar.

— Isso creem vocês. Em realidade, sua viagem ainda tem que começar.

Suas palavras detiveram Moira. Ela procurou nos olhos castanhos da mulher.

— Você tem a visão.

— Tenho-a. Seriam prudentes se me prestassem atenção. Escutem a seu coração. Guiar-lhes-á quando a escuridão chegar.

— O que sabe você? Diga-me. — disse Moira e agarrou o braço da bruxa.

A cortina detrás da bruxa se abriu e entrou uma menina com o cabelo cor de fogo e os olhos tão verdes que rivalizariam com as esmeraldas.

—Minha neta, — disse a anciã depois que a garota se sentou.

Moira levantou o olhar até a velha.

— Me diga o que sabe.

— Sinto um imenso poder em você, menina. Tem um grande destino à cumprir e não há dúvida de que o cumprirá.

Moira estava admirada. A visão foi sempre um dom que ela tinha querido. Suas duas irmãs o tinham recebido. Glenna tinha visões enquanto que Fiona tinha sonhos, mas esse dom não o tinha recebido Moira.

— Seu dom reside em sua neta? — Perguntou Moira mudando de assunto. Cada vez que se encontrava com alguém que tinha a visão, ficava em guarda.

— Não, graças aos Santos. Entretanto tem o dom da cura, mas nada que se compare a você.

Moira uma vez mais encontrou a mulher olhando-a.

— O que lhe faz pensar que tenho alguma capacidade de cura?

A velha bruxa ladrou pela risada.

— Resplandece bastante em você. Uma pessoa com bom olho pode vê-lo. Passaram muitos anos desde que encontrei a um verdadeiro Druida.

Moira rapidamente olhou ao redor para ver se alguém tinha ouvido sem intenção à bruxa.

— Você me fará enforcar falando suas divagações em voz alta assim.

—Não é provável. Ninguém me dá nenhuma atenção a menos que tenham uma enfermidade que não podem curar. Em seguida buscam à mim e minha neta.

—Qual é seu nome? — Moira perguntou à bruxa. Havia algo na menina que atraía seu interesse.

—Isobel.

A menina elevou a vista a seu nome. Ali não havia nenhum equívoco nos tristes olhos que olharam Moira.

— E o que tem seu futuro?

A bruxa se deu a volta até ficar das costas a Isobel.

— O caminho diante dela está cheio de perigo. Temo que não sobreviva. — O rosto da velha, que tinha estado coberto de preocupação repentinamente floresceu com um brilhante sorriso.

Em seguida Moira escutou a voz que sempre fazia que seu coração revoar.

— Encontrou alguma fruta?

Voltou-se para encontrar com Dartayous a seu lado. Ela era mais alta que a mulher comum, mas ele ainda lhe ultrapassava em altura e lhe bloqueava o sol. O impulso de perguntar à bruxa sobre Dartayous era quase entristecedor.

— Moira?

Moveu-se bruscamente e virou a para cabeça longe dele.

— Sim, encontrei.

— Bem. O navio sai amanhã pela manhã com a maré.

Moira se encontrou cravando os olhos na bruxa que estava por sua vez, olhando a Dartayous.

— Mestra, — Moira lhe ouviu dirigir a palavra à bruxa. — Minha companheira se nega a lhe pagar? É a razão pela qual você crava os olhos em mim?

— De modo algum, guerreiro. Só não acredito que estes velhos olhos se encontrem mais com tão magnífico espécime. Se só fosse mais jovem, — disse com uma gargalhada.

Moira levantou o olhar e encontrou em seus lábios um sorriso. Ele sorria tão raramente que sempre a assombrava ver que seu formoso rosto parecia quase de moço com esse sorriso.

— Nunca fui aquele que permitiu que a idade me detivesse.

A boca de Moira caiu aberta. Conhecia Dartayous quase toda sua vida, mas esta era a primeira vez que lhe ouvia brincar com alguém.

A bruxa riu.

— Aposto que você deixou para trás muitos corações quebrados. — Deu-lhe uma piscada e tocou sua mão. Seu sorriso se deslizou até que a tristeza nublou seus olhos.

— Sinto muito. Não sabia.

Durante vários segundos Moira olhou da velha a Dartayous enquanto eles se mediam um ao outro.

Finalmente, Dartayous falou.

— Você deveria estar perto de outros como você.

— Cada um de nós tem um caminho pelo que viajar. O meu acaba aqui. Minha neta está a ponto de começar. Você e sua companheira, — disse e percorreu com o olhar a Moira—, estão a ponto de embarcar em uma longa aventura. Se vocês saírem dela ainda estamos para saber.

— Sabe da profecia? — Perguntou-lhe Dartayous.

A bruxa inclinou a cabeça.

— A gente não pode afirmar ser um druida e não ter ouvido falar da profecia. — Seus olhos castanhos se voltaram para Moira. — É uma das três, a maior. Durante muitos anos pensamos que todas estavam mortas.

— Minhas irmãs e eu estávamos escondidas.

— E com razão, — disse a mulher. — Recordem minhas palavras. Escolhas difíceis estão diante de vocês dois. Escolham sabiamente.

— Se Escócia quer permanecer do mesmo modo em que está, não temos nenhuma opção salvo ajudá-la, — disse Moira. Seus nervos zumbiam para a magia intensa que irradiava da mulher.

Poucas pessoas exsudavam aquele tipo de magia, e em sua maior parte procediam de Fae à exceção de Frang, o Supremo Sacerdote Druida. Ela piscou e tratou de enfocar os olhos, mas se encontrou lutando para ver.

— Nossa magia choca fortemente. Devem afastar-se de mim.

Moira ouviu a voz da velha como se estivesse longe mesmo quando sabia que a mulher estava a apenas passos dela.

— Dartayous?

— Estou aqui, — disse e envolveu um braço ao redor dela.

Não gostou de estar desfrutando o firme braço ao redor dela. Era uma sacerdotisa Druida, uma das três escolhidas para cumprir a profecia. Era forte e não necessitava a ninguém, e muito menos a um homem, para que a ajudasse.

Antes de sair, a cesta que Moira sustentava ficou mais pesada enquanto a bruxa colocava fruta nela. Moira se separou de Dartayous. Ele pagou precipitadamente à mulher enquanto Moira começasse a caminhar lentamente para afastar-se. Com cada passo que ela dava começava a sentir-se normal.

— Melhor?

Sorriu a Dartayous e inclinou a cabeça.

— Nunca encontrei a ninguém cuja magia me afetasse dessa maneira.

— Ela é mais do que parece.

— Sim, pensei o mesmo. Mas o que, não sei.

Não se disse mais, já que viajavam da volta ao pequeno acampamento que tinham feito na noite anterior, perto da cidade. Entretanto, se tratava de um cômodo silêncio entre eles. Nas semanas transcorridas desde que tinham saído do vale dos Druidas e se afastaram de suas irmãs, tinha chegado a conhecer Dartayous um pouco melhor.

Embora raramente falassem, havia um mútuo respeito. Ao menos isso é o que se disse quando não houve conversação.

Um som lhe chamou a atenção. Ela se deteve e escutou.

— Moira? O que é isso? — Perguntou Dartayous enquanto chegava ao lado dela.

— Um som.

Mantiveram-se em silêncio enquanto ela se esforçava para escutar. Justo quando estava a ponto de desistir o ouviu outra vez. Sem uma palavra a Dartayous, deixou cair a cesta e entrou correndo no bosque.

— Moira.

Ela não teve tempo de lhe responder, pois sabia que era importantíssimo que alcançasse o som. Encontrou-o inesperadamente e quase o passou.

Suas mãos se estremeceram enquanto ela apartasse a um lado os arbustos e se encontrou olhando o bonito rosto de um bebê. Estava a ponto de alcançá-lo quando Dartayous se atirou a seus pés.

— Não o toque. Abandonaram-no para uma razão.

Voltou-se e o olhou enfurecida.

— O que está dizendo? — Disse e se sacudiu de seus braços. — É um menino necessitado que está a ponto de morrer porque alguém lhe abandonou.

Suavizando seu habitual e indiferente semblante lhe disse.

— Há então o que tenha que fazer.

Moira se prostou de joelhos e alcançou ao bebê. Tinha medo de tocá-lo porque nunca havia sustentado um bebê e temia que fosse muito tarde, mesmo com seus poderes curativos.

Tão brandamente como pôde, levantou o diminuto bebê nos braços. O bebê se queixou e se aconchegou contra ela enquanto fracamente lhe agarrava o dedo.

As lágrimas lhe picaram nos olhos enquanto sentia a força vital abandonando o débil corpinho. Abriu a manta e viu por que seus pais lhe tinham abandonado para que morresse. Tinha um pé torto. Nada que pudesse atrapalhar sua vida, mas poderia atrapalhar as dos pais. Em vez de ter outra mão para ajudar com as tarefas, teriam outra boca para alimentar.

— Como alguém pode fazer isso? — Disse enquanto o bebê parava de chorar, agradado ao ser sustentado de novo. — Não é culpa sua que tenha nascido assim. Com a devida instrução poderia viver uma vida normal.

— Algumas pessoas preferem não dar uma instrução apropriada.

— Então nunca deveriam ter filhos, — disse e olhou sobre seu ombro a Dartayous.

Apesar de seu intento, igualmente encontrar ao bebê o tinha afetado.

— Chegamos muito tarde. Quase está morto.

— Tão jovem. Só tem dias, — disse Moira que piscou para evitar derramar as lágrimas.

Então surgiu um pensamento. Ela não o tinha tentado, mas valia a pena o risco. Brandamente pôs ao bebê no chão e sua choramingação começou de novo. Com uma respiração profunda, ela colocou as palmas da mão abaixo e sobre o bebê.

— Moira, não. É muito tarde para ele.

— Ainda respira. Não é muito tarde. Não me fará mudar de ideia. Tenho que fazer uma tentativa.

Fechou os olhos e deu passo ao ressurgimento de poder através dela, o poder que poderia curar a quase tudo.

O poder aumentou até que ficou cega de tudo e todos, exceto o bebê. As palavras antigas dos Druidas encheram sua mente enquanto as cantava, trazendo seu poder sob controle. Com um movimento leve de sua mão ela colocou o poder através de sua mão no bebê.

Estava perto da morte e necessitava a maior parte de seus poderes para ser afastado. Várias vezes teve que chamar o bebê de volta para ela porque ele até agora partia, contudo, ante seu chamado vinha. E cada vez mais rapidamente.

Quando ele estava curado de toda desnutrição, ela começou a ver uma luz azul lhe rodeando. Com um murmúrio das mais antigas palavras dos Druidas ela obrigou seu poder a regressar.

Deixou cair às mãos e olhou para descobrir um bebê saudável, dormido diante dela.

— É muito mau que não possa arrumar seu pé, — disse e contemplou Dartayous.

Os olhos dele estavam mais suaves enquanto contemplava ao bebê. Moira tomou uma profunda respiração e tratou de levantar-se sobre seus pés, quando suas pernas cederam. Dartayous a apanhou antes que ela golpeasse a terra.

— Usou muito de seu poder, — repreendeu-a enquanto a colocava ao lado do bebê.

— Tive que fazê-lo. Tenho a capacidade, e o destino o pôs em meu caminho. Não tive outra escolha. Ele é agora meu, — disse antes de cair em um sonho reparador.

Capítulo 2

Dartayous olhou fixamente a Moira. Suspirou e passou uma mão pelo cabelo. O que ela tinha feito não deveria surpreendê-lo, entretanto o fez. Ela tinha mudado desde que tinha encontrado a suas irmãs. Mudado ao ponto de não ser previsível.

E isto lhe preocupava.

Uma Moira imprevisível poderia colocá-los em todo tipo de problemas, sem considerar que eles tinham um dever a cumprir, que enviaria a maior parte dos homens a correr em direção oposta. Perguntava-se se encontrariam a entrada oculta do mundo dos Fae e se seriam capazes de liberá-los.

Com outro suspiro se inclinou e levantou Moira em braços para levá-la o resto do caminho ao acampamento quando seus olhos se posaram sobre o infante adormecido.

Iam precisar de leite.

Ele amaldiçoou lentamente e com força quando olhou a Moira e o bebê. As coisas só se complicavam, e se seus instintos eram corretos, as coisas ficariam muito pior.

Dartayous com cuidado deixou Moira no chão antes de inclinar sua cabeça para trás e soltar um assobio. Em menos que um segundo, seu cavalo relinchou em resposta. Dartayous ouviu o cavalo atravessar correndo os bosques buscando-o. Emitiu outro assobio mais curto e logo pôde ver o cavalo trotando para ele.

—Ao menos você me escuta, moço, — disse acariciando ao grande corcel negro. — Queria poder dizer o mesmo de Moira.

Depois de ter ajustado a sela se agachou perto de Moira e a sentou. Lentamente seus olhos se abriram.

—Vem, — convidou-a. — Montará a Raven até o acampamento.

—O bebê, — sussurrou ela.

—Eu o levarei. Temos muito que fazer. Será capaz de te sustentar?

Ela assentiu e com um impulso a levantou e a sentou sobre o lombo. Esperou um momento para assegurar-se que permaneceria sobre o cavalo antes de retornar pelo menino.

Felizmente, o acampamento não estava longe. Uma vez que chegaram, deixou o bebê no chão e foi para a Moira. Ela dormiu antes de colocá-la ao lado do bebê. Tão cuidadosamente como pôde, colocou ao menino nos braços de Moira.

—Vigia-os Raven. Mantém-na a salvo, — disse enquanto saía do acampamento.

Quando Dartayous voltou, era bem no começo da tarde e não estava de bom humor.

Tinha tido que usar mais artimanhas do que imaginou para conseguir leite. E como era pouco, não duraria muito tempo.

Também tinha conseguido fazer com uma pele de bexiga que um camponês transformou em uma mamadeira provisória. Eles não tinham estado

dispostos a vender-lhe porque tinha dúvidas do porquê Dartayous a queria. Mas ele podia ser muito persuasivo quando a necessidade chamava.

Quando chegou ao acampamento Moira estava acordada e agitando o menino. Tratou de não fazer caso da gratidão refletida em seus olhos quando descobriu o leite e a bexiga.

—Obrigado, — disse quando lhe deu a bexiga cheia.

—Não entendo por que faz isto.

—Não? — perguntou ela enquanto colocava a beirada da bexiga sobre os lábios do bebê.

— Não. — Ele olhou como o menino tratava de beber e desviou o olhar. — Temos uma missão perigosa que cumprir e você quer trazer um bebê. Chame-me idiota, mas levar um menino ao mundo Fae enquanto tratamos de encontrar um mal tão feroz que conseguiu encarcerá-los, é chamar problemas.

Durante um momento, Dartayous pensou que Moira se negava a lhe responder, enquanto ela sussurrava ao menino, insistindo-o a que bebesse. Uma vez que o bebê começou a beber com gula levantou seus verdes olhos de Druida.

—Tenho vinte e quatro anos. Ele é a única oportunidade que terei de ter um menino alguma vez. Meu maior desejo está ante meus olhos. Deixar morrer quando eu poderia salvá-lo teria sido como me arrancar o coração.

Suas palavras se cravaram como uma lança no peito de Dartayous. Ele entendia seus sentimentos, e por sua vida, não lhe negaria o bebê.

—Eu cuidarei dele, — continuou ela. — Você não terá que fazer nada. Ele não será um obstáculo. Por favor, não me faça abandoná-lo.

Dartayous a olhou fixamente. Sempre tinha sido formosa para ele, embora nunca lhe permitisse que soubesse. Era mais alta que a maioria das mulheres, mas gostava de sua estatura. Não tinha que agachar-se para lhe falar.

Seu cabelo, liso e loiro caía até sua cintura lhe rogando que investigasse se era tão sedoso como a asa de um falcão. Tinha um queixo obstinado que levantava cada vez que podia para desafiá-lo, que era frequentemente. Seus lábios eram cheios e amplos. Os lábios de uma amante.

Mas eram seus olhos que ele mais gostava. Eram do matiz mais insólito de verde. Verde druida, Frang lhes tinha chamado. Seus olhos continham mistérios que Dartayous ainda não podia começar a entender.

Do primeiro momento que a tinha visto, agachada no quarto de seus pais aquela noite, há muito tempo, tinha ficado enfeitiçado. Ela tinha entrado com força em seu coração e aí então, tinha sabido que teria que se distanciar dela.

Mas apesar de havê-lo feito, ela não o tinha deixado completamente. Uma vez lhe perguntou por que não se permitia aproximar-se às pessoas.

Não sabia como lhe dizer que era imortal, que estava farto de ver amigos envelhecer e morrer. Poucos sabiam de sua imortalidade, e queria que continuasse assim.

—Dartayous?

Ao som de sua voz rouca, ele ficou de pé.

— Terá que lhe pôr um nome.

Seu radiante sorriso se parecia com um farol em um céu negro. Ele assentiu e se girou para o fogo.

—Vou lamentar isto, — resmungou enquanto avivava o fogo.

—Pensa em como se supõe que encontraremos a chave que nos permitirá chegar à porta entre os mundos? —perguntou Moira.

—Não, — respondeu, mas não lhe disse que a velha lhe havia dito que eles já possuíam a chave. Não houve tempo para lhe perguntar, e quando tinha voltado para o povoado, ela já não estava ali. Seu humor não melhorou quando o povo inteiro se negou a lhe dizer onde vivia.

— Jamie.

—O que? — perguntou voltando-se para ela.

—O que acha de chamá-lo Jamie?

Olhou de volta ao bebê que agora estava dormindo embalado nos braços de Moira.

— Penso que é um bom nome.

— Olá Jamie, — disse ela e lhe beijou o cocuruto.

Quando Dartayous observou a Moira, viu quanto adorava ao bebê. Nunca tinha sabido que ela queria meninos, nunca tinha pensado em perguntar. Mas na verdade, não tinha perguntado por que o tipo de relação que tinham não se podia qualificar como amizade.

Encontrou-se fascinado pela a coisa diminuta envolta tão amorosamente nos braços de Moira. Assombrava-o que algo tão pequeno pudesse fazê-la sorrir. Tinha sorrido e falado mais nas duas últimas horas que em todo o tempo que tinham estado viajando.

Moira não podia deixar de olhar a Jamie. Era a coisa mais linda que alguma vez tinha visto, embora não podia desfrutar dele como queria. Não com o compromisso que tinha que cumprir.

Seus olhos encontraram Dartayous enquanto descansava contra uma árvore como se não lhe importasse nada do mundo, embora soubesse que ele mantinha uma vigilância constante sobre ela com sua visão de falcão.

Houve um tempo que teria movido os céus para ele, mas não a tinha querido. Ela afastou as velhas dores enquanto se preocupava realmente em encontrar a chave. Depois de deitar a Jamie para que pudesse dormir, levantou-se e caminhou para Dartayous.

Ficou de pé em um salto quando ela se aproximou.

— Jamie está bem? Necessita algo?

Suas palavras detiveram seus passos. A preocupação que brilhava em seus olhos azul claro era evidente.

— Jamie está bem. Queria falar contigo.

Esperou para ver o que ele faria depois. Ela sozinha o buscava quando o necessitava para fazer algo, e isso não era muito frequentemente. Tinha aprendido do modo mais duro que Dartayous gostava de manter a distância ele entre e outros.

— Então fala.

Ela se umedeceu os lábios enquanto lutava para encontrar as palavras. Seu medo era grande, mas não queria que ele soubesse.

— A velha bruxa, do povo, disse-te algo sobre uma chave?
— Por quê? — perguntou ele, com voz dura e cortante.
— Porque não temos muito tempo para encontrá-la. Porque não sei se imaginei ou se realmente ela disse algo.

Esperou enquanto ele a olhava fixamente com seus frios olhos azuis. Indicou-lhe o chão para que se sentasse e ele voltou a sentar-se.

— Certamente me falou de uma chave.

— E não me disse isso?

— Estive tentando unir as peças.

Moira sacudiu a cabeça e contemplou o pavilhão das árvores.

— Sei que você não gosta, mas você deseja que eu fracasse?

— Está lhe dando mais significado do que tem isto, — disse ele.

Voltou a olhá-lo e o encontrou observando o fogo. A postura de sua forte e cinzelada mandíbula lhe fez entender que estava zangado. Uma vez mais ela se sentia ferida. Não era bastante importante para que ele se preocupasse, nem sequer quando toda Escócia estava em perigo.

— Encontrá-la-ei, — disse ela e ficou de pé.

Seu olhar voou para ela.

— Aye, fá-lo-á, e eu vou ajudar.

— Então me conte o que disse a velha.

— A chave da porta, abrirá; todavia, você já a tem. Quando um é dois, e um outra vez, nas pedras, a chave entrará.

Moira não pôde ter estado mais impressionada se ele tivesse dito que não existiam os Fae.

— Temos a chave? Como?

— Não sei, — disse e suspirou ruidosamente. — Inclusive a busquei quando voltei para o povo para o leite, mas não pude encontrá-la.

Moira riu.

— Supõe-se que encontremos uma entrada secreta à terra dos Fae com uma chave que temos, mas não temos uma pista de como é.

— Decifraremos isso de algum modo.

— Rezo para que tenha razão, toda Escócia depende disso.

Capítulo 3

Alistair MacNeil ofegou enquanto a mão lhe apertava a garganta dolorosamente.

— Danificaste tudo meu meticuloso plano.

MacNeil agarra a mão que lhe extraía a vida. Não havia dúvida que o homem conhecido para ele como a Sombra ia matar lhe.

— Como se sente ao saber que vai morrer? — Perguntou-lhe a Sombra. — Tive a Moira a meu alcance. Todos estes anos que passei me fingindo ser um Druida são nada agora graças a você.

Os olhos de MacNeil se sobressaltaram quando o ouviu, mas estava mais interessado no ar que necessitavam seus pulmões. Ele não podia morrer em meio de um nada com o ar em suas costas sem uma espada. Não o grande Açougueiro da Escócia.

Em seguida o apertão diminuiu.

A Sombra atirou para trás o capuz de sua capa e se aproximou até que esteve nariz com nariz com o MacNeil.

— Me escute de perto, parvo estúpido. Tem poucos usos para mim agora. Com o mais mínimo apertão poderia te matar.

Mas MacNeil não o escutou. Não podia deixar de olhar fixamente os vívidos olhos azuis do homem por cima dele.

— O que é?

— Sou seu pior pesadelo. Sou o que lutaste para matar, desde que matou a Sinclair. Sou um Fae.

O terror encheu a MacNeil quando o escutou.

— Os Fae não são reais.

— De verdade? Como explica como é que está agora aqui em lugar do Castelo MacInnes?

MacNeil tragou e tratou de tirar à força a mão do homem ao redor de sua garganta. Embora já não o apertasse, MacNeil soube que podia estar morto em um segundo se a mão se mantinha ao redor de seu pescoço.

Ele olhou ao redor do campo vazio. Era verdade, já não estava no Castelo MacInnes onde Gregor tinha estado a ponto de lhe matar.

— Como te chama? — Perguntou-lhe ao Fae uma vez que se precaveu da verdade.

O Fae riu e se levantou sobre seus pés em um movimento eloquente.

— Sou Lugus, seu novo mestre.

MacNeil lentamente ficou de pé.

— Mestre?

— Isso mesmo, — disse Lugus enquanto estendia os braços ao redor. — Estou a ponto de governar o mundo. — Deixou cair os braços e olhou MacNeil. — Se deseja um pedaço do poder que logo será meu, deve fazer o que te ordeno.

MacNeil cravou os olhos em Lugus.

— E o que é exatamente o que fará? — O Fae se encolheu de ombros.

— Suponho que ainda espera com ilusão matar Glenna.

Mas MacNeil não faria isso. Tinha-a criado, e poderia tê-la acovardada outra vez e assim usar seus poderes como antes.

— Embora pense que qualquer das irmãs servirá sempre e quando uma delas morrer assim a profecia não chegará a cumprir-se.

—É certo, — disse Lugus brandamente, com excessiva suavidade para o gosto de MacNeil.

—Logo se acabará.

—Não exatamente. — Lugus se voltou e cravou os incomuns olhos nele. — Disse-te que teria que fazer o que eu te ordene, e espero que o faça assim. Moira não será tocada. Entende?

—O que quer de mim então?

—Lhe direi isso chegado o momento.

MacNeil inclinou a cabeça. Teria o poder, mas com Glenna como arma. Ele mataria a Moira só porque Lugus não a desejava morta.

Os olhos de Lugus seguiram a MacNeil. O homem era um idiota. Lugus não compartilharia o poder com ninguém, mas MacNeil não precisava saber essa pequena informação. Seria levado como um cordeiro ao matadouro e não saberia até que estivesse morto.

Mas se MacNeil lhe desobedecia, então desejaria estar morto muito antes que Lugus tivesse terminado com ele.

Moira deixou que seus olhos se deleitassem com Dartayous enquanto ele, sem camisa, ajoelhava-se ao lado do córrego. Inclinou-se e salpicou água no rosto, mas seus olhos estavam nos avultados músculos de seu peito e nos largos e grossos músculos de seus ombros.

Ela se umedeceu os lábios e se encontrou a boca tão seca como os lábios. Inclusive depois de todos estes anos ainda podia fazê-la sentir como uma garotinha magricela, não desejada.

Quando ele ficou de barriga para baixo para beber da corrente, teve uma agradável vista de seu traseiro. Não havia muitas oportunidades para vê-lo assim. A viagem que faziam juntos os aproximava e os colocava muito perto um do outro. Algo que ainda não a fazia sentir feliz.

Por que a tinha enviado Frang com o Dartayous? Admito que Dartayous fosse o melhor Guerreiro Druida, guerreiros especiais que dedicavam suas vidas a proteger aos Druidas, mas certamente podia ter escolhido a alguém mais, alguém que ela não tivesse querido uma vez, que ainda queria.

De certa forma sabia que Frang conhecia o casto beijo que ela tinha dado em Dartayous anos atrás.

Jamie deixou escapar um gemido que fez que Dartayous levantasse a cabeça. Ter esses olhos azul gelo dirigido a ela com tal intensidade sempre lhe produzia uma reviravolta no estômago e um formigamento na coluna vertebral.

— Dormiu bem? — perguntou Dartayous enquanto se levantava.

Ela assentiu e caminhou até o córrego.

Isso por lhe comer com os olhos agora, pensou ela.

— Segurá-lo-ei enquanto se lava, — disse e lhe estendeu os braços para receber Jamie.

Afastou os olhos de Dartayous. Levou-lhe um momento para compreender que ele estava falando sério. Deu-o Jamie e observou como se sentava no chão.

Com nada mais que fazer salvo lavar-se, Moira se inclinou e se salpicou com água fresca no rosto. Tinha dormido pouco a noite anterior devido a Jamie, que despertava cada poucas horas para alimentar-se, mas ela estava feliz simplesmente porque ele realmente bebia o leite.

Depois de pentear o cabelo, com os dedos, o retirou do rosto e o atou na altura do pescoço com uma parte de couro. Ficou de pé e notou que Jamie dormia profundamente.

— Tudo o que faz é comer e dormir, — disse Dartayous enquanto movia o dedo pela suave bochecha do bebê.

— É o que fazem.

— Não estive perto de muitos bebês.

Ela sorriu e sentou a um lado. Seus olhos encontraram a tatuagem da mão direita entre seu polegar e o dedo indicador. Tinha-o visto várias vezes antes, mas realmente nunca tinha prestado muita atenção. Era um círculo perfeito com um antigo pássaro celta dentro dele.

— Quando fez isso? — Perguntou e tocou a tatuagem.

— Faz tanto tempo que não o recordo.

Algo em suas palavras lhe indicou que não desejava falar disso, mas ela tinha outros planos.

— Os antigos celtas tatuavam seus corpos com determinados animais pelo seu significado. As aves estão associadas com a morte.

— E a liberdade.

— Por que procura liberdade? Já a tem.

Seus olhos azul gelo se encontraram com os seus.

— Tenho-a? Crê que a tenho, mas não mais do que a tem você.

— A profecia me aprisiona, mas o que mantém a você aprisionado?

— Pergunta sem respostas.

Sua resposta foi sorte tão suave que apenas lhe ouviu. A cólera em sua voz foi evidente entretanto. Só tinha perguntas que ele não responderia?

— Será livre uma vez que a profecia se cumpra.

— Serei? — Perguntou ela e olhou a seu redor. — Acredito que não. Dediquei minha vida a cumprir a profecia e aos Druidas. — Voltou seu olhar para ele. — É tudo o que tenho.

Suas palavras fizeram que lhe aparecessem sulcos na testa.

— Tem à Fiona e Glenna. Suas irmãs necessitam de você.

— Sim, mas estão casadas agora. Uma vez que isto acabe, Fiona se irá com o Gregor para que possa recuperar seus direitos como lorde de seu clã. Apesar de Glenna estar perto do Vale do Druida, ela é esposa de um lorde e tem muitas tarefas.

O silêncio encheu o ar enquanto cada um meditava suas palavras. Ela não tinha compreendido que solitária era sua vida até este momento. Não lhe incomodava que Fiona e Glenna tivessem encontrado a seus consortes, só desejava ter a mesma sorte que elas.

—Sempre poderia retornar aos Sinclairs.

A menção de seu clã lhe produziu calafrios na pele.

—Não vi o meu clã desde a noite em que fui embora. Estou segura que outro lorde assumiu o controle a esta altura. Além disso, não tenho desejo de perturbar a paz que poderiam ter encontrado.

Jamie despertou e começou a chorar. Moira tratou de alcançá-lo. Quando sua mão fez contato com o peito de Dartayous sua pele formigou com o contato da pele nua dele. Procurou seus olhos, mas ele olhava fixamente Jamie. Aparentemente não havia sentido a sensação que a havia atravessado.

Dartayous quase gemeu em voz alta quando a mão de Moira o tocou. E querer lhe agarrar a mão e lhe pedir que o tocasse de novo fez pouco para tranquilizá-lo.

Tinha que manter a distância. Não podia se permitir aproximar dela. Era a única pessoa que o tinha afetado assim. Era a mesma razão para que fizesse um esforço extraordinário para mantê-la zangada com ele.

Uma mulher zangada não tratava de aproximar-se. Uma mulher zangada não lhe queria perto. Tinha que manter Moira zangada.

Sentiu seus olhos nele depois de roçá-lo com a mão, e se esforçou para não olhá-la. Mas o impulso tinha sido quase impossível de suportar.

Havia sentido a divisão de... algo como o tinha sentido ele? Estavam seus lábios separados, esperando seu toque? A respiração acelerada e seu corpo doloroso para sentir mais dele?

Fechou os olhos para deter as imagens. Moira seria sua morte com segurança. A espetada de um diminuto punho lhe deixou saber que Jamie estava ainda entre seus braços. Rapidamente deu o bebê a Moira já que sentir de novo sua pele suave seria sua ruína.

— Quantos dias devemos viajar nisso?

Dartayous tinha escutado os muitos sons do povo de pescadores quando escutou a ansiedade na voz de Moira. Tinha medo da água? Isso era absurdo.

— Dois dias.

— Dois dias. Temos suficiente leite para o Jamie?

Ah, então era essa sua preocupação, pensou ele interiormente.

— Temos de sobra. Não há necessidade de preocupar-se.

Encontrou-se a vigiando enquanto esperavam pelo navio, na borda. O loiro cabelo se escapou do laço em seu pescoço e se movia para a brisa do mar como um farol. Seu vestido verde pálido lhe pegava ao redor das pernas com as rajadas do vento.

Seus olhos registravam as águas como procurando algo. Esteve a ponto de perguntar o que procurava, quando ouviu a chamada para entrar no navio.

Voltou-se e olhou Raven que o estava olhando. Havia dito ao cavalo que retornasse ao Vale dos Druidas, e não tinha dúvida de que o cavalo obedeceria. Se tudo ia bem, segundo o plano, não haveria necessidade de tomar o mesmo caminho ao Vale.

— Vem, — disse-lhe e estendeu a mão a Moira. — É a hora.

Não passou muito tempo para que o navio se movesse empurrado para o corrente mar adentro. Moira continuou caminhando de um lado ao outro na pequena cabine que tinha conseguido para ela. Dormiria fora de sua porta para assegurar-se que não seria incomodada. Dessa forma tinha sido sempre eles entre, sempre perto, mas nunca íntimos.

Podia ouvir os passos inclusive através do vento e a água que uivava a seu redor enquanto o navio navegava para seu destino. Se a sorte lhe acompanhava, então o vento duraria. Se não, então Moira podia ajudar com isso, pensou com um sorriso.

Depois que esteve seguro que não havia nenhuma ameaça no navio, voltou à cabine. Abriu a porta e viu que ela ainda caminhando.

— Com o que se preocupa?

— A chave.

Estava seguro que era parte de sua preocupação, mas havia algo mais. Apostaria sua adaga favorita sobre isso.

— Pensou em algo?

Ela negou com a cabeça. Quando chegou até ele, ele estendeu a mão e lhe segurou os braços.

— Gastará as tábuas com essa andança.

Rechaçou com um gesto suas palavras e se sentou ao lado de Jamie, que estava deitado sobre o pequeno berço.

— A velha disse que já temos a chave.

— Sim, — respondeu Dartayous e se apoiou contra a parede, com os braços cruzados sobre o peito.

— O que trouxemos que pudesse ser a chave?

Ele se encolheu de ombros.

— Se tivermos alguma coisa, então Frang nos haveria dito.

— Talvez Frang não soubesse.

— Então repassemos nossas posses.

Ela se levantou com rapidez e foi para a bolsa que havia trazido. Depois de revolver durante um momento olhou e negou com a cabeça.

— Tudo o que tenho é roupa.

Dartayous começou a olhar entre seus pertences quando Moira disse:

— Espera.

Girou a cabeça e a encontrou lutando com cordões da parte dianteira de seu vestido. Durante um momento se esqueceu de tudo e lhe secou a boca ante a idéia de ver sua cremosa pele.

Como se fosse um sonho, deu um passo para ela. Seu corpo instantaneamente cobrou vida ao pensar em sustentá-la entre seus braços, de saborear seus exuberantes lábios rosados, de afundar-se em seu apertado corpo.

— E quanto a isto?

Deteve-se e obrigou seus olhos a baixar até as mãos dela. Ela mostrou uma cruz de prata para que a inspecionasse, mas ele não confiava em si mesmo para colocar-se mais perto dela.

— Aqui, — disse e tirou o colar para dar-lhe — Acho que pode ser isso. Tem algo escrito na parte de trás.

Dartayous tomou o colar e moveu o polegar sobre a suave cruz. Virou-o e encontrou as antigas marcas dos Druidas.

— Quem te deu isto?

— Minha mãe em meu quinto aniversário.

— Sabe o que diz?

Negou com a cabeça tristemente.

— Nem sequer Frang pôde lê-lo. Diz que é antiga.

— É uma oração de amparo.

As longas pestanas caíram seus verdes olhos.

— O que? Pode ler?

Ele assentiu com a cabeça e o devolveu.

— Pede que quem o leva esteja protegido do dano e se mantenha seguro.

— Como pode lê-lo?

Tinha temido essa pergunta. Disse a única coisa que era verdade.

— Há muitas coisas que não sabe a meu respeito. — Virou-se para a porta. Era hora de deixar a cabine.

— Então me diga isso

Suas palavras lhe detiveram durante um segundo. Logo dois.

— Não o queira saber, — disse e se apressou para sair da cabine.

Capítulo 4

Moira esteve a ponto de chamar Dartayous antes que a porta se fechasse detrás dele, mas teve a sensação que ele não desejava falar mais deste assunto. Milhares de pergunta se formavam em redemoinhos na sua mente, mas nenhuma resposta estava perto agora. O assunto estava encerrado.

—Por agora, — sussurrou.

Embora tomasse o resto da viagem, conseguiria que lhe dissesse como conhecia os símbolos. Ele estava certo. Havia muitas coisas que não sabia dele. Como de onde vinha, por que dedicava sua vida aos Guerreiros Druidas e por que tinha escolhido o pássaro celta para uma tatuagem.

Ele era um mistério. Talvez por isso ela sempre se sentiu atraída por ele. Era parte de sua vida querer a um homem que não a queria.

É verdade que não era uma pequena beleza como Glenna, ou uma harpia como Fiona, mas ela não era tão feia tampouco. Inclusive tinha tratado de sentir-se desejada por outros homens, em vão. Seus olhos só procuravam Dartayous.

—Suponho que só somos você e eu agora, — disse a Jamie enquanto jogava uma olhada para a cabine. — Mas chegará um momento em que você me abandonará, também.

Um golpe na porta a assustou. Abriu-a para encontrar a Dartayous. Havia algo em seus olhos que lhe impedia de terminar sua conversação anterior. Ela se distanciou e sustentou a porta aberta e descobriu uma mulher detrás dele.

—Esta, Moira, é Rebecca.

Moira se voltou à mulher e sorriu.

— Olá.

— Olá, minha lady, — disse Rebecca. — Ele me falou do bebê.

Os olhos de Moira se alargaram enquanto seu olhar ia da loira peituda à cama.

—Sim, — disse — Quanto a ele.

Dartayous deu um passo para ela.

— Era a ama-de-leite de Lady MacDonald.

— Minha lady teve um parto difícil e não foi capaz de alimentar a seu bebê, —disse Rebecca.

O coração de Moira golpeava em seu peito. Dartayous queria que entregasse Jamie a esta mulher. Ela deu um passo longe deles e mais perto da cama e de Jamie.

—Eu estaria honrada de cuidar do bebê, — seguiu Rebecca, não compreendendo o que acontecia na cabeça de Moira.

Moira deu uma olhada em Jamie. Inclusive se ela realmente o alcançava antes que Dartayous, não teria aonde ir exceto para a amurada do navio.

— Moira?

Olhou Dartayous. Seus olhos azuis se entreabriram de preocupação para ela.

— Ele é meu, — disse ela.

— Rebecca somente vai alimentá-lo, — disse ele depois de um momento. — Jamie necessita do leite.

— Sim, milady, fará bem ao pequeno ter meu leite, — concordou Rebecca.
— Eu mesma tenho um par de pequenos.

— Onde estão seus meninos? — perguntou Moira depois de um momento de silêncio. Olhou à corpulenta mulher, mas não sentiu nenhuma energia negativa nela.

— Em minha cabana na Ilha. Tive que viajar para ajudar a uma amiga. Era seu primeiro bebê, e ela passou mal.

O bate-papo constante de Rebecca acalmou a Moira. Talvez Dartayous somente tratasse de ajudar. De todos os modos o feroz sentimento de posse que ela sentia por Jamie a assustou.

— Moira?

Ela levantou seus olhos a Dartayous. Ele estava esperando sua aprovação. Tinha sido uma parva para pensar que estava tratando de lhe tirar Jaime.

Com uma inclinação de sua cabeça deu a Dartayous a resposta que queria. Observou como tomava Jaime em seus braços e o passava a Rebecca.

— Parece exausta milady. Deseja que cuide dele esta noite para que assim possa dormir? — perguntou Rebecca.

Moira quis dizer não, mas sabia que sua mente precisava estar limpa para a missão que tinha para diante.

Uma vez que Rebecca deixou a cabine, voltou-se para o Dartayous.

— Pensei que queria afastá-lo de mim.

— Sei, — respondeu e embora mantivesse seu rosto impassível ela ouviu a nota da dor em sua voz.

— Deveria ter sabido melhor. Perdoa-me?

Sua cabeça girou para ela. Deu um passo para ela, então se deteve.

— Não há nada que perdoar.

— Estava-me ajudando.

Assentiu e continuou olhando-a fixamente.

Encontrou-se sustentada pelo seu olhar. Ele enchia a cabine com sua presença. Ela respirou profundamente e cheirou a essência particular de Dartayous; perigosa, misteriosa, a sândalo e poder.

Era tudo isso e muito mais. Ela observou como seus olhos vagavam sobre seu rosto e seu corpo. Depois de todos estes anos, finalmente a encontrava um pouco atrativa? Seria agora o momento quando ele não se afastaria dela? E, poderia seu coração aguentar outro rechaço dele?

Antes de poder lhe dizer algo, ele se girou sobre seus calcanhares e abandonou a cabine.

— Só outra vez, — disse.

Não tinha passado muito tempo pensando sobre sua partida quando o navio se inclinou bruscamente à esquerda.

— Por todos os Santos, — sussurrou enquanto seu pior pesadelo estava a ponto de fazer-se realidade.

Dartayous aspirou o ar marinho. Tinha apenas escapado sem ter feito o ridículo. Depois de tanto tempo, de repente se encontrou querendo tocar a Moira, abraçá-la... beijá-la.

Se não estivesse em uma missão partiria imediatamente, mas tinha jurado protegê-la. Não abandonaria aquele juramento.

Amaldiçoando se agarrou o lado do navio quando este se lançou à esquerda. Uma olhada ao céu lhe disse que estavam entrando em uma tormenta.

Gostasse ou não, tinha que voltar onde Moira estava para assegurar-se de que ela estivesse bem. Deu a volta e abriu a porta da cabine, Moira estava sentada ao lado do beliche, no chão com os braços rodeando suas pernas.

— Moira?

— Eu sabia que não devia subir no navio.

Fechou a porta atrás dele e caminhou para ela. Quando lhe ofereceu sua mão para lhe ajudar a levantar-se e ela não tomou, sentou-se diante dela.

— É somente uma pequena tormenta. Nada mais.

— Será nossa morte.

Seus selvagens olhos verdes mostravam seu medo, e soube que teria que acalmá-la logo ou nunca abordaria noutro navio.

— Teria que ser uma tormenta mais forte que esta para nos afundar. E mesmo assim, eu te levaria à costa.

— Não posso morrer agora. Tenho tanto para fazer, — ela continuou como se ele não tivesse falado.

Dartayous tentou outra tática.

— De que tem medo?

Seus olhos o enfocaram enquanto seu rosto mostrava seu assombro.

— Não conhece as histórias?

— Que histórias?

— Há monstros que vivem no mar. Enormes monstros que matam gente.

Durante um momento, esteve a ponto de rir até que se deu conta de quão séria estava. Monstros? No mar? Quem lhe tinha contado tais histórias absurdas?

— É verdade que não sabemos o que há sob a água, mas nenhum monstro te apanhará.

Ela ficou de pé e olhou grosseiramente como o navio se sacudia outra vez.

— Preciso sair deste navio.

Dartayous a agarrou quando tratou de precipitar-se diante dele. Lutou como uma selvagem.

— Moira, — chamou-a em vão. — Estou tentando te ajudar.

— Então me deixe.

Com a rapidez pela a qual o conheciam, segurou-lhe os braços a ambos os lados.

— Me olhe, — ordenou.

Ele agora estava assustado. Assustado da reação de Moira à tormenta, mas mais assustado de que não fora capaz de tranquilizá-la.

Justo quando pensava que poderia afrouxar seu aperto um pouco, o pequeno navio começou a baixar e a balançar-se com a tormenta que se

formava. Moira gritou e conseguiu soltar um braço. Dobrou seus esforços para escapar.

Com uma maldição, jogou-a sobre o estreito beliche e a seguiu aterrissando em cima dela, firmando-a com seu peso.

— Me escute, — gritou sobre o vento uivante.

— Não quero morrer, — sussurrou.

Ele estava aturdido ante as palavras sussurradas.

— Não vou deixar você morrer, — disse-lhe enquanto olhava fixamente seus olhos verdes.

Os olhos de Moira perderam um pouco de seu medo. Deu-se conta do corpo suave que sustentava. Seu instinto lhe dizia para partir agora, mas foi impossível.

O navio se sacudiu com outra onda que golpeou o lado. E quando Moira se voltou selvagem pelo medo, outra vez, só pôde pensar em uma maneira de acalmá-la.

Um beijo.

Baixou a cabeça e posou sua boca sobre a sua. O que começou como um modo de desviar sua atenção se converteu em muito mais. Seu corpo rugiu a vida quando seus lábios se encontraram. Eram quentes e suaves, convidativos. Surpreendeu-o que ela não se retirasse, mas não pensou nisso por muito tempo.

Com um gemido que não pôde conter, passou sua língua sobre os lábios de Moira e a sentiu esticar-se. Ele começava a levantar a cabeça quando a língua dela o tocou hesitantemente.

Seu controle se rompeu. Reclamou seus lábios e os incitou a abrir-se mordiscando o lábio inferior até que foi capaz de varrer sua língua dentro de sua boca. Mas degustá-la uma vez não era suficiente. Tinha que ter mais.

O desejo flamejou quente e imediato pelo seu corpo quando ela cautelosamente devolveu seu beijo. Tratou de reduzir a intensidade do beijo para não afligi-la, mas com cada toque de sua língua tudo que podia pensar era em reclamá-la.

Foi movendo suas mãos desde seus braços até o pescoço onde as inundou nos fios de seda de seus loiros cabelos. Escapou-lhe um gemido quando os braços de Moira rodearam seu pescoço e o apertaram contra ela. Era tudo o que ele alguma vez tinha desejado e mais. Muito mais.

Justo quando o beijo se fez mais profundo, o navio se sacudiu com tal força que caíram do beliche ao piso. Dartayous rodou para assegurar de aterrissar primeiro para tomar o impacto da queda. Mas o feitiço que os tinha envolvido estava quebrado.

— Beijou-me.

A acusação na voz de Moira foi como uma faca em suas tripas. Cuidadosamente a apartou e ficou de pé.

— Tinha que fazer algo para afastar seu mente da tormenta.

— Beijou-me.

Ele olhou as botas antes de voltar para olhá-la parada a seu lado.

— Você respondeu meu beijo.

Ela abriu a boca, mas antes que algo saísse, uma onda golpeou o navio enviando-a aos braços de Dartayous. Ele a manteve tão longe dele como seus braços o permitiram.

— Está tranquila agora?

Ela se encolheu de ombros e se retorceu as mãos.

— Acalma o vento, — disse ele. — Nós sairemos de curso se não o fizer.

Sem uma palavra, ela abriu a porta e imediatamente se molhou com a chuva. Ele a agarrou pela cintura para mantê-la direita. Seus braços se elevaram em cima de sua cabeça, com as palmas para fora. Depois de um momento, baixou-os estendidos e as nuvens se dispersaram.

Moirá se voltou para ele.

— Por favor, olhe Jamie enquanto me troco.

Apressou-se a fazer o que lhe pedia antes que se inclinar-se e tomasse seus lábios outra vez. Não importava quanto tempo andasse por esta terra, nunca esqueceria o gosto doce, exótico de seu beijo.

Seus passos foram mais lentos e se detiveram quando olhou atentamente para fora sobre as águas escuras que Moirá tinha acalmado. Apertou fortemente os dentes até que lhe doeu a mandíbula. Houve um tempo, durante seus quinhentos anos de existência, em que se cortou sozinho para estar seguro que podia sangrar, para saber que estava vivo. Tinha passado através de períodos de não sentir nada... a sentir tudo. Tinha sido a forma mais pura de Inferno.

Agora, faria quase qualquer coisa para trazer de volta a lembrança do beijo de Moirá. Estaria melhor sem sabê-lo, entretanto sabia pela experiência que, se realmente queria esquecer algo, ficaria nele para sempre.

Seu mundo tinha mudado no que durava um batimento de coração, e tudo porque não tinha sido capaz de evitar seus tentadores lábios. Estava amaldiçoado.

— Mas tão seguro como o inferno sabia por que, — resmungou.

Capítulo 5

Moira ficou com o olhar fixo nas águas camadas e azuis de Lago Snizort. Nada haviam dito do beijo do dia anterior, mas não se afastou de seus pensamentos.

Era o beijo com o que sonhou quando timidamente lhe tinha beijado à idade de treze anos. Onze anos atrás, entretanto recordava esse dia como se fosse ontem.

Até agora, sabia onde ele estava em todo momento. Seus corpos estavam conectados de alguma forma, e não importa o que ela fizesse não podia romper esse enlace.

O aroma de sândalo e a homem a assaltou. Dartayous. Estava justo detrás dela à esquerda. Seu guardião.

– Qual é o nome do povo ao qual nos dirigimos?

Tão silencioso como um gato, moveu-se ao lado dela.

– O lago Snizort nos levará até o lago Eyre e até o pequeno povo de Kensaleyre.

– É onde esta a porta de entrada?

Ela sentiu mais que viu o encolhimento de seus fortes ombros.

– É o povo que disse à Frang faz muito tempo.

– Reza para que ele esteja certo.

Girou a cabeça e se encontrou com seus olhos azuis gelo cravados nela. Piscou e tratou de apartar o olhar, mas ele a reteve.

– Por que teme as tormentas? – Perguntou-lhe ele.

Ela deixou sair o fôlego que não se precaveu que sustentava. Durante um momento teve medo que ele perguntasse sobre o beijo.

– Todo mundo tem medo, – disse com a esperança de que ele trocasse de tema.

– Disse algo sobre monstros marinhos.

Pelas sobranceiras peludas de São Bernardo!

Não ia deixar isso acabar até que o dissesse.

– Já que estas decidido a sabê-lo, compartilhá-lo-ei contigo, – disse-lhe e apoiou os cotovelos sobre um lado do navio.

– Quando tinha só sete anos e ainda estava aprendendo o caminho dos Druidas, fiquei amiga de um grupo de garotas. Foi delas que aprendi sobre os monstros que vivem no mar. Estou surpresa de que não saiba nada deles.

Seus olhos habitualmente impassíveis mostraram um toque de tristeza. Estava a ponto de lhe perguntar quando ele começou a falar.

– Como te disse ontem à noite, é verdade que há muitas coisas nas águas profundas de qualquer lago, mas nenhum dos monstros marinhos se elevará e te capturará.

O estômago de Moira começou a agitar-se dolorosamente.

– Disseram que foi assim que morreu o velho Murdoch. Ele se aventurou para nadar e o monstro o tragou sob a água.

Quando Dartayous suspirou, sabia que algo estava ruim.

– Todo estes anos teve medo da água?

– Não das correntes, mas das grandes massas, sim.
– Moira, o velho Murdoch morreu de uma febre. Essas moças lhe enganaram.

Apartou a vista da piedade em seus olhos enquanto a compreensão a penetrava com a verdade.

– Alguma vez perguntou a alguém sobre os contos que lhe tinham contado?

– Queria me encaixar. Tinha perdido tudo. Como saber que pelos meus poderes seria temida?

Ela não desejava que soubesse quão profunda era sua dor. Manteve a cabeça separada dele esperando que a deixasse sozinha com seus pensamentos.

Machucava ainda saber que essas garotas não tinham querido ser suas amigas. Tinha estado sozinha durante tanto tempo. Alguma vez chegaria um tempo em que ela pudesse compartilhar sua vida com alguém especial?

Por acaso se arriscou a olhar de soslaio e se encontrou sozinha. Nem sequer sustentava Jamie agora. Ele estava com Rebecca.

Moira poderia ter falhado nisso, mas não falharia em libertar ao Fae. Faria o que fosse necessário.

Dartayous vigiou das sombras como Moira lutava com suas emoções. Ao parecer sempre a vigiava, sempre a tinha vigiado.

Não gostava da necessidade que tinha de consolá-la. Depois que pensou que tudo tinha solucionado ao final, ao manter-se afastado dela.

Mas sabia que Frang tinha algo na manga quando lhe tinha enviado com Moira. O Supremo Sacerdote Druida sempre lhe tinha tido como o guardião de Moira embora soubesse que eles não desejavam estar juntos.

Dartayous decidiu então que uma vez que pusessem em liberdade o Fae e a profecia fora completada seria a hora de procurar as respostas que necessitava. Tinha permanecido perto de Moira muito tempo. Não podia arriscar-se mais tempo a seu redor.

Ela tinha posto ao contrário seu mundo com um simples olhar desses verdes olhos de Druida. Nessas profundidades via paixão, promessa e prazer, mas se negava procurar algum deles. Tinha perdido muito, igual a Moira. Merecia ter um homem que envelhecesse com ela. Não vivo enquanto ela se fazia velha.

Grunhiu. Definitivamente era tempo de seguir adiante.

O navio atracou à beira do pequeno povo de Kensaleyre. Moira mal podia esperar para baixar do navio e plantar seus pés em terra firme. Apesar do que Dartayous lhe havia dito, era difícil pôr os temores de lado.

O quente pacotinho em seus braços deixou escapar um pequeno grito. Tinha conseguido sustentar a Jamie durante umas poucas horas, mas era hora de alimentá-lo outra vez.

Dartayous estava sempre perto, mas olhou por cima de seu ombro para lhe buscar de todos os modos. Ela se deteve e olhou ao redor do buliçoso povo.

– Aonde vamos daqui? – Perguntou-lhe.

– Por que não vem a minha casa, milady, – Disse Rebecca enquanto se aproximava.

– O pequeno Jamie precisará alimentar-se logo, e podem preparar-se para a viagem. –A cabeça de Moira assinalou com força para Dartayous. Quem sabe quanto ele tinha contado a Rebecca.

Rebecca deve ter visto o olhar que Moira lançou a ele porque a mulher disse, –Escutei-lhe sem intenção dizer a Dartayous que estavam em uma viagem. Assumi que não termina aqui.

Moira quis enfiar-se num buraco. Nunca antes tinha julgado precipitadamente às pessoas.

Era conhecida pelo controle sobre suas emoções. Mas recentemente isso tinha começado a mudar.

– Me perdoe, Rebecca. Agradecemos sua hospitalidade, – disse Moira. Rebecca sorriu e conversou todo o caminho para sua casa nos subúrbios do povo. Quando alcançaram a casa de campo, Jamie chorava, mas o som logo foi apagado pelos oito meninos que saíram correndo para saudar sua mãe.

Moira e Dartayous se mantiveram a distância com Jamie enquanto Rebecca saudava sua família. Depois que abraçou, beijou e perguntou para cada um, girou-se e tratou de alcançar Jamie.

–Venham, milady, mestre, – disse e entrou na casa de campo.

O cheiro do pão assado encheu o nariz de Moira enquanto entrava. O menino maior, de uns doze anos pelo aspecto geral, cortou em rodela o fresco pão.

Ela e Dartayous se sentaram à mesa enquanto Rebecca cuidava de Jamie, e os outros meninos corriam para trazer o marido de Rebecca.

–Há algo que necessitem para sua viagem? – Perguntou Rebecca. – Estou segura de ter qualquer coisa que necessitem.

Moira olhou para Dartayous. Tinha tomado uma decisão enquanto estava no navio, uma decisão que ia a ser difícil de cumprir.

– Rebecca, posso ver que tem muito trabalho com seus meninos, mas onde vamos não é lugar para Jamie.

Rebecca deixou de balançar-se e cravou os olhos em Moira.

Moira continuou antes de perder o ânimo.

– Pagar-lhe-ia para que cuide dele. Não tenho nem ideia de por quanto tempo estaremos fora, mas lhe asseguro que alguém virá para ele se eu não puder.

– Então ele não é seu?

A pergunta assombrou a Moira.

– Como soube?

– Estava somente adivinhando.

– Encontramo-lo. Alguém lhe tinha abandonado para que morresse...

– Por causa do seu pé, – terminou Rebecca. — Uma criança é uma bênção de Deus independentemente se esta perfeitamente formada ou não.

Moira conteve a respiração, em espera da decisão de Rebecca.

– Cuidar-lhe-ia sem seu dinheiro, milady, mas a verdade é que o necessitamos.

– Não há necessidade de explicação, – apressou-se a dizer Moira. — Sei que é muito que lhe pedimos.

Exatamente uma hora mais tarde ela e Dartayous diziam adeus. Tinha-lhe resultado mais difícil do que tinha pensado dizer adeus a Jamie.

Rebecca a deteve antes que saísse da casa.

– É uma viagem perigosa ao que vai, milady?

– Muito.

– Se algo ocorrer e você... não retornar, quero que saiba que criaremos Jamie como nosso.

As lágrimas se amontoaram nos olhos de Moira.

– Você foi uma bênção para mim e para o Jamie. Obrigado.

– Boa sorte, milady.

Moira rapidamente caminhou até Dartayous, que esperava no exterior.

– Pronto? – Perguntou, seus olhos azul gelo procuraram os dela.

Ela assentiu, não segura de sua voz. Com um último olhar a Rebecca sustentando Jamie, Moira trocou de direção e seguiu Dartayous.

– Tomou a decisão correta.

Seu comentário a enfraqueceu.

– Sei. Não poderia pedir melhores pessoas para cuidarem dele.

– Planeja retornar?

– Recentemente haveria dito sim, mas agora, vendo Rebecca e a seus meninos, acredito que ele terá uma melhor vida aqui.

Dartayous parou repentinamente e a enfrentou.

– Não crê que seria uma boa mãe?

Ela se encolheu de ombros.

– Para as crianças é melhor quando estão perto de outras crianças. Sei que nunca me casarei, nunca terei filhos. Assim por que lhe condenar a uma vida onde estará sozinho?

– Teria a você.

Elevou a vista até ele.

– Isso é certo.

– Seria uma boa mãe, – disse antes de mudar de direção e retornar o passo. Moira negou com a cabeça e lhe seguiu. Alguma vez chegaria o momento de entender ao guerreiro que estava ante ela? Talvez ele não quisesse ser compreendido.

Dartayous olhou ao redor das costas do Lago Eyre, seus olhos da águia não perdiam nada. Não estavam sendo seguidos, mas seus instintos seguiam dizendo que algo estava mal. Terrivelmente mal.

– Está tudo bem?

A doce voz de Moira chegou até ele. Tinha mantido um ritmo constante para afogar o desejo que tinha de conversar com ela. Sempre tinha sentido

respeito por ela, mas o sacrifício que fez com o Jamie fez com que esse respeito aumentasse.

Se isto continuava, nunca poderia abandonar a Moira. Até que ela o deixasse ao morrer.

Deixou fora a voz de sua cabeça e voltou a olhar ao chão. Se as instruções de Frang eram corretas, tudo o que tinham que fazer, então, era caminhar seguindo a borda do lago e encontrariam as pedras.

– Oh, que lindo.

Dartayous apertou as mãos em punhos enquanto Moira chegava a seu lado.

– Pensei que estava procurando algo quando todo este tempo estive olhando a paisagem, – disse ela.

– Algo não está bem.

Ela riu com um ligeiro som musical que aliviou seu humor.

– O que pode estar mal na paisagem diante você? É impressionante.

– Não me refiro à paisagem.

Seu verde olhar alarmado se encontrou com a dele.

– Não é...

– Não. Não sinto seu cheiro. – disse. Alegrava-se de que fora o Fae que se fez passar por um Druida para conseguir aproximar-se de Moira. Ainda não recordava seu nome, mas só era questão de tempo. Isto ainda roía a Dartayous, como esse bicho mal tinha conseguido manter Moira longe dele.

– Sentir-lhe-ei uma vez que nos introduzamos na terra do Fae, – continuou Dartayous. – Até então desfrutarei de ar fresco.

– Salvou-me igual à minhas duas irmãs, já que é capaz de cheirar apesar de eu ter utilizado um manto mágico Fae para encobrir-me, – disse e colocou uma mão em seu braço. – Nunca te agradei por isso.

Ficou olhando fixamente a mão em seu braço. Moira no geral se afastava de seu caminho para não tocá-lo.

– Não há necessidade de dizer nada. É meu dever te proteger.

Ela sorriu e assentiu.

– Mesmo assim. Devo-te uma dívida de gratidão que nunca poderei pagar.

– Não há necessidade de me recompensar. – Tratou de distanciar-se, mas se reteve.

– Quando William...

– Quem é William? – Perguntou mais agudamente do que ele tinha previsto. O pensamento dela com outro homem não era agradável. Sentiu desejos de matar.

– Assim é como o conheciam os Druidas.

Dartayous inclinou a cabeça e soltou uma porção de maldições.

– Aquele rato de homem que sempre fugia dos Guerreiros Druidas?

– O mesmo.

– Todo este tempo, estava conosco. Deveria me haver precavido de que era algo estranho que fugira dos Guerreiros.

– Quando me apanhou e me deixou sem vista, acreditei que ia morrer. A única pessoa em quem pensei foi em você.

Dartayous ficou sem palavras ante suas palavras. Rezou para que ela não fosse lhe dizer algo de seus tenros sentimentos para ele. Não poderia enfrentar agora, não quando havia tanto em jogo.

- Sabia que tinha sido não necessariamente cruel contigo, – continuou ela.
- Nunca tinha te agradecido pelo o que tinha feito para mim e minhas irmãs.

Ele nunca se havia sentido tão vazio como nesse momento. Não tinha querido palavras tenras dela, mas quando não as deu, encontrou-se as desejando ardentemente. E quando ela liberou seu aperto do braço, quis detê-la.

- Agora devemos lutar contra um Fae que esteve entre nós durante anos,
- disse ela e olhou para trás ao lago. – O fato de que ele capturou a todos os Fae, incluído o rei, a rainha e Aimery, nos diz quão poderoso é.

- O encontraremos.

- Estou segura de que tem razão. Assim, o que crê que há aí fora?

Ele esquadrinhou a área outra vez.

- Perigo. Morte.

- Para nós?

- Não se posso remediá-lo, – jurou ele –. Vem. Terá que mover-se.

Ele viajou rápido, mas não tão rápido como o tivesse feito se estivesse sozinho. Teve que frear várias vezes para que Moira pudesse manter o ritmo. A urgência de sair da zona era grande, e não importava quanta distância punha entre eles, mas o povo não se desvanecia.

Estava aponto de anoitecer quando encontrou um lugar isolado para passar a noite. As numerosas rochas da ilha tinham formado um tipo de refúgio quase parecido a uma cova.

Moira examinou o lugar que Dartayous tinha selecionado e o achado mais que adequado. Estaria coberto da noite, mas lhes deixava uma boa vista da área ao redor.

Ela queria derrubar-se sobre o chão, mas em lugar disso baixou sua pequena bolsa e começou a recolher tanta madeira como podia encontrar para um fogo.

- Vou procurar nosso jantar, – disse ele. – Estarei o suficientemente perto para te ouvir se gritar.

Ela assentiu e empilhou a madeira para o fogo. Uma vez que ele saiu, afundou-se no chão e esfregou seus pés cansados. Em sua viagem do Vale dos Druidas até o lado oeste de Escócia, tinham viajado a cavalo. Nada era assim esta vez, e sentia falta dos seus amigos de quatro patas.

Seus olhos se voltaram pesados, mas os manteve abertos. Não permitiria que Dartayous voltasse e a encontrasse dormindo. Ele não devia pensar que era fraca, jurou e começou a acender o fogo.

Ele não demorou muito em voltar com um faisão grande na mão. Quando terminaram de limpar o pássaro o fogo rugia.

Dartayous pôs o faisão para cozinhar.

- Não descobriu ainda o que é a chave?

- Não. Olhamos entre minhas coisas. Talvez devêssemos olhar entre as suas. Tem algo que poderia utilizar como uma chave?

- Não.

- Como sabe? Não olhamos?

– Só sei, – disse com os azuis olhos brilhando intermitentemente.

Moirá não acreditou.

– E sobre as suas tatuagens?

– O que têm elas?

Ela estudou o intrincado trabalho manual que rodeava a parte superior de seu braço direito.

– Poderia ser uma delas.

– Não é.

– Não me precavi de que sabia tudo, – disse ela bruscamente. – É bom que o averigue agora. Auxiliar-nos-á uma vez que estamos na terra do Fae. Se alguma vez chegarmos ali.

– Assim, estamos de volta ao presente? – Perguntou ele, com a cara acesa pelo fogo.

Estudou-lhe durante um segundo, em seguida dois.

– De volta a que? Isto é onde sempre estivemos ou esqueceste?

– Não me permite esquecer.

Ela riu e olhou ao longe. Uma boba que tinha pensado que o beijo poderia ter mudado algo. Apesar de que a tinha beijado, ele ainda atuava como se fora tão pouco importante como uma pulga. Bem, esta era sua missão e ela teria êxito nisso. Sozinha.

– Come, – disse-lhe ele e lhe deu um pedaço de faisão.

Ela tomou a carne e colocou os dentes nela. Sua cólera só aumentou com o bom gosto da carne. Alguma vez fazia algo ruim? Era tão perfeito como lhe pareceu sempre? Saboreou-o melhor já que tinha tomado o almoço enquanto caminhavam. Apesar do pão que lhes tinha dado Rebecca estava delicioso, não estava perto da comida apetitosa que estava jantando neste momento.

Acabava de comer um bocado quando Dartayous ficou de pé.

– Vou lá fora para fazer guarda. Não saia, – disse-lhe.

Moirá lhe viu desvanecer-se na crescente escuridão. Seu apetite desapareceu tão rapidamente como Dartayous partiu, mas se obrigou a comer. Necessitaria cada grama de força que possuía.

Capítulo 6

– Aguarda, – disse Lugus a MacNeil antes de agarrá-lo pelo braço.

MacNeil abriu a boca para lhe perguntar de que estava falando quando um zumbido encheu seus ouvidos. Piscou e se encontrou parado em um elaborado palácio branco e prateado. Sua mandíbula se desencaixou ante o tesouro que o rodeava.

O piso era um mosaico de puro mármore branco e uma pedra azul real que parecia como se brilhasse. As paredes estavam adornadas pelas pinturas de alguma cena de batalha.

– Onde estamos? – perguntou a Lugus.

– Está em meu mundo agora.

MacNeil girou sua cabeça à procura de outros Faeries.

– Onde está o resto de sua gente?

Lugus riu.

– Mostrar-te-ei. Vem.

MacNeil o seguiu enquanto era levado de um aposento a outro, cada um mais elaborado que o anterior. A única coisa que permanecia igual era o piso. Em cada aposento, havia mais pinturas sobre as paredes, mas cada uma era diferente, assim como de uma atmosfera diferente.

O misterioso silêncio o incomodava. Era como se todos tivessem desaparecido.

– Desaparecidos não, – disse Lugus de repente. – Encarcerei-os.

O conhecimento de que Lugus pudesse ler seus pensamentos fez pouco para sufocar o impulso de correr e ocultar-se. O sorriso de Lugus fez correr calafrios através da espinha de MacNeil.

Em que se colocou?

— Lugus parou de repente e se girou para confrontá-lo.

— Saberá em seu momento. – Ele caminhou uns poucos passos e então elevou sua vista ao teto.

MacNeil seguiu seu olhar e encontrou o teto pintado que parecia um dia de verão. Inclusive um arco íris perfeito se mostrava entre as nuvens.

– Sabe que sou o irmão do rei?

MacNeil voltou seu olhar a Lugus.

– Não tinha mencionado isso antes.

– Ah, – murmurou Lugus e se tomou as mãos detrás de suas costas. – Fui banido desta terra depois de ser acusado de assassinar o meu pai. Eu era o herdeiro do trono, entretanto foi meu irmão menor, Theron, quem tomou a coroa.

MacNeil meditou suas palavras durante um momento.

– Matou a seu pai porque queria o poder.

– Isso é o que eles dizem, – disse Lugus enquanto se voltava para enfrentá-lo. Como você, eu não podia esperar que meu pai me desse meu legítimo poder.

– Eu pensava que vocês eram imortais.

– Somos, entretanto ainda podemos ser assassinados. Mas afasta esses pensamentos de sua cabeça, MacNeil. Sou muito poderoso para ser assassinado tão facilmente.

MacNeil inclinou ligeiramente sua cabeça em entendimento. Não havia dúvida de que Lugus era certamente poderoso.

–Agora, me permita te apresentar meu irmão e a sua esposa. A esposa que tinha sido escolhida para mim, devo acrescentar.

No seguinte pulsado de coração, MacNeil se encontrou olhando a mais formosa mulher sobre a que alguma vez tivesse posado seus olhos. Seu longo e loiro cabelo caía em ondas para suas costas. Seu corpo estava perfeitamente formado, e seu rosto, era como se tivesse sido esculpida para um artista, era perfeita.

Um vestido branco que parecia ser feito com fios de prata pura a cobria. Era longo e se atava a seu corpo, mostrando suas elegantes curvas para qualquer que se atrevesse a olhá-la.

– Ela é magnífica, verdade? – Perguntou Lugus quando chegou a parar a seu lado. –Todas as mulheres Fae o são, mas havia algo a respeito da Rufina que a fez destacar-se sobre as demais.

MacNeil só pôde assentir.

– Agora, meu irmão foi abençoado com a beleza da família enquanto eu obtive os miolos.

MacNeil apartou os olhos da mulher para onde Lugus os posou.

Parado ao lado da rainha estava um homem tão extraordinário que mesmo MacNeil teve que admitir que era bonito.

– Bonito, sim, – vaiou Lugus.

A túnica e as meias do rei combinavam com os da rainha. Seu cabelo era um loiro tão claro que parecia branco. MacNeil não podia dizer quão longo era porque estava recolhido à altura de seu pescoço.

– Por que não se movem? – finalmente perguntou MacNeil. – Eles nem sequer falaram.

– Suas ataduras são sustentadas pelo meu poder, e não falaram porque eu não o ordenei.

– Pensa governar aqui também.

Não era uma pergunta e Lugus sabia.

– E todo este tempo o tinha como um tolo, idiota. Nunca deixará de me surpreender, – disse ele com um leve sorriso em sua face.

MacNeil passeou seu olhar de Lugus a Theron. Eles eram muito similares. A única diferença era que o cabelo de Lugus era de um loiro mais escuro.

– Suponho que tem um plano? – perguntou MacNeil enquanto posava seu olhar de novo sobre a rainha.

– Oh, tenho.

Foi a suavidade de sua voz que fez a MacNeil girar sua cabeça.

– E seria... – incitou MacNeil. Ele estava cada vez mais incômodo perto de Lugus.

– Verá, a profecia se cumprirá. Moira, Fiona e Glenna unirão seus poderes para terminar sua linhagem. Mas em vez do comandante dos Fae, que estaria ali

para manter o poder com os Fae, estarei eu em seu lugar. Todo o poder de meu mundo e o seu será meu para controlá-lo.

MacNeil deu um passo atrás.

– Para que a profecia seja realizada tenho que...

– Morrer, – concluiu Lugus. – Isso mesmo.

Um momento antes que o entendimento tomasse lugar, MacNeil viu o malvado sorriso na cara angélica de Lugus.

Lugus sacudiu as mãos e olhou a MacNeil. Tinha envolvido sua mente. Agora não existia nenhuma possibilidade de que MacNeil cometesse algum engano.

Ainda ficava uma batalha e MacNeil tinha que conduzi-la. Ele podia ser um parvo, mas não era estúpido e Lugus tinha que estar seguro que seus planos eram levados a cabo perfeitamente.

Ele caminhou para ficar frente à Rufina. Seus olhos azuis cintilavam de fúria.

– Podia ter tudo, – disse-lhe. – Ainda assim escolheu a Theron em vez de mim, em vez de averiguar se eu era inocente ou não. Diga-me, – disse-lhe enquanto golpeava a bochecha com um dedo. – O que se sente estando apanhada?

Ela retirou os olhos dele.

–Me olhe, – bramou. Quando os olhos de Rufina se cravaram nos seus, ele elevou seus lábios em uma careta. – Penso que te deixarei assim para a mesma quantidade de tempo que eu estive encarcerado em minha prisão. Desde que já tenho uma rainha escolhida, realmente não há necessidade de ti.

Ele caminhou para seu irmão e sorriu. – Penso que simplesmente te matarei. Não iríamos querer que conseguisse te liberar e tratasse de me tirar meu poder, certo?

Lugus observou suas roupas desarrumadas e em seguida o adorno de seu irmão. –Acredito que é hora de me arrumar como deveria.

Dartayous observava o sol matinal que começava sua ascensão no céu. Pelo vista do céu seria um dia claro, algo estranho na Escócia.

Um ruído detrás dele indicou que Moira estava despertando. Nada mais se havia dito a noite anterior, e ele não estava seguro de dizer algo.

– Estava-me esperando?

Suspirou e se voltou para confrontá-la, o que foi um grave engano. Seu cabelo estava revoltado e seus olhos entrecerrados, como se ela simplesmente tivesse estado devidamente deitada em sua cama. Seu corpo saltou à vida ante a visão frente a ele.

Com uma sacudida de sua cabeça foi apagar as brasas para não deixar rastro de sua presença.

– Vejo que alguém se levantou com o pé esquerdo, – disse ela enquanto se passava os dedos pelo seu loiro cabelo.

Ignorou-a e continuou reunindo seus pertences. Se tivesse sorte ela deixaria as coisas onde tinham ficado antes de abordar o navio. Na verdade não

é que ele não desejasse que falassem, mas se tudo o que iriam fazer era discutir ociosamente, ele optaria pelo silêncio.

– Cresceu-me outra cabeça?

O fato de que ela estivesse parada frente a ele significava que teria não só que olhá-la se não que também devia lhe responder. Lentamente ficou de pé até que se erigiu sobre ela.

– Não que eu possa ver. Já que despertou de mau humor pensei que seria melhor te deixar com suas ideias.

– Verdade? – disse casualmente, mas seus verdes olhos de Druida cintilavam de ira.

– Então me assegurarei de permanecer em silêncio a partir de agora. Não desejaria perturbar sua paz.

Levantou uma mão para detê-la quando ela se afastava, mas no último momento se deteve. Possivelmente era melhor se ela o odiava. Isso manteria a distância entre eles, distância que ele a este ponto necessitava com urgência.

Com cada momento que passava com a Moira, seu desejo por ela continuava crescendo fora de controle. O beijo tinha começado tudo. Durante anos tinha mantido esse desejo limitado, mas esse muro estava sendo derrubado a uma velocidade alarmante.

Tinha-a saboreado, tinha provado a pureza e a calidez que havia dentro dela. E agora sua alma a desejava. Quando isto tivesse terminado ia enforcar a Frang por colocá-lo neste inferno.

– Vai ficar olhando o chão todo o dia? – disse Moira sobre seu ombro.

Levantou a vista e a olhou enquanto se afastava. Agarrou sua bolsa e rapidamente a alcançou.

– Há uma razão para me enviarem contigo. Poderia ter isso em mente antes de partir por sua conta.

– Já que estamos apurados e você parece ter todo o tempo do mundo para estudar o chão eu pensei em ir partindo, – replicou.

Foi então que se deu conta que qualquer crime que tivesse cometido em seus quinhentos anos de vida, Deus lhe tinha enviado seu castigo.

Moira.

Seu inferno vivente.

Moira nunca tinha estado tão zangada em sua vida. Uma vez mais tinha tratado de falar com o Dartayous a respeito da chave, e ele ainda estava empenhado em não falar disso.

– Do que tem medo? Tem-na e planeja usá-la você mesmo? – perguntou enquanto se passeava frente a ele enquanto descansava contra uma árvore, com seu cabelo escuro alvoroçando-se para a brisa.

Ele atirou longe o coração da maçã que tinha terminado de comer.

–Você não sabe do que está falando.

– Não sei? Então me dê uma boa razão de por que se recusa a falar de suas tatuagens.

Suas palavras foram recebidas com silêncio.

– É como imaginava. Você está escondendo algo. Não sei o que Frang estava pensando ao te enviar comigo. Eu sou a que liberará os Fae. Não necessito a ti.

–Você acha que poderia chegar assim longe sem minha ajuda? – Seus olhos azul gelo cintilavam uma fria fúria.

Para um momento ela se deteve. Dartayous raramente mostrava algum tipo de emoção, e ver a profundidade dela agora era alarmante. Ainda assim, ela se negou a permitir-lhe tomar vantagem.

–Sim, poderia.

Ele se endireitou da árvore e deu um passo para ela.

– E você pensa que pode encontrar a chave e entrar na terra dos Fae por si mesma.

– Sim.

Seu olhar a percorreu.

– Então tem razão. Não me necessita. Você é uma poderosa Druida. Eu só sou um simples guerreiro.

Não havia nada simples a respeito do Dartayous. Ela tragou e desejou poder retirar suas palavras. Tinha ferido a Dartayous quando tudo o que queria era que ele se abrisse a ela.

– O que está esperando? – perseguiu-a. – Não deveria ir? Tem que liberar os Fae.

Recolheu sua bolsa e se endireitou. Como lhe havia dito, ela podia fazer isto por sua conta, e ser muito melhor companhia do que ele era.

Mas na verdade era seu orgulho o que lhe impedia de lhe pedir desculpas, tinha sido um ataque de mau gênio. Não soube o que lhe tinha passado mais tarde, mas suas emoções estavam fora de controle.

Já que ele se afastou dela, tomou como um sinal para partir. Sem uma olhada para trás, ela tomou o caminho que se supunha que a levaria às pedras.

Dartayous empunhou suas mãos com fúria. Como se tinha permitido hostilizá-la dessa forma? E ela se foi.

O que esperava? Virtualmente não lhe deu mais opção que partir.

O silêncio que seguiu a sua partida foi como se repentinamente ficou surdo. Desejava ouvir sua voz outra vez.

Certamente que o deseja agora que se foi. Se ela estivesse ainda aqui você estaria lhe rogando que se calasse.

Tinha que alcançá-la e lhe explicar.

Explicar-lhe o que? Que não queria lhe falar das tatuagens de maneira nenhuma.

Seu orgulho estava em jogo e ele sabia. Cada Druida na Escócia o caçaria e o mataria se algo acontecesse a Moira. Por isso é que Frang o tinha enviado.

Era o melhor no que fazia. Um dos poucos que poderia manter Moira na linha, e ainda assim, o que tinha feito? Aguilhoá-la para que partisse.

–Maldito orgulho – disse enquanto corria atrás dela. Tinha que arrumar a situação entre eles sem dizer a ela que não deveria liberar os Fae por si só.

Capítulo 7

Moira continuou lhe dando voltas ao que tinha ocorrido ela entre e Dartayous enquanto caminhava. Não estava muito longe para que não pudesse voltar e encontrar-se com ele. Podia perder meio-dia de caminho, mas ao menos sua consciência estaria tranquila.

Os cabelos do pescoço se arrepiaram quando um homem saiu no caminho diante dela. Podia ter pensado que só era um viajante, mas a espada em sua mão dizia o contrário.

– Bom, olhe o que temos aqui, moços, – disse-lhe e a olhou sorridente.

Ela retrocedeu ante os dentes enegrecidos e deu um passo para trás. Não se aterrorizou. Afinal de tudo, ela tinha poderes. Podia fazer-se cargo dele e do pequeno grupo.

Sua coragem se afundou quando sete cavaleiros ficaram em fila a ambos os lados do líder. Poderia convocar um túnel de vento, mas então os cavalos se veriam danificados. Não poderia viver com esse conhecimento.

São os cavalos ou eu.

Quantas vezes lhe havia dito Frang que seu brando coração a meteria em problemas?

Olhe como ele estava no certo.

Apesar de tudo isso, ainda não podia imaginar-se fazendo mal aos inocentes cavalos. Afinal de contas, não eram eles os que estavam a ponto de atacá-la, eram os cavaleiros.

Umedeceu os lábios e começou a invocar seus poderes. Manteve seus olhos cravados no líder dos homens, à espera do sinal que enviaria os outros para que a capturassem.

– O que faz uma bela senhora como você sozinha? – Perguntou o líder enquanto se esfregava a mandíbula.

Os olhos dela seguiram sua mão enquanto se arranhava a mandíbula oculta pela barba enchente, enredada com comida e só Deus sabia o que mais.

– Não estou sozinha, – respondeu.

Ele se dobrou lateralmente e olhou ao redor dela.

– Parece-me que está. Está mentindo? Não simpatizo com mentirosos.

– Não minto. Meu companheiro está atrás de mim, não muito longe.

Girou-se para seus homens.

– É tão correta e afetada.

Todos eles riram. O líder se voltou para ela.

– Afetada ou não, agarraremos o que é nosso.

– Se você me rouba, então não é de vocês.

– Estou seguro de que me perdoará se não estou de acordo com seu julgamento, – disse e caminhou até que esteve junto dela. – Uma senhora como você deveria ter melhor critério que percorrer caminhando sozinha estes atalhos.

Ficou tão quieta como uma pedra e manteve os olhos para diante, esperando que o grupo de homens atacasse.

Quando a mão do líder tocou seu braço ela teve que refrear de sacudir-se com força. Não faria nada para induzir sua ira.

– Sua pele é tão suave. Nunca tive a uma senhora antes. Pergunto-me como se sentirá enquanto golpeio minha estaca em você?

Moira se engasgou.

– Você não me terá.

– Oh, eu penso diferente. Mas primeiro, tomarei qualquer pequena bagatela que tenha, – disse e caminhou até que esteve diante dela outra vez.

Ela gostou mais desse jeito, porque assim podia ver o que ele estava fazendo.

– Não tenho nada.

– E já lhe disse você que eu não gosto dos mentirosos. Agora entregue as pequenas bagatelas ou ponho fim a sua vida. Entendido?

– Oh, entendo-o, – disse. Deu rédea solta a seus poderes. Os ventos surgiram ao redor fazendo voar seu cabelo no rosto, mas ela não se deu conta. Seus olhos estavam enfocados no líder e em seus homens.

Continuou deixando que o vento aumentasse de intensidade. Os homens começaram a dispersar-se, mas ela não apartou a vista do líder. Ele era com quem estava preocupada.

Em seguida, foi sacudida com força atrás enquanto uma mão rodeou sua garganta.

– Cadela, – uma voz brusca bramou sobre o vento.

Ela tratou de dar golpes em suas mãos, mas com cada intento, o vento morria um pouco.

– Levarei isto, – disse e lhe arrancou o colar de seu pescoço. Uma vez que teve o colar a atirou ao chão.

Ela alargou a mão acima.

–Não, – gritou enquanto o vento desaparecia.

Mas a cólera logo substituiu ao medo. Não ia deixar que o escapasse com sua gargantilha. Era tudo o que lhe tinham deixado seus pais. Levantou-se e convocou seus poderes. A magia encheu seu corpo até que pensou que se romperia por isso.

Então foi quando ouviu o rugido de fúria detrás dela. Deu-se a volta e encontrou que Dartayous vinha correndo para ela com a espada desembainhada e a fúria fazendo com que seus olhos azuis avermelhassem. Agarrou a espada com ambas as mãos e a fez descer em ângulo, cortando a uns dos homens quase na metade. Ela não podia manter seus olhos nele. Tinha-lhe visto lutar antes, mas esta vez era diferente. Esta vez mostrava suas emoções.

Deu um passo para ele antes de dar-se conta do que estava fazendo. Um dos homens tratou de atacar a Dartayous por trás. Ela deixou solto o poder dentro dela e o homem saiu voando para os ares para aterrissar a uns vinte passos de distância.

O homem se levantou de um salto e pôs-se a correr, antes que ela pudesse usar mais de seus poderes.

Dartayous parou frente a ela.

– Longe daqui.

Ela negou com a cabeça.

– Têm algo meu. Tenho a intenção de recuperá-lo de novo.
Seus olhos foram para debaixo de seu pescoço.
–O colar.
– Sim.
– Consegui-la-ei. Preciso saber que está a salvo.
– Mas te posso ajudar, – disse enquanto ele mergulhava a espada em outro dos homens.
–Não tenho tempo de discutir, – disse ele.
Não se disse mais, enquanto o som das espadas como sino enchia o ar. Moira decidiu que tinha razão, que seria melhor lhe deixar fazer frente aos homens.
Um rápido olhar a mostrou que os quatro homens restantes estava alternando-se para atacar a Dartayous. Mas ela não estava preocupada. Tinha-lhe visto lutar com homens mais experimentados antes.
Baixou correndo pelo atalho tentando esconder-se detrás de uma das grandes rochas. Em lugar disso, foi lançada à terra pelas costas.
O fôlego saiu como um assobio de seus pulmões enquanto suas mãos eram apanhadas sobre a cabeça. Voltou a cabeça a um lado e tratou de respirar.
– Eu disse que te teria.
Congelou-se quando escutou a voz do líder em seu ouvido. Antes que pudesse reagir, ele a voltou com força sobre suas costas, suas mãos sobre o pescoço de seu vestido.
– Agora, é o momento de ver os peitos de uma senhora, – disse e lhe abriu de um puxão o vestido. Ela tratou de enfocar seu poder para tombá-lo, mas antes que pudesse fazê-lo, lhe deu um tapa com o dorso da mão tão forte que a deixou aturdida. Enquanto lutava para enfocar os olhos e deter o mundo que lhe dava voltas, sentiu suas saias lançadas bruscamente até os joelhos.
– Justo aí, – disse o líder densamente.

Dartayous limpou o sangue de sua espada e examinou o açougue ao redor dele. Nunca tinha deixado que suas emoções corressem com frenesi assim, mas vendo esses homens confabular-se contra Moira tinha quebrado sua compostura.
Deslizou sua espada na bainha e seguiu o caminho que tinha visto tomar Moira. Quando notou outro conjunto de passadas frescas junto às delas aumentou seu ritmo até que pôs-se a correr outra vez.
Deu volta a canto do atalho e viu a líder montando escarranchado a Moira enquanto transportava sua estreita calça escocesa. O sangue lhe congelou nas veias quando se viu que Moira não se movia.
Com um rugido que tinha feito parar-se ao mais feroz dos guerreiros, Dartayous se lançou sobre o líder. O líder gritou como um porco entupido quando as mãos de Dartayous agarraram sua cabeça.
Dartayous percorreu com o olhar Moira e viu o machucado que começava a formar-se no lado esquerdo de seu rosto. Grunhiu do fundo da garganta e enterrou os dedos na cara do homem.
–Você se atreveu a tocá-la.

O líder só choramingou e tentou tirar os dedos de Dartayous. Com um puxão cruel Dartayous rompeu o pescoço ao homem. Atirou homem fora de Moira e se ajoelhou a seu lado.

– Moira?

Seus olhos revoaram abertos.

– Dartayous?

– Sim. Sou eu.

Ela tratou de sorrir, mas fez uma careta em lugar disso.

A cólera fluíu por cima dele outra vez, e desejou poder matar ao cara outra vez.

– Pode caminhar?

Ajudou-a a sentar-se, mas se desvaneceu um momento depois. Com dedos suaves ele fechou seu vestido sobre seu peito, fazendo caso omisso da breve vista do espaço cremoso dos seios.

Sua segurança era prioridade máxima, e não podia esperar a que despertasse. Rapidamente recuperou suas bolsas, e em seguida a recolheu entre seus braços. Com um pouco de sorte, encontraria refúgio logo para poder ocupar-se dela.

A sorte estava com ele, ao parecer, pois só viajou uma hora ou pouco mais ou menos quando a pequena cabana surgiu ante sua vista. A preocupação se acomodou em seu intestino como uma pedra não desejada. Moira não se moveu nem uma vez desde que a tinha encontrado.

Aproximou-se da casa de campo lentamente. Não havia sinal da fumaça na chaminé, e a falta da manutenção lhe fez pensar que estava abandonada. Mas não podia tomar aquela possibilidade com a Moira em seus braços.

Tão brandamente como pôde, posou-a no chão e abriu a porta da cabana de uma patada. O pó nublou tudo a seu redor de modo que não pôde ver nada de princípio. Uma vez que o pó se esvaiu, era óbvio que a cabana estava deserta. Caminhou para a cama e baixou o olhar para ela. Não havia nem que dizer que tipo de crianças vivia nela. Levantou o colchão e o tirou fora.

Depois de escavar na bolsa de Moira tirou a manta escocesa Sinclair que levava com ela e caminhou de volta à cabana. Não havia nenhuma vassoura no lugar, assim é que não poderia varrer, mas tirou tanta sujeira fora da chaminé como pôde antes de colocar a manta escocesa.

Retornou ao exterior a procurar Moira e a carregou ao interior da cabana. Uma vez que a colocou sobre a manta escocesa, começou a preparar um fogo com uns poucos pedaços de madeira.

Não era suficiente e teve que procurar mais. Quando tinha um braço cheio retornou e acendeu um grande fogo. Não fazia frio, mas pensou que o fogo poderia ajudar a Moira. Ele podia ter quinhentos anos de idade, mas quando se tratava de uma enfermidade era tão estúpido como o idiota do povo.

Depois de procurar na pequena cabana e não encontrar nada útil, sentou-se e se retorceu as mãos. Nunca havia se sentido tão indefeso em toda sua vida.

Foi junto à Moira e se ajoelhou a seu lado. Tocou seu rosto onde tinha sido golpeada e moveu seu dedo para sua bochecha. Em seguida, seus dedos rastream a abertura de seu vestido. Seus pensamentos se obscureceram

quando se perguntou se o líder se atreveu a tocá-la como o estava fazendo ele. Nunca se tinha atrevido a tal coisa. Até agora.

Suas mãos começaram a tremer quando se deu conta de quão perto tinha estado de perdê-la. Mudou a forma como se viu ele... e a ela.

Tinha que sustentá-la. Para sentir o fôlego de seu corpo.

Levantou-a até que ela reclinou as costas sobre seu peito. Suas mãos seguiram vagando pelo rosto e o braços dela. Detinha-se ocasionalmente em seu peito para sentir se ainda respirava.

Apesar de Moira estar ferida, Dartayous estava contente por sustentá-la entre seus braços. Tinha que admitir que se sentia bem tê-la assim.

Deteve esse fio de pensamento rapidamente. Não serviria de nada a ele ou a Moira pensar assim. Era imortal. Sem passado e sem nenhum futuro.

Ela era uma Druida dotada de grandes poderes pelo Fae. Tinha uma missão muito importante para diante.

Não permitiria que seu corpo lhe governasse. Moira ficaria sem que ele a tocasse. Ela tinha sofrido muito, já não precisava sofrer mais.

Capítulo 8

Moira empurrou para diante a névoa da dor. O rosto doía-lhe terrivelmente, e tudo o que queria fazer era voltar a dormir.

Mas algo a chamava. Tinha-a estado chamando desde algum tempo, devolvendo-a ao presente. Todas as lembranças do ataque voltaram à ela de repente.

Tinha imaginado, ou Dartayous tinha quebrado o pescoço do líder? Não estava segura, mas pensava que tinha visto Dartayous parado sobre o líder antes de lhe dar um forte puxão.

E seus olhos. Tinham brilhado de um azul selvagem justo antes de havê-lo matado. Poderia haver-se alterado ao ver que a atacavam?

Bem, certamente estava alterado. Só que não da forma em que estou pensando. Ou desejando.

Inspirou profundamente e sentiu uns braços fortes que a rodeavam. A calidez do corpo abaixo dela serenando-a.

Corpo quente?

Não havia nenhum engano sobre o corpo duro como rocha abaixo dela. Seus olhos lentamente se abriram para encontrar um fogo em uma chaminé diante dela.

Onde estou?

Sem mover sua cabeça, olhou ao redor do pequeno quarto. Em seguida baixou a vista para as mãos tatuadas entrelaçadas com as suas.

Dartayous.

Ele nunca a tocava a não ser que tivesse que fazê-lo. Por que a estava sustentando agora?

Por que questioná-lo? Assim como o beijo, toma-o. Quiseste-o sua vida inteira.

Isso era certo. Ela sempre o tinha querido. Embora, havia algo diferente sobre ele, algo que lhe atraía mais forte que qualquer outro homem que tivesse cuidado alguma vez.

– Moira?

Seu nome, dito tão suave e gentilmente, fez correr calafrios pelo seu corpo.

Ela girou a cabeça e olhou sobre seu ombro. Os olhos de Dartayous estavam apenas abertos, como se ele também tivesse dormido. Durante um momento ela se afundou naqueles claros olhos azuis.

– Salvou-me.

– Está ferida? – perguntou passando seus dedos pela sua bochecha.

Seu estômago se apertou ante seu toque.

– Só me dói o rosto. Ele me golpeou mais forte do que pensei.

Em uma fração de segundo os olhos de Dartayous foram de suaves a duros.

– Ele se atreveu a pôr as mãos sobre ti. Onde te tocou?

Embora sua voz não tivesse subido de tom, estava carregada de veneno.

– Já o matou. Não pode fazê-lo outra vez.
 Suas sobrancelhas se franziram.

– Viu-o?

– Acho que sim. – Fechou os olhos por um momento. – Tudo está muito impreciso.

– Não sei nada de ervas para afastar a dor.
 Dedico-lhe um sorriso.

– A dor não é tão terrível para necessitar algo.

– Bem. Não tenho nenhum desejo de te deixar.
 Suas palavras a impressionaram. Assim como o fogo em seus olhos.

– Por que você mesma não se curou?

Afastou seu olhar dele.

– Uso meus poderes para outros. Não para mim.
 Um dedo sob seu queixo levantou sua face.

– Necessito-te para que me cure.

– Por quê?

– Porque a idéia de ver-te ferida, ou morta, é como se me arrancassem o coração do peito.

Moira não teve tempo de responder quando sua boca reclamou a sua. O beijo era suave, lento, sensual. Sua língua tocava cada parte de sua boca. Ele chupou seu lábio inferior e em seguida sua língua.

Seu corpo cobrou vida em um abrir e fechar de olhos. Afastaram-se as pequenas dores, e em seu lugar ficou um fogo que ardia quente e feroz. Um fogo que Dartayous tinha começado.

Seu braço a envolveu para apoiá-la, enquanto sua outra mão corria ligeiramente acima e abaixo de seu pescoço. Seu toque fez que o fogo dentro dela crescesse e se estendesse.

Ela gemeu e ele a trouxe mais perto, girando-a de modo que ficasse mais cômoda. Ela rompeu o beijo e o empurrou.

– Por que faz isto?

Dedicou-lhe um pequeno sorriso.

– Não posso seguir te negando. Você é o corpo que sempre chamou ao meu. Só estou finalmente respondendo.

Um raio de felicidade a alcançou. Não quis saber se ele tinha alguma outra razão. Somente quis mais de seus beijos. Inclinou-se sobre ele e passou sua língua pelo seu lábio inferior.

– Moira, – gemeu. – Põe à prova minha força de vontade.

– Você disse que não iria me negar.

– Não vou negar seus lábios, – disse e colocou um beijo sobre eles. – Ou a te tocar. Mas não iria mais longe.

– Por quê?

Dartayous não sabia que lhe dizer. Decidiu dizer a verdade.

– Porque prometi que retornaria ao Vale dos Druidas sem ser tocada por mim.

– Mas já me tem tocado. Não pode negar.

Ele olhou para baixo e encontrou sua mão perto de seu peito. Só faltava o mais leve movimento para tomá-los e sentir seu peso.

–Você sabe o que quero dizer.

Seus verdes olhos de Druida sustentaram os seus.

– Para mim é o mesmo. Eu gosto que me toque.

O corpo de Dartayous se acendeu ante suas palavras. Não entendia como uma inocente como ela podia levá-lo à beira com meras palavras. Mas não queria pensar mais. Queria sentir. Tinha passado tanto tempo desde que havia sentido algo real, e Moira era definitivamente real.

Fez calar qualquer outra palavra que ela tivesse com um beijo que lhe disse quanto a desejava. Um suave gemido abandonou sua garganta enquanto se derretia em seus braços.

Mas ainda não era suficiente.

Tombou-se sobre o xadrez e a levou com ele. Inclinou-se sobre um cotovelo e olhou para baixo. Seus lábios estavam inchados por seus beijos, e seus olhos estavam nebulosos por um desejo crescente que quase igualava o seu.

– Tão linda, – murmurou e lhe correu um dedo da garganta até o vestido rasgado. Ela baixou seus olhos.

– Não há necessidade de mentir.

Dartayous se assombrou ante suas palavras. Levantou seu queixo até que ela outra vez encontrou seu olhar.

– Não é uma mentira. Alguma vez ninguém te disse quão linda é?

– Quem me diria isso? Frang? Os únicos que alguma vez me disseram isso foram meus pais.

Dartayous não se precaveu que estava tão só como ele. Todo este tempo tinha pensado que estava contente com sua vida, ainda assim, quanto mais tempo passava com ela mais se dava conta de que não era certo.

Conteve o fôlego quando a mão de Moira tocou seu peito. Seu corpo implorava para liberar-se e o último de seu controle se desfez quando ela lambeu seus lábios cheios.

Sua mão encontrou e se cavou em seu peito. Ela arqueou suas costas e gemeu quando seu polegar se deslizou sobre seu mamilo. Foi todo o estímulo que necessitava.

Moira não podia acreditar a gama de emoções que fluíam dela. Apartou tudo e se abandonou à glória das carícias de Dartayous.

Ele era gentil, mas não havia forma de negar o desejo dentro dele. Tudo que ela teve que fazer foi elevar a vista a seus claros olhos azuis. Estava ali para que qualquer o visse.

O ar ficou preso em seus pulmões quando sua mão começou a acariciar seu peito. Inchava-se ante seu toque, desejando mais. Quando sua mão se moveu a seu outro peito um gemido escapou dela. Seu corpo se esquentava com cada toque. Se isto continuava ela estaria em chamas logo.

Mas foi quando ele se estendeu totalmente em cima dela que compreendeu quanto a desejava. Seus olhos se abriram quando sua excitação pressionou seu estômago.

Ela tinha que pôr suas mãos sobre sua pele. Com dedos trementes abriu seu colete e o retirou de seus amplos e musculosos ombros. A extensão de pele

ante ela dava água na boca. Ela o tinha visto assim antes, mas agora era diferente.

– Me toque.

Os olhos de Moira foram para sua cara. Ele queria que o tocasse. Isto a surpreendeu como nada mais poderia havê-lo feito. Com as palmas de suas mãos percorreu plano estômago e o largo peito. Sua pele era quente ao tato, e quanto mais tocava, mais desejava dele.

Deixou que suas mãos o percorressem até chegar ao pescoço. Enrolou as largas mechas escuras que chegavam aos ombros em seus dedos e o atraiu em cima dela. Justo antes que seus lábios tocassem os seus, ela riscou sua boca com sua língua.

Ele grunhiu e tomou sua boca em um beijo que a fez sentir fraca de desejo e seu sexo se apertou excitado. A língua de Dartayous tocou a sua e se enredaram feroz e apaixonadamente. Pareceu-lhe que ele enquanto a levava mais e mais alto, seu corpo tremia de desejo.

Quando ele terminou o beijo, ela quase gritou. Até que suas mãos rasgaram seu vestido, arrancando o de seu corpo. Estava tendida, exposta a ele. Tratou de cobrir-se até que o viu olhá-la como se tratasse de memorizar cada polegada de seu corpo. Isto esquentou seu coração.

Ela estendeu seus braços para alcançá-lo. Ele caiu de lado e a colocou sobre ele. Não perguntou nada quando ele pôs suas pernas a cada lado de seus quadris sentando-a sobre ele. Seguia sentindo o aumento de sua virilidade, mas foi a palpitação entre suas próprias pernas que chamou sua atenção.

Com um pequeno movimento de seus quadris a palpitação se intensificou e a umidade correu para suas pernas. Ela tratou de mover-se outra vez para aliviar a dor, mas este movimento só o aprofundava.

Ela estremeceu quando ele colocou a mão na união da suas coxas. Seus quadris imediatamente se esfregaram contra ele enquanto seu corpo instintivamente soube o que necessitava. As sensações a fizeram sentir fraca de desejo.

Ela a agarrou pelos quadris e a esfregou contra seu membro. Moira ofegou e se apoiou com as mãos sobre seu peito. Abriu seus olhos e o encontrou olhando-a. Ele elevou a cabeça e tomou um mamilo em sua boca.

Moira gritou de prazer quando ele formou redemoinhos sua língua mandando um espiral de desejo a seu sexo. Sua boca quente chupava seu mamilo, e em seguida sua língua girava ao redor da dele, enviando tremores de prazer para seu corpo. Seguiu-se roçando contra seu membro ereto quando sua necessidade cresceu a novas alturas.

Antes que se desse conta, tinha-a atirado de costas para dar-se um banquete com seus peitos. Ela afundou suas mãos em seu cabelo negro e gemeu quando uma mão segurou seu peito em concha enquanto sua língua brincava com o mamilo endurecido. Suas costas se arquearam, pedindo mais desta maravilhosa tortura. Seus quadris se balançavam contra a perna que ele tinha colocado entre as suas tratando de encontrar alguma liberação para as sensações que sacudiam seu corpo.

Bruscamente ele ficou de joelhos. Durante um momento pensou que ele a abandonaria, até que ele alcançou seus sapatos. Depois de tirar-lhe os lançou sobre seu ombro, enrolou suas meias de lã e se uniram a seus sapatos.

Um sorriso malicioso brincava sobre sua formosa face quando colocou suas mãos a ambos os lados de seus quadris e se inclinou para beijar seu umbigo.

Seu estômago tremeu ante seu toque. Sua respiração se fez rápida fazendo que seu peito se elevar e baixar rapidamente. Lambeu os lábios secos, perguntando-se qual seria o seguinte prazer que lhe daria.

Teve sua resposta no momento seguinte quando ele subiu e inclinou sua cabeça. Ele beijou e lhe beliscou o pescoço da clavícula até o ouvido. Seu corpo sentia um comichão com cada deliciosa lambida de sua língua e sua boca mestra.

Vagamente se deu conta que as mãos dele tinham começado a percorrê-la, mas isto logo foi esquecido quando sua boca abandonou seu pescoço e começou um caminho de beijos para seu corpo. Os beijos alternavam entre ligeiros beliscões brincalhões e sua língua formando redemoinhos sobre sua pele acalorada.

Ele beijou cada perna até que alcançou os dedos de seus pés. Então lhe deu a volta colocando-a sobre seu abdômen e começou a doce tortura todo o caminho para cima até a base de sua espinha e até seu pescoço. Só que esta vez enquanto sua boca causava estragos na pele sensível de seus ombros, suas mãos começaram a acariciar seus quadris e seu traseiro.

Dartayous rodou para ficar de lado com as costas de Moira contra seu peito. Ele seguiu colocando beijos sobre sua pele cremosa tentando acalmar seu corpo impetuoso. Cada fibra de seu ser lhe dizia que tomasse, que se inundasse em sua quente e molhada vagina e se permitisse sentir o prazer. E o faria, só queria estar seguro de que de algum jeito estava sob controle.

Então, prosseguiu no estudo do corpo de Moira. Com suas costas contra o peito tinha o acesso completo a todo seu corpo. Enquanto uma mão subia e acariciava seu peito e beliscava um mamilo, a outra tinha viajado para seu sexo e separava suas dobras para sentir sua excitação cobrindo seus dedos. Separou-lhe as pernas. Levantou uma perna e a pôs em cima da sua e descansou sua mão contra a união da suas coxas.

Estava quente. E escorregadia.

Ele tratou de tragar.

Ela gemeu e se moveu contra sua mão, sua necessidade era evidente e isto quase o desfez. Ele tomou o lóbulo de sua orelha em sua boca e a chupou brandamente.

Com sua mão, acariciou cuidadosamente sua pérola e sentiu como se estremecia seu corpo enquanto gritava. Ela estava perto de sua liberação, mas ele queria lhe dar mais prazer, prolongar a tortura deliciosa de seus corpos.

Deslizou um dedo dentro dela sentindo seu calor e a ouviu gemer. Sua boca se moveu para seu ombro assim podia ver seu dedo entrando nela. Ele apertou seu mamilo quando e começou a mover seu dedo dentro e fora dela. Ela gemeu de prazer.

Não passou muito tempo até que seus quadris começaram com impaciência a ir de encontro aos impulsos dele. Com seu dedo ainda dentro dela seu polegar encontrou sua pequena pérola. Quando seu polegar começou a roçar para frente e para trás sobre sua pérola, seus gritos se fizeram mais intensos.

Não podia suportar muito mais. Tinha que estar dentro dela, senti-la apertar-se ao redor dele quando culminasse. Rapidamente se desfez de suas botas e suas meias e se ajoelhou sobre ela uma vez mais.

Ela estava tão apanhada em seu desejo que seguiu gemendo e retorcendo-se sobre a manta, esperando-o para unir-se outra vez. Não a fez esperar muito mais.

Com um joelho separou suas pernas uma vez mais e ficou sobre ela. Tomou sua boca em um feroz beijo, um que a reclamava como sua. Envolveu-o com seus braços e suas mãos começaram a explorar suas costas e seus ombros.

Por mais que queria sentir suas mãos sobre o corpo, sabia que não podia permitir-lhe agora. Estava muito perto de perder o controle e tinha que possuí-la.

Colocou a ponta de seu membro dentro dela. O calor o rodeava. Tentou ir devagar até que seus quadris começaram a balançar-se contra ele. Isto derrubou seu controle.

Com uma investida ele encontrou sua barreira. Elevou-lhe as pernas até as ter enlaçadas ao redor de sua cintura. Então, encontrou sua pequena pérola outra vez. Quando a esfregou e a levou a um estremecimento febril, começou a mover-se lentamente dentro e fora dela.

Quando a sentiu apertar-se ao redor dele se retirou e empurrou atravessando seu hímen até enterrar-se totalmente em sua vagina.

Moir se estremeceu com seu primeiro clímax sentindo uma leve dor que deveria ser Dartayous rompendo sua barreira. Ignorou o ligeiro puxão e se permitiu desfrutar do que sentia com ele dentro. Esteve um pouco decepcionada porque estava terminando.

Ao menos era isso que pensou até que ele começou a mover-se dentro dela outra vez. Suas investidas se fizeram mais profundas, mais poderosas. Manteve suas pernas ao redor de sua cintura enquanto se inundava dentro e fora dela.

Quando a pulsação começou outra vez Dartayous ficou rígido em cima dela. Atirou sua cabeça para trás e gritou sua liberação. Derrubou-se sobre ela, e ali ficaram estendidos frente ao brilho do fogo. Seus corpos entrelaçados e esgotados.

Moir fechou seus olhos e deixou que o sonho a reclamasse, com um sorriso em sua face. Estava contente como nunca o tinha estado em sua vida. Era isto o que Glenna e Fiona sentiam quando estavam com seus maridos? Tinha sido o suficientemente afortunada de encontrar a seu companheiro em Dartayous?

Nada disso importava agora. Sentia-se segura e amada nos braços de Dartayous, e ali ficaria pelo momento. Enfrentaria o resto pela manhã.

Capítulo 9

Dartayous despertou imediatamente. A primeira coisa que notou foi um corpo muito suave pressionado contra ele, uma mão magra atirada através de seu peito.

Moira.

A segunda coisa que notou era que algo estava perto e não tinha suas armas. Podia-o ouvir mover de um lugar a outro atrás da porta.

Silenciosamente deixou sair umas séries de maldições e levantou o pescoço para olhar a porta. Uma porta que não se incomodou em lhe pôr algo detrás para lhes manter seguro.

Sua preocupação para a saúde de Moira não era uma desculpa. Deveria haver-se ocupado disso, antes que nada, depois que acendeu o fogo. Agora, por sua falta de previsão muito bem poderiam morrer. A luz atravessou as gretas da porta. O amanhecer. Tinham dormido tanto tempo?

Dado que não queria alertar o que estivesse ao outro lado da porta de sua presença, não saltou imediatamente sobre seus pés e agarrou sua espada.

Em uma piscada a porta oscilou aberta e se encontrou investigando os olhos de um lobo cinza. Os olhos amarelos ficaram com o olhar fixo nos dele, mas por estranho que parecesse Dartayous não teve medo. De algum jeito, sabia que o lobo não lhes queria fazer mal, tinha ido em busca de comida.

O próprio estômago de Dartayous rugiu.

– Sim, moço, eu também estou faminto.

Moveu-se com cuidado sob Moira e se levantou.

Ainda o lobo estava na porta. Sem tirar nunca os olhos do animal, Dartayous se agasalhou e alcançou sua bolsa. Dentro havia um par de bolos de carne que Rebecca lhe tinha dado.

Os lançou ao lobo que rapidamente os comeu. O lobo se lambeu suas grandes bochechas e em seguida mudou de direção e saiu.

– Era um lobo o que acaba de alimentar?

Dartayous olhou para baixo para ver Moira olhando à porta.

– Era.

– Tem o costume de fazer amizade com crianças selvagens?

Ele meditou suas palavras durante um momento.

– Sim, tenho.

– Outra coisa que não sabia de você.

O sorriso que lhe deu teria clareado um dia tempestuoso. Encontrou-se devolvendo seu sorriso.

– Dormiu bem?

– Melhor que em meses. E você?

– Muito bem. – ajoelhou-se diante dela e colocou um fio solto de cabelo detrás de sua orelha.

Ela inclinou a cabeça e atirou do cabelo.

– Odeio-o. Esta sempre se soltando.

– Eu gosto horrores, – encontrou-se dizendo antes que ele se desse conta disso.

–Obrigado.

Notou que ela agarrava firmemente a manta à seu peito.

–Irei trazer-te sua bolsa.

Recuperou a bolsa e retornou para descobrir que estava levantada e envolta com a manta ao redor dela. Secou-lhe a boca pelo que sabia que havia debaixo, um corpo que tinha ganhado vida em suas mãos, lhe dando prazer além de seus sonhos mais loucos.

Seu olhar se elevou até seu rosto e ali encontrou o pequeno sorriso. Sua vara pulsou e se inchou com esse simples olhar, e se ele não se continha a teria de costas em um segundo.

–Dartayous?

Ele piscou.

–Sim?

–Pode me dar minha bolsa?

Olhou sua mão estendida, em seguida a dele que ainda sustentava a bolsa. Sentindo-se como um jovem inexperiente, deu-lhe a bolsa e se voltou para a porta.

–Vou dar uma olhada ao redor.

Moirá esperou até que a porta esteve fechada antes de deixar cair a manta xadrez. Não tinha pensado no que esta manhã traria uma vez que despertassem, mas estava feliz de ver que ele não a ignorava.

Desejava que ficassem tal e como estavam. Era mais feliz aqui que no que tinha sido em toda sua vida. Na verdade, seria feliz em qualquer lugar com o Dartayous.

Seu coração golpeou cruelmente enquanto se precavia justo aonde a levava sua forma de pensar. Já sonhava com um futuro com ele quando ainda tinham que falar de um. Ontem à noite poderia ter sido somente isso para ele.

Ela deixou a um lado seus medos e seus sonhos pelo momento. Havia assuntos mais prementes que atender.

Dartayous estava sentado sobre a grande rocha e contemplava a paisagem. Era um lugar precioso. Tinha estado em muitos lugares de Escócia nos últimos quinhentos anos, mas este era um ao que não se aventurou. Seu entorno silvestre correspondeu ao bater do mar nele. Inclusive o conjunto de imponentes e grandes rochas sobre a ilha era encantado para considerar. Era como se o lugar fosse significar algo para ele.

Levantou o olhar para encontrar a Moira a seu lado, com uma maçã na mão. Ele tomou a maçã e cravou os dentes nela.

– Demoramo-nos o bastante, – murmurou ele.

– Sim. Temos muito que fazer.

Não importava o que sua mente lhe dizia que tinham que fazer, seu coração não desejava deixar o precioso lugar. Ainda assim, ele tinha feito um voto. Levaria a cabo esse voto.

Olhou de novo na Moira e observou que o machucado de seu rosto foi embora.

– Curou a ti mesma?
– Não como o faria contigo ou com alguém mais. Feridas menores como esta cicatrizam em meu sono.
– Bem.
– A respeito de ontem, – começou ela.
Mas ele rapidamente a cortou.
– Foi minha culpa. Não deveria haver-te incitado como o fiz. Não te deixei nenhuma outra opção salvo levar a cabo seu ameaça.
Sua risada a levou o vento e se mesclou com o aroma do mar.
– Está cheio de surpresas. Ainda assim, eu gostaria de te dar obrigado uma vez mais por me resgatar.
Deslizou um olhar sobre ela e saltou da grande rocha.
– Precisamos nos pôr em movimento.
Não queria que ela expusesse a noite passada. Ainda não se permitiu pensar no que tinha feito. Logo teria que o fazer, mas até então se negava.

Frang, o grande Supremo Sacerdote das Gargantas dos Druidas, olhava de cima o Castelo MacInnes. O escarpado era um dos lugares favoritos de Moira, e sabia por que. Ela podia olhar às pessoas debaixo dela e ver sua felicidade.

– Pensei que te encontraria aqui.
Trocou de direção e se encontrou à irmã menor de Moira, Glenna, caminhando a grandes passos para ele.
– Olá, moça. Como este esse seu marido?
Ela riu.
– Conall está muito bem. Embora esteja ainda tentando entender que Gregor é o lorde de seu clã e não ficará.
– Fiona e Gregor têm que fazer uma vida própria.
– É o que lhe disse. Ele ficará bem.
– E você? Outra vez suas irmãs lhe deixaram. – Investigou profundamente seus escuros olhos.
– Voltarão, – disse ela. – A profecia deve cumprir-se.
Ele inclinou a cabeça e olhou para a parte de atrás do castelo.
– A profecia. Tenho medo de ter posto muito nos magros ombros de Moira.
– Estará a salvo. Tem a Dartayous.
Então ele se deu conta de que se confortavam um ao outro.
– Que par fazemos, eh?
Ela sorriu e inclinou a cabeça.
– Preocupo-me com ela, mas poderia não ter a um grande protetor como Dartayous.

Frang não respondeu. Havia coisas de Dartayous que inclusive ele não sabia de si mesmo ainda. Protegido. Estava a salvo Moira com ele? Agora duvidaria de se a manteria a salvo de danificá-la. Mas o que passava com o coração dela?

– Está absorto em seus pensamentos, – disse Glenna.
– Um velho tolo que se pergunta se fez o devido.

Glenna bufou.

– Velho? Acredito que não. Guarda muitos segredos para você, Supremo Sacerdote. Por isso respeita fazer o certo. Não poria a Moira em perigo mais que a qualquer de nós.

Enfrentou-o Glenna.

– Mas isso é exatamente o que tenho feito. Um mal que está além de seu raciocínio a está esperando. Ela deve ser muito forte para derrotá-lo.

– Será.

– Moira é muitas coisas, mas tem um coração brando. Pode que tenha cometido o engano mais grave enviando-a com o Dartayous.

– Porque se odeiam mutuamente?

– Porque uma vez lhe deu seu coração e ele o devolveu. Pude prever isto, mas tinha esperado tão... – Não pôde terminar. – Inclusive depois guardei os segredos de Dartayous, depois de tudo, são seus para guardá-los ou compartilhá-los se ele o deseja.

– E este segredo, – disse Glenna, com a testa sulcada profundamente pela preocupação. – Foi guardado todos estes anos?

Frang inclinou a cabeça.

– Poucos sabem disso. Tenha a segurança de que não machucará a Moira como pode imaginar.

– Penso em seu coração, – respondeu Glenna, seu encaracolado cabelo castanho se movia ao redor pela brisa.

Frang inclinou a cabeça.

– Sabia que não havia outro Guerreiro Druida que pudesse proteger Moira como Dartayous. Também confiava que nesta viagem tão difícil eles pudessem curar velhas feridas.

Glenna suspirou e cruzou os braços sobre o peito.

– Espero que tenha razão. – Começou a partir então se deteve – É ele seu consorte?

Frang se negou a encontrar-se com os olhos de Glenna.

– Isso eles devem descobrir?

Dartayous não podia sacudir a sensação de que havia um perigo que estava espreitando-os.

– O que é isso? – Perguntou Moira enquanto o alcançava. Ele continuou esquadrinhando as colinas.

– Perigo.

– Esta viagem não é mais que perigosa. Não acabará até a profecia.

Jogou-lhe uma breve olhada, mas não fez comentários. Possivelmente ela estava certa. Talvez mas reagia. Mas com o grande mal que os esperava, isso não lhe aliviou.

Enquanto caminhavam um ao lado do outro, sua mão roçou a dela. O que fez com que seu coração corresse a toda velocidade e seu corpo se endurecesse. Sua necessidade estava dolorida por ela outra vez, mas não se atreveu. Tinha sacrificado muito para se apropriar de seu corpo ontem à noite.

Não podia ocorrer de novo.

Protegeu-se durante muito tempo para que um simples deslize com uma moça pudesse derrubar suas defesas. Ainda, isso era exatamente o que ela tinha feito com um simples beijo e um toque que lhe queimou a alma.

Um suspiro escapou dele.

Realmente tinha complicado as coisas deixando que seu corpo lhe governasse. Mas, se era honesto consigo mesmo, não lamentava compartilhar seu corpo com ela. Tinha sido delicioso. Diferente de qualquer coisa que alguma vez tinha experimentado antes.

E isso o assustou diabolicamente.

Tinha estado perto dos Druidas e os Fae muito tempo para não compreender que tinha passado por cima de algum limite que não lhe permitiria retirar-se.

Uma mão magra tomou a sua e o fez deter-se. Girou-se e confrontou Moira. Seus lábios se mordiscavam pela preocupação.

– Me diga o que lhe esta incomodando?

Negou com a cabeça.

– Só estou alerta pela preocupação.

Ela começou a caminhar outra vez e Dartayous lhe levou o passo, encurtando suas passadas um pouco. Poderia lhe dizer tudo o que ela precisava ouvir. Moira não era uma pessoa que se deixava levar pelas emoções, mas hoje era diferente.

Ele trouxe com alguma dificuldade. Mas antes que pudesse falar ela disse,
– Pensaste de novo na chave?

– Espera, – disse e desembrolhou o colar do punho de sua espada. Deu a ela e olhou como caía sua boca.

–Acreditava que a tinha perdido para sempre.

–Recuperei-o para ti.

Não precisava saber que se tinha convertido em um louco quando tinha visto o homem sustentando-a em sua mão e que tinha talhado em rodelas ao homem do umbigo até o pescoço por atrever a tomar algo dela.

–Obrigado, – disse e se inclinou para lhe dar um beijo.

Esteve-se completamente quieto e empunhou as mãos em ambos os lados. O impulso de tomá-la entre seus braços e saboreá-la outra vez foi tão forte que quase se rendeu.

Ela abotoou o colar ao redor de seu pescoço e lhe deu um brilhante sorriso.

– Alegra-me que Frang te enviou comigo.

Moira conservou o sorriso em seu rosto o resto de dia. Sabia que algo incomodava a Dartayous, mas se não tinha o desejo de falar disso ela não o pressionaria.

Não foi até que se detiveram de noite que se fez evidente que ela teria que mencionar o que aconteceu eles entre. Uma vez que o fogo foi aceso e um par de lebres cozidas, decidiu que era a hora para o fechamento do tema.

– Dartayous...

– A velha bruxa disse que temos a chave, – disse sobre ela. – O mais provável é que alcançamos as pedras amanhã ou depois. Uma vez ali provaremos com tudo o que temos. Se a informação for correta e temos a chave, então a encontraremos.

Moira resolveu lhe deixar falar disto, por agora.

– Já revisamos minhas coisas. Não tenho nada que consideraria a chave exceto meu colar.

– Só o que tenho são minhas armas.

Não se incomodou em lhe mencionar suas tatuagens outra vez. Obviamente era algo pessoal para ele, e disse que provariam de tudo uma vez que alcançassem as pedras.

– Há algo em qualquer de suas armas que pudesse ser? – Perguntou enquanto ele afiava uma de suas adagas.

Deteve-se e olhou a adaga.

– Duvido, mas podemos as inspecionar.

Uma vez que colocou todas as armas ante ele, Moira se sentou a seu lado.

Olharam cada arma cuidadosamente. Ela tocou um crucifixo que tinha as mesmas marcas no crucifixo que seu colar.

– Isto é bonito. – Esfregou sua mão ao longo do punho da suave madeira sólida com bandas de ouro a seu redor. Cuidadosamente a devolveu a Dartayous.

Não tomou a preocupação de tentar recolher sua espada maciça. Não só era extremamente pesada, além disso, com sua folha ligeiramente curvada com entalhes como dente a um lado, era mortífera. Tinha um montão de armas todas de diferentes tamanhos que encaixavam em lugares diversos de sua roupa e suas botas.

Outra adaga atraiu sua atenção. Sua folha estava curvada, e também tinha marcas nela. Outra vez, não reconheceu as marcas, mas ela imaginou que era inclusive mais velha que a outra adaga.

Quis lhe perguntar sobre as armas, mas se mantinha a boca fechada sobre as tatuagens só podia imaginar como se negaria a discutir sobre a maioria de seus valiosos artigos.

Quando lhe deu a adaga curvada sua mão tocou seu colete. Sempre teve interesse nisso. Não era couro, embora lhe parecesse.

– De onde procede este material? – Perguntou finalmente enquanto ela o esfregava entre seus dedos. Era muito suave e quente.

– Tinha pensado que reconheceria o trabalho do Fae.

Seus olhos se sacudiram com força até sua cara.

– Este material veio do Fae?

– Sim.

Mais surpresas. Magníficas tatuagens com significados ocultos, armas estranhas que eram tão antigas como as marcas, e roupas de vestir Fae. Então, que tipo de homem era Dartayous?

Deveria sabê-lo depois de ter compartilhado seu corpo com ele, mas na verdade era mais que um mistério. De repente se deu conta do perto que estava.

Lentamente levantou seu olhar e encontrou lhe cravando o olhar nela com seus olhos azul gelo.

Para um momento, recordou onde tinha ela visto os olhos como os dele, mas isso se foi em piscar de olhos. Dessa maneira, eram seus pensamentos sobre seus olhos quando também seu corpo o reconheceu. Seu sexo se apertou e seus peitos ficaram pesados.

A noite reclamou a terra. O sol se pôs e a lua e as estrelas iluminaram o escuro céu. As ondas do lago se estreitaram contra a borda.

Mas todos seus sentidos estavam centrados em Dartayous.

Inclinou-se para frente querendo, precisando sentir seus lábios sobre os dela outra vez, sentir suas mãos trazendo seu corpo à vida.

As mãos dele tocaram seus braços e se elevaram até seus ombros e a manteve quieta.

– Precisamos falar.

O fogo que se acendeu no corpo dela foi apagado de um sopro como se tivessem jogado-lhe um balde d'água.

– A respeito do que? – Perguntou e se deu a volta afastando dele.

Sua voz foi baixa, suave.

– Sabe do que.

– O que dá pra discutir? Ocorreu. Ambos o quisemos. Não se pode voltar atrás. – Entrelaçou as mãos juntas e vigiou as lebres cozinhando.

Quando ele finalmente falou sua voz era apenas mais que um sussurro. Como se lhe machucasse falar.

– Mantive-me distante de você durante anos.

Encolheu-se de ombros.

– Sei. Eu também me mantive afastada de você. Simplesmente não somos compatíveis.

– Fomos ontem à noite.

Mordeu-se a língua e se forçou a continuar olhando para o fogo. Não lhe daria nenhuma de suas lágrimas, ao menos nenhuma que ele pudesse ver.

– Não me conhece, Moira. Crê que sim, mas não o faz.

– Nada que possa dizer mudará isso. É verdade que não nos conhecemos, apesar de termos passado anos juntos.

– Recorda quando me deste esse casto beijo quando era uma menina pequena? Como o podia esquecer?

– Sim.

– Eu sabia que estava escutando quando disse a essa moça que não senti nada. – Girou a cabeça até que lhe olhou. – Tive que fazer. Era a única forma de te manter longe de mim.

Seu coração se quebrou uma vez mais com suas palavras. Todo esse tempo tinha pensado que foi o beijo, quando tinha sido ela. Ela retirou seu queixo de sua presa.

– Se queria que me mantivesse afastada, então tivesse sido mais amável e me dizer isso, em lugar de lhe dizer a todo o clã Druidas o que ocorreu.

Fechou os olhos brevemente e suspirou.

– Nunca tive a intenção de te machucar.

– Assim que isso explica o constante antagonismo. – Tratou de tomar uma risada, mas falhou miseravelmente. – Nunca planejei me casar e ter filhos. Inclusive nunca planejei encontrar a meu consorte como o fizeram Fiona e Glenna. Mas, sempre tive a esperança de poder ter algo especial com um homem, só um momento.

– Moira.

– Tive esse momento especial, – disse e ficou de pé. Precisava estar a sós. Para derramar as lágrimas que não desejava que ele visse.

– Está negando que me quer?

Suas palavras a detiveram. Girou-se e lhe olhou.

– Não o negarei. É você o que não me quer.

– Essa não é a verdade. – levantou-se e segurou suas mãos. – Tive que te manter afastada de mim porque se não o fizesse sabia que te tomaria.

Ela baixou o olhar para as grandes mãos que sustentava as dela. Mãos de Guerreiro, filosofou ela. Ela as virou procurando alguma cicatriz, mas não encontrou nada. Isso era estranho.

Dartayous a deixou examinar suas mãos até que se precaveu que ela andava procurando algo. Tirou-as de sua mão e deu um passo mais perto dela.

– O que quer? – Pergunto-lhe ela.

– Quero-te ainda que não deva.

– Por quê? Diga-me o que esta escondendo?

Quase lhe falou sobre sua imortalidade. Em todos os anos tinha guardado o segredo, mas se encontrou desejando dizer a ela. Em seguida o que? Teriam uma vida. E a veria morrer enquanto ele não envelhecia. Inclusive não poderia garantir que não teriam filhos.

– Muitos segredos para falá-los agora, – disse finalmente.

Ela arqueou a sobrancelha.

– Me diga um.

– Nunca dei meu amor a nenhuma mulher.

Estendeu a mão e lhe tocou a face.

– Dá-lo-á alguma vez?

– Não sei se posso dá-lo, – respondeu honestamente. — Tenho minhas razões. E não pergunte por que, – disse quando viu que abria a boca.

– Crê nas pessoas que encontraram a seus consortes?

Ele inclinou a cabeça.

– Como não poderia depois de ver Glenna e Conall e Fiona e Gregor. E você?

–Penso que algumas pessoas, quero dizer, encontram às suas.

– E você não é uma delas? – Terminou por ela.

Ela riu e caminhou para o outro lado do fogo.

– Durante anos escondi meus sentimentos por você. Mantive meu amor em segredo.

As palavras dela foram mais afiadas que uma espada enquanto cortava em rodela sua alma.

– Sou muito velha para tratar de encontrar um marido, – continuou. – E simplesmente não me conformo com menos que com meu consorte. Todos estes anos tinha pensado que era você. Suponho que estava equivocada.

Com passadas longas Dartayous caminhou até a Moira e a levantou até que esteve diante dele. Queria lhe dizer que estava equivocada, que eram consortes. Mas não podia. Seria uma mentira.

– Pensa que eu gosto de saber que estou caminhando sozinho pela terra?
– Perguntou-lhe – Crê que quero te afastar de meu caminho em vez de te sustentar entre meus braços? Crê que alguma vez poderia experimentar com outra mulher o que tivemos ontem à noite?

– Então por que não podemos estar juntos?

– Porque é minha maldição estar sozinho. – Suspirou e deixou cair as mãos de seus braços. – Nada mudará o que sou, Moira.

– E o que é você?

– Um homem sem passado e sem futuro

– Talvez poderíamos mudar isso, – disse esperançosamente. – Confie em mim o suficiente para me dizer seus segredos.

Olhou-se em seus profundos olhos verdes Druida.

– Não posso.

– Do que está assustado?

– De sua reação.

Ela pôs os olhos em branco e bufou.

– Sempre diz o correto. – Cravou os olhos nele um momento – Não há esperança para nós então. Se não houver confiança, então não há nada.

Sabia que a oportunidade de dizer o tinha passado inadvertida, mas era o melhor. Depois que a profecia se cumprisse, deixaria o Vale dos Druidas. Nada do que Frang pudesse lhe dizer o faria trocar de opinião.

O Supremo Sacerdote o tinha mantido ali durante trezentos anos sem respostas a suas perguntas. Era hora de estabelecer-se por sua própria conta.

E ele tinha encontrado o lugar na Ilha de Skye. A ilha chamava sua alma. Seria sua nova casa.

– As lebres estão queimando.

Deu a volta e olhou a comida, certamente estava muito queimada. Com uma maldição rapidamente as tirou do fogo. Apartou uma parte de uma lebre e a deu a Moira.

Comeram sua comida em silêncio. Uma vez que as lebres desapareceram, rapidamente ele ficou de pé.

– Estarei de guarda se me necessitar, – disse-lhe.

Andou ao redor do acampamento uma vez e se dirigiu para detrás de Moira. Quando o acampamento surgiu à vista a viu agachada ao lado do fogo. Começou a correr para ela quando os sons inconfundíveis das lágrimas chegaram a seus ouvidos. Tão silencioso como um gato chegou às escondidas ao acampamento. Necessitava tempo a sós tal como ele precisou. Não podia explicar por que, mas estava entristecido até a mais profunda parte de sua alma.

Capítulo 10

O brilhante sol golpeava a Moira com seu calor. Abanou-se no rosto e desejou que tivesse algumas árvores para repousar debaixo deles, mas tudo o que havia a seu redor eram rochosas colinas e o mar.

Uma vez mais ela e Dartayous não se falavam. Esta vez porque não havia nada mais que dizer. Tinha-lhe confessado seu amor, um amor que tinha mantido oculto inclusive de si mesma até à noite passada. Tinha saído de sua boca antes de saber o que dizia.

Mas tinha sido a verdade. Não podia negar os sentimentos que estavam dentro dela.

Alargou seus passos para tentar seguir a Dartayous. Ele tinha imposto um passo enérgico ao amanhecer e o mantinha. Várias vezes o ouviu murmurar sobre cavalos e só pôde adivinhar que ele desejava algum. Na verdade, não lhe importaria ter um para ela. Perguntou-se se alguma vez chegaria o tempo em que seus pés deixariam de doer.

Mantiveram-se passando ao longo do lago tal como Frang lhes tinha indicado, mas começava a duvidar de suas instruções com cada hora que passava. Há esta hora já deveriam ter alcançado as pedras.

Notou que Dartayous tinha subido ao topo de uma colina e estava parado esperando-a. Era perto do meio-dia pela altura do sol, e supôs que ele queria parar para comer.

– Não pôde encontrar um lugar com mais sombra? – resmungou enquanto se aproximava dele e alcançava o topo.

Ali diante dela na borda da água se encontravam duas pedras gigantescas. – Finalmente, – disse ela quando o alívio a percorreu.

Eles estavam a ponto de empreender a última etapa da sua viagem e não podia começar rápido o bastante para ela. Com uma funda inspiração, silenciosamente agradeceu a Frang e ajustou sua bolsa. As pedras a atraíam como sempre, mas estas duas eram diferentes e queria lhes dar uma olhada mais de perto.

Começou a descer a colina até que se deu conta que Dartayous não estava com ela. Virou-se e o encontrou ainda parado no topo. Era uma figura assombrosa com seu cabelo negro voando na brisa e as montanhas Skye detrás dele.

Mas foi sua mão sobre o punho de sua espada o que a alertou.

– O que acontece?

Sacudiu sua cabeça e devagar levantou sua mão da espada.

— Só me preparo.

Esta vez esperou até que ele esteve a seu lado antes de começar a caminhar para as pedras. Quanto mais se aproximava, mais desejava as ver. Elas se erguiam tão altas como as pedras que formava seu lar no Vale dos Druidas, mas de algum modo também eram diferentes.

Ela alcançou a da direita e pôs sua mão sobre ela. A magia pulsava feroz e real sob sua cabeça. A sua esquerda, separada por aproximadamente

cinquenta passos estava a outra pedra. Dartayous revisou aquela pedra com olho cuidadoso. Virou-se a sua pedra e notou umas marcas tão descoloridas que eram apenas legíveis.

– Dartayous, – chamou-o. – Acredito que encontrei algo.

Ele se aproximou apressadamente e observou o que ela assinalava.

–Mal posso dizer, mas parece ser uma forma de antigas marcas celtas. Pode lê-las?

Assentiu e se inclinou mais perto para conseguir uma vista melhor. Moira saiu de seu caminho e observou como ele passava seu dedo sobre as marcas, sussurrando baixo.

Uma vez que leu ambas as pedras veio e parou a seu lado.

– Bem, parece que a velha estava equivocada.

–As pedras dizem algo sobre a chave? – perguntou ela.

–A chave é um Fae. Sem um deles não podemos abrir o portal.

Ela não podia acreditar na sua sorte.

– Pergunto-me por que a velha nos disse então que nós tínhamos a chave. Não pensei que dissesse tais mentiras.

Foi o silêncio de Dartayous o que chamou sua atenção. Voltou-se para encontrá-lo olhando fixamente para o lago com uma expressão pensativa sobre seu semblante.

Ela foi para sua bolsa que tinha deixado ao lado da pedra e tirou suas duas últimas maçãs. Depois de tirar o pó delas com sua manga lhe deu uma dentada, Dartayous seguia sem olhá-la.

Seus olhos eram distantes. Como se estivesse recordando algo muito antigo. Sabia que tinha algo que ver com seus muitos segredos. Tratou de dizer-se que não lhe importava que ele não desejasse compartilhá-los com ela, mas a simples verdade era que estava ferida.

De algum modo tinha pensado que a noite que tinham acontecido juntos os aproximaria, mas ao parecer era justamente o contrário, distanciava-os. Quão único desejava era afastar-se e poder curar seu coração, mas não era possível. Provavelmente isso não passaria durante muitas semanas ainda.

Se eles conseguissem passar pelo portal.

– Necessitamos um Fae.

– Sei, – disse ela dando uma mordida à maçã. – Aqui, – disse ela e lhe lançou a outra maçã. – Já que todos os Fae foram tomados prisioneiros não parece que vamos ser capazes de passar.

Ele se sentou no chão, mas manteve seu olhar fixo sobre as pedras. Ao cabo de um momento Moira ficou de pé.

– Talvez não se necessite um Fae. Talvez as coisas mudaram desde que as marcas foram gravadas na pedra e a velha tinha razão e nós realmente temos a chave.

Uma sobancelha levantada encontrou suas palavras. Ela fez rodar seus olhos.

– Só me diga o que as marcas dizem.

– Que os Fae são as chaves. Sem eles o portal não se abrirá.

– Já sei isso, – replicou enquanto sua cólera crescia. – O Fae tem que caminhar em uma certa direção ao redor das pedras?

–Não, – disse ele devagar. Inclinou-se para um lado e se apoiou em um braço enquanto tinha o outro cotovelo apoiado sobre seu joelho inclinado.

Pela primeira vez em sua vida ela teve vontades de chutar algo.

– Dartayous. Por favor.

Seus olhos voaram para seu rosto.

– Desculpa. Minha mente está divagando.

– Obviamente, – resmungou sob seu fôlego.

– As marcas dizem que o Fae tem que caminhar entre as pedras.

– É muito simples.

– Não quando não tem um Fae contigo, – advertiu ele.

Ela tomou um profundo fôlego e caminhou entre as pedras. Nada passou. Deu voltas ao redor e olhou a Dartayous.

Ele levantou uma mão e a chamou.

–Ainda está aqui, – comentou ele.

Tragou sua réplica e caminhou para ele.

– Tem alguma idéia?

– Nenhuma.

– Estupendo. Suponho que simplesmente esperaremos aqui então, – disse ela.

Ele ficou de pé e abandonou a maçã. Caminhou até que esteve quase pego às pedras. Ela o olhou com curiosidade porque o medo em seus olhos a surpreendeu. Do que tinha tanto medo? Não tinha sabido que alguma vez ele tivesse tido medo de algo ou de alguém em realidade.

Com uma olhada sobre seu ombro para ela, ele caminhou através das pedras. Ela ofegou quando um relâmpago veio de cada pedra e o perfurou. Correu para ele, mas se deteve quando uma luz brilhante o rodeou e a cegou. Cobriu os olhos com um braço e caiu sobre seus joelhos.

Seu coração martelava com fúria em seu peito. Dartayous estava parado entre as pedras com seus braços abertos enquanto os raios seguiam golpeando-o. Então, tão de repente como começou, terminou.

Ela baixou seu braço quando a luz branca ao redor dele desapareceu. Lentamente, ficou de pé e notou que não era o lago o que ela via através das pedras, se não outro mundo.

Até que Dartayous se voltou para ela.

Uns acesos olhos azuis a olhavam fixamente. Olhos de Fae.

– Você é um Fae. Por que não me disse isso?

– Não soube até este momento.

– Acho difícil de acreditar tendo em vista todas as vezes que estive ao redor dele. Está-me dizendo que Aimery alguma vez soube?

– Se ele sabia, não o compartilhou comigo. Disse-te que havia muitos segredos em mim. Um é minha imortalidade. Estive procurando a resposta a isso durante quinhentos anos. Finalmente tenho essa resposta.

Ela piscou.

– Quinhentos...? Você tem quinhentos anos? – qualquer coisa que tivesse pensado, não tinha sido isso. Não sabia quantas surpresas mais poderia esperar.

Ele assentiu e lhe ofereceu sua mão.

– Vêm. Não tenho idéia quanto tempo permanecerá aberto este portal.

Nem uma vez pensou em rechaçá-lo. Depois de recuperar suas bolsas ela tomou sua mão e cruzou á terra dos Fae. Assim que ambos atravessaram as pedras, o portal se fechou.

– Sabe como voltar? – perguntou ela.

– Estou certo que descobriremos.

Ambos se giraram e observaram o mundo ante eles. Viram um mundo cheio de uma assombrosa beleza. Um céu azul espaçoso sobre suas cabeças, a grama tão verde como se sempre fora primavera sob seus pés, e a temperatura tão suave, que parecia um sonho. Mariposas da todas as cores, formas e tamanhos imagináveis voavam ao redor deles como flores que tinham cansado das árvores. Moira fechou os olhos enquanto muitos gorjeios de pássaros cantando enchiam seus ouvidos.

Abriu os olhos e encontrou uma cascata ao longe no horizonte. Uma ponte conectava uma montanha ao que parecia uma cidade. Era o paraíso.

– Sabe aonde ir? – perguntou Dartayous.

– Desejaria sabê-lo. Suponho que poderíamos tentá-lo para a cidade, – disse ela e assinalou para a ponte.

– Parece um bom lugar para começar.

O fato de que eles eram as únicas almas vivas caminhando entre as terras dos Fae mandava calafrios de apreensão para suas costas. Até agora não tinham encontrado o grande mal que tinha tomado aos Fae, mas ela estava segura que isso estava a ponto de mudar.

Dartayous manteve seus olhos vigiando os arredores e seus ouvidos abertos a qualquer som estranho.

Andaram por um caminho que os conduziu para um bosque coberto de uma espessa samambaia para a montanha. O caminho se transformou em um estreito caminho e houve vezes em que teve que ajudar Moira em sua escalada devido a suas saias. Quando alcançaram a ponte olharam para baixo e encontraram um rio de escuras águas azuis correndo brandamente debaixo deles.

– É lindo, – disse Moira e deu uma olhada pelo lado.

– Mantém-se perto, – disse Dartayous quando começou a cruzar pela longa ponte.

A ponte em si mesmo era feita de uma substância que nunca tinha visto antes, embora ele não duvidava de sua força. Eles estavam a mais da metade do caminho quando um rugido alcançou seus ouvidos. Seus olhos foram ao céu e o que viu o fez duvidar de sua vista.

– Isso é o que penso que é? – Perguntou Moira enquanto agarrava seu braço.

– Acredito que sim. – Ele olhou fixamente a enorme criatura durante um momento, então empurrou a Moira diante dele. – Corre, – gritou.

Eles alcançaram o outro lado e se refugiaram detrás de uma árvore. Ele seguiu olhando o céu incapaz de acreditar o que ele via.

– Isso são dragões, Dartayous. Dragões.

O dragão voou perto deles devagar.

– Sim. Estou certo de que são.

Não podia tirar os olhos do dragão cujas escamas eram da cor de valiosas esmeraldas. Tinha um corpo elegante com uma cauda longa que tinha o que parecia ser um aguilhão na ponta. Era de membros curtos com quatro dedos estendidos em cada pata. Pequenas asas foram de seu ombro até a metade de sua cauda enquanto uma fila de placas espinhosas corria da base do crânio para seu lombo até a ponta da cauda.

O dragão voltou girando ao redor e veio para eles o que lhe permitiu vê-lo de frente. A cabeça do dragão era escamosa e sua boca ocupava a maior parte da longitude de seu rosto enquanto um único corno se projetava em cima de seu nariz. As redondas janelas do nariz estavam localizados muito juntas, enquanto os amplos olhos da cor do pôr-do-sol ardente olhavam para baixo.

– Fiona me contou do sonho de Gregor antes que deixássemos o Vale, mas não pensei que significasse algo, – disse ela quando o dragão passou sobre eles.

Jogou-lhe uma olhada e encontrou seus olhos verdes abertos de medo. Tinham que ficar a salvo em algum lugar.

– Até agora não parece que estejam atacando.

– Eles?

A ascensão de sua voz lhe disse tudo o que ele tinha que saber.

–Vem, – ordenou e a arrastou para as portas da cidade antes que divisasse os outros dragões.

Ela se negou a liberar sua mão enquanto entravam na cidade. Ele manteve um olho sobre o céu e os dragões e outro procurando qualquer sinal que significasse problemas.

Olhou na primeira estrutura a que chegaram, mas a encontraram vazia. Era o mesmo em todas as partes da cidade. Quando alcançaram uma das últimas estruturas ele levou Moira com ele.

– Ficaremos aqui o resto do dia e a noite. Talvez encontremos algo que nos diga como chegar ao castelo do rei, – disse-lhe.

Fechou a porta detrás dele e olhou ao redor. A complexidade da estrutura o assombrou. Isto também chamou a atenção de Moira já que passou suas mãos sobre o intrincado macramé que embelezava tudo na cidade.

– Desejaria ter vindo antes, – disse ela. – Eu teria gostado de ver como são os Fae realmente.

Sorriu e pensou quão fácil encaixaria ela com os Fae. Sua beleza era etérea, tal como o eram os Fae.

Aquele pensamento trouxe outro. Ele era um Fae. Isto respondia tantas coisas, salvo uma. Como é que ele era um Fae?

– Dartayous?

Virou-se para encontrar Moira olhando-o fixamente.

– Passa algo ruim?

Ela sacudiu sua cabeça e caminhou para ele.

– Somente me perguntava como estava. Vê-te como se estivesse procurando algo.

– Respostas.

– Não sabe como te converteu em Fae?

Passou-se uma mão pelo rosto e se afundou em uma cadeira.

– Não. Perguntei a Frang sobre minha imortalidade mais vezes das que posso contar. Ele nunca foi capaz de me dar uma resposta.

– Pensa que ele sabia?

– Não. Não acredito.

– Algum de seus pais é um Fae?

– Não tenho pais, – disse. – Fui encontrado abandonado.

Um as mãos suaves tocaram seus braços quando ela se ajoelhou a seu lado.

– Como Jamie.

Ele assentiu.

– Como Jamie. A única coisa que tenho é este anel, – disse ele e o mostrou – Me disseram que foi deixado na cesta comigo.

Moir olhou o anel. Tinha um par de dragões com rubis no lugar dos olhos. Um devorava a cauda do outro enquanto o outro sustentava uma coroa em sua boca.

– Onde foi encontrado? – perguntou.

– Ninguém parece recordá-lo.

Seu coração sofria por ele porque sabia o que era ter perguntas sem responder em sua vida.

– Se for um Fae então um de seus pais devir ser.

– Um Fae e um mortal não podem reproduzir-se. Ou ao menos é o que me hão dito.

– Não posso imaginar por que seus pais lhe abandonaram. Talvez algo lhes passou e não foram capazes de retornar para ti.

Um pequeno sorriso atirou de seus lábios.

– Pensei sobre cada argumento possível. Nunca poderei saber que aconteceu com meus pais, e devo aceitar isso.

– Chega dessa conversa triste, – disse ela com um sorriso e ficou de pé.

– Conseguimos chegar à terra dos Fae. Vamos dar uma olhada ao redor deste lugar e vejamos o que podemos encontrar.

Segurou-o para pô-lo de pé. O primeiro quarto em que entraram devia ter sido um solar. Uma mesa estava posta ante uma janela com o que parecia um jogo de xadrez em curso.

Depois encontraram os dormitórios. Um era obviamente o quarto principal devido à gigantesca cama e o tamanho mesmo do quarto. A cama tinha uma cabeceira complicada com mais do encantador trabalho de nós ao redor da borda e uma árvore esculpida no meio. Os outros dois quartos eram versões menores da principal. Em seguida encontraram a cozinha. Moira se jogou sobre uma tigela de fruta e tirou uma maçã.

– Estou farto destas, – brincou Dartayous enquanto afundava seus dentes em uma delas.

Moir riu, mas esteve de acordo. Enquanto atacavam a maçã ela olhou ao redor e encontrou um pouco de queijo e frios. Também encontrou um pouco de farinha e se dispôs a assar pão.

Enquanto trabalhava, Dartayous deixou a cozinha e voltou com uns pergaminhos. Sentou-se à mesa e começou a folhear as páginas.

–O que é isso?

–Acho que pode nos conduzir ao castelo do rei, – disse enquanto lia uma página–. Retornei ao solar e revisei o pequeno escritório que estava ali. Apoiando-nos no entorno, quem quer que viva nesta moradia era uma pessoa muito importante.

– Esta é uma moradia mais opulenta que algumas das outras, – concordou ela.

Deixou-o ler e começou a amassar a massa. Não foi até que deixou o pão assando que se deu conta que o céu se obscureceu com a retirada do sol. Deu uma olhada para a janela aberta detrás do Dartayous e viu o céu rajado de várias cores de rosado, púrpura e azul.

– Este mundo não é muito diferente do nosso, – disse ela.

– Exceto pelo fato de que os Fae são imortais.

Sorriu e tomou a cadeira frente a ele.

– Encontrei algo já?

– Pode ser. Aqui, – disse e folheou algumas páginas–, isto menciona o rei e seu tribunal em uma cidade chamada Cair Rhoemyr e estamos no Dun Glamyr. Inclusive encontrei um mapa que mostra onde está a cidade.

Moirá virou para ver o mapa. Ela seguiu seu dedo de onde eles estavam até Cair Rhoemyr.

– Não parece muito longe.

– Não, não o parece. Há duas maneiras de viajar. Podemos ir pelo rio que poderia ser mais rápido, ou podemos ir por aqui, – disse e indicou o que parecia ser alguma espécie de caminho.

Ela levantou os olhos.

– Já que não temos ideia de quão longe está a cidade, poderia ser melhor se viajarmos pelo rio, se é que há navios.

Sorriu abertamente.

– Eu vi navios.

– Então viajaremos pelo rio, – disse e tratou de ocultar seu medo.

– Iremos pelo caminho.

Os olhos de Moira se cravaram nos seus.

– Disse que seria mais rápido pelo rio

– Sim, mas eu preferiria não te ter morta de medo, – disse e elevou a mão lhe sacudindo o nariz. –Tem farinha no nariz.

Seu corpo reviveu ante seu simples toque. Ficou olhando fixamente sua ampla boca e recordando quão maravilhosa que se sentia ter sua cálida língua movendo-se sobre sua pele.

Um grunhido baixo alcançou seus ouvidos. Ela olhou para encontrá-lo olhando fixamente seus lábios. Podia afetá-lo como ele o fazia com ela? Ele poderia desejá-la ainda?

De repente seus intensos olhos azuis se encontraram com os seus. Sua mão se moveu desde seu nariz a sua bochecha até seu pescoço. Ele correu um dedo pelo decote de seu vestido, deixando uma esteira de calor a seu passo.

Fechou os olhos e suspirou. Um prazer puro e profundo se estendeu para seu corpo fazendo que seu sexo lhe doesse pelo desejo de sentir sua masculinidade enchendo-a. A necessidade de tocá-lo era grande, mas ela tinha medo de romper o frágil laço que os sustentava.

Ouviu uma cadeira raspando o chão e seus olhos se abriram e o encontrou inclinando-se sobre a mesa. Pegou-a pelos ombros e a levantou da cadeira para colocá-la sobre a coberta da mesa. Ele se inclinou e faltou pouco para que tocasse seus lábios.

– Você tentaria a um santo, – disse com voz rouca antes de baixar a cabeça.

Justo quando estava a ponto de beijá-la, o rugido de um dragão soou em cima da moradia. Separaram-se subitamente e Dartayous foi para sua espada, enquanto Moira procurava uma arma para si mesma.

– Foi-se, – disse Dartayous depois de olhar pela janela.

– Não estou acostumada a ter dragões vagando pelo céu, – disse. Lambeu os lábios secos e desejou esfolar ao dragão por interromper seu beijo.

Encontrou a Dartayous empacotando as páginas que tinha estado estudando.

– Levaremos o mapa conosco quando nos partirmos na manhã, – disse enquanto o enrolava.

Ele saiu da cozinha para devolver os pergaminhos, e ela se apoiou contra a mesa. Ia necessitar algo mais forte que a água para acompanhar sua comida esta noite.

Capítulo 11

Não tomou muito tempo a Moira procurar a cozinha para encontrar a versão do vinho Fae. Era mais suave que nada que tivesse saboreado antes, e só desejou que tivesse mais disto em seu mundo.

Tinha começado a cortar o pão quando Dartayous retornou à cozinha. Uma vez que o pão, o queijo e a carne fria estiveram numa bandeja, lhe deu a garrafa de vinho e deixou a cozinha.

– E aonde vamos? – Perguntou ele.

Não respondeu, mas entrou na câmara mestra que tinha um balcão que se abria para a cascata. Ela posou abaixo a bandeja e abriu as portas do balcão.

– Quero comer onde possa ver esta beleza, – disse e começou a arrastar a mesa pequena para o balcão.

Ele chegou e lhe tirou à força a mesa de suas mãos.

– Me diga onde a quer.

Ela caminhou até o balcão e assinalou.

– Aqui.

Situou a mesa e retornou com duas cadeiras com almofadinhas enquanto ela recuperava a bandeja e o vinho. Quando retornou, ele já se sentou. Pôs a bandeja no centro da mesa e abriu a garrafa. Então se deu conta de que não tinha procurado taças.

Abriu a boca para dizer algo sobre as taças, mas rapidamente a fechou. O pensamento de compartilhar a garrafa com ele era uma tentação que não podia resistir.

Uma vez que ela agarrou uma fatia de pão e um pedaço de queijo se sentou e esteve inclinada ante a bela cena.

– Realmente poderia me acostumar a viver aqui.

– Hmmm, – foi sua única resposta.

Pela extremidade do olho observou como ele comia e contemplava a cascata. Devia haver algo neste lugar que tranquilizava a todo mundo.

– Quanto tempo crê que temos para encontrar a Aimery e ao resto dos Fae?

– Não sei, – disse Dartayous e agarrou o vinho. Tomou um gole e a olhou.

– O tempo é diferente aqui. O que parece como um dia para nós pode ser uma semana, um mês ou um ano em nosso mundo.

Seu coração despencou para o estômago.

– Não me tinha dado conta disso. Não deveríamos nos haver detido aqui de noite.

Posou uma mão sobre a dela para manter sua presa.

– Tínhamos que fazê-lo. Tínhamos que averiguar onde estamos e aonde vamos. Não conhecemos este mundo. Será melhor viajar durante o dia.

– Tem razão.

E a tinha. Recostou-se e tomou o vinho que lhe deu.

– Bebe.

Sorriu e inclinou a garrafa até seus lábios. O líquido suave passou correndo para seus lábios e se assentou para estalar de sabor. O tragou e deixou que o vinho enchesse seus sentidos. O calor se propagou através dela assim como um sentimento de tranquilidade. Podia ser o vinho... ou Dartayous?

Alcançou um pedaço de carne e acidentalmente tocou sua mão. Ele sorriu e deu a carne a ela. A tomou e fez um intento de não fixar-se em quão bonito ele estava com o desvanecimento da luz do dia.

Seu olhar caiu nas velas ao redor da sala.

– Suponho que deveríamos iluminar isto.

Assim que as palavras deixaram sua boca as velas se iluminaram.

– Bem, sabia que este mundo estava cheio de magia, só que não me precavi de quanta.

Ele riu demoradamente, e ela viu que seu olhar desenhava seu rosto enquanto era iluminada pela luz das velas. A mandíbula escurecida, pelo crescimento da barba de um dia, só parecia fazê-lo mais misterioso, mais masculino. Ela trocou de posição em seu assento quando seu corpo palpitou de necessidade, mas o batimento do coração não acabou, só aumentou com a pulsação de seu coração.

Tomou outro gole de vinho. Quando baixou a garrafa encontrou os olhos de Dartayous nela.

– Não foi até que atravessou o portal que seus olhos se converteram em azuis como os Fae.

– Mudaram? – Perguntou sua testa sulcada ligeiramente.

Assentiu e tomou outra dentada de pão e queijo.

– Parecem-se com os de um Fae. Sente-os diferentes?

– Não em realidade. Sempre tive uma vista assombrosa.

– Todos os Fae que alguma vez vi tiveram o cabelo loiro, mas o teu não o é. Pode ser que algum de seus pais fosse humano?

Ele se encolheu de ombros.

– Não sei. Eu gostaria de dizer que não me importa, mas quero sabê-lo.

Seu coração se rompeu por ele.

– Quando liberarmos os Fae talvez um deles possa te dizer algo.

– Está muito segura de nossa missão, – disse enquanto girava a cabeça para olhar para fora.

– Estou. Tenho ao melhor Guerreiro Druida a meu lado. – Sua voz transmitiu tal convicção que atraiu o penetrante olhar. Dedicou-lhe um pequeno sorriso e estava feliz de ver que o devolvia.

– Então suponho que é melhor não falhar, – brincou ele.

Riu e bebeu mais vinho. O vinho a fazia desinibida, mas não lhe importou. Pela primeira vez em sua vida ia fazer o que queria, da maneira que queria.

– Acredito que nunca brincou comigo.

Ele agarrou um pedaço de carne e o apresentou. Tentou alcançá-lo, mas ele o retirou.

– Não. Abre a boca.

Suas palavras a deixaram sem fôlego. Abriu a boca e ele colocou a carne sobre sua língua e moveu o polegar sobre seus lábios.

Ela tomou o dedo em sua boca e formou redemoinhos com a língua ao redor do ele. Um sorriso suave atirou de seus lábios enquanto ele retirava o dedo.

– O que devo fazer contigo? – Perguntou ele brandamente.

Ela se encolheu um ombro.

– Há muitas coisas nas quais que posso pensar.

Colocou a mão direita a sobre a mesa, e ela a alcançou e acariciou a tatuagem. Já não lhe importava aonde ele havia as conseguido. Era suficiente que estivessem juntos.

Segurou-lhe a mão e a puxou da cadeira. Levantou-se e lhe permitiu que a levasse para ele. Quando esteve perto a abraçou pela cintura e a sentou em seu colo.

Músculos grossos e musculosos se encontraram com seu traseiro, mas era o calor que irradiava dele o que lhe roubou o fôlego. Seu coração correu, e agora ela não, tivesse sido capaz de sustentar-se sobre suas pernas se o tivesse pedido. Mas ele a desejava. Podia ver claramente em seus olhos.

Ele levou uma de suas mãos para seus lábios e beijou cada dedo. Em seguida lhe reteve o dedo indicador com a boca e começou a chupá-lo.

Moira quase saltou de seu regaço com as sensações que lhe provocou. Agarrou-se a seu ombro com a mão livre e deixou que seus olhos se fechassem enquanto ele amavelmente chupava e em seguida formava redemoinhos com a língua ao redor de seu dedo. Para sua desilusão, ele se tirou o dedo da boca.

Seus olhos se abriram repentinamente quando sentiu suas mãos no cabelo. Olhou-o de maneira interrogante, mas ele só sorriu.

–Quero ver este magnífico cabelo solto.

Uma pequena emoção a transpassou. Ele pensava que seu cabelo era magnífico. Mordeu os lábios para ocultar o sorriso de satisfação, mas não ajudou.

Percorreu-lhe o rosto com suas mãos, a espetada de sua mandíbula não barbeada lhe fazia cócegas na palma. Havia muitos lugares que queria tocar enquanto ele a tocava por sua vez.

E por que não posso?

De fato, por que não podia?

Sabia que o vinho a tinha feito mais audaz, mas não lhe importou. Levantou-se sobre seus pés enquanto as mãos viajavam até seu pescoço. Embora as mãos lhe tremiam, conseguiu lhe desatar o colete e empurrá-lo sobre seus ombros. Jogou-o para trás enquanto ele, com suas mãos, estendia-lhe o cabelo sobre o ombro.

Ela se baixou primeiro de um joelho logo depois no outro. Os olhos se empaparam da beleza do esculpido peito e do estômago ante ela. Não foi a não ser um segundo mais tarde que suas mãos o tocaram.

Suave, morno, forte. Isso é o que encontraram suas mãos quando lhe tocou. Mas não era suficiente. Umedeceu os secos lábios e se inclinou para colocar beijos em seu peito.

Ele aspirou o fôlego quando sua língua roçou seu mamilo. Ela escondeu seu sorriso e o repetiu no outro mamilo. Apertou-lhe os ombros, mas não a apartou.

Voltou-se mais atrevida a cada momento. A boca dela lambeu, chupou, beijou e mordeu cada centímetro de pele que podia alcançar. Não foi até que passou a mão à coxa quando roçou seu membro grosso.

Seu corpo se debilitou com a necessidade. Pôs sua mão em cima de seu membro e o sentiu saltar a seu toque provocando que seu sexo se cobrisse de umidade. Ela o queria sem calças, mas não desejava pôr fim a sua exploração ainda. Beijou-o com o passar do estômago até que chegou ao bordo das calças.

Olhou para cima e o encontrou olhando-a atentamente, sua boca ligeiramente aberta e sua respiração áspera. Todo o tempo percorria com a mão sobre sua vara enquanto se inchava e saltava com seu toque.

Dartayous não podia suportar mais da deliciosa tortura. Agarrou-a pelos ombros e a arrastou até sua boca. Apanhou-a em um profundo beijo. Sua língua se bateu em duelo com a sua enquanto continuava esfregando as mãos ao longo de seu aumentado membro.

Ele gemeu e quis muito afundar-se nela nesse mesmo momento. Em lugar disso, beijou-a outra vez com pequenos beijos provocando-a com sua língua e seus lábios até que lhe rogou que tomasse sua boca completamente.

– Por favor, – implorou-lhe quando ele evitou sua boca outra vez.

Pô-lhe as mãos a cada lado do rosto e a capturou em um beijo tão feroz que estava seguro de que sua alma suspirou. Ou talvez fosse a sua. Tão inocente como era, ela tinha a habilidade de lhe tirar a respiração com um só beijo.

Para sua surpresa, seus dedos começaram a desatar suas calças. Rapidamente se levantou e a trouxe para ele. Contemplaram-se um ao outro durante um momento. Seus olhos verdes estavam cheios de paixão. E... de alguma outra coisa.

Queria lhe dar agradar como nunca antes tivesse conhecido. Os dedos dela o distraíram lhe percorrendo os braços e o peito. Tomou-a pela mão e a guiou até a cama onde a sentou.

Enquanto lhe observava, ele tirou as botas e as calças. Seus olhos se abriram quando seu membro surgiu livremente. Moveu-se até situar-se a seu lado, e quando ele tratou de alcançar os cordões do vestido, lhe deteve.

Durante um momento pensou que ia rechaçá-lo. Observou como levantava um pé da cama e se tirava um sapato. Levantou seu vestido lentamente até que a parte superior de sua meia fosse visível. Em seguida lentamente rodou a meia até seu tornozelo e a tirou de seu pé.

Ele tragou enquanto seu desejo aumentava. Não tinha nem ideia de quão tentadora era, e, entretanto, estava brincando com ele, malvadamente. Viu pelo brilho de seus olhos verdes que sabia exatamente o que estava fazendo.

Ela repetiu o processo com a outra perna. Em seguida, endireitou-se e alcançou os cordões do vestido. Tirou os braços e deixou que formasse um atoleiro a seus pés.

Encontrou-se a boca seca enquanto a contemplava nada mais que com sua fina regata. Suas mãos começaram a recolher o material lentamente enquanto avançava pouco a pouco para cima. Ele deu um passo para ela, mas ela o deteve.

– Não. – Falou brandamente, mas com bastante força que ele soubesse que realmente queria fazer isto.

Ele sorriu, os olhos sobre a prega da regata enquanto a levantava centímetro a centímetro comovendo seu coração ao lhe mostrar seu precioso corpo. As velas emitiam um brilho quente sobre a pele já exposta para ele. Primeiro o cativaram as longas e magras pernas, e em seguida a união da suas coxas e os cachos muito loiro que ocultavam seu sexo.

Depois veio o brilho dos quadris e do estômago que ele desejava beijar. E antes de sabê-lo se tinha tirado o vestido e permanecia tão nua como ele.

Permitindo que seus olhos se deleitassem com os cheios peitos. Os rosados mamilos que se endureceram ante seus olhos e era tudo o que podia fazer para não atirá-la sobre a cama e afundar-se nela.

Ela deu um passo para ele e caiu de joelhos. A boca quente plantava beijos em sua coxa e acariciava seu testículo. Entretanto, ao único lugar no que queria sentir sua boca ela não se aproximou.

Estava a ponto de agarrá-la para pô-la na cama quando suas mãos brincaram com suas bolas e sua boca agilmente acariciou sua virilidade. Ele gemeu e afundou as mãos em seu cabelo. Ela se voltou mais atrevida e passeou sua língua ao longo dele antes de tomá-lo em sua boca.

Dartayous fechou os olhos quando o prazer puro fluiu através dele. Sua boca quente e escorregadia o levou a beira da inconsciência. Entretanto se conteve porque ela ainda não tinha obtido nenhum prazer.

Por muito que desejava que seguisse tocando e beijando sua palpitante vara, sabia que seu controle se mantinha por um fino fio. Puxou-a para cima e tomou entre seus braços colocando-a sobre a cama.

Moirá sorriu enquanto punha todo seu peso sobre ela.

– Eu gosto da sensação de te ter sobre mim.

– Você gosta? Que mais você gosta?

– Seus beijos. Fazem-me esquecer de tudo menos de você. – Ele rastreou sua boca com sua língua.

–Isso é tudo?

–Eu gosto da forma em que suas mãos e sua boca despertaram à mulher que há em mim. Mas sobre tudo eu gosto de te tocar, sentir seu poder sob minhas mãos.

Ele gemeu e beijou sua clavícula.

– Todas essas coisas?

– E mais.

– Mais? – Perguntou e levantou o pescoço. – Não acredito que haja mais.

Ela sorriu e moveu as pernas até que as enrolou ao redor de sua cintura.

– Tem isto, – disse quando a ponta dele entrou nela.

–Por todos os Santos, – disse enquanto ela balançava seus quadris e o atraía mais profundo dentro dela.

– Somos bons nisto.

– Somos bons nisto juntos, – corrigiu-a.

Tudo o que queria era senti-lo dentro dela. Não mais brigas, não mais segredos.

Só o prazer que se davam um ao outro.

– Me dê o céu outra vez, – disse ela em seu ouvido enquanto ele começava a empurrar dentro e fora dela.

A tensão se fortalecia mais e mais apertada dentro dela com cada impulso que ele dava.

De repente se retirou dela e se recostou. Ele tomou suas mãos e a devorou até que a montou escarranchado sobre ele, seu membro eles entre.

Ela elevou uma sobrancelha lhe perguntando o porquê. Suas mãos se estenderam ao longo de sua cintura e a levantaram até que sua virilidade se encontrou com seu sexo. Então muito lentamente ele a baixou até que o pôde sentir contra seu útero.

A respiração lhe entupiu na garganta quando o sentiu. Quando sua mão se moveu da cintura até o peito, ela suspirou deixando cair para trás da cabeça enquanto sua mão amassava seu peito antes de rodear o mamilo entre seus dedos.

Seu sexo pulsou e se apertou, e ela ouviu a aguda inspiração dele. Ela balançou seus quadris, amando as sensações que se derramavam através dela.

Antes que ela pudesse mover-se outra vez, Dartayous fechou seus braços ao redor dela e começou a empurrar dentro dela. O batimento do coração em seu sexo se intensificou enquanto ela construía seu clímax.

– Vem comigo, – disse enquanto ele empurrava mais forte.

Abriu os olhos quando ele elevou a voz e sentiu o estremecimento dele. O mundo estalou enquanto o corpo explodia com tremores de prazer.

– Sim, – ela concordou depois que seu corpo foi consumido e caiu sobre a cama. – Juntos somos bons nisto.

Sorriu e colocou sua cabeça ao lado da dela. Não se queixou quando ele se moveu a seu lado e a levou com ele. Aconchegou-se contra ele, com seu coração sob seu ouvido.

Através do balcão ela podia ver o céu noturno e as estrelas que brilhavam intermitentemente. De vez em quando ela podia ver a forma de um dragão.

* * * *

Lugus sorriu e olhou à Theron e Rufina. Ele os tinha colocados a ambos os lados do trono.

– Ela está aqui.

– Quem? – Perguntou Rufina.

Seus olhos fustigaram a seu irmão. Tinha liberado a voz presa Rufina, mas não a do Theron.

– Minha rainha. Sua nova rainha.

Os olhos de Rufina brilharam de fúria

– Quem é ela?

Lugus riu.

– Deveria sabê-lo. Ela é uma de suas favorecidas.

– Não tenho nem idéia, – disse Rufina e o olhou intensamente.

– É Moira.

Os olhos de Rufina o apunhalaram.

– Não o diz a sério.

– OH, mas o faço, – disse e ficou diante da Rufina. Ele estendeu a mão e acariciou sua figura. Pela extremidade do olho observou que os olhos de Theron brilhavam violentamente.

– Ela nunca mudará de opinião. Tem um coração puro.

– Um coração que posso desencaminhar, – declarou Lugus. – Se esquece que estive com ela muitos anos. Ela esteve sozinha e esquecida. Posso-lhe dar tudo o que ela alguma vez desejou.

– Dar-lhe-á sua morte, – disse Rufina.

– Não sabe nada, – disse ele. – Me pergunto o que é que vi alguma vez em ti. Desde perto não é tão bela como uma vez pensei.

– Minha beleza não tem importância. Vai arruinar o mundo em que vivemos durante milhares de anos.

– Sei, – rugiu ele. – Se esquece que estive nesse escuro inferno durante dezenas de milhares de anos? Uma escuridão da qual nenhum retornou antes.

Foi recompensado ao vê-la baixar os olhos. Ele deu um passo mais perto dela e falou baixinho:

– Tenho mais poder de que poderia sonhar.

– Não quero poder.

– Mentirosa, – disse-lhe. – Poderia te tomar agora e não há nada que pudesse fazer a respeito.

Seus olhos foram para Theron.

– Não foi culpa de Theron porque fora arrojado à escuridão. O que fez te condenou.

– Ele poderia ter feito algo. – A Lugus não gostou da mudança de tema. Trazia para o presente lembranças dolorosas que atormentavam seu sonho.

– Os anciões tomaram a decisão. Estava fora de suas mãos.

– Porque os anciões o escolheram ao invés de mim.

– Eles sabiam o que tinha feito. Foi um parvo para pensar que poderia ocultar isso deles. –

Ele riu e caminhou para Theron.

– Um parvo, sou-o? Talvez, mas serei eu quem governa este reino assim como também o mundo humano, – disse enquanto tirava uma adaga de sua cintura.

– Não o faça, – implorou ela.

– Não faça o que? Isto? – Perguntou e esfaqueou com a adaga através do peito de Theron. O sangue fluíu e escorreu por debaixo da branca e chapeada túnica de Theron.

– É uma vergonha realmente que nós possamos morrer tão facilmente. Pensaria que com todos nossos poderes seríamos capazes de deter a morte.

– Por favor, Lugus. Farei qualquer coisa.

Percorreu com o olhar a Rufina.

– Não há nada que possa me dizer para impedir que mate a Theron. Cedo ou tarde. Até então o torturarei à vontade.

Capítulo 12

Moira despertou ante um tentador dedo que percorria acima e abaixo seu braço e enviava deliciosos tremores para seu corpo. Sorriu e se aconchegou mais perto de Dartayous.

Abriu os olhos e viu sua mão direita enlaçada com a sua. Onde usualmente estava sua tatuagem de pássaro não havia nada. E se não era Dartayous quem estava a seu lado, então quem era?

Enquanto tratava de parar de tremer se elevou lentamente sobre seu cotovelo. O que viu fez que seu sangue corresse fria de temor. Olhando-a fixamente com um conhecido sorriso estava William, o Druida que tinha tratado de matar a suas irmãs, e o homem que esteve disfarçado como um Druida durante anos quando de fato ele era um Fae.

Olhou-o como se supunha que era, um Fae não um Druida que tinha usado magia para ocultar seu aspecto. Seu cabelo loiro escuro se esparramava sobre o travesseiro enquanto sua mão seguia acariciando seu braço.

Tinha a testa alta e as sobrancelhas loiras e retas. Seus olhos eram do intenso azul dos Fae. Eram mais escuros, mais mortíferos, mas ainda assim azuis. Tinha os ossos das bochechas altos, um nariz reto e magro e uma boca ampla e cheia.

Um olhar para baixo mostrou que estava tão nu como ela. Sua forma era agradável, mas nem de perto tão musculosa como Dartayous. Tinha dedos largos e magros que não deixavam de tocá-la.

– Vê-te formosa com seu cabelo revoltado e seus lábios inchados para meus beijos.

Ela começou a tremer. Certamente não tinha sido enganada.

Dartayous tinha passado o portal com ela. Certo? Era difícil estar segura já que ele tinha estado atuando de maneira diferente.

– Quem é? – perguntou enquanto se sentava e retrocedia para afastar dele.

– Você me conhece como William. Meu verdadeiro nome é Lugus. Conhecer-me-á como senhor, rei e marido.

Seguiu retrocedendo até que caiu da cama. Seu traseiro lhe produziu uma dor lhe queimem ao aterrisar sobre a pedra dura, mas lhe emprestou pouca atenção enquanto ficava de pé.

– Se afaste de mim. – Manteve as mãos em alto para adverti-lo, mas ele somente sorriu e lentamente se levantou da cama.

– Sei o que está sentindo.

Ela sacudiu sua cabeça tão bruscamente que seu cabelo voava frente a seu rosto.

– Você não sabe nada.

– Eu sei tudo. Conheço seu mais profundo, mais escuro segredo. Que tratava de ocultar inclusive de si mesma. Não pode fugir de mim. Encontrar-te-ei neste reino ou no teu. – Seus olhos se encheram de lágrimas ante o desespero que a invadiu por ouvir suas palavras. – Não te quero, – gritou.

Ele riu e a agarrou pelos braços. Ela não se deu conta de quão rápido podia mover-se até esse momento. Tinha sido uma idiota para pensar que poderia se afastar dele. Com sua última gota da coragem tratou desesperadamente de arrancar seus braços de seu apertão de ferro.

Sua risada enchia o quarto. Ela se cobriu os ouvidos e caiu no piso lhe gritando que parasse. Ele começou a sacudi-la. Quando isto não deu resultado ele tirou suas mãos de seus ouvidos e a chamou.

– Moira!

Com seu coração ainda palpitando com temor deixou de gritar e escutou. Ela tratou de acalmar sua respiração, mas o medo não a abandonava.

– Moira.

Seu nome, era sussurrado tão brandamente que teve medo de abrir os olhos. Conhecia aquela voz. A profunda e dominante voz que sempre tinha amado.

Esta vez ela tampou os olhos. Negou-se a abri-los e ver o rosto de Lugus em vez de Dartayous. Seu coração não podia saber que tinha sido enganado da maneira mais mortal.

Uns braços fortes a atiraram contra seu musculoso peito. Ele beijou o topo de sua cabeça e com cuidado a balançou até que sua respiração se acalmou. Havia algo sobre o movimento que lhe trouxe uma lembrança longamente enterrada do homem que a tinha resgatado do quarto de seus pais aquela noite faz já tanto tempo quando eles foram assassinados.

– Foi você que me tirou de minha casa.

Dartayous permitiu que seu coração se acalmasse ante suas débeis palavras. Não sabia o que lhe tinha passado quando se despertou em seus braços, mas o que fora que tinha perturbado sua mente já se foi.

– Sim, – respondeu ele. – Fui eu.

– Por que nunca me disse isso?

– Não pareceu importante. Quão único importa é que sobreviveu.

Moira inclinou sua cabeça até que ele cravou a vista em seus olhos verdes de Druida.

– Desejaria ter sabido que foi você todos estes anos.

– Isso não importa agora.

Ela suspirou e baixou sua cabeça.

– O que passou faz um momento? Agia como se alguém se apropriou de seu mente.

Ele esperou durante um batimento de coração, dois antes que finalmente respondesse.

– Não estou realmente segura.

Tinha na ponta da língua lhe dizer que sabia que ela mentia, mas pensou melhor. A confiança nunca tinha vindo facilmente eles entre. Era algo que eles teriam que começar a trabalhar a partir de agora.

Diria quando começasse a confiar nele. Até então, simplesmente teria que morder a língua. Envolveu-a em seus braços enquanto seu olhar se fixava no lar vazio. Começaria ela a confiar nele a tempo para lhe ajudar a lutar contra este novo demônio?

Recolheu-a e a levou a cama onde a cobriu com a manta, mas não se deitou a seu lado. Sentiu que não o desejava com ela, e ele necessitava tempo para pensar sobre o que ela havia dito enquanto quem quer que seja tinha agarrado sua mente.

Quando sua respiração lhe indicou que dormia, vestiu-se e em seguida foi procurar o vinho e bebeu um profundo gole. Ela tinha perguntado qual era seu nome. Isto queria dizer que não conhecia quem estava olhando. Ou sim?

Nenhum deles conhecia o nome do Fae que tinha encarcerado a outros. Poderia ter sido ele quem visitou Moira? William o tinha chamado ela, o Druida que tinha enganado a todos durante anos.

Dartayous apertou seus punhos e saiu ao balcão. Era sua primeira visita neste reino e já tinha aprendido muito, pelo menos a parte que dizia que nada era o que parecia.

Um grito, agora familiar, rasgava o ar sobre ele. Olhou para cima e observou como o dragão voava sobre ele. Já não os temia. Eles o tinham visto e não tinham atacado. Entretanto ainda os vigiaria.

Sentou-se em uma das cadeiras e apoiou os pés sobre o balcão. O rugido da cascata acalmava o de pânico sobre ele. Não importava quantas vezes pensasse sobre o que Moira havia dito enquanto sua mente tinha sido tomada, nada tinha sentido. Ela não havia dito nada para lhe dar uma pista a respeito de quem era.

Quando os primeiros raios de sol passaram os picos das montanhas e entraram no quarto, parou e começou a se preparar-se para a viagem próxima.

Entrou na cozinha para ver o que poderia encontrar como comida e empacotou tudo o que pôde. Quando retornou ao quarto Moira já tinha despertado e se vestia. Ela sorriu enquanto terminava de trançar o cabelo.

– Dormiu bem? – perguntou ele enquanto se salpicava água no rosto, da tigela ao lado da cama.

Ela assentiu.

– E você?

– Sim. Está preparada? Temos um longo caminho.

Ela parou e recolheu sua bolsa.

– E não temos idéia da data em nosso mundo. É melhor retornar a tempo que chegar tarde.

Ele assentiu e abandonaram a moradia. Ficaram parados lá fora e olharam a cidade ao redor deles.

– Para onde? – perguntou ela.

– De volta pela ponte.

Quase pôde ouvir seu gemido quando ela olhou a ponte e a água debaixo.

– Ficar bem. Não deixarei que nada te aconteça.

– Espero que esteja certo.

Quando lhe deu as costas ele se permitiu sorrir ante suas palavras. Um olhar ao céu mostrou outro dia claro. Seus dedos sentiram o mapa dentro de seu colete. Tinha memorizado o mapa no caso de se passasse algo, mas e se algo acontecia à ele?

– Moira, – chamou-a. Alcançou-a e lhe deu o mapa. – Guarda isto.

– Não o necessitará?

– Memorizei-o. Deve guardá-lo em caso de... – Não pôde terminar as palavras.

A boca de Moira mostrou preocupação.

– Em caso que algo te aconteça, – terminou ela. – Mas nada te acontecerá.

– Só por precaução

Ela assentiu e pôs o mapa em sua bolsa antes de caminhar para a ponte. Ele fechou os olhos e inspirou profundamente. Ele sozinho rezava para que fosse capaz de levá-la de volta a seu reino, mas tinha a sensação de que seriam muitos os obstáculos que teriam que vencer. A algum dos quais pudesse não sobreviver.

Moira apertou as mãos e olhou para o céu. Nenhum dragão à vista esta manhã. Fixou seu olhar para a ponte e obrigou suas pernas a andar. Isto era realmente um custo, mas ao menos estavam se movendo.

Podia ouvir Dartayous rindo em silêncio atrás dela, mas não se preocupou. Bem podia imaginar-se quão parva parecia.

– Só espero que não haja muitas mais pontes como esta, – disse ela quando alcançaram o outro lado.

–Eu prefiro ter uma ponte que tentar atravessar um rio.

Ela gemeu.

– Não tinha pensado nisso. O que diz no mapa?

Quando ela começou a buscá-lo ele agarrou sua mão e a apressou detrás dele.

– Temos que seguir, – disse-lhe.

O que significava que havia mais pontes ou um rio à nadar. E nenhum era um conhecimento bem-vindo.

A paisagem não se parecia com nenhuma que tivessem visto alguma vez. Moira não podia deixar de observar as flores. Tinha pedido para parassem olhar, mas Dartayous havia dito que tinham que seguir movendo-se.

Quis argumentar que uns momentos não lhes fariam mal, mas não o fez. Nem sequer quando descobriu o que parecia uma rosa da uma delicada cor lavanda. Passaram caminhando perto o bastante para que ela pudesse notar que não tinha nenhum espinho.

A decepção a enchia. Ela tinha pensado que poderia conhecer pelo menos uma das espécies de flores. Este mundo era completamente diferente do dela.

Eles seguiram o rastro que marcava o caminho a Cair Rhoemyr, a cidade onde o rei mantinha sua corte. Enquanto caminhavam viram muitos pássaros similares aos próprios. Inclusive vislumbrou um pequeno cervo.

Quando se detiveram para almoçar ela se sentiu acalmada pela suave brisa que se movia entre as gigantescas árvores. Já que não tinha conseguido dormir muito, teve muita vontade de fechar seus olhos e deixar que a natureza curasse sua mente e sua alma.

Desejava confiar em Dartayous, mas e se não era quem pensava que era? E se não era realmente Dartayous? O verdadeiro Dartayous não teria deixado de

discutir com ela ou aguilhoá-la. O verdadeiro Dartayous a teria evitado como uma praga e não teria compartilhado seu corpo com ela.

Mas seu coração lhe dizia que era Dartayous, e que as pessoas realmente mudavam.

Seu olhar o encontrou de pé não longe dela, explorando a área com seus olhos com uma mão no punho de sua espada. Um verdadeiro guerreiro.

Quando fechava os olhos ainda podia vê-lo como estava ontem à noite, de pé, alto e nu enquanto caminhava para ele. Tinha-lhe permitido fazer coisas que ela não teria pensado que pudesse fazer, ainda assim ela as fez. E queria fazê-las outra vez.

Inclusive agora, com a dúvida de que fora realmente ele quem estava com ela, queria o ter enchendo-a de novo. Nunca era suficiente. Seu corpo se fez viciado nele.

Sustentou o odre e bebeu. A noite passada tinha sido o momento perfeito para falar de seu futuro quando partissem daqui. Em troca tinha encontrado a Lugus. Por que a queria? Ela não era nada especial. Seus poderes não eram nada comparados com os dos Fae. Não tinha sentido que ele a escolhesse ao invés de alguma Fae.

Apesar disto sentiu uma comoção ao pensar que ele realmente a desejasse ao invés de uma Fae. A comoção de que poderia haver algo especial a respeito dela, um pouco mais especial do que um Fae possuía.

Logo que aquele pensamento entrou em sua cabeça o desprezou. Era tolo. Aqueles pensamentos podiam minar tudo o que ela e Dartayous estavam tratando de obter. Ela teria que parar esses pensamentos no futuro.

Subiu os olhos para encontrar a Dartayous olhando-a.

– Tudo bem? – perguntou.

– Sim, – disse ela e lhe sorriu. Seu rosto não mostrava nenhuma emoção para o que ela não pôde dizer se o tinha enganado ou não.

– Então sigamos em frente. Eu gostaria de encontrar algum refúgio nas montanhas antes que escureça.

Ficou de pé e começou a segui-lo só para encontrá-lo sustentando uma adaga para a folha e oferecendo-lhe.

– O que é isto? – disse ela enquanto tomava a adaga curva.

– Nós nunca podemos estar muito preparados.

– Você percebe algo. – Não era uma pergunta e ambos sabiam. – Me diga.

– O mal interrompe a paz deste reino. Não sei o que haverá à volta do caminho. Preferiria que estivesse protegida caso não possa usar seus poderes.

– Tem razão. – Ela tirou de sua mão a bainha da adaga e levantou suas saias. Atou-a no exterior de sua panturrilha direita e embainhou a adaga. Estaria a fácil alcance ali.

Ele assentiu e se inclinou para lhe dar um beijo rápido.

– O que foi isso? – Ela sabia que tinha um sorriso tolo, mas não se preocupou.

– Espero que possamos recuperar a confiança que deveria ter estado entre nós antes mesmo que deixássemos o Vale dos Druidas.

– Porque quer um futuro comigo? – Não podia ocultar a esperança em sua voz.

Deu um passo para ela e tocou brandamente sua bochecha, seus olhos de Fae contendo nada mais que tristeza e desespero.

– Não pode haver um futuro para nós. Eu nunca deveria nos haver permitido compartilhar nossos corpos.

– Só para tê-lo claro, – disse ela enquanto se inclinava e arrancava uma pequena flor branca da terra. Não queria que ele soubesse quanto se cravaram em seu coração suas palavras. – Por que não podemos ter um futuro?

– Sou imortal. Que tipo de futuro podemos ter?

Conteve as lágrimas e sorriu.

– Obrigado para me recordar isso. Tinha-o esquecido, – disse e caminhou deixando-o atrás.

– Esquecido o que? – perguntou ele quando a alcançou.

– Tinha esquecido como podiam ferir suas palavras. É bom saber que não mudou.

Agarrou seu braço e a parou.

– Eu mudei.

– Sim. Descobriu que é um Fae. – Não disse o que realmente a preocupava, que uma fêmea Fae poderia atraí-lo.

Distanciou-se dela.

– Eu posso ter mudado depois que descobri isso, mas é você que realmente sofreu uma verdadeira mudança. Você, que nunca mostrou muita emoção, não posso imaginar que me virá depois. Estará feliz, triste, zangada ou o que?

– Sua tarefa era conseguir me trazer para o reino dos Fae. Já o tem feito. Por que não retorna a nosso mundo? Não te necessito, – exclamou e girou para afastar-se.

Sua risada a parou em seus passos.

– Você pensa que sabe tudo.

Deu-se volta para ele lentamente.

– E de que me sirva me dizer aquilo que não sei?

– Não pode liberar os Fae você sozinha. Necessita-me.

Ela piscou. E esperou. Realmente podia havê-lo ouvido corretamente?

– Como? – encolheu-se de ombros.

– Frang não o diria. Só me disse que eu teria que te ajudar a encontrar e liberar os Fae.

– Não te acredito.

– Não me importa se o faz ou não, – disse e caminhou adiantando-se.

Olhou como ele se afastava mais e mais rápido dela. Como poderia Frang haver dito isso a Dartayous, mas não a ela? Sabia Frang quão orgulhosa era? Que ela queria fazer isto sozinha?

Deve ser isso. De algum modo Frang tinha sentido o que havia nela. Limpou uma lágrima solitária que escapou. Todos, incluindo suas irmãs, pensavam que era uma pessoa perfeita.

Quão equivocados estavam. Amava ser um Druida, mas queria ser a esposa de um lorde e ter um lar. Queria fazer algo tão maravilhoso que fora tomada a sério.

Ah, os Druidas a tratavam amavelmente já que ela era parte da profecia, mas não a tratavam como um Druida de seu tipo deveria ser tratado, porque eles temiam seus poderes. Seu orgulho era o que a tinha metido em problemas durante toda sua vida. Se não tivesse abandonado a Fiona para encontrar a Glenna, ela e Fiona não teriam sido separadas, mas tinha querido relegar sua irmã. Ela havia dito nesse momento que devia fazer o que seu pai lhe tinha pedido, mas isso era só uma parte disso.

Seus pés começaram a andar lentamente detrás do Dartayous. Quantas vezes tinha observado no mirante a Conall e Glenna e tinha invejado a vida que levavam juntos? Glenna era a senhora do castelo e era tratada com muito respeito.

Moirá manteve sua cabeça mais alta e caminhou mais rápido. Não poderia ser nunca uma senhora do castelo, porém faria esta façanha sem Dartayous.

Se Dartayous não estivesse realmente diante dela de qualquer modo.

Capítulo 13

Dartayous chiou os dentes. Precisamente que queria dizer Moira que ele não tinha mudado? É obvio que não tinha mudado, mas lhe tinha induzido a acreditar que ela pensava que ele tinha trocado.

Sua cabeça começou a pulsar nas têmporas com cada passo que dava. Sabia que deveria deter-se e que a deveria esperar, mas seu temperamento tinha sido desatado, e não confiava em si mesmo perto dela agora mesmo.

Mas não podia continuar sem ela. Voltou-se e não a encontrou longe de onde a tinha deixado. Parecia perdida como se não pudesse decidir-se onde ela precisava ir. Começou a chamá-la quando um dragão rugiu por cima dele.

Seu olhar foi para o céu. Esta vez pôde detectar as escamas negras no corpo do dragão voando tão baixo. Dartayous teve o pressentimento de que os dragões também desempenhavam uma participação em seu papel aqui, mas ele não estava a ponto de dizer disso a Moira.

Olhou-a e a encontrou acurrada ao lado de uma árvore, com as mãos sobre seus ouvidos. O terror apertou em seu estômago. Correu para ela e a obrigou a olhá-lo.

– Me olhe, Moira. Quem sou? – Perguntou-lhe. Ela baixou lentamente as mãos.

– Dartayous.

– Não tenha medo dos dragões. – Suspirou e a puxou para que viesse atrás dele. – Vem. Não temos tempo para discutir.

Seguiu-lhe, mas ali não havia nenhum mal-entendido sobre o fato de que ela mantinha a distância eles entre. Tornou-se tão repulsivo que não podia estar perto dele? O que tinha feito ele além de ocupar-se de sua segurança?

Afastou esses pensamentos de sua mente e se concentrou no que estava diante deles. Não duvidava que encontrariam a malvada força que havia se apoderado desse mundo uma vez que alcançassem Lunadell. Moira estaria em perigo então, e ele teria que manter-se engenhosamente ativo para conseguir tirá-la com vida daqui.

Um olhar sobre seu ombro enquanto se deteve para examinar o terreno em busca de indícios da viagem lhe assinalou que Moira não estava perto dele. Chateou-lhe, mas seu orgulho lhe manteve perguntando o que ela tinha feito.

Era melhor desta maneira, disse a si mesmo. Não podiam ficar juntos. Dartayous não se permitiria vê-la morrer. Era a razão para a que tinha decidido deixar aos Druidas. Tornou-se muito preciosa para ele.

Muito preciosa.

Sacudiu a cabeça para esclarecê-la e se manteve de pé. Tinham que subir ao topo de uma pequena colina antes de alcançar a base da montanha. Se tivessem sorte e realizassem bem o trajeto poderiam alcançar o topo da montanha ao anoitecer.

Sem uma palavra a Moira, começou a subir a íngreme colina. Havia vezes que ela necessitava ajuda, mas não a pediu. Ele continuou, mas se manteve o suficientemente perto para poder chegar se ela precisasse dele.

Coroaram a colina e ele conseguiu sua primeira visão do caminho que os conduziria para a parte superior da montanha. Era tal como tinha esperado. Nada de folhas secas ou folhagem infestava o suave caminho. Se se apressavam, só podiam ir ao topo.

* * * *

O sol se estava pondo detrás das montanhas quando alcançaram o topo da grande montanha. Dartayous tinha ajudado a Moira no caminho embora ela não tivesse querido aceitá-lo.

Não lhe havia dito uma só palavra, nem mesmo quando lhe fez uma pergunta. Intuiu que se as coisas não mudassem entre eles, estariam em um mundo de problemas quando alcançassem Cair Rhoemyr.

Posou a bolsa e a observou agachar-se ao lado de uma árvore. Ele enfiou a mão no saco e lhe deu um pedaço de pão.

– Não quero me arriscar a fazer um fogo esta noite. Se encontrarmos refúgio amanhã irei à procura de nosso jantar.

Respondeu-lhe com um encolhimento de ombros e tratou de alcançar o pão. Ele reteve uma aguda réplica e levou seu pão a borda da montanha. Ainda podia ver a ponte que tinham cruzado primeiro e a cascata. Desejou estar da volta à cidade com Moira em seus braços.

Quando se virou para ela a encontrou adormecida enroscada em si mesma. Não serviria de nada despertá-la e tentar que falassem. Ela queria distância eles entre. Dar-lhe-ia a distância que queria.

Apoiou-se para cima para ter uma melhor vista da área que tinha diante e adormeceu. Não era como Gregor que podia ficar dias sem dormir, meditou. Seus pensamentos acudiram a Gregor e a Conall, a quem tinha chegado a conhecer muito bem nos meses passados. Desfrutou de sua companhia e se encontrou desejando que estivessem com ele.

Uma vida imortal significava estar sozinho, mas nunca lhe tinha agradado. Encontrou-se odiando-a. Ao menos podia ir ao Fae agora. Depois da profecia voltaria aqui e veria se podia encontrar algo de seus pais.

Seu sonho foi interrompido para um som muito perto dele. Seus olhos se abriram repentinamente e encontrou Moira de pé diante dele com uma adaga em sua garganta. A adaga que lhe tinha dado para que ela se protegesse.

– O que está fazendo? – Perguntou tratando de que soasse mais tranquilo do que se sentia. Seus olhos estavam selvagens pelo medo.

– Vá.

– Não posso. Dei minha palavra que te levaria segura através deste mundo. – Ela riu.

– Tive suficiente, Lugus, ou William ou como quer seja que te chame. Não desejo nada contigo.

Seu corpo inteiro se sacudido com força.

– Crê que sou William.

– Disse-me ontem à noite que seu nome real era Lugus. Qual é?

– Lugus é obvio, – respondeu lisamente. – Usei tantos que me esqueço algumas vezes. Que te disse ontem à noite?

– Que me queria.
Pela extremidade do olho ele podia ver o amanhecer chegando no céu.
Lentamente ficou de pé.
– Por que me teme?
– Sabe meus segredos.
Caramba, isso não era o que tinha esperado ouvir.
– Quais são seus segredos?
– Quero que me deixe sozinha.
– Não posso, – disse e deu um passo para sua direita.
Ela seguiu mantendo a adaga perto de sua garganta.
– Fá-lo-á se quiser que viva.
– Necessita algo mais que uma singela adaga para pôr fim a uma vida Fae. – deu outro passo e quase sorriu quando ela o seguiu outra vez. Estava quase aí, só um pouco mais à frente.
Manteve seu olhar centrado na dela e suas mãos elevadas para os ombros. Não queria que ela pensasse que ia atacá-la. Não faria nada para desarmá-la, mas queria mais informação dela antes de fazê-lo. Outro passo lhe levou aonde queria estar.
– Alto, – gritou ela. Sua mão era estável enquanto apontava a adaga na garganta.
Ele se manteve quieto e esperou.
– Baixa a adaga.
Ela negou com a cabeça grosseiramente.
– Não pode me ter. Nada do que me diga me fará mudar de opinião.
– Tudo o que quero é que baixe a arma.
– Não. Meus segredos são meus.
Quanto mais falava mais desesperada soava ela. Dartayous começou a preocupar-se com quão era a presa de Lugus em sua mente.
– Moira, – disse e se separou do caminho enquanto o sol se elevava sobre o pico da montanha cegando-a. Moveu-se rapidamente para sujeitar a arma quando ela cobriu os olhos.
Rodaram até que esteve em cima dela lhe sujeitando os braços por cima de sua cabeça. Ela gritou e chutou tratando de soltar-se.
– Moira, – gritou perto de sua orelha.
Acalmou-se e abriu os olhos. Encheram-se de lágrimas.
– Dartayous? É realmente você?
– Sim, amor, – disse e soltou suas mãos. – Diz-me o que aconteceu?
Negou com a cabeça.
– Nada.
Sua falta de confiança não deveria incomodá-lo, mas o fez.
– Quem é Lugus?
Seu corpo tremeu com seu nome.
– Ele é o que encarcerou aos Fae. Como sabe seu nome?
– Pensou que eu era ele.
– Deve ser um sonho, – disse e tratou de levantar-se.
Permitiu-lhe levantar-se. Havia mais que não lhe dizia, e sabia que não conseguiria mais dela nestes momentos.

* * * *

Lugus se esfregou as mãos juntas antecipadamente enquanto olhava para fora sobre Cair Rhoemyr por cima da sala do trono. Sua força na mente de Moira aumentava quanto mais perto estava dele. Ela o podia negar agora, mas queria o que lhe oferecia.

Umedeceu os lábios e ansiou tê-la entre seus braços. Ela seria selvagem, fazendo jogo com seu desejo como nenhuma outra alguma vez o tinha feito. Estava feita para ser sua rainha, dirigindo a seu lado até a eternidade.

– MacNeil, – chamou.

De pronto o escocês caminhou fazia ele.

– Sim, meu rei.

Lugus sorriu.

– É o momento. Está preparado para se provar ante mim?

– É obvio, meu rei.

– Então se prepare para matar a Dartayous.

Por um momento Lugus pensou que MacNeil se rebelaria, mas ao final dobrou a cabeça e se moveu.

Logo teria tudo o que alguma vez quis. Moira estaria a seu lado, teria a seus pés este mundo e o mundo humano. Ele regeria cada coisa viva.

O bater das asas poderosas soou desde cima dele. Olhou para o céu e encontrou um grande dragão negro com as garras estendidas. Esperou que a besta aterrissasse antes de dirigir seus passos para ela.

– Encontrou-os? – Perguntou.

Um rugido foi sua resposta.

– Bem. Agora reúne os outros. É hora de assumir o controle dos céus.

Nas escuras curvas de sua mente algo lhe indicou que ele deveria ter aprendido mais dos Dragões da Morte antes de soltá-los, mas era o mais poderoso Fae que jamais existira na vida. Assim, necessitaria pouco esforço para controlar aos dragões.

* * * *

Moira cravou os olhos no Dartayous enquanto se passeava diante dela. Estava se tornando mais paranóica com cada momento que passava. Não sabia se era realmente Dartayous o que estava com ela ou alguém mais. Não lhe ajudaria se perguntasse. Sem considerar quem era, diria que era Dartayous.

Só teria que manter uma vigilância estrita sobre ele e não deixá-lo que lhe aproximasse. Era desalentador saber que não tinha tido nenhuma possibilidade contra ele. Tinha-lhe tirado a adaga como se fora nada mais que uma flor.

– Não confia em mim.

Suas palavras, faladas tão brandamente, assustaram-na. Ela negou com a cabeça.

– Assim como você não confia em mim.

– Nunca derrotaremos Lugus a menos que haja confiança.

– Não me deu nenhuma razão para confiar em você.

Deu um passo para ela.

– E compartilhar nossos corpos? Isso significou algo para ti?

Ela afastou o olhar.

– Significou muito. – Odiava admiti-lo, mas era a verdade.

– O que pensa que significou para mim?

Levantou a cabeça com força e o encontrou muito perto dela.

– Como faz isso? É em parte gato que pode se mover às escondidas e se aproximar sem que ninguém te escute?

Um canto de sua boca se levantou. Era o sorriso que ela gostava de ver, e derreteu seu coração. Quase lhe disse tudo então.

– O que pensa que significou para mim? – Repetiu ele e acariciou sua face com a parte posterior de seus nódulos.

– Não sei.

Ela tratou de afastar-se de seu toque, mas sua outra mão tinha agarrado a parte inferior de sua trança. Ele esfregou o cabelo dela contra a bochecha e sorriu.

– Digo-te o que significou?

Era uma oferta que ela não ia rechaçar.

– Sim. – Estava hipnotizada pelos seus brilhantes olhos azuis.

– Tocou-me como nunca fui tocado. Mantive a todo mundo afastado por mim, mas consegui te arrastar como um verme, – disse e tomou sua mão para esfregá-la em seu peito.

Seu organismo respondeu imediatamente. Sua respiração se acelerou, seus peitos se incharam. Ela tratou de tragar quando seus mamilos se endureceram.

– Coloca-me louco de prazer com o mais simples toque, – continuou ele sob a cabeça até que sua boca estava junto a sua orelha. – Sua língua riscou caminhos de desejo ao longo de meu corpo. Tem aroma de urze, a desejo, e para sempre.

Suas palavras tinham derretido sua resistência. Quando sua boca beijou seu pescoço ela se inclinou a um lado para lhe conceder mais acesso. Gemeu e a atraiu à seus braços.

Puxou-a de costas até que ela investigou nos olhos dele.

– Fazer amor com você significou sacrificar minha alma que guardei durante séculos, – disse antes de reclamar sua boca. O beijo foi abrasador, exigente. Moira envolveu os braços ao redor de seu pescoço e enterrou os dedos através de seu cabelo. Perdeu-se no beijo, dando lhe tudo o que ele queria.

Eles não podiam ter suficiente um do outro. O beijo ficou mais acalorado enquanto seus corpos flamejavam de desejo. Suas mãos encontraram seus seios e os apertou. Ela atirou sua língua em sua boca e começou a chupá-la. Ele gemeu e mordeu seus lábios antes de saquear sua boca procurando mais.

Um forte rugido os fez separar. Abraçados um nos braços do outro olharam ao céu para ver uma horda de dragões negros. Ela os contemplou enquanto passavam por cima deles.

Os dragões negros tinham corpos magros com pescoços e caudas grossas. Suas extremidades eram magras com três dedos em cada pé que terminava em garras afiadas. As gigantescas asas foram desde seus ombros até

a parte inferior das costas enquanto uma fileira de brinco corria dos ombros até a ponta da cauda. Tinham bocas pequenas com múltiplas filas de dentes, pequenos olhos brancos e pequenas protuberâncias ósseas, cobertas de espigas, rodeavam suas bocas. Placas ossudas se sobressaíam da parte posterior de suas cabeças enquanto que dois largos chifres se estendiam para trás da testa.

Eram uma visão espantosa e escura, no azul brilhante do firmamento.

– O que fazem? – Perguntou à Dartayous.

Ele tomou sua mão e agarrou suas bolsas.

– Acredito que é melhor que encontremos algum refúgio. – agarrou-se na sua mão enquanto ele a tirava de um grupo de árvores. – Há tantos.

– Olhe, – disse ele e apontou na direção oposta.

Os dragões que tinham visto primeiro ao entrar no mundo voaram para os dragões negros. Os dragões verdes e amarelos se mergulharam e atacaram aos negros.

– Estão em guerra.

As palavras de Dartayous a esfriaram. Sabia que isto era obra de Lugus. Apesar do que seu corpo sentiu não sabia se realmente era Dartayous o que estava com ela. Não podia confiar em ninguém até que se inteirasse por si mesma. Então, e só então teria que confiar nele.

– Temos que sair daqui, – disse ele.

Ela inclinou a cabeça e tomou sua mão enquanto baixavam correndo para o outro lado da montanha. Os rugidos dos dragões os seguiram. De vez em quando olhava para cima e via um dragão cair do céu. Perdeu a conta dos dragões verdes e amarelos que morreram.

– Não olhe para cima, – alertou-a Dartayous enquanto atravessavam e corriam campo aberto. – Só continua correndo.

Ela não sabia quanto tempo correram ou quão longe. Quando finalmente se detiveram logo que puderam respirar. Ao longe ela ainda podia ouvir os dragões em sua guerra, e se perguntou, quem seria o vencedor? E estaria sua vitória conectada com os Fae?

Com uma mão na cintura e o fôlego rasgando-se através de seus pulmões, voltou-se para Dartayous.

– Quanto falta para chegar a Cair Rhoemyr?

– Outro dia ou dois. Dependendo da rapidez com que viajemos.

– Precisamos nos apressar.

Endireitou-se e aprofundou nos olhos dela. Depois de um longo momento inclinou a cabeça.

– Viajaremos até que me diga que precisa descansar.

Enquanto ela não dormisse estaria bem.

Dartayous sabia que ela tinha medo, mas não dos dragões, era de Lugus que estava assustada. Entretanto ela tinha a ideia correta, quanto mais cedo alcançassem Cair Rhoemyr e se enfrentassem a Lugus, mais rápido isto estaria acabado.

Viajaram o resto de dia, detendo-se frequentemente para descansar. Sua fadiga se notava embora ela não dissesse uma só palavra enquanto atravessavam uma estreita ponte. Ao anoitecer tinham alcançado um denso

bosque. Pela extremidade do olho, viu-a suspirar quando chegaram à segurança das árvores.

Ela deixou cair sua bolsa e o seguiu ao chão. O excessivo cansaço a carcomia, e ela não queria deter-se, mas ele não estava disposto a dar outro passo esta noite.

– Aonde vai? – Perguntou-lhe quando ele começou a caminhar mais entre as árvores.

– Vou procurar um pouco de comida. Pode fazer um pequeno fogo.

Ela assentiu.

– Bem. Retornarei em seguida.

Dartayous se deteve ao lado de uma árvore e a vigiou. Antes os bosques a serenavam e traziam paz, isso agora a deixou vazia. Sua alma estava inquieta. Lugus havia trazido para a superfície seus segredos. Mas exatamente quão perigosos eram esses segredos?

Capítulo 14

Os olhos de Moira se moveram empurrados pelo vento, tinha-os fechados, apesar de estar caminhando. Tinha conseguido tomar uma curta sesta depois de que Dartayous havia tornado com algum animal que já tinha esfolado. Não perguntou que animal era e não quis saber. Estava delicioso e isso era tudo o que importou a seu estômago vazio.

Agora, entretanto, ela desejava ter dormido um pouco mais por que tinha muito medo de dormir durante a noite. Por isso sabia, Dartayous não tinha dormido em absoluto, e não sabia como estava.

Chocou-se contra suas costas.

– OH, – ofegou e cambaleou para trás.

Ele olhou sobre seu ombro com a testa enrugada em sinal de interrogação.

– Não te vi, – explicou ela. Não havia nenhuma necessidade de lhe dizer que tinha estado caminhando com os olhos fechados.

– Por que parou?

– Olhe, – disse ele e se separou de seu caminho.

Ela seguiu seu dedo e se encontrou olhando uma cidade. Estava pousava no alto de uma planície, e se calculara corretamente eles poderiam alcançá-la antes desta tarde.

–É... Cair Rhoemyr?

Assentiu.

– Ambos precisamos estar preparados antes de chegar à cidade. Não está em condições de te encontrar ante nenhum tipo de adversário.

– O que se supõe que significa isso? – perguntou ela com as mãos sobre seus quadris. A falta de sono a havia posto nervosa e irritável ante qualquer coisa sobre o que se posassem seus olhos.

Ele levantou uma sobrancelha escura.

– Está morta sobre seus pés. Estou errado?

Ela suspirou e girou seu rosto longe.

– Não.

– É quase mais meio-dia. Pode me acompanhar? – Quando ela assentiu, ele disse, – Bem. Ambos descansaremos então.

Ela esticou suas costas antes de segui-lo. Poderia ser quase meio-dia para ele, mas para ela isso estava a três eternidades de distância. Somente esperava poder manter sua palavra e manter-se de pé até então. Não queria cair sobre si mesma, literalmente.

Ele olhou para trás e ela apurou o passo. Sabia que se atrasava, mas estava lhe tomando cada parte de sua força seguir andando.

Uma vez mais tinham deixado a segurança do bosque e caminhavam descobertos. Uma árvore ocasional aparecia no terreno acidentado de verde enquanto o sol brilhava intensamente sobre eles. Uma sombra passou sobre ela, e olhou para cima para encontrar um dragão que voava para Cair Rhoemyr.

O dragão estava sozinho, mas afundava o seu espírito não ver os dragões verdes ou amarelos em cima dela. Seus olhos se elevaram ao rosto de Dartayous para ver que ele também tinha notado o dragão negro.

– O que pensa que significa? Terminaram sua batalha?

Levantou um ombro.

– Não sei. Eu pensaria que é o começo do que vem a seguir. Só porque não vê outros dragões agora não significa que não estejam ainda por aí em alguma parte.

Ela sorriu.

– Soa como Frang.

– É por todos os anos que estive com ele.

Eles começaram a caminhar um ao lado do outro.

– Faz quanto tempo que conhece Frang?

Quando não respondeu imediatamente ela girou sua cabeça para observá-lo. Ele olhava para adiante, sua mandíbula apertada.

– Não quer me dizer, – disse ela.

– Não é que não queira te dizer, é que não sei se posso.

– O que se supõe que significa isso? – perguntou ela, fazendo que suas palavras saíssem duras pela a ira.

– Quer dizer exatamente o que disse. Frang tem seus próprios segredos. Todos os têm, e existe uma razão para o que a gente os mantém em segredo.

Ela pensou em suas palavras durante um momento.

– Qual é seu raciocínio para manter sua imortalidade em segredo?

– Às vezes por que o disse às pessoas e fui tratado de maneira diferente. Os homens que eram meus amigos de repente se fizeram meus inimigos porque não entenderam.

– E você não podia explicá-lo porque não sabia como tinha se feito imortal, – disse ela.

– Exatamente.

– Todos têm segredos, – murmurou pensando em si mesma. Segredos que não podia seguir ocultando.

Seus olhos azuis encontraram e sustentaram os dela.

– Isso mesmo O que decidimos fazer sobre eles está acima de nós.

O coração de Moira deu um tombo ante suas palavras. Ele poderia saber de seus segredos? Certamente não, por que se ele soubesse não lhe permitiria entrar na cidade. Só teria que assegurar-se que não averiguasse a respeito deles.

Dartayous observava Moira com desconfiança. Ela lutava contra algo. Ele suspeitava que tivesse a ver com seus próprios segredos. Que tão terríveis podiam ser para que a preocupassem tanto?

Fossem os que fossem tinham chamado a atenção de Lugus, o que queria dizer que de algum modo estavam implicados com a profecia. Aquele pensamento não o tranquilizava de forma alguma. Além disso, do fato de que sua mente estava sendo alterada por Lugus, Dartayous agora tinha que manter uma vigilância constante sobre ela.

Não era que não queria estar perto dela, mas se perguntava se seria capaz de manter suas mãos separadas dela. Não duvidava, entretanto, que ela manteria a distância entre eles.

Embora ela sorrisse de vez em quando e lhe falasse, havia também momentos onde suspeita estava à espreita em suas profundidades verdes de Druidas. Suspeitando do que, não tinha nem idéia.

Tinha desejado poder lhe falar a respeito disso, mas ela tinha deixado claro que não confiava nele. E esse seria o fracasso da sua viagem. Sem sua confiança, não podia ajudá-la a superar seu problema e isto os conduziria para o caminho errado.

Ela começou a ficar para trás outra vez. Quando se voltou a encontrou caminhando com os olhos fechados. Sacudiu a cabeça e se deteve. Não havia maneira de fazer isso no meio do dia. Teriam que parar agora e descansar.

Voltou seu olhar ao céu. O sol estava quase em cima dele, só um pouco mais de uma hora faltaria para o meio-dia. Olhou a Moira e apenas a apanhou antes que golpeasse o chão. Levantou-a em seus braços e a encontrou dormindo.

Não havia nenhum lugar para descansar agora. Teria que levá-la. Ela envolveu seus braços ao redor de seu pescoço e se aconchegou contra seu peito.

Ela poderia ser cautelosa e suspeitar dele, mas seu corpo o conhecia. Este poderia ser o único modo a convencê-la que era ele.

Moira sentiu como se flutuasse. O aroma de sândalo e poder enchia seus sentidos. Sorriu e esfregou sua bochecha contra o material quente de seu colete.

Abriu seus olhos um pouco e descobriu que Dartayous a levava. Sabia que devia despertar e caminhar se por si mesma, mas se sentia tão divinamente bem em seus braços, sem uma preocupação. Não faria mal ficando desta maneira só uns momentos mais. Além disso, estava muito cansada.

Sem mencionar que tudo estava a ponto de mudar. Em só umas poucas horas eles entrariam na cidade e confrontariam Lugus. Ali saberia se era realmente Dartayous quem estava com ela ou um estranho.

Ela apartou esse pensamento e deixou que as lembranças de seu tempo juntos a adormecessem. Onde em seus sonhos eles poderiam viver juntos para sempre.

Lugus fechou seus olhos e procurou Moira. Eles não estavam longe da cidade agora. Tocava sua mente facilmente. Inclusive depois das poucas vezes que a tinha invadido, ela não tinha aprendido a usar seus poderes contra ele.

Ela o desejava.

Ele sorriu e pressionou mais profundo, encontrando seus segredos. A satisfação o enchia. Seus segredos estavam surgindo. Logo ela não seria capaz

de ignorá-los, e quando isto acontecesse se asseguraria que ela se quebrasse e se reunisse com ele.

Até então, usaria seus poderes para abrir uma brecha ela entre e o Guerreiro Druida. Esperava com impaciência o momento em que poria a Dartayous de joelhos. Lentamente, com muita dor, mostraria a Dartayous o que tinha deixado escapar entre seus dedos ao não reclamar Moira há tempos.

– Moira, – chamou-a.

Ela se revolveu, mas seguiu dormindo profundamente.

– Moira. Necessito-te.

– Não, – sussurrou ela.

– É tempo de despertar. Não pode me negar para sempre.

– Lugus.

Ele não se surpreendeu quando Dartayous deixou de andar e a baixou. Lugus o tinha justo onde queria.

– Sim, Moira, sou eu. Diga meu nome outra vez.

– Lugus. Por favor.

Ele não podia deter o sorriso que se estendia por seu rosto. Sabia que Moira estava lhe pedindo que a deixasse tranquila, mas aos ouvidos de Dartayous ela soava como se estivesse chamando-o.

– Você sabe o que quero, – disse-lhe. – Estou-te esperando.

Ela choramingou e se separou de Dartayous.

– Dartayous não é quem pensa que é, – disse Lugus. – Ele está ali para prejudicá-la. Deve abandoná-lo. Vêm até mim. Vêm até mim. – repetiu com mais urgência.

Os olhos de Moira se abriram de repente. Tinha sonhado tudo? Ou Lugus tinha vindo a ela outra vez? Girou sua cabeça lentamente para encontrar a Dartayous que a observava com uma expressão mesclada de cautela e preocupação.

– O que me está ocultando? – exigiu ela.

– Nada.

Ela a tirou de seus braços.

– Mente.

– Não sei o que se colocou dentro de ti, – disse enquanto caminhava ao redor dela. –por que não me diz o que está ocultando?

Ela não podia acreditar em seus ouvidos.

– Só um covarde voltaria isto para sua conveniência.

Seus olhos arderam ferozmente azuis.

– Cuidado com o que diz. Se fosse um homem eu já teria talhado sua garganta.

– Você não é o mesmo homem que viajou comigo do Vale dos Druidas.

– E você não é a mesma mulher. Não sei o que se apoderou de sua mente.

– Assume-o, – interrompeu-o com ira. – O véu foi levantado de meus olhos.

Ele cruzou seus braços sobre seu peito e parou com seus pés separados, sua mandíbula apertada pela cólera.

– O que quer de mim?

– Me demonstre que é Dartayous. – Em um batimento de coração seus braços estavam ao redor dela e sua boca saqueando a sua. Apesar de sua resolução, derreteu-se contra ele. Depois de um momento ele levantou sua cabeça.

– Seu corpo me conhece. Não pode negar isso.

O calor que começava a estender-se em todas partes de seu corpo com seu beijo se congelou em suas veias. Ela se separou de seus braços.

– Você só provou que pode beijar bem.

– Moira, – disse brandamente. – Como pode não saber que sou eu?

Tragou suas lágrimas e se afastou outro passo dele.

– Te afaste de mim. Não sei quem é.

– Tenho que ficar com você. Jurei a Frang que te protegeria.

– E quem vai proteger-me de ti?

Ele se desconcertou ante suas palavras. Suas sobrancelhas se encontraram brevemente antes que ele apagasse toda a emoção de sua expressão.

– E o que se supõe que significa isso?

– Significa que não confio em ti.

– Isso já sei. – embora seu rosto não mostrava nenhuma emoção, era evidente em sua voz que sua frustração crescia. Ela nunca o havia antes temido até agora.

–Vou à cidade. Volte ao nosso mundo.

Ele sacudiu sua cabeça.

– Não te deixarei.

– Então não me deixa opção. –O vento começou a uivar ao redor dela, açoitando mechas de cabelo em seus olhos. Não fez caso deles e manteve seus olhos fixos no Dartayous.

O olhar de incredulidade de Dartayous quase mudou sua opinião. Deixou cair seus braços e tratou de caminhar para ela. Ela aumentou o vento até que ele teve que sustentar seu braço sobre os olhos para protegê-los.

Com grande pesar, ela o deixou parado ali enquanto o vento a bloqueava de sua vista. Ouviu-o chamando-a, mas seguiu andando. Ela não podia pôr a profecia em perigo.

Se era o verdadeiro Dartayous lhe pediria perdão mais tarde. Se não o era... bem, ela acabava de salvar-se e a todos outros.

Rechaçou permitir-se dar volta apesar de quanto ele a chamava. Tinha uma missão de cumprir. Poderia fazê-lo sozinha. Não necessitava a ninguém.

Mas seu corpo o necessita.

Capítulo 15

Dartayous apertou os punhos. Jogou para trás a cabeça e uivando de fúria rugiu ao vento. Como o pôde deixar?

E tão rapidamente como começou o vento morreu em um nada. Ficou de joelhos, a cabeça encurvada enquanto tratava de refrear sua fúria. Não sabia que queria fazer primeiro. Estrangular Moira por não acreditar nele, ou lhe romper o pescoço de Lugus por confundi-la.

Levantou o pescoço esperando encontrar Moira de pé diante dele, mas não havia nada além das umas poucas árvores. Inclusive não havia rastros que pudesse seguir, embora não os necessitava. Sabia aonde ela se dirigia.

Cair Rhoemyr.

Encontrá-la-ia ali e poria fim a esta demente ideia de que ele não era quem dizia ser. Sabia que Lugus o tinha metido em sua cabeça, mas não era fácil de aceitar. Como um banho de borbulhas, o estômago lhe retorceu em nós sabendo que teria que convencer a Moira de que tinha sido enganada.

Respirou fundo e lentamente deixou escapar sua respiração enquanto centrava sua concentração no que tinha que fazer. Com um movimento fluido, levantou-se, tirou a adaga de sua cintura e desembainhou sua espada.

Tinha chegado à hora da batalha.

Todo o corpo de Moira estava doído. Queria um banho quente, comida quente e uma suave e branda cama. Tinha estado viajando durante tanto tempo que tinha esquecido o que era sentar-se e comer uma comida quente em uma mesa.

Levantou a vista para a subida diante dela. O planalto. Em seguida estaria dentro da cidade para enfrentar a seu maior temor. Lugus.

Dartayous não estava longe atrás dela. Só se tinha dado uma vantagem e se era honesta, não uma muito grande. Ele viajaria mais rápido que ela, e se não se apressava alcançaria as portas primeiro que ela. Isso não podia ocorrer. Queria enfrentar a Lugus sozinha.

Porque não quer que Dartayous saiba seus segredos.

Sim, essa era a verdade. Não queria que ele soubesse, e se pudesse evitá-lo, nunca saberia.

Com uma nova determinação apressou seus passos e começou a dura subida do planalto. Seu corpo não aguentou muito, e várias vezes ela perdeu o passo e escorregou pelo caminho.

As lágrimas se acumularam em seus olhos enquanto a frustração a enchia. Sobre mãos e joelhos subiu a última parte do percurso até que alcançou as portas da cidade. Ela se queixou das portas de prata e se levantou. Tinha os dedos negros de sujeira, e estava segura que também o rosto depois de apartar o cabelo dos olhos, mas não estava aqui para impressionar a ninguém.

O silêncio fantasmagórico da cidade a irritou. Com um pequeno tranco empurrou o lado aberto da alta porta e entrou na opulenta cidade.

Ficou com a boca aberta ante o esplendor da cidade. Debaixo de seus pés havia um caminho como nunca tinha visto, pavimentado com uma estranha pedra da uma cor azul muito peculiar. Caminhou sobre o suave caminho enquanto examinava os edifícios de cada lado. A cidade inteira parecia feita da mesma pedra que não poderia começar a descrever.

As pedras eram quase transparentes. Com cada raio de sol, as pedras se converteram em uma cor diferente expondo um arco íris ante dela. Os edifícios eram singelos, mas elegantes, sua linha suave e régia. O que a assombrou é que a maioria das casas estavam construídas perto das gigantescas árvores, e inclusive podia ver as árvores crescer nos lares.

As casas não tinham tetos da usual palha das casas de campo que se podia ver em seu mundo. Eram aconchegantes e calorosas apesar da inexistente cor. Queria entrar em uma para ver as maravilhas que tinham, mas não podia desperdiçar o tempo. Seus pés a levaram além da cidade, aproximando-a mais e mais do palácio. Em cada canto em que trocava de direção podia ver uma visão do imponente palácio. A curiosidade a venceu e seus pés começaram a acelerar o passo.

Fez uma curva e obteve sua primeira vista completa do palácio. E que palácio! Quase chegava às nuvens de tão alto e grandioso como era. Em lugar da grossa pedra e as paredes de granito de um castelo, o palácio era feito da mesma pedra que brilhava tenuemente como o resto da cidade. Trazia uma aparência de grandeza ao edifício.

Esta era justamente como ela visualizava ao rei e a rainha dos Fae regendo seu mundo. Não havia ameias para as que caminhar, só cobertos com uma torre e torres ocasionais.

Ela caminhou para os atalhos que se dirigiam para as maciças portas e se sentou. Precisava descansar antes de enfrentar Lugus. Quanto mais permanecia sentada ali mais pesados ficavam seus olhos até que já não pôde mantê-los abertos.

Mantém-se acordada.

Mas não podia. Sem lhe importar o que se dizia a si mesma, seu corpo tinha outras ideias. Brevemente, perguntou-se se Dartayous teria podido mantê-la acordada, mas isso foi fugaz e logo esquecido.

Sentada sobre os pés e com um braço como travesseiro dormiu.

Lugus atravessou as portas do palácio e baixou o olhar para sua futura rainha. O desejo de correr para ela era forte, mas tinha que manter controlado seu desejo.

Com passadas medidas ele caminhou para Moira. Quando ele a alcançou, apartou-lhe o cabelo afastando o de seu rosto. A sujeira manchava-o, a suas mãos e suas roupas, mas ele poderia fazer-se cargo de tudo isso. Ela se vestiria com trajes de acordo com a temporada.

Passou-lhe as mãos sobre o rosto para assegurasse que seguisse dormindo. Tinha sido difícil não lhe falar enquanto ela caminhava com longos passos até o palácio, mas não era a hora ainda. Tinha muito que fazer. Então, usou seus poderes e a enviou a um sono profundo.

Brandamente a levantou em seus braços e a levou ao palácio. Seu quarto estava pronto e a esperando. Faltava muito tempo para que ela estivesse seu lado, mas sabia exatamente o que fazer.

Com segredos como os dela era fácil usá-los contra ela. Posou um beijo sobre sua testa e esfregou a bochecha contra a dela.

– Logo, será minha – disse e caminhou com longos passos para seu quarto.

Dartayous se esmagou contra uma árvore e olhou com atenção ao redor e para as portas da cidade. Um das portas tinha sido aberta parcialmente.

– Moira.

Tinha tratado de alcançá-la, mas era como se alguma força mantivera a distância, lhe sujeitando. Estava certo de que era Lugus.

Com passos tão leves como folhas caídas, foi de carreira até a porta de deslizou-se para dentro. Não viu ninguém, mas isso não queria dizer que não estivessem espreitando-o.

Teria que caminhar sem rumo através dos edifícios e estudar o terreno do castelo lentamente. Levar-lhe-ia mais tempo, mas se podia fugir de uma batalha e evitar que Lugus conhecesse seu paradeiro, então valia a pena.

Fechou os olhos e pensou em Moira. Faria tudo o que fora necessário para convencê-la que certamente tinha vindo por ela. Abriu os olhos, concentrando-se na tarefa ao alcance da mão.

O Guerreiro Druida temido por muitos tinha chegado a reclamar a Druida que Lugus se atreveram a tomar.

Moira esticou os braços sobre a cabeça e se aprofundou no suave travesseiro e as quentes cobertas. A névoa começou a descongestionar de sua mente enquanto lentamente despertava.

Abriu os olhos e olhou as cortinas prateadas da luxuosa cama. Sem mover a cabeça deixou que seus olhos vagassem. Pelo que podia ver de dentro do material prateado da cortina, se tratava de uma cama adequada para a realeza.

A manta da cor branca pura com adorno de prata era tão suave como a pelagem de um gatinho sob suas mãos. Fechou os olhos e suspirou. Que sonho estava tendo. Pior seria despertar e estar suja outra vez, pensou.

Mas quando abriu os olhos de novo, o luxo ainda a rodeava. Lentamente empurrou abrindo a cortina da cama. Quando não viu ninguém se sentou e baixou as pernas da cama. Seus pés se encontraram com um tapete de pele branca com a mesma suavidade do lençol.

Apertou os dedos do pé sobre o tapete enquanto uma pequena risada nervosa lhe escapava. Tinha entrado tranquilamente no palácio e não o recordava?

O estalido de um fogo lhe chamou a atenção.

Virou a cabeça ao redor e encontrou uma lareira o suficientemente grande para caminhar dentro, e ao lado dela uma mesa com duas cadeiras. Na mesa estava pousada uma bandeja de comida, duas taças e uma garrafa de vinho.

Não havia maneira de obter isso e não recordá-lo. Caminhou para ali e passou para diante de um espelho que estava em seu caminho. O que viu no espelho lhe fez ficar com o olhar fixo pela surpresa.

Tocou o traje de prata que estava sobre seu corpo. Era suave como seda e descia correntemente até seus pés. Não levava nada debaixo disso. Não tinha mangas e se afundava na parte frontal de seu peito para expor a quebra de onda de cada peito.

No geral teria estado envergonhada de ver-se assim, mas em lugar disso se sentiu... sensual. Amou a sensação do tecido contra sua pele nua e não gostaria que deixasse seu corpo.

Olhou-se de novo no espelho. Partiram-se as manchas de sujeira de suas mãos e de seu rosto. O cabelo solto lhe pendurava totalmente para as costas e sobre seus ombros. Empurrou para trás o cabelo e o manteve no alto.

– Isto deve ser como se sente uma rainha, – disse ao espelho.

O aroma da comida fez que seu estômago retumbasse com fome. Caminhou para a mesa e com vacilação alcançou um pedaço de carne que estava na bandeja. Tomou um pedacinho da carne e o encontrou de melhor sabor que qualquer coisa que alguma vez tivesse provado.

Preencheu-se a boca com o resto da carne e rapidamente se sentou a devorar mais da comida. Não tinha percebido como estava com fome até esse momento.

Uma vez que seu estômago estava cheio, se reclinou na cadeira, acalmada pelo fogo. Seus olhos se voltaram pesados outra vez, assim é que se levantou com a intenção de retornar à cama. Voltou-se e encontrou uma grande tina cheia de vapor da água.

Durante um momento não se moveu. Não estava sozinha. Soube tão segura quanto ela sabia que não estava em seu mundo. Mas o banho era muito tentador para resistir.

Depois de uma busca meticulosa pelo quarto, deslizou-se do maravilhoso traje e se afundou na água. Descansou contra da tina e deixou que a esquentasse a água morna, aliviando suas pequenas dores. Não era a tina de madeira normal em que tomava banho, essa era feita do que parecia mármore branco.

Justo quando pensava em lavar-se, uma barra de sabão e um tecido chapeado apareceram ao lado dela. Magia.

– Uma moça poderia se acostumar com isto, – murmurou recolhendo o sabão e cheirando-o.

Era branco, mas tinha aroma de sol e de frescura. Uma vez que se lavou e enxaguado duas vezes se escorreu espremendo o tecido e se sentou no bordo da tina e encontrou uma garrafa a com um arco de prata preso ao seu redor.

Desarrolhou-o e o cheirou. Também tinha o aroma do sol, mas não tinha idéia de que era.

– Para seu cabelo.

Sobressaltou-se com a voz de sua cabeça. Quando nada mais se disse olhou de novo à garrafa. Tinha aroma de sabão, mas não se parecia com nada do que alguma vez tivesse visto. Era tão clara como a água.

Depois que se molhou o cabelo derrubou a garrafa em cima de sua palma e o sabão correu como o mel em sua mão. Sentou-se com a garrafa a um lado e se esfregou as mãos. Segura que faria espuma como o sabão.

Começou a esfregar o cabelo para enxaguar e deixar fora a sombria viagem. Lavou-se o cabelo três vezes antes de estar satisfeita. E para seu assombro a água estava ainda quente e clara como se ainda não tivesse tomado um banho.

Com uma sacudida de sua cabeça à magia de seu redor, levantou-se da água e alcançou o tecido prateado para secar-se. Parou-se de pé ante o fogo e se secou com a toalha. Voltou-se de novo para seu traje prateado que tinha descartado para dar-se conta que se foi. Durante um momento se aterrorizou, pensando que teria que ir nua.

Outra busca lhe mostrou que o traje que havia trazido posto ao entrar na cidade se foi. Caminhou para a cama com a intenção de levar a manta para ocultar-se quando divisou um traje branco sobre ela. Tinha a mesma forma que o prateado. Nada de mangas e um decote baixo, mas estava ajustado com um cordão branco de pérolas. Tocou o vestido para provar sua suavidade. Seda.

Rapidamente deslizou o traje pela cabeça e o ajustou com as mãos para a parte dianteira. Se agarrava ligeiramente nos quadris antes de cair até o piso. Nunca tinha passado sem nada de roupa íntima antes, mas o pensamento de pôr algo em virtude do traje foi posto rapidamente de lado.

Tanto como queria estar ali e provar o traje contra a pele seu corpo precisava descansar. Engatinhou até a cama e rapidamente caiu em um sonho sem sonho.

* * * *

Lugus caminhou de lado a lado da lareira. Isto lhe tinha tomado tudo o que tinha de vontade para permanecer onde estava enquanto Moira comia e tomava um banho. Deleitou-se com seu perfeito corpo quando deixou que o vestido de traje de gala prateado se deslizasse dela antes de mover-se gradualmente para a banhada.

Seu corpo demandava liberação, mas se negava a tomá-la até que ela fosse sua rainha. Ele faria as coisas certas.

Afastou para um lado as cortinas da cama e contemplou sua entristecedora beleza. Seus dedos se estenderam e tocaram seus lábios cheios, rosados. Fechou os olhos e gemeu.

As coisas teriam que se fazer rapidamente. Não sabia quanta mais tortura podia suportar antes de tomá-la.

–É quase a hora, Moira. Será minha. Em mente, corpo e alma. Para a eternidade.

Capítulo 16

Dartayous olhou primeiro um caminho e depois o outro. Ninguém o tinha detido. Não houve nenhuma emboscada ou exército para interceptá-lo. Algo não estava bem. Era muito fácil. Deveria haver patrulhas instaladas por toda a cidade procurando inimigos potenciais. Era como se Lugus não temesse a ninguém, e isto era o que assustava como o inferno a Dartayous. Lutar com um homem que não temia a nada era uma batalha perdida.

Seus olhos divisaram o palácio ante ele. Não tinha nenhum desejo de entrar pelas portas principais. Tinha que haver outra via de entrada, e a encontraria.

Contemplou o céu e viu o sol que começava a se pôr. Um momento perfeito para assaltar um castelo, pensou.

– Aguenta, Moira. Venho para ti, – sussurrou antes de desvanecer-se nas sombras.

Lugus estava sentado ao lado da Moira. Tinha-a deixado dormir durante umas horas, mas era tempo de despertá-la. Eles precisavam conversar sobre o que estava para vir. Colocou suas mãos a cada lado de sua cabeça e se inclinou para baixo. Brandamente, tocou-lhe os lábios com os seus.

Ela gemeu e os abriu para ele. Ele deslizou sua língua dentro e ela ficou de costas.

– Dartayous, – sussurrou.

A cólera rodou dentro dele, mas a manteve sob controle. Aprenderia bastante logo quem era seu amo, e em seguida esqueceria tudo sobre aquele Guerreiro Druida que tinha ousado tocá-la.

Lugus tomou seu lábio inferior em sua boca e o chupou brandamente. Ela gemeu outra vez e moveu seus quadris. Ele se moveu até que esteve deitado a seu lado, apoiado em um cotovelo.

Ele afastou as cobertas e passou sua palma sobre o quadril e a coxa dela. Seu corpo pulsava com o desejo que tinha sido negado durante tanto tempo. Sua mão começou a tremer. Poderia simplesmente tocá-la, sem tomá-la. Se tomasse agora arruinaria seus projetos cuidadosamente planejados.

– Acorda, – ordenou-lhe. – É hora que veja que está ante você.

Seus olhos verdes se abriram lentamente para fixar-se nele. Ela não mostrou nenhuma surpresa ao vê-lo.

– Descansou bem?

– Você me trouxe aqui, – disse.

Assentiu.

– Só te trouxe aonde pertence.

– Por que? Vim para te destruir.

Quase riu.

– Lamento te dizer que isso é impossível. Embora tenha poderes, não se comparam com meus. Frang foi um idiota ao te enviar aqui. Diga-me, Moira, foste alguma vez capaz de dominar a um Fae antes?

Ela sacudiu sua cabeça.

– Então que te fez acreditar que poderia me dominar? A mim, que encarcerei a todos os Fae.

– Frang disse que eu podia liberar Aimery.

Lugus se mordeu o interior de sua boca. Era verdade. Ela poderia liberar Aimery, mas não precisava saber isso. Enquanto a mantivesse sobre esta linha de pensamento ela seria fácil de dirigir.

Ele levantou um ombro em encolhimento.

– Frang é sábio, mas não vê tudo como os Fae. Necessitou um poder imenso de minha parte para enganar minha gente.

– O que vai fazer comigo? – perguntou ela. Não havia nenhum medo em sua voz, só curiosidade.

Ele riscou o queixo de Moira com seu dedo.

– Você vai ser minha rainha.

– Não posso, – disse e se sentou.

– Você pode. Não te negue. Esteve negando o que era legitimamente seu e você sabe.

Moira quis calar suas palavras, mas não pôde. Ele estava dizendo exatamente o que seu coração sempre tinha desejado. Poder. Fechou seus olhos e sacudiu sua cabeça.

– Para, – disse ela. – Não me faça isto.

– Eu não estou fazendo nada. – Uns dedos suaves tocavam seu rosto – Abre seus olhos e me olhe.

Fez o que lhe ordenou

– Me acha repulsivo?

– Não. A verdade é que você é bonito.

– Você não gosta deste lugar?

Ela olhou ao redor do quarto branco e prata.

– Sim, eu gosto.

– Então por que está afastando o que poderia ser seu? Ofereço-te o mundo, ambos, o teu e o meu. – Baixou a vista para a mão que lhe oferecia. – Vem comigo. Toma o que é seu.

Glenna levantou e deixou cair à garrafa de cerveja. Não deu atenção quando esta se rompeu sobre o piso do castelo e orvalhou seu vestido amarelo de vermelho. Tudo o que ela via era a Moira vestida com um vestido branco e prateado com uma coroa sobre sua cabeça. –Glenna!

Girou seus olhos para encontrar a seu marido, Conall, sacudindo-a.

– O que acontece? O que viu? – perguntou-lhe.

– É Moira.

Antes que ela pudesse dizer mais a porta se abriu de repente e Fiona e Gregor entraram correndo.

Glenna foi para a sua irmã.
– O que fazem de volta tão logo? Não os esperávamos em pelo menos em outra semana.
– Ela está tendo sonhos, – disse Gregor. – Se fazem piores cada noite. Os olhos de Glenna voaram a Fiona.
– O que viu?
– Moira, – respondeu Fiona com lágrimas nos olhos. – Ela está em perigo. Glenna soltou a Fiona quando Conall tomou sua mão. Ela olhou seus olhos cinzas.
– Me diga o que viu antes que Fiona e Gregor chegassem – pediu-lhe ele.
– Vi Moira levando uma coroa. Coroa da rainha Fae.
– Não há nada que podemos fazer? – perguntou Gregor passeando pelo salão. Glenna sacudiu sua cabeça. – Ele tem a Moira agora. Depende de Moira e Dartayous o que se passa depois. Tudo o que podemos fazer é ter esperança e rezar.
– Quem a tem? – perguntou Conall.
Glenna procurou Fiona antes de girar-se para seu marido.
– Lugus. Você o conhece como William ou o Mau.
– Por todos os Santos, – assobiou Gregor.
Conall amaldiçoou e passou sua mão pelos seus negros cachos.
– Como sabe seu nome?
– Ouvi Moira dizê-lo.
– Eu também, – disse Fiona.
– Então ele a matará, – disse Gregor.
– Não, – disse Glenna. – A quer, não machucará nem um fio de seu cabelo.
Conall tomou sua mão.
– Reza para que tenha razão, esposa.
Glenna se olhou às mãos.
– Devemos nos preparar, nós e outros.
– O que devemos fazer se Moira retornar como os sonhos de Fiona anunciaram? – perguntou Gregor.
Glenna olhou a Gregor.
– Então tudo está perdido. Sem ela a profecia não pode cumprir-se.

Moira olhou fixamente a mão estirada de Lugus. Oferecia-lhe seu desejo mais profundo. Ela balançou suas pernas sobre o lado da cama e separou as cortinas quando saltou da cama.
– Não posso. Não me tente.
Ele estava de pé na frente dela em um abrir e fechar de olhos.
– Atreve-se a dar as costas a isto? – disse e se apartou indicando-lhe o espelho.
Observou seu reflexo com temor. O espelho a mostrava vestida em prata pura com pérolas e diamantes costurados no vestido. Sustentava um cetro com

um cristal grande em um extremo, mas foi a coroa sobre sua cabeça que atraiu sua atenção.

– Está-se intrometendo em minha mente, – disse e tratou de apartar os olhos do espelho.

Lugus riu brandamente.

– Nem sequer pode afastar a vista. Não negue seu destino.

– Meu destino é cumprir a profecia.

– Ah, você definitivamente fará isso, – disse e a virou para confrontá-lo. – Mas seu verdadeiro destino é governar a meu lado.

– Isso não pode ser certo. – Ela saiu de seus braços e deu uns passos para a lareira.

– Mas é. Pode inclusive perguntar a Rufina.

Deu-se volta para confrontá-lo.

– Ela reina?

– Estava acostumada a ser a rainha, sim. Mas não mais.

– Desejo vê-la.

Os olhos azuis de Lugus brilharam durante um momento. Cruzou seus braços sobre o peito e disse:

– Como deseja. Estarei esperando fora.

Aguardou até que ele partiu antes de afundar-se na cadeira. Encontrava difícil e mais difícil manter sua mente concentrada no que ela tinha vindo a fazer. Inclusive as imagens de suas irmãs se desvaneciam de sua mente.

– Glenna. Fiona. Como desejo que estivessem aqui comigo. Todo este tempo pensei que eu era a forte. Não o sou. Sou a mais fraca.

Uma única lágrima caiu rodando para sua bochecha. Rapidamente a secou e ficou de pé. Tal como suspeitava, um vestido posto sobre a cama a esperava.

Foi para a cama e observou o suave vestido verde. Via-se muito similar ao material de... não podia recordar o que. Algo que um homem vestia, mas não pôde pôr uma cara à imagem, nem um nome.

Desfez-se do vestido que levava e alcançou o verde. Este se deslizava tão suave como a água sobre sua pele até chegar a seus pés. Aos pés da cama encontrou um par de sapatos que faziam jogo com o vestido. Deslizou seus pés dentro e se voltou para espelho. Seu cabelo caía solto e teve a intenção de deixá-lo assim. Caminhou para a porta para encontrar a Lugus esperando-a pacientemente.

– Linda, – murmurou enquanto beijava sua mão. –Vêm. Estou seguro que Rufina está impaciente para falar contigo.

Dartayous ficou de pé de um salto. Permitiu-se dormir durante só um momento, mas um movimento a sua direita o tinha despertado. Devagar, desembainhou a adaga de sua bota e permaneceu agachado esperando o que fora que estivesse a ponto de atacar.

Sua respiração se fez lenta, seu corpo impaciente para a luta. Seus ouvidos recolheram cada som enquanto o atacante se aproximava. Apoiou-se nas pontas de seus pés, preparado para saltar para frente e surpreendê-lo.

Justo quando estava a ponto de dobrar a esquina ele saltou para rodeá-lo. Em vez de um atacante encontrou um pequeno gato cinza que chiou enquanto sua pele se arrepiava.

Observou ao gato escapar e riu. Seu coração reduziu a marcha de seus batimentos do coração enquanto reassumia sua posição atrás do castelo. As estrelas brilhavam intensamente do alto. Estava descansado. Era hora de entrar no castelo.

Depois de voltar a pôr a adaga em sua bota girou e se encaminhou à entrada traseira. Quase a tinha passado por despercebido quando tinha feito sua busca. Estava tão bem camuflada com a pedra que a teria passado por cima se a lua não tivesse derramado sua luz sobre a maçaneta.

Provou a maçaneta e a encontrou sem chave. Então era isto uma armadilha? Lugus tinha colocado seu exército dentro?

Dartayous respirou profundo e disse uma rápida oração antes de empurrar a porta e cair totalmente no exterior do palácio. A porta se balançava silenciosamente na escuridão da noite. Olhou com cuidado pelo canto e encontrou velas iluminando a câmara interior.

Entrou no palácio rapidamente. Não tomou muito tempo compreender que não havia um exército à espreita esperando para ele. O palácio parecia tão deserto como a cidade.

Mas sabia bem. Moira estava dentro em alguma parte, e continuaria procurando até encontrá-la.

Moira entrou na sala do trono e ofegou pelo esplendor diante dela. A prata brilhava por toda parte, do piso aos céus que se elevavam tão altos que ela mal podia distinguir o final.

– Aqui estamos nós – disse Lugus.

Parou seu embevecimento e girou para ele. De pé a cada lado dos tronos que o rei e a rainha ocupariam se encontravam o rei e a rainha em pessoa.

Estavam imóveis como se fossem sustentados por ataduras invisíveis. A fina camisa branca e prata do rei estava cortada através do peito com manchas de sangue, mas ela não conseguiu ver nenhum corte sobre sua pele de marfim.

– Tem um visitante, Theron, – disse Lugus aproximando-se do rei. – Conheça sua nova rainha.

Um tremor de apreensão correu pela espinha de Moira quando os olhos azuis de Theron se encontraram os seus. Mostravam compaixão e malícia em suas profundidades, mas Moira soube que não era para ela.

Inclinou-se em uma reverência só para ter a Lugus lhe dando um puxão.

– Ele já não é o rei. Eu sou, – vaiou em seu ouvido.

– Você o encadeou? – perguntou.

Lugus suavizou sua presa.

– De certo modo. Meus poderes excedem a qualquer dos Fae. Só meu poder pode mantê-los assim.

Deu um passo para Theron quando a mão de Lugus a deteve outra vez.

– O que está fazendo?

– Desejo falar com ele.

Lugus riu.

– Não. Trouxe-a aqui para que eles possam ver que a tenho. Eles duvidavam de que eu pudesse capturá-la.

Captura. A palavra soou em sua cabeça. E ela tinha caminhado direto para ele, sozinha. Ele tinha desejado que ela abandonasse a alguém... um homem. Dartayous. Esse era seu nome. Tomou uma grande quantidade de vontade, mas conseguiu recordar que ele significava algo muito importante para ela.

– Sim, fiz isso, – disse Lugus brandamente. – Esse não era o verdadeiro Dartayous e você sabe. Só te dava a visão para que o visse como realmente é.

A cólera por ele por invadir sua mente encheu suas veias.

– Eu não gosto que leia meus pensamentos.

Ele se encolheu de ombros e a apartou longe do Theron.

– Realmente queria que visse Rufina, – disse e a parou diante da rainha.

Rufina estava de pé orgulhosa e régia ainda quando era mantida prisioneira. Moira desejou ter sua força. Os atormentados olhos azuis da rainha rasgaram a alma de Moira.

– O que fez? – perguntou-lhe Rufina.

– Vim te liberar.

Os olhos azuis de Rufina brilhavam pelas lágrimas.

– OH, menina, não tem idéia do que causarão suas ações. Pense em suas irmãs.

Moira fechou os olhos ante as palavras de Rufina. Irmãs? Ela tinha irmãs? Não era possível. Não teria esquecido suas irmãs.

Seus olhos se abriram para olhar fixamente Rufina.

– Eu não tenho irmãs.

– Não recorda Glenna com seus cachos escuros e seus profundos olhos marrons, sua risada ou seu brilhante sorriso? Que tem os olhos verdes de Fiona que se parecem com os seus ou sua natureza ferina e sua aguda língua?

Pelo mais breve dos momentos, Moira viu duas mulheres tal como Rufina as descrevia, mas tão rapidamente como vieram elas desapareceram.

– Está errada. Não tenho irmãs. Recordaria-as.

Rufina voltou seus olhos zangados a Lugus.

– Está apagando sua memória.

Riu e caminhou por trás de Moira para pôr suas mãos em cada um de seus ombros.

– Não estou fazendo tal coisa. Moira recordaria se ela tivesse família.

Rufina olhou a Moira.

– Não ceda ante ele. O destino de nossos reinos dependem de você.

– Suficiente, – rugiu Lugus e Rufina imediatamente deixou de falar. Ele virou Moira para confrontá-la. – Queria te mostrar que realmente tenho o controle deste mundo. Mantereí aos Fae prisioneiros até depois da profecia.

Ela sacudiu sua cabeça para parar o torvelinho de pensamentos. Profecia. Glenna. Frang. Fiona. Aimery. Dartayous. Mas foi Aimery quem mais golpeava em sua mente.

– Ah, Aimery, – disse Lugus enquanto a conduzia fora do salão. – Quer que te mostre ao Fae que era o comandante dos exércitos? Acho que você não gostará.

Introduziu-a em um aposento atrás da sala do trono. Estava escuro exceto pelas velas que iluminavam o aposento com um brilho suave. Ela não olhou a não ser ao centro do aposento onde um homem pendia no meio do ar, seus braços estavam abertos e seu queixo descansava sobre seu peito.

– Acorda, Aimery. Trouxe-te uma convidada, – disse Lugus.

O homem levantou sua cabeça lentamente. A cólera em seus olhos cintilou com incredulidade quando seu olhar caiu sobre ela.

– Moira, – disse, sua voz áspera como se não a tivesse usado por um tempo.

Ela saltou ao som de seu nome. Este homem a conhecia e ela sabia seu nome, mas que significava? Ela levou as mãos a suas têmporas em um esforço para parar o tamborilar incessante.

– Moira.

Levantou a cabeça para olhar a Aimery. Sua voz a chamou brandamente, mas ela o tinha ouvido tão claramente como se lhe tivesse gritado. Ela deu um passo para ele pensando que Lugus a deteria, mas ele permaneceu onde estava. Ela se fez mais valente e caminhou diretamente diante do Aimery.

– Quem é? – perguntou.

Ele articulou algo e sua testa se enrugou em um cenho como se tivesse dor. Abriu seus olhos e a olhou com tristeza.

– Sou seu amigo.

– Sei seu nome, mas não por que. – envolveu-se com seus braços. – Não sei nada mais.

– Frang te enviou aqui para mim.

Frang.

– Conheço esse nome também.

– Ele te criou.

Logo que as palavras abandonaram sua boca atirou sua cabeça para trás gritando da dor. Ela se deu volta e olhou a Lugus. Mostrava um sorriso malvado enquanto girava sua mão primeiro de uma maneira e logo depois de outra provocando mais gritos de Aimery.

Correu para o Lugus.

– Pare. Por favor, pare, – rogou-lhe. – Não lhe perguntarei mais.

Lugus baixou sua mão e os gritos de Aimery cessaram. Lugus tomou seu queixo em sua mão.

– É minha. Você será minha rainha.

Suas palavras acalmaram seus pensamentos em guerra. Seu corpo cantarolava com serenidade. Durante um momento lutou contra isso, mas isto logo a dominou. Quando Lugus lhe ofereceu sua mão, a aceitou com entusiasmo.

– Recorda a Dartayous, – sussurrou Aimery enquanto partiam.

Moirá quase lhe respondeu, mas pensou que seria melhor se atuasse como se não o tivesse ouvido, especialmente quando Lúgus estudou sua cara.

– Dartayous. Quem era este homem que Aimery mencionava?

Capítulo 17

Dartayous caminhava pelo longo vestíbulo com a espada levantada e em posição. Não correria riscos. A busca nos dois primeiros pisos tinha sido inútil. Nada. Nenhuma só pessoa ele descobriu.

Deteve-se e ouviu. Vozes. Não havia equívoco em um palácio com esta quietude. Esmagou-se contra a parede e esperou. Não antes de se mover para a sombra, já que cheirou o perfume de mal.

Lugus.

Essa tinha sido a única forma que Dartayous tinha sabido de sua presença no Vale dos Druidas. O aroma se fortaleceu enquanto o ruído de passos aumentava. Preparou-se para golpear enquanto Lugus chegava até onde ele estava de pé esperando. Em seguida Dartayous viu Moira. Nunca a tinha visto tão bela.

Sua vacilação o custou o momento. Centrou sua atenção logo que Lugus se parou.

– Alto, – ordenou a Moira.

Dartayous olhou com assombro como Moira fazia exatamente o que Lugus lhe ordenava. Era como se tivesse o controle de sua mente. E isso é exatamente o que tinha. Dartayous nunca tinha estado tão contente de saber fechar sua mente. Teria que agradecer a Frang quando retornassem ao Vale. Até então, teria que estar em guarda.

– O que é isto? – Perguntou Moira a Lugus.

Dartayous observou como Lugus olhava vestíbulo abaixo e explorava com sua mente. Sentiu o poder de Lugus com um adormecimento de seu corpo, mas o apartou à força. Lugus poderia ser todo poderoso, mas havia truques que Dartayous sabia para lhe manter afastado.

– Nada, – respondeu Lugus finalmente. –Vem.

Dartayous quis lhes seguir, mas algo lhe disse que visse o quarto de onde acabavam de sair. Esperou até que já não pôde ouvir ruído de passos ou sentir o poder de Lugus antes de dobrar a esquina e introduzir-se no quarto.

Não havia dúvidas de que esta era a sala do trono, mas logo se esqueceu da opulência do aposento quando viu Theron e Rufina. Correu para eles.

– Meu rei, – disse e se inclinou de modo respeitoso.

– Não pode falar.

Dartayous se girou para olhar Rufina. Suas feições que uma vez foram orgulhosas agora estavam dobradas pela aceitação.

– Por que?

– Lugus tomou a voz dele.

Dartayous se levantou e foi para a rainha.

– Mas lhe deu a permissão de falar?

Ela riu, mas não continha humor.

– Ele quer torturar a Theron de qualquer maneira que possa.

Dartayous passeou ao redor dela enquanto ela falava procurando uma forma de liberá-la.

– Onde estão suas correntes?

– Lugus é nossa corrente.

– Seu poder é tão grande então? – perguntou Dartayous enquanto chegava diante dela.

– Tenho medo. E parece que converteu Moira.

– Converteu? Não. Ele tomou o controle de sua mente.

Os olhos azuis de Rufina estavam cheios de tristeza.

– Vê o que quer ver porque cuida dela. Permitiu a Lugus entrar em sua mente, Dartayous, porque ela se converteu. Podia haver-se oposto a ele.

Dartayous se negou a acreditar em suas palavras.

– Você está equivocada. Você tem que estar.

Ela negou com a cabeça.

– Estamos todos condenados. O mundo como nós o conhecemos deixará de existir. Viu os Dragões da Morte?

– Dragões da Morte?

– Dragões negros? – Perguntou ela outra vez.

– Sim. Estão lutando com os outros.

– O que outros? Da que cor eram?

– Verde e amarelo, – disse ele. – Por que?

– Viu o resultado?

Ele negou com a cabeça.

– Levei a Moira tão longe deles como pude. Parecia incomodá-la que os dragões brigassem.

– Ainda podia haver esperança então. Se os dragões brancos não combateram há esperança. – Levantou a vista até ele. – Deve se aproximar de Moira. Fale com ela. Se ela recordar, então ali poderia haver uma oportunidade para liberar Aimery.

– Se me recordar? – Repetiu ele. Diz-me que não sabe quem sou?

– Ainda não recordou à suas irmãs.

Dartayous sentiu como se levasse um chute no estômago.

– Nunca deveria ter sido enviada aqui.

– Era seu destino. Lugus estava certo nisso.

– Seu destino era cumprir a profecia. Soube-o durante anos.

Rufina negou com a cabeça, suas tranças loiras apenas se moveram.

– Seu verdadeiro destino se decide entre Lugus e você.

Dartayous percorreu a mão pelo rosto.

– Ela correu de mim direto a ele. Como posso ganhar sua confiança se ela não me conhecer?

– Ela sabe. Só tem que recordar-se de você.

– Recordará a Glenna e Fiona? – Perguntou ele.

Rufina negou.

– Por certo se lembrará delas?

– Não.

– Então o que lhe faz pensar que se recordará de mim?

– Seu corpo se recordará. Seu coração se recordará. Mas sobretudo sua alma se recordará.

Frang escutou a Glenna e Fiona enquanto lhe relatavam o que tinham visto de sua irmã. Levantou uma mão para acalmá-las.

– Não há nada que possamos fazer.

– Nada? – Repetiu Fiona. – Isso não pode ser verdade.

– Temo que é sim

Glenna negou com a cabeça.

– Não acredito. O que nos está ocultando?

Frang suspirou e começou a sentir-se tão velho como parecia.

– Moira tem que fazer uma escolha.

– Que tipo de escolha? – Perguntou Fiona.

– Do tipo que seja, já para nos salvar ou para nos condenar.

– Deixa de falar com adivinhações, – disse Glenna agudamente. Ela começou a passear com agitação.

– Não há adivinhação. Ela pode escolher a Dartayous e salvar a toda Escócia e a terra dos Fae, ou escolher ao Maligno e, por conseguinte nos condenar a uma eternidade de escuridão.

Glenna deteve seu passo, seu rosto pálido.

– Por todos os Santos.

– Por que não nos disse isso antes? – Fiona mordeu seu lábio e retorceu suas mãos.

– Não lhe podia dizer, – explicou Frang. – Tal como não podia dizer a ela. Isso era parte de seus destinos. Cada uma tem que fazer uma viagem para acabar com a profecia.

Deu-lhe as costas e olhou dentro do círculo de pedra dos Druidas. Logo ele devia deixar o refúgio do círculo para sempre, mas até então faria tudo o possível para manter seguras Moira, Fiona e Glenna.

– Frang, – disse Fiona caminhando no seu lado. – Há alguma coisa que não nos diz? Alguma sobre o Lugus?

– Ah, o Maligno, – disse e se enfrentou a Fiona. – Lugus. Sei que tem mais poder que qualquer dos Fae que viveu, bastante poder para fazer que as pessoas façam o que ele lhes obrigue.

– Em outras palavras, Moira não tem nenhuma possibilidade contra ele.

A censura se encontrava nas palavras de Fiona. Frang não tinha o desejo de lhes dar falsa esperança. Todos eles tinham que se preparar para o pior.

– Não, – gritou Glenna. – Moira é mais forte que isso. Oporá-se a ele, e ganhará.

Frang dedicou-lhe um pequeno sorriso e rezou para que estivesse certa. Se ela não o fizesse, então estariam todos condenados.

Moira entrou em seu quarto e esperava que Lugus a seguisse. Continuava refletindo sobre as palavras de Aimery. Dartayous. Sentia como se devesse conhecer a quem pertencia o nome, mas não podia pôr um rosto no nome.

– O que te incomoda?

Voltou-se para o Lugus para lhe ver lhe estendendo uma taça de prata. Tomou a taça.

– Não me sinto como eu mesma.

– E o que se supõe que sente? – Inclinou para trás sua cabeça e tomou um longo trago de sua taça.

Ela se encolheu de ombros.

– Não sei. Só sei que falta algo.

– Falta algo? O que poderia faltar?

Seu olhar a tinha apanhado e a mantinha com sua. O martelamento na sua cabeça desapareceu e seus pensamentos se pulverizaram para todos os lados. Ela negou com a cabeça ligeiramente.

– Do que estávamos falando?

– Do quanto você adora isto, – disse-lhe ele e inclinou a taça até seus lábios.

Ela bebeu profundamente deixando que o fluxo do líquido quente e doce descesse por sua pela garganta. Fechou os olhos enquanto o calor se propagava através dela. Quando abriu os olhos viu que Lugus estava observando-a.

– Desagrado-lhe, meu senhor? – Perguntou-lhe.

Ele deu um passo para ela e segurou seu rosto com sua mão.

– Ao contrário, me agrada enormemente.

– E ainda me quer para sua rainha?

– Não teria outra. Fomos feitos um para o outro, Moira, – disse enquanto se inclinava mais perto. Sua respiração quente ventilou no seu pescoço enquanto ele dobrava sua cabeça e posava um beijo debaixo de sua orelha.

Ela recostou a cabeça para um lado e suspirou. A boca dele lenta e tranquilamente se moveu até a boca dela onde seus lábios se engancharam dos dela com ligeiras pressionadas e lambidas.

– Tenta-me como nenhuma outra. – Suas mãos a rodearam e a puxou contra ele.

A taça que ela sustentava lhe caiu da mão e se chocou contra o chão. Embora o que o que Lugus estava fazendo a fazia sentir-se tão bem, não parecia correto. O corpo queria mais dele, mas sua mente seguia pensando o contrário.

Dartayous.

– Não, – gritou Lugus e a afastou à força dele.

Ela caiu no chão e se escapuliu mais longe dele.

– O que? O que fiz?

– Você é minha, – disse mordendo cada palavra.

– Sei.

Seus olhos se estreitaram.

– Sabe?

– Sim.

– Prova-o.

O coração dela martelava dolorosamente em seu peito. Levantou-se sobre seus joelhos e inclinou de modo respeitoso a cabeça.

– Meu rei, – disse.

– Quem sou?

Lentamente levantou o pescoço.

– Lugus, governante do Fae e da humanidade.
– E você é? – Perguntou-lhe, com sua mão estendida.
Ela tomou sua mão e lhe permitiu puxá-la para ele.
– Sou Moira. Sua rainha.
– Se esquecerá de tudo o que sabia antes de vir aqui, – murmurou em sua orelha.

Ela estava a ponto de lhe perguntar o que queria dizer quando ele começou a posar beijos por cima de sua face, mas os olhos dela se voltaram pesados e não os podia manter abertos.

Lugus a apanhou entre seus braços e a levou até a cama. Tirou-lhe os sapatos e a cobriu com as mantas. Curvou-se sobre ela durante muito tempo olhando-a somente. Sua mente era mais forte do que ele tinha acreditado. Depois de toda a magia que tinha usado ela ainda continuava pensando em Dartayous. Ia ter que usar magia mais forte da que tinha usado antes. Tinha esperança que depois desta noite, não teria necessidade disso outra vez.

Com a mão sobre a cabeça dela, lhe disse:

– Se esqueça de Dartayous. Esquece seu nome. Esquece a razão pela que veio ao mundo Fae. Recorda só que é minha. Recorda que será rainha.

Baixou a mão e suspirou antes de voltar-se e sair do quarto. Era hora de encontrar Dartayous. Estava em algum lugar do palácio, disso estava seguro. Mas se ele estava, por que ainda não tinha tratado de ver Moira? Acaso sabia que ela já estava além de sua ajuda?

Lugus caminhou para a sala do trono. Tinha sido um engano levar Moira a ver Aimery. Lugus não tinha pensado que Aimery seria tão atrevido de mencionar Dartayous, mas ele tinha menosprezado o seu comando. Não ocorreria de novo. Nem daria a Moira permissão de ver de novo Aimery. Podia-lhe ter liberado simplesmente lhe dizendo que era livre.

Deteve-se e escutou. O longo vestíbulo surgiu ameaçadoramente diante dele com muitos lugares onde alguém podia situar-se para esperá-lo. Sorriu e usou sua magia para sentir ao Guerreiro Druida. Decidiu criar vazios assim como o fez anteriormente com o Aimery, e pôde ter jurado que Dartayous estava junto a ele.

Talvez era a hora de usar MacNeil e alguns outros para que fossem à caça.

Dartayous conteve o fôlego para que Lugus não desse dois passos até ele. Tudo o que o Fae tinha que fazer era alcançá-lo e lhe tocar uma mão e tudo estaria terminado.

Assombrosamente, Lugus continuou adiante depois de um momento. Dartayous deixou escapar a respiração. Lugus outra vez tinha usado sua magia para buscá-lo, e outra vez Dartayous tinha escapado.

Esperou vários segundos para assegurar -se de que Lugus não retornasse antes de aproximar da porta de Moira. Apoderou-se da maçaneta, com a esperança de encontrá-la fechada. Em lugar disso oscilou aberta. Empurrou mais à frente para abri-la e deu um passo adentro.

Seus olhos velozmente vagaram pelo quarto procurando qualquer tipo de perigo. Quando não encontrou nenhum, fechou a porta detrás dele e caminhou até a cama vendo-a de fora das cortinas da luxuosa cama.

Afastou um lado das cortinas e a contemplou. Sua beleza lhe esquentou o coração. Tinha perdido muito dela. Não tinha sabido quanto até que ele a tinha cuidado.

Ela estava em um profundo sonho, um sonho mágico. Sentou-se a seu lado e agarrou sua mão com a sua. Ela gemeu e se moveu ligeiramente. Queria despertá-la, mas o reconheceria se ele o fizesse? Tinha apagado Lugus todas as lembranças como Rufina tinha sugerido?

Seu corpo reviveu com no contato de Moira. Tinha sentido falta de suas mãos, sua boca, seus beijos e seus sedutores sorrisos. Não a havia custado nada convertê-la em uma parte dele apesar de tratar desesperadamente manter-se afastado dela.

Fechou os olhos e recordou o bom casal que faziam. Fazer amor com ela tinha sido tal e como o tinha imaginado. Perfeito. Agora, o pensamento de que poderia tê-la perdido enviou uma sacudida que o atravessou.

– Seu corpo te recordará.

As palavras de Rufina retornaram a ele repentinamente. Abriu os olhos e tocou a face de Moira. Ela suspirou e se voltou para ele.

– Moira, – murmurou.

Ela choramingou enquanto suas sobranceiras se juntavam.

– Shh, – disse e acariciou seu rosto. Acalmou-se imediatamente.

Em toda sua vida nunca se enfrentou com o que tinha diante. Se não fazia o suficientemente bem podia perder a Moira para sempre, e muito mais, pois esse mundo como eles o conheciam deixaria de existir.

O Fae guardava em segredo sua magia para uma razão. A maioria da humanidade não estava apta para isso, e nunca estaria preparada. Apesar de como se sentia sobre isso, se dependesse dele tentaria fazê-lo tudo.

Faria retornar a memória a Moira. Liberaria Aimery e ao mundo Fae. Mataria a Lugus. Ou morreria tentando-o.

Inclinou-se e pressionou seus lábios contra os de Moira. Percorreu a boca dela com sua língua e sorriu quando seus lábios se abriram.

– Conhece-me, – disse e tomou seu lábio inferior em sua boca. Chupou amavelmente até que ela gemeu.

Girou a cabeça para um lado e encontrou o lugar detrás de sua orelha que sempre a voltava louca. Quase saltou de alegria quando seus braços vieram ao redor de seu pescoço.

– Sim, Moira. Desperta e me olhe.

Manteve seu assalto. Beijava e saboreava cada polegada do rosto dela e o pescoço até que a única parte que deixou foi sua boca. Seus braços estavam fechados hermeticamente ao redor de seu pescoço e seu corpo se movia nervosamente.

Seu corpo gritava para que tomasse, fazer amor uma e outra vez. Mas não podia. Não quando ela estava assim. Possivelmente seria vão, mas quis que lhe conhecesse, que reconhecesse quem a levava a êxtase.

Tomou o controle de seu desejo com determinação de ferro. Olhou Moira, seu corpo preparado para ele, ansioso para chegar ao clímax, não moveu as mãos de seus ombros. Sabia que se ele a tocava se perderia.

Com uma respiração trêmula, inclinou-se e posou em seus lábios um beijo suave. Ela ansiosamente se abriu a ele, mas ele se conteve. Explorou sua boca descansadamente até que não pôde tomar mais. Ele gemeu e moveu sua língua ao longo da dela, moldando suas bocas apertadamente juntas enquanto ele afundava mais o beijo. Mas quando disse a si mesmo que desse marcha atrás, não pôde fazê-lo. Seu corpo tinha assumido o controle.

Não podia ter suficiente dela. Sua boca necessitou seu doce néctar, e seu corpo desejava mergulhar-se dentro de seu apertado e quente centro de sua feminilidade. Suas mãos apertaram os lençóis para impedir que vagassem para seu flexível corpo enquanto os quadris dela se moviam contra ele.

O beijo se voltou quente, pesado enquanto se aferravam um ao outro. Estava perdendo rapidamente o controle. Era hora de dar marcha para trás.

Arrancou sua boca da dela e imediatamente a perdeu. Ele abriu os olhos e observou como o peito se elevou e caiu em respirações erráticas. Ela moveu a língua sobre seus lábios inchados e seu pênis saltou ante essa visão.

Para seu deleite, ela abriu os olhos e lhe sorriu. Ele conteve a respiração, esperando que se recordasse dele.

Moira olhou ao magnífico homem que a tinha despertado da forma mais deliciosa. Sabia que ela devia lhe exigir que deixasse seu quarto, mas seu corpo lhe conhecia. Supunha-se que lhe conhecia? Sua cabeça começou a pulsar outra vez à medida que mais pensamentos foram a sua mente.

– Moira, – disse o homem.

Ela afastou a um lado a dor crescente de sua cabeça e se encontrou no seu ardente olhar azul nela. Um lado de sua boca se inclinava em um sorriso, e durante só um momento lhe reconheceu.

– O conheço, – disse ela brandamente.

O sorriso dele se fez mais amplo.

– Qual é meu nome?

– Não sei.

Ela quis chorar quando viu ela seu rosto abater-se.

– Saberá, – prometeu ele.

– Quem é?

Os olhos dela se fecharam quando sua mão lhe acariciou a face.

– Sonha.

– Quem é? – perguntou ela outra vez.

– Sonha, – ordenou ele.

Começou a ir à deriva da volta ao sono sem sonhos quando ela escutou,

– Conhece-me, Moira. Recorda. Seu corpo o faz.

Dartayous esperou até que esteve outra vez dormindo antes que se levantasse da cama. Com pernas rígidas caminhou pelo quarto e fechou a porta detrás dele. Tinha inspecionado para assegurar de que Lugus estivesse perto, e francamente lhe daria bem-vinda a uma briga agora mesmo.

Suspirou e apoiou a cabeça contra da porta. Seu corpo tinha reconhecido-o. Durante um momento tinha pensado que tinha recordado, mas se tinha

desvanecido como o pôr-do-sol deixando só escuridão, uma escuridão que ameaçava lhe reclamar.

A cólera por aqueles que os tinham posto aqui sem esta informação fluiu ferozmente dentro dele. Frang e o Fae tinham sabido durante anos o que encontrariam.

Moiria poderia muito bem pagar isto com sua alma, e Dartayous estava quase seguro que ele pagaria com sua vida.

Capítulo 18

Os olhos de Moira se abriram de repente. Não se moveu enquanto as lembranças da noite anterior passavam em sua mente. Desejava saber quem era o homem misterioso, e apesar de que lhe havia dito que o conhecia, ela não podia recordar seu nome.

Tirou as pernas pelo lado da cama e viu o sol brilhando pelas janelas abertas. Nem sequer recordava haver-se deitado. Sua última lembrança era dela e Lugus compartilhando uma taça de vinho.

Sem importar quanto custasse, não pôde recordar nada de antes de chegar ao palácio. Logo que se preocupou com esses pensamentos, estes desapareceram imediatamente com o convencimento de que ela pertencia a este lugar.

Depois de banhar-se e vestir-se com um vestido de prata azulada ouviu uma batida na porta. Abriu-a para encontrar a Lugus vestindo uma túnica que fazia jogo com seu vestido.

– Espero que não te importe, – disse-lhe enquanto elevava sua mão para beijá-la. – Quis que nossa primeira aparição como o rei e rainha fosse uma magnífica exposição. Ela sorriu. – Certamente que não me importa. Vamos?

– Não ainda, – disse e se levou a outra mão à costas. – Acredito que isto te pertence.

Ela ofegou e alcançou o magnífico colar de prata e pérolas.

– É meu?

– Você é a rainha, e este é o colar da rainha. Ponha o. – Disse ele e a empurrou gentilmente para o espelho.

Colocou o colar ao redor do pescoço e se olhou no espelho. Teve que admitir que se via perfeita, e com Lugus a seu lado faziam um casal ideal.

– A perfeição, – disse ele e beijou sua bochecha. – Vamos. Temos negócios que atender.

Dartayous sabia que Lugus tinha posto uma armadilha, mas tinha que entrar no salão do trono. Ficou com a Moira a maior parte da noite até que o sol tinha começado sua ascensão no céu.

Fechou seus olhos durante um momento e imaginou Moira como tinha sido antes que Lugus se apoderasse de sua mente. Sua lembrança favorita era seu cabelo loiro brilhando ao sol das Highlands enquanto lhe sorria. Tinha sido um idiota por resistir a ela por tanto tempo.

Todos esses anos observando-a de longe quando podia haver compartilhado com ela, a alegria, a dor, as penas dela. Naquele momento odiou sua imortalidade que tinha mantido seu coração escondido de todos.

Mas essa não era a verdadeira razão. Só um covarde se ocultaria detrás daquela mentira e era tudo exceto um covarde. Na verdade, sempre tinha temido

os fortes sentimentos por Moira que corriam profundamente dentro dele. Tinha temido exatamente isto.

Tinha passado o tempo de abrir-se. Poderia corrigir seus males uma vez que tivesse Moira fora das garras de Lugus. Com um profundo suspiro se virou e entrou no salão do trono.

Moira estava sentada pacientemente ao lado do Lugus na sala do trono. Inspeccionou os tronos de prata e encontrou gravados similares a algo que ela tinha visto antes. Não podia localizar onde tinha visto as marcas, mas estava segura que o tinha feito.

Mudou de posição em seu assento e a suave almofada branca abaixo dela não se moveu.

– O que estamos esperando?

– Um visitante, – disse categoricamente e não tirou seus olhos das portas de dois batentes que conduziam ao salão.

Ela olhou a seu lado e encontrou a Rufina observando-a. Seu olhar então se dirigiu ao grupo de homens que vestiam kilts parados a ambos os lados do salão. Reconheceu um dos xadrezes, mas não pôde lembrar à que clã pertencia.

Levou as mãos às têmporas para massagear-lhe. A dor se tornava insuportável, e só passava quando tratava de pensar em coisas que não lhe vinham facilmente.

– Deve recordar.

O olhar de Moira voou a Rufina.

– O que? – sussurrou ela.

– Sua cabeça dói porque luta para recordar. Luta contra isso e terá o controle outra vez.

Ela ficou olhando à antiga rainha.

– Não sei do que está falando.

– Se o fizer, – declarou Rufina. – Recorda o que te disse.

– Suficiente, – Lugus rugiu. Ele parou e cruzou de um limiar até a Rufina. – Equivoquei-me ao te permitir falar.

Moira observou como Lugus elevou sua mão e Rufina gritou pela dor. O grito terminou de repente, mas Moira sabia que ela ainda tinha dor para as lágrimas que corriam pela sua face.

– Pára, – rogou a Lugus. – Pára, – gritou quando ele não a olhou imediatamente.

Seus selvagens olhos azuis se viraram para ela e ele deixou cair sua mão.

– Por quê?

Ela pensou rapidamente, esperando que ele não lesse seus pensamentos.

– Porque ela me diverte.

Olhou-a atentamente durante um momento antes de assentir e se sentou uma vez mais. Ela acabava de voltar a sentar-se para esperar a seu visitante quando um rugido rasgou o ar e um homem entrou correndo no salão de trono. Homens de todos os lados avançaram sobre o homem solitário.

O homem lutava contra os homens de Lugus rápido e sem esforço até que o líder esteve detrás dele e baixou suas costas. Moira por um momento reconheceu ao homem, mas a dor de sua cabeça lhe impedia qualquer intento de investigar mais à frente.

Os olhos de um azul chamejante encontraram os seus. Sua boca caiu aberta quando o reconheceu como o homem que tinha vindo à noite anterior. Quem era ele?

– Aqui está seu precioso Dartayous, – resmungou Lugus tão brandamente que Moira quase não alcançou para ouvir suas palavras.

As lembranças a alagaram quando olhou atentamente a Dartayous, e tudo porque Lugus havia dito seu nome. Lançou uma olhada a Lugus perguntando-se se ele sabia que ela tinha desfeito sua magia. O sorriso sobre seu rosto enquanto ele observava a luta de Dartayous a fez adoecer do estômago.

Ela girou sua cabeça para o Dartayous e soube que tinha só uma oportunidade se queria tirá-lo disto com vida. Manteve seus olhos sobre ele, mas com seu rosto desprovido de toda emoção, especialmente quando sentiu o olhar de Lugus sobre ela.

– Quem é ele? – inclinou-se e perguntou.

– Alguém que te quer morta.

Ela ofegou e se cobriu a boca com sua mão. Seus olhos encontraram os do Lugus.

– E você o permitiu estar no palácio? – Rezou para que se soasse como antes que sua memória retornasse.

– Não deixarei que nada te aconteça, – disse com um brilho em seus olhos.

Ao parecer o tinha convencido. Agora, tudo que tinha que fazer era manter isto.

– O que fará com ele?

– Matá-lo.

Ela olhou como Dartayous lutava e matava aos homens. Mas a única pessoa que lhe preocupava que matasse era MacNeil. Ela se sequer se perguntava por que ele estava aqui. Lugus havia o trazido. O que Lugus tinha planejado para o MacNeil era outro assunto. Um que ela teria que descobrir mais tarde.

Tudo o que pôde fazer quando uma espada abriu o peito de Dartayous foi ficar em seu assento. O sangue corria para seu peito manchando seu colete. Agarrou os braços de sua cadeira, mantendo sua respiração, esperando que Dartayous caísse.

Ela saltou quando a mão de Lugus tocou a sua. Suas sobrancelhas se franziram quando a olhou.

– Está preocupada com ele?

De repente recordou o que Rufina lhe havia dito, que ela poderia bloquear Lugus de ler seus pensamentos. Rapidamente o bloqueou e disse:

– Não desejo que ele morra ainda. Quero que sofra.

Dartayous não podia acreditar as palavras que saíram da boca de Moira. Olhou para ela e Lugus sentados no trono enquanto sustentava seu peito. O sangue corria por ambos os braços dificultando segurara a espada.

Com sua atenção sobre Moira e seu rosto sorridente dirigida a Lugus, Dartayous não viu a espada que se balançava para sua perna. Gritou e caiu de joelhos. Ele conseguiu dirigir sua espada à pura força de vontade.

Tratou de levantar-se, mas não pôde. Elevou seu olhar e encontrou a MacNeil parado a seu lado, sua espada gotejando sangue. Isto tinha terminado antes mesmo ter começado. MacNeil levantou sua espada em cima de sua cabeça.

Dartayous rezou que Moira o perdoasse, porque ele nunca se perdoaria por não salvá-la.

– Espera, MacNeil, – gritou Lugus levantando de sua cadeira.

Dartayous observou desconfiadamente como MacNeil baixava sua espada e esperava. Seria tão fácil matar MacNeil agora, mas ele não podia. A profecia devia ser cumprida.

– Vá ficar perto da parede, – disse - Lugus a MacNeil quando os alcançou. Dartayous ficou de joelhos, sua espada ainda agarrada em sua mão. Seu corpo gritava em silêncio a dor dos cortes assim como o buraco em seu peito onde seu coração estava acostumado a residir.

Lugus se inclinou para baixo.

– Não se atreveria a tentar me matar agora.

Dartayous não soube o que ele quis dizer até que viu Moira aproximar-se.

– É um covarde.

Lugus riu e o chutou. Dartayous tratou de esquivar o pé, mas não se moveu o bastante rápido. Este conectou com seu queixo e o mandou voando de costas.

– O que faremos com ele? – perguntou Lugus a Moira.

Dartayous esperou ouvir suas palavras, palavras que muito provavelmente cortariam seu coração.

Moira quis gritar quando viu o sangue sobre Dartayous. Em troca se ajoelhou a seu lado e colocou a mão em seu peito. Onde havia uma ferida não ficava nada mais que uma linha rosada como se a ferida se curou sozinha.

– Está se curando, – disse ela.

Lugus se ajoelhou do outro lado dela e examinou Dartayous.

– Então é realmente um Fae.

– Assim parece, – disse Dartayous.

Moira tinha estado preparada para curá-lo ela mesma, mas estava impressionada do que tinha encontrado.

– Entretanto, – disse Lugus –, nunca vi um Fae curar tão rapidamente.

– É realmente importante?, – disse Moira. – Com esta cura seremos capazes de fazê-lo sofrer mais do que tinha planejado. – Ela recusou olhar a Dartayous pelo medo a ver a dor e a cólera em seus olhos e ela se quebraria e choraria. Tomou a mão que Lugus de oferecia e ficou de pé.

– Eu sabia que era a rainha perfeita, – disse Lugus e a levou de volta a sua cadeira. – MacNeil, traz para nosso prisioneiro.

Ela se sentou e observou como MacNeil punha rudemente de pé a Dartayous. Então teve que apartar a vista quando MacNeil o empurrou para Lugus e voltava a cair ao piso.

Era muito. Nunca seria capaz de realizar esta cena, disse-se. Não podia ficar parada vendo Dartayous sofrer. Ele não o merecia. Ela sim. Era a única que os tinha metido nesta confusão. Tudo porque não tinha acreditado em Dartayous como lhe tinham pedido.

Seus olhos se encheram de lágrimas. Ela piscou a toda pressa para afastá-las e encontrou a Rufina olhando-a fixamente. Moira desejava veementemente que Rufina pudesse falar. Era muito o que queria lhe perguntar à rainha e muito o que queria lhe dizer.

Com um suspiro profundo ela voltou à Dartayous e ofegou.

– Ele ainda sangra, – disse enquanto ficava de pé e indicava o rastro de sangue.

Girou-se para Lugus quando o silêncio encontrou suas palavras. Seu olhar se estreitou sobre ela. Ela aumentou seus olhos e jogou inocente.

– Meu senhor, se ele sangrar muito então não poderei torturá-lo como desejo.

Esperou enquanto os olhos de Lugus a estudavam durante um momento, dois... três. Então, finalmente ele se deu volta a MacNeil.

– O que sangra?

MacNeil se inclinou e percorreu a Dartayous com a vista.

– A ferida detrás de sua panturrilha, meu rei.

– Estanquem a ferida, – ordenou ele então voltou para Moira. – Isso te satisfaz?

Pôs um sorriso brilhante sobre sua face.

– Enormemente, meu senhor.

– Não me tinha dado conta que era tão sanguinária.

Tampouco Dartayous. Não tinha tirado seus olhos de Moira desde que ela havia dito que queria torturá-lo. Não era a moça que ele tinha conhecido no Vale. O controle de Lugus devia ser grande.

Mas o que havia dito Rufina? Moira tinha uma escolha a fazer. Era seu destino. E ela tinha feito aquela escolha. Lugus tinha ganhado. Ela poderia tê-lo resistido se não tivesse querido a Lugus. Ao parecer ela tinha mentido quando lhe havia dito que acreditava que ele era seu companheiro.

– Minha rainha deseja que sofra enormemente, – disse Lugus quando Dartayous se ajoelhou ante ele e Moira.

Dartayous deixou de apertar seus dentes.

– E por que isso?

– Porque veio aqui para matá-la.

Dartayous riu.

– Vim aqui para matar a ti, não a Moira.

Lugus ficou de pé.

– Como se atreve a dizer que minto.

– Atrever-me-ei e muito, – exclamou Dartayous.

– Não por muito tempo.

Apesar de não desejá-lo, os olhos de Dartayous procuraram Moira. Ela examinava suas unhas como se não tivesse uma preocupação no mundo. A pouca esperança que ficava desapareceu em um batimento do coração.

– MacNeil, – ladrou Lugus. – Coloque-o no quarto do sol.

Dartayous não olhou mais a Moira. Não podia. Era um homem destruído. Tinha falhado a Frang e aos Druidas. Tinha falhado à sua própria família. Falhou a si mesmo. Mas sobre tudo lhe tinha falhado à única pessoa que significava mais que a sua própria vida.

Moira.

Capítulo 19

Fiona se sentou, com a respiração desigual e as lágrimas fluindo por seu rosto pelo que tinha visto em seu sonho. Olhou além da escuridão de seu quarto.

– O que é? – Perguntou Gregor enquanto se sentava. – Outro sonho?

Ela assentiu e se limpou o rosto. Voltou-se e olhou a seu marido.

– É Dartayous. Perdeu as esperanças.

Gregor se sentou fazia atrás e a devorou as seus braços.

– Me fale sobre o sonho.

– É tal como disse Frang. Moira fez sua escolha.

– E não foi Dartayous.

Fiona sacudiu a cabeça contra seu peito.

– Sem esperança ele não sobreviverá.

– O tempo da profecia está quase sobre nós. É questão só de umas poucas semanas.

– Sei, e não estamos preparamos para o pior porque mantivemos viva a esperança.

– O que está dizendo? Está se rendendo?

Ela se apoiou sobre seu cotovelo e o contemplou.

— Nos mostra até que ponto a situação é se desesperadora. As pessoas perderão a fé quando virem a Moira desviada de seu verdadeiro rumo e a Dartayous sem esperança.

– Há alguma coisa que podemos fazer para mudar o resultado?

– É decisão de Moira. É a única que tem controle sobre isto.

Sentou-se de novo e se aconchegou contra Gregor. A mão dela se dirigiu para seu ventre onde a nova vida florescia. Quase disse a Gregor de sua sorte hoje, mas algo lhe conteve a língua. Agora sabia o que.

Pela manhã, consultaria a Glenna sobre seu sonho. Talvez entre as duas pudessem pensar em algo. Independentemente, não perderia as esperanças em Moira.

Moira empurrou a comida ao redor de sua tigela. Tinha perdido o apetite quando havia viu Lugus suspender a Dartayous como o tinha feito com o Aimery. Em seguida Lugus lhe tinha dado a MacNeil um látego.

Várias vezes tinha tido que tragar a bÍlis da boca enquanto Dartayous estava sendo esfolado. Esperariam até que ele cicatrizasse em seguida o fariam outra vez. Quando lhe deram o látego se negou dizendo que ela tinha uma melhor ideia da tortura.

Mas durante intermináveis horas, Dartayous não tinha gritado. Ficou com o olhar fixo diretamente sobre suas mãos agarradas. O coração dela tinha chorado quando ele se desmaiou de dor e MacNeil tinha salpicada água no seu rosto para lhe reviver.

Tantas vezes quis deter a tortura, para lhe dizer a Lugus que ele já não tinha nenhum controle sobre ela, mas o pensamento que sua confissão só a poria ao lado do Dartayous e arruinaria os planos, por isso se deteve. Ela confiava que Lugus não mataria a Dartayous.

Tinha pouco tempo para encontrar a maneira de liberar Dartayous. Tinha que manter a farsa até que pudesse emendar a ofensa que lhe tinha feito. Podia-lhe custar sua alma, mas valia a pena.

Uma mão aterrisou sobre a dela. Seus olhos se sacudiram com força para o Lugus.

– Algo anda mal, meu rei?

– Não come, – disse e percorreu com o olhar sua tigela. – A comida não é adequada para você?

– Me perdoe, – disse-lhe e lhe dedico um pequeno sorriso. – Só planejo a tortura para nosso prisioneiro.

Seus olhos brilharam diabolicamente.

– E o que planejaste?

– Não sei. – encolheu os ombros. – Pensei em usar uma espada, uma adaga ou inclusive um arco com uma flecha, mas eu gostaria de algo único.

– Que tal se me deixa torturá-lo antes de matá-lo?

Seu estômago caiu a seus pés igual a uma pedra.

– Matá-lo?

– Merece não menos que morrer para te visitar.

Girou a cabeça para outro lado atuando como se ela pesasse suas palavras quando todo o tempo tratava de conter as náuseas.

Quando pôde falar se voltou de novo para ele.

– É verdade. Para quando o tem planejado?

– Quando retornamos ao seu mundo para o cumprimento da profecia dois dias a partir de agora.

Ela assentiu e tomou um trago de sua taça.

– Eu gostaria muito disso.

– Bem, – disse e inclinou a cabeça em aprovação. – Agora come. Vai necessitar suas forças.

Dartayous despertou lentamente quando ouviu seu nome, mas manteve os olhos fechados. Tratou de levantar a cabeça e quase gritou de dor. O corpo inteiro lhe doía. Tinha estado sujeito entre céu e terra com os braços estirado dolorosamente a cada lado. Mas era suas costas a que tinha sofrido o pior dano. Estava como se alguém o tivesse acendido em chamas do tanto que queimava.

– Dartayous. Desperta.

– Estou acordado, – gritou, em seguida se sobressaltou quando a dor lhe açoitou através das suas costas. – Quem quer sabê-lo?

Uma risada seca se responsabilizou para a pergunta.

– Não sabe?

– Aimery? É você?

– O que fica de mim.

– Onde está?

Dartayous olhou ao redor do quarto, mas a luz era tão brilhante que mal podia manter os olhos abertos.

– Na câmara ao lado da tua. Estive tratando de despertar faz um momento.

Dartayous suspirou.

– Deveria ter-me deixado sozinho.

– Perdeu as esperanças?

A pergunta o sobressaltou.

– Que tipo de pergunta é essa?

– Uma que é de suma importância.

Durante um longo momento Dartayous não lhe respondeu. Em certa forma sabia que sua resposta era crucial para o Aimery.

– Não viu o que eu vi.

– Perdeu as esperanças.

A derrota na voz de Aimery sobressaltou a Dartayous.

– Acabou-se. Não há nada que possamos fazer.

Um silêncio ensurdecedor seguiu suas palavras. Era o melhor. A conversa de Aimery só lhe produzia mais dano.

– Só se acaba quando perder as esperanças.

Dartayous quis rir, mas não tinha forças.

– Suponho que isto se acabou.

– Estou surpreso de que perdesse as esperanças em Moira tão facilmente, – disse Aimery limpamente.

Moira.

Dartayous deixou cair à cabeça para o peito. Apesar de seus melhores esforços não a podia manter se separada de seus pensamentos. Perguntou-se, brevemente, se tinha uma oportunidade mais de fazer que lhe recordasse.

Tinha estado perto dele quando a tinha despertado com seus beijos. Deveria haver-lhe dito então em lugar de permitir ao orgulho decidir contra seu bom julgamento. Independentemente, agora tinha acabado. Não importa o que Aimery dissesse não havia nada que pudesse mudar as coisas de rumo para que fossem para o bom caminho.

Lugus verdadeiramente tinha ganhado.

Acalme-se, Dartayous achou difícil de aceitar que Moira se rendeu tão facilmente. Se ele tivesse tomado seu tempo ao longo dos anos para fazer amizade com ela em lugar de apartá-la, então talvez as coisas fossem diferentes. Sabia que se a tivesse conhecido e tivesse acreditado nela, não teria fugido dele.

Ou dela?

Moira ficou olhando o céu noturno. Cruzou os braços sobre o peito e observou as figuras escuras dos dragões que voavam em círculos no céu. A noite não podia esconder a cor das escamas do dragão negro. Seus rugidos ressonariam em seu cérebro para sempre, um som desalmado e misterioso como a morte.

Estremeceu-se e se esfregou mãos sobre os braços. O ar da noite estava quente, mas o frio dentro dela ameaçava fazer pedaços a pouca coragem que ficava.

Não importava o que fizesse, não podia afastar a imagem de Dartayous torturado de sua mente. E ela estava ali e permitiu que ocorresse. Não importava que afirmasse que não interferiria devido à profecia, deveria havê-lo parado.

Nunca poderia perdoar a si mesma porque sabia que Dartayous nunca tivesse permitido que ocorresse isso a ela. Ele teria feito qualquer coisa, inclusive morrer, para protegê-la e ela deveria lhe haver honrado de igual forma. Em lugar disso, tinha tremido em seus sapatos ao pensar em que Lugus averiguaria que ela estava em controle de sua mente.

Covarde.

Não se incomodou em enxugar as lágrimas que baixaram banhando seu rosto. Era uma covarde do pior tipo. Tinha pensado em si mesma em lugar da única pessoa que teria feito qualquer coisa para mantê-la segura.

Se só lhe pudesse dizer que o sentia. Se só pudesse voltar o tempo e mudar o que tinha feito. Gritaria a Lugus que ele não tinha o controle e tinha lutado com tudo o que tinha para liberar Dartayous.

E teria perdido.

Mas Dartayous ia morrer.

Crê que ele queria que sacrificasse aos Druidas e a Escócia só para tentar salvá-lo?

Não quis responder a isso, mas se o tentasse podia encontrar a resposta. Dartayous preferiria sacrificar-se e ver cumprida a profecia antes que ser livre.

Você não pode vencer a Lugus de todos os modos. Ele é muito poderoso.

Mas exatamente quão poderoso?

Lugus olhou a Moira com os olhos entrecerrados. Havia algo diferente nela. Os escuros círculos revestiam seus olhos e continuava bocejando.

– Não dorme bem?

Seus majestosos olhos verdes se voltaram para ele. Ela sorriu e seu coração quase explorou da alegria que o atravessou.

– A verdade é que não preguei olho.

Ele tratou de indagar a sua mente, mas não encontrou nada. Considerando que só um dia atrás ele tinha podido saber tudo o que ela pensava e sentia, agora ali não havia nada. Só uma lacuna mental em branco. Podia ser que ela aprendeu a liberar seus pensamentos dele?

Ele se reclinou em sua cadeira enquanto a observava comer sua comida quando o sol se elevou mais alto no céu.

– Quando aprendeu?

O bocado de comida que ela mantinha em sua mão se deteve a meio caminho de sua boca.

– Aprender o quê? – Perguntou inocentemente.

– Bloqueaste seus pensamentos de mim. Quando aprendeu? – Ela se umedeceu os lábios e pressionou sua comida antes de cruzar suas mãos diante dela. – Não está zangado, – disse brandamente. – Tive que fazer.

Ele tratou de parecer como se sua declaração não lhe tivesse dado um susto mortal. Lentamente levantou a taça até seus lábios e bebeu. Olhou de perto a taça de prata e perguntou:

– Por que sentiu que tinha que fazê-lo?

– Não sabe como se sente saber que alguém pode ler cada pensamento e sentimento que tenha, mas não sabe. Diz que quer que eu seja sua rainha, mas como posso acreditar em você?

Ele ficou direito e baixou a taça.

– Não crê que te queira para minha rainha? Depois de tudo o que tenho feito?

– Bom, – disse ela e abaixou a cabeça. – O faço, mas desejo que sentisse curiosidade por mim como eu me sinto por você. Penso que não é justo o que faz.

Ele quis rir. Preocupou-se por nada.

– Sim, é o justo, – disse-lhe e lhe sorriu. – Mas ainda não me disse como descobriu a forma de me bloquear.

– Foi você.

– Eu? – ficou impressionado e um estremecimento o sacudiu ao longo de suas extremidades até a ponta de suas botas. – Como?

– Quando disse que tudo o que tinha que fazer era perguntar para que deixasse de ler meus pensamentos.

– Aprende rapidamente.

Mas não o suficientemente rápido, Moira quis gritar.

– Por que desejava que visse o homem de ontem? Aimery, acredito que seu nome era esse.

– Por quê? – Seu tom foi suave e duro.

– Ele disse coisas que lhe incomodam. Era somente curiosidade no que se refere a que era importante para eu vê-lo.

Lugus se encolheu de ombros.

– Queria ver se o reconhecia. Mas isso é suficiente deste assunto. Discutamos a profecia. Só um dia mais e finalmente podemos alcançar esse objetivo.

Era como se Lugus soubesse que ela queria falar de Aimery e Dartayous e de propósito desviava sua conversa deles. Ela não podia rebelar-se e perguntar sobre Dartayous porque em seguida ele saberia. Tinha que fazê-lo sutilmente e sua paciência se esgotava rapidamente. Talvez pudesse ter um pouco de tempo a sós para explorar o palácio por si mesma.

Uma meia hora mais tarde tratou de manter o júbilo em seu rosto enquanto percorria caminhando junto à Lugus o longo corredor para a torre ao lado da sala do trono. Veria Dartayous hoje e se explicaria apesar do perigo disso. Ele merecia sabê-lo.

– O que planejaste para nós hoje?

– Por quê? – Perguntou Lugus enquanto a guiava para a torre.

– Perguntei-me se poderia explorar o palácio.

– Se tiver o desejo de vê-lo, então te darei escolta para me assegurar que não volte a se perder.

Quase gritou seu desgosto ao céu. Alguma vez estaria a sós? Só tinha um dia mais antes que fosse o tempo da profecia.

E se inteirou de que havia pouco tempo quando Lugus só a perdia de vista para dormir, mas inclusive assim não estava sozinha. Rapidamente se precaveu que sua porta estava fechada com chave.

Moira limpou a boca com a palma da mão e se levantou sobre suas trementes pernas depois de esvaziar seu estômago de seu conteúdo. O tempo da profecia tinha chegado. E sabendo o que tinha que fazer hoje a tinha feito correr para cubo ao lado da janela.

Lugus mal a tinha perdido de vista durante os dois últimos dias. Tinha tido intenção de ver Dartayous a sós para poder lhe contar seus planos, mas Lugus tinha frustrado isso. Nem sequer lhe permitiu falar com a Rufina.

Nunca havia se sentido mais só em sua vida. E na isso verdade era exatamente como estava. Sozinha. De algum jeito teria que levar a cabo seu plano dessa maneira também. Não haveria tempo para advertir a Dartayous ou suas irmãs.

O banho a reclamava. Despiu-se e entrou na água quente. Como desejava retornar ao Vale e ao círculo de pedra. Desejava caminhar entre os antigos carvalhos e visitar o montículo Fae.

Mas teria que esperar. Agora mesmo precisava preparar-se mentalmente e fisicamente para o que viria.

– Não tem nem ideia de como estas de preciosa no banho.

Ela se voltou, derramando água sobre os lados da banheira, e encontrou Lugus, estava de pé na soleira.

– Assustou-me, meu Senhor, – disse com uma pequena risada.

– Passa o dia sonhando com o que esta para vir, verdade?

Ela ocultar seu queixo em seu peito.

– Sempre parece que sabe o que penso inclusive sem ler a minha mente. É muito perspicaz.

Riu e caminhou para ela. Levantou uma úmida mecha de seu cabelo e o atravessou com o dedo.

– Não posso ler seus pensamentos como eu preferiria. Está ocultando algo de mim?

Seu olhar era casual, mas ela sabia que sua vida dependia de sua resposta. Ela repentinamente bateu sua mão.

– Não me chateie assim, meu senhor. Sabe que sou sua para fazer o que desejar. Se não me quiser...

– Não te quero? – Repetiu. Virou-lhe seu rosto até ele. – Não tem nem ideia de quanto tempo te quis. Nunca me cansarei de você, – disse com voz rouca e baixou sua boca até a dela.

O beijo não foi desagradável, mas não a comovia como o fazia Dartayous. Ela devolveu o beijo e suspirou entre seus braços.

– Não se une a mim? – Perguntou-lhe ela, sabendo muito bem que ele se negaria. Havia-lhe dito várias vezes que não a tomaria até que estivessem casados.

– Tenta-me além de meu controle. – Inundou sua mão na água e a moveu ao longo de seu braço.

Ela tremeu e fez um esforço para não apartar-se.

Ele fechou os olhos e gemeu.

– Deseja-me tanto como eu te desejo.

– Muito mais, – disse ela e se inclinou para beijar sua mão.

Repentinamente se separou dela.

– Não posso ficar. Apresse-se e te prepare para que possamos seguir com a cerimônia.

Ela sorriu e lhe soprou um beijo enquanto ele saía do quarto. Ela caiu para trás da banheira uma vez que ele fechou a porta. Isso tinha estado perto. Estava agradecida que ele não tivesse querido compartilhar sua cama, porque ela sabia que não podia fazê-lo. Foi difícil lhe permitir que a beijasse.

Apressou-se com seu banho lavando seus braços quase em carne viva com a mente vagando. Uma vez que seu corpo e seu cabelo tinham sido lavados e enxaguados se levantou da grande banheira e agarrou o tecido para secar-se.

Depois de que se secou, envolveu-se o tecido ao redor e se sentou ante o fogo penteando seu cabelo. Quando acabou com o cabelo mordiscou um pouco de pão que tinha ficado sobre a mesa.

O pão lhe ajudou a encher o estômago, e o vinho a aliviou algo. Mas nada ajudou a acalmar sua mente que corria a toda velocidade embaralhando as numerosas chances. Se só pudesse falar com o Dartayous e pudesse compartilhar isto com ele.

Ele sempre a tinha acalmado em situações como estas. Sua presença lhe dava um sentido de comodidade que tinha assumido até esse momento.

Levou a mão até seu rosto e se encontrou com que se estremecia incontrolavelmente. Lugus não podia ver isso, pois saberia tudo então. Ela ia necessitar muito mais vinho.

Lugus estava em cima da torre mais alta e tinha a vista sobre a cidade. Sempre a tinha amado daqui. Era o que lhe tinha faltado a maior parte do tempo que esteve na Escuridão.

O som de suaves passos chamou sua atenção. Voltou-se e se encontrou a Moira dirigindo-se para ele. O traje branco que tinha escolhido para ela se via glorioso com seus braços nus mostrando algemas prateadas nos punhos com o escudo real da rainha.

O desenho intrincado nos punhos fazia jogo com os do traje e com o anel ao redor de sua cabeça. Passeou ao redor dela quando ela se deteve seu lado. Sua mão tocou a curva das suas costas, o suave material fluindo ao redor dela. Situou-se diante dela e olhou o suave decote do traje que lhe deu uma vista de seu roliço peito. Não teria que esperar muito mais para provar seu corpo.

– Agrado-te? – Perguntou-lhe ela.

– Sabe que o faz.

Sorriu-lhe e o coração dele quase explodiu. Como podia ser tão afortunado de tê-la depois de que tudo o que tinha sido? Mas não o questionou. Era sua agora, para a eternidade.

Estendeu-lhe seu braço.

– Está preparada?

– Para que? – Perguntou enquanto ela aceitava seu braço.

– Para finalmente nos unir.

Ela se deteve e lhe olhou.

– Sêrio?

Seu rosto tinha a aparência surpreendida que ele tinha esperado, mas algo não estava bem. Podia ser que ele detectará algo de pânico dentro dela?

– Nunca pensei que realmente chegaria a passar, – disse e atirou seus braços ao redor dele.

Lugus se esqueceu completamente de seus instintos e abraçou a Moira fortemente contra ele. Retirou-se e beijou sua testa.

– Faz-me muito feliz.

Ela sorriu brilhantemente, talvez um pouco muito brilhantemente, mas não lhe importou. Todos seus sonhos estavam fazendo-se realidade.

– Quero que todos vejam nos casarmos.

Ela moveu a cabeça a um lado.

– Todo mundo? Quer dizer o Fae?

– Não. Todas as pessoas que se atrevam a questionar se realmente estamos casados ou não.

Guiou-a a sala do trono.

– MacNeil, tire-os, – disse enquanto se detinha diante do trono.

Os joelhos de Moira ameaçaram dobrando de um momento a outro. Devia casar-se com o Lugus. Não, gritou sua mente. Não era possível. Tinha planejado que tudo ocorresse no Vale do Druida e tinha esperado que ele se casasse com ela depois que a profecia tão importante se cumprisse. Não tinha contado com que ele o fizesse antes.

Observou como MacNeil conduzia a Dartayous e a Aimery ao cômodo. Em seguida Rufina e Theron foram levados para situá-los ao lado deles, mas ela poderia dizer que todos estavam ainda sujeitos sob o controle de Lugus.

No seguinte instante as portas do cômodo foram abertas enquanto uma linha de homens e mulheres entraram andando. Nenhum se via feliz de estar ali, nem aonde foram sob seu guia. Lugus outra vez tinha usado seu poder.

Quando todo mundo tinha ocupado seus lugares no cômodo, Lugus tratou de alcançar sua mão.

– Trouxe-lhes aqui para ver a história continuar. Tomei o que era legitimamente meu. Sou o Rei constitucional do Fae. E esta, – disse olhando a Moira –, será sua rainha.

Moira tentou um sorriso embora estivesse segura de que teria que esvaziar seu estômago outra vez. Se só pudesse ser tão forte como sempre tinha pensado de si mesma.

– Gwrtheyrn, que se apresente, – gritou Lugus.

Desde atrás do povo um homem caminhou para eles. Deteve-se e se inclinou de modo respeitoso ante o Lugus.

– Meu rei. – voltou-se para a Moira e se inclinou de modo respeitoso. – É mais bela do que Lugus descreveu.

Embora suas palavras fossem justas no conjunto zangado de sua feição disse a ela que ele só as havia ditos para agradar a Lugus. Sorriu a Gwrtheyrn.

– Obrigado.

Em seguida o olhar dela percebeu o homem olhando despercebidamente a Dartayous como se o conhecesse. Ela enfocou sua atenção no homem com a esperança de poder aprender mais.

– Começemos, – disse Lugus e a moveu mais perto dele, rompendo sua concentração.

Gwrtheyrn esperou até que ela e Lugus tinham tomado seus lugares olhando para os tronos. Em seguida, sua voz soou clara e concisa enquanto a cerimônia começava.

Sua mente lutava para encontrar alguma forma de deter a cerimônia, mas foi inútil. Antes que ela soubesse isso, o tempo de falar lhe chegou.

– Moira? Perguntou Lugus. – Está bem?

Seus olhos lançaram uma expressão preocupada para ao olhar penetrante de Gwrtheyrn.

– É toda a excitação. Não posso acreditar que estou passando tudo.

Lugus aplaudiu sua mão.

– Responde a Gwrtheyrn e já não será um sonho. – Ela sorriu e virou a cabeça de volta a Gwrtheyrn. Ele cravou os olhos nela um momento em seguida disse, – Moira, Desejas a Lugus, será a noiva do rei da Fae para toda eternidade? Atando seu coração, seu corpo e sua alma para ele?

–Sim, – respondeu embora sua voz saiu mais como um chiado que qualquer outra coisa.

Lugus a girou para confrontar à multidão. Em seguida, a voz de Gwrtheyrn ressonou através do enorme sala. –Apresento-lhes ao Rei Lugus e a Rainha, sua noiva Moira.

O aplauso se ouviu apenas, mas Lugus não pareceu lhe importar. Recolheu Moira e a fez girar ao redor.

– É verdadeiramente minha agora, – disse lhe sorrindo.

Seu sorriso era contagioso, e ela se encontrou que seus próprios lábios elevando-se para as canto. Depois que se sentaram de novo, ela se voltou para o povo e se encontrou procurando Dartayous. Ele não se moveu, e de fato ela começou a perguntar-se se ele estava inclusive vivo. Nada nele se alterou. Seus olhos não se moveram do lugar da parede em que estavam enfocados, apenas se alteraram.

Se só ele a olhasse pode ser que ela pudesse enviar algum sinal, mas não parecia que o fizesse. Lugus virou as costas a parte superior da torre depois de que ele se despediu de todo o mundo. Uma vez que estiveram sozinhos ele agarrou seu rosto entre suas mãos e a beijou.

* * * *

Dartayous não se permitiu olhar a Moira. Não podia. Quis recordá-la sempre como a moça que tinha sido antes de vir a este mundo. Queria recordar sua inocência, sua valentia, seu espírito.

Mesmo que foi levado de volta a sua antecâmara e ela saía ele não a olhou. Olhá-la seria admitir que ela se perdeu verdadeiramente para ele, e embora seu coração sabia que era a verdade não tinha o desejo de vê-la.

Pouco antes que fora afastado de um empurrão à antecâmara Aimery apanhou seu olhar. O comandante Fae inclinou a cabeça brevemente antes que ele desaparecesse em sua antecâmara. Mas foi suficiente que saber que Aimery não se rendeu ainda.

Talvez, só talvez, não morreria aqui dentro.

Capítulo 20

Moira colocou as mãos nos ombros de Lugus enquanto seu beijo se fazia mais audaz.

Retirou-se antes que chegasse mais longe e suspirou.

– Tenta-me, meu senhor.

Ele passou um dedo pelos seus lábios.

– A tentação termina hoje. Compartilharemos nossos corpos

– Logo que posso esperar.

– Mas primeiro devem te coroar oficialmente. Isto passará mais tarde. Desejava algum tempo só contigo antes disso.

Quando olhou fixamente seus olhos de Fae ela notou que um pouco da cobiça que tinha estado ali se foi. Antes que pudesse dizer algo um ruidoso rugido cortou o ar. Sobressaltou-se e os braços de Lugus a rodearam.

– São só os dragões, – disse ele tristemente quando viram um par de dragões negros como o breu girando sobre o ar.

Elevou a vista para ele e encontrou seus olhos cheios de pesar.

– Parece ter pena. Por quê?

Ele suspirou e tentou um sorriso. Quando ele começou a encolher seus ombros ela se soltou de seus braços.

– Pode me contar.

Ele procurou seu rosto com impaciência.

– Posso, verdade? – Atraiu-a a seus braços e descansou o queixo sobre sua cabeça. – Conte-te alguma vez o quanto amo esta cidade? – Ela não respondeu. Pensou que recolheria mais informação estando silenciosa. Não estava equivocada.

– Embora vaguei pelo meu reino muitas vezes eu sempre voltava aqui, – seguiu Lugus.

– Permanece em meu coração como nenhum outro lugar. Todos os anos que permaneci a seu lado eu sempre pensava em Cair Rhoemyr.

– A cidade de reis, – sussurrou ela.

– E está aponto de ser destruída.

Apenas aquelas palavras abandonaram sua boca o céu se encheu de dragões negros. Eles viram como os dragões negros cruzavam velozes o céu para encontrar aos dragões azuis que vinham para a cidade.

Sua respiração ficou apanhada em sua garganta ao ver os formosos dragões azuis. As escamas eram a cor das escuras águas azuis do reino Fae e se fazia mais claro no lado de abaixo de seu magro e curto corpo. Ela sabia que eles não seriam oponentes dos dragões negros até que viu os membros alargados dos dragões azuis e os quatro dedos estendidos em cada pé com garras longas e agudas.

A batalha começou a sério. Enormes bolas de fogo estalaram das bocas dos dragões e golpeavam os brilhantes edifícios da cidade. Surpreendeu-se ao sentir que Lugus ficava rígido. Poderia isto estar afetando-o tanto como a ela?

Seus olhos seguiram um dragão azul quando passou voando perto deles, suas asas fechadas corriam desde seus ombros até a metade de sua cauda.

Elevou sua cabeça para o Lugas.

– Pode detê-los?

– Não, – disse e fechou os olhos à devastação. – Uma vez que os Dragões da Morte são liberados, não há nada que os detenha.

– Quando se deterão?

Ele se encolheu de ombros.

– Nos milhões de séculos que os Fae estiveram aqui, eles foram liberados só uma vez no início de nosso tempo.

– E que aconteceu?

– Eles destruíram esse reino. Até este dia esse reino é estéril porque os Dragões da Morte continuarão destruindo tudo a seu passo. É tudo o que se sabe que aconteceu.

– Você sabia isto e os liberou de todos os modos? – Não podia acreditar que ele fizesse tal coisa à sua querida Cair Rhoemyr.

Ele deixou de abraçá-la, afastou-se com um suspiro e em seguida se apoiou contra a borda de pedra da torre.

– Não o averigui até que os tinha liberado. Minha busca por glória destruirá tudo o que me é querido.

Ela sabia como dirigir um homem ambicioso, mas um homem que estava vencido pelo mesmo poder que corria para ele, não tinha idéia de como dirigi-lo. Isto era um lado dele que não tinha visto e mudou seu modo de pensar.

Caminhou para ele e pôs sua mão em seu braço.

– Tem que haver um modo de detê-los. Certamente os Fae não teriam criado bestas que não pudessem ser controladas.

– Controlá-los? – Deu uma risada. – Nós não criamos os dragões. Eles estiveram ao redor tanto tempo como nós. – Virou sua cabeça para ela. – Eles uma vez vagaram por seu reino.

– Por que os dragões azuis lutam contra os Dragões da Morte?

Lugas levantou seu olhar ao céu.

– Há uma hierarquia de dragões. Já que os dragões azuis estão lutando, quer dizer que os dragões verdes e amarelos falharam.

Moirá tragou.

– E se estes dragões falham?

– Há uns poucos dragões mais, embora nossa última esperança seja os dragões brancos. Se eles falharem tudo está perdido.

Ela não podia permanecer parada ali outro segundo e ver os magníficos dragões azuis e a cidade sendo destruídos. Começou a afastar-se quando Lugas agarrou sua mão.

– Não quero estar sozinho, – disse ele brandamente.

Ela podia entender exatamente como se sentia. Com um aceno de cabeça voltou a seu lado, esperando ferventemente que os dragões azuis menores ganhassem à batalha.

A cerimônia que coroou a Moira rainha dos Fae foi um assunto sombrio. Só ela, Lugus e Gwrtheyrn assistiram. Depois daquela manhã quando Lugus tinha visto parte da cidade queimando-se, ele tinha permanecido calado e se retraiu.

Inclusive agora enquanto eles se sentaram no trono ao lado do antigo rei e a rainha que ainda eram mantidos cativos, Lugus não disse uma palavra.

Ela ficou de pé e caminhou para ele. Deteve-se diante dele durante um longo momento, ainda assim ele não a notou. Com seu cotovelo sobre o braço da cadeira e sua cabeça descansando contra seu punho, olhava a distância. Ela se sentou a seus pés e tomou sua mão entre as suas.

– Lugus?

Devagar seus olhos azuis se voltaram para ela. O desespero e a tristeza a remexeram como nada mais poderia.

– O que vai fazer?

Ele girou sua mão e percorreu sua palma com seu polegar.

– A morte de meu pai foi um acidente.

Sua confissão a assombrou. Seguiu aguardando e esperou que ele dissesse mais.

– Como é isso? – Perguntou quando ele ficou pensativo.

– Nós estávamos discutindo como sempre fazíamos. Minha mãe estava acostumada a dizer que discutíamos tanto porque éramos parecidos. – encolheu-se de ombros. – Suponho que ela tinha razão.

– Sobre o que discutiam?

– Theron.

Moira dirigiu seus olhos ao antigo rei e o viu olhar Lugus.

– Havia Theron feito algo? – perguntou ela.

Lugus levantou um lado de sua boca em um sorriso.

– Theron fazia tudo bem. Meu pai estava constantemente me comparando com ele. Quando Pai disse que Theron seria melhor rei do que eu alguma vez pudesse pensar em ser, meu gênio tirou o pior de mim.

– Posso entender como isso o zangou. – A palma lhe pinicava onde ele seguia acariciando-a. – O que aconteceu?

– Nós estávamos treinando. Empurrei-o quando ele começou a gritar em minha cara. Caiu sobre uma adaga.

– Não se defendeu?

– Todos sempre pensaram o pior de mim. Deixei-lhes fazê-lo porque nesse tempo quis que eles pensassem que eu o tinha matado porque o queria morto.

A esperança floresceu em seu coração ante suas palavras. Não era um assassino. Tinha sido um acidente. Ele não desejava ver seu mundo destruído. A amargura e a culpa tinham desgastado sua alma. Ainda havia uma possibilidade que de fazê-lo mudar.

Uma pequena possibilidade, mas uma possibilidade, de qualquer forma.

De repente a pôs de pé e se levantou com ela.

– Vá a seu quarto. Desejo estar sozinho por um momento.

Surpreendeu-se ao pensar que queria consolá-lo, mas ela tinha chegado a conhecê-lo e encontrou que não era uma pessoa má.

– Posso te ajudar.

Ele sorriu e passou o dorso de sua mão para sua face.
– Somente saber que você é minha, mas agora mesmo necessito algum tempo sozinho.
Ela assentiu e não pôde deixar de preocupar-se sobre o que ele faria.
– Se necessitar de mim, sabe onde estarei. – Começou a dar a volta quando a parou.
– Não te aventure fora e mantém longe das janelas, – advertiu-lhe.
O aviso dos dragões foi suficiente para mantê-la encerrada em segurança em seu quarto até que ele viesse para ela.

Dartayous não se incomodou em abrir os olhos quando ouviu que a porta se abria de repente. O mais provável é que fora Lugus ou MacNeil que retornavam para continuar com sua tortura, e ele não tinha desejos de ser cegado para a interminável luz brilhante da câmara para averiguá-lo.

Nenhum comentário insultante foi emitido. Ele abriu apenas seus olhos e encontrou a Lugus parado diante dele, mas o que mais o surpreendeu foi que a câmara já não estava intensamente iluminada.

– Não teria te feito isto se tivesse mantido afastado, – disse Lugus.

Dartayous de repente se encontrou livre e caiu ao piso em uma agonizante tortura. A dor se disparou para os braços quando os moveu. Afastou de sua mente a dor que o intumescia e ficou de pé, assim poderia enfrentar a seu destino como um guerreiro.

Cambaleou-se e se teria caído se Lugus não o tivesse pegado. Lugus o parou e se afastou.

– O que está tramando? – Perguntou Dartayous com desconfiança.

– Não havia nada que eu não fizesse para ter Moira. Tinha-lhe prometido que ela governaria aos Fae. Não retrocederei sobre esse voto.

Dartayous estreitou seus olhos.

– Não quer ser o rei?

– OH, sim. Só que não desta maneira. A princípio se, mas agora... – Se encolheu de ombros. – Não importa.

– E o que me passará?

– Ainda te matarei. Não posso te ter ao redor tentando a Moira. Apaguei-te sua memória, mas isto não se manterá para sempre. Necessito-a. Ela me curou que um modo que nunca sonhei. Viver sem ela é morrer.

Dartayous inalou profundamente e esfregou seus ombros doloridos.

– Cuidá-la-á?

– Nada lhe faltará, – jurou Lugus.

Dartayous assentiu e se apoiou contra a parede enquanto o último que ficava de força o abandonava. Deslizou para baixo para a parede quando Lugus abandonou a câmara. Suas feridas podiam haver-se curado mas seu coração estava partido em dois.

Lugus tinha razão. Viver sem a Moira era morrer. Preferiria estar morto que vê-la com outro. Lugus cuidaria dela, disto Dartayous não tinha dúvida.

Isto aliviou sua mente de algum modo, mas o que aliviaria a dor crescente dentro de seu coração?

Lugus saiu da câmara onde se encontrava Dartayous até onde estava seu irmão ignorando os rugidos dos dragões. Liberou o efeito que mantinha sobre a voz de Theron.

– Eu te deixaria ir, livre, mas prometi a Moira que seria a rainha. Então tenho que fazê-lo.

– Você não se deterá ante nada até ver que perca toda esperança, – exclamou Theron.

Lugus suspirou, seu coração e sua mente lhe pesavam.

– A vingança foi o que me manteve vivo no Reino de Sombras todos esses milhares de anos, mas se foi agora.

– Sempre foi um bom mentiroso. Posso ouvir os dragões agora. Você os liberou para destruir a cidade.

– Theron, – repreendeu-o Rufina. – Deixa Lugus falar.

Lugus riu brandamente.

– Quem teria pensado que Rufina falaria por mim? – Não desejava que eles soubessem o quanto odiava ver a cidade destruída.

– Não eu, – resmungou Theron.

– Liberarei você depois de amanhã. Uma vez que a profecia se cumpra todos os Fae serão liberados. – Depois de um momento de silêncio olhou a seu irmão menor. – Possivelmente serei tão bom rei como foi você.

– Possivelmente tirarei de volta o que é meu, – ameaçou Theron, seus olhos azuis estreitados pelo ódio.

– Você sabe tão bem como eu que uma vez que tenha esse poder nada me deterá.

– Encontrarei a maneira.

Lugus assentiu e se voltou a Rufina.

– Espero que você ajude a curar as feridas que lhes causei. Pediria seu perdão, mas não sou digno disso.

Partiu antes de murmurar algo mais estúpido e foi procurar a Moira. Ela curaria seu humor azedo com seu sorriso brilhante e seu longo cabelo loiro.

Frang abandonou a segurança do círculo de pedras e foi ao Nemeton. O claro sagrado era valorizado pelos Druidas como a fortaleza, que os separava do resto do mundo.

Não o surpreendeu encontrar a Fiona e a Glenna esperando-o.

– É bom que estejam aqui, – disse ele.

– Tem notícias? – perguntou Glenna.

Negou com a cabeça.

– Só sei que os ventos do Destino mudaram.

Fiona jogava com a ponta de sua longa tranca castanha.

- Como é isso?
- Não sei como, só se o que sinto dentro de mim.
- Resta ainda esperança? – Glenna fez a pergunta que todos queriam saber.

Olhou profundamente nos escuros olhos de Glenna.

- Isso não o sei.
- Pode nos dizer então se Moira estiver bem?

Voltou-se para a Fiona e sorriu.

- Eu nunca senti que Moira estivesse em perigo fisicamente.

Glenna grunhiu e em seguida se voltou e deixou o Nemeton. Frang quis chamá-la, mas lhe permitiu ir-se, assim poderia confrontar suas preocupações de outra forma.

- Não quis te insultar, – disse Fiona. – Só está preocupada.
- Todos estamos, – disse ele e se apoiou pesadamente em seu muleta. Acariciava sua longa barba. – Desejaria ter notícias mais alentadoras, mas o fato é que obtive muito pouco. Minha visão foi obstruída.

A testa de Fiona se elevou.

- Quando aconteceu?

Frang deveria haver-se chutado por deixar que este conhecimento transpassasse seus lábios.

- Não estou seguro, – mentiu. Não havia necessidade de lhe deixar saber que ele estava conectado com os Fae.

Olhou para baixo, para as centenas de folhas que sujavam o chão. O outono tinha chegado ao Vale e com ele o tempo da profecia.

- Penso que Glenna e eu estamos vendo mais que você, Supremo Sacerdote.

Suas palavras se elevaram breve.

- Que viu?
- Muitas coisas, – disse brandamente e olhou à distância. – Vi a Moira levando a coroa da rainha Fae. Mas a imagem mais aterradora é a do Dartayous sem esperança.
- Ele perdeu a esperança? – Frang deixou cair seus ombros e fechou os olhos. – Esse não é um bom presságio para nós, temo.
- O que fazemos?

Elevou seus olhos para a Fiona.

- Esperar, moça. Isso é tudo o que podemos fazer. Isso e orar para que Moira se mantenha forte e escolha Dartayous.
- Acredito que essa oração será em vão.

Ele pensou isso também, mas não era necessário que ela soubesse. Esperou até que Fiona tivesse partido antes de suspirar pesadamente e voltar-se para o montículo dos Fae.

Por muitos anos tinha protestado contra a maldição que pesava sobre ele, mas agora sentia saudades da conexão com os Fae, embora fosse pequena. Faria quase qualquer coisa para tê-la de volta para poder saber se Moira estava bem.

Riu. As coisas tinham mudado drasticamente se ele queria o elo que o mantinha maldito, mas então, novamente, nunca antes a menina que tinha criado tinha estado em tal perigo.

– Moira, me perdoe, Há tantas coisas que deveria ter te dito.

Capítulo 21

Moira nunca tinha estado mais nervosa em sua vida. Seus joelhos literalmente sacudiam e ainda não tinham deixado a terra do Fae. Como faria para demorasse uma vez que chegassem ao Vale? Ao menos os dragões já não estavam brigando. Não tinha sido o suficientemente valente para ver quem tinha ganhado.

Em qualquer momento, Lugus lhe diria que era o momento, e então teria que enfrentar a suas irmãs.

– Vou adoecer, – disse e tratou de alcançar a taça de vinho. Bebeu profundamente e suspirou quando sentiu o intoxicante líquido esquentá-la.

Justo quanto tinha colocado sobre o chão a taça, a porta do quarto se abriu e Lugus entrou.

– Está preparada? – Perguntou.

Era difícil dissimular e permitir olhá-la aos olhos.

– Há algo mal?

Ele tomou sua mão e a conduziu para a janela. A fumaça se elevava para a cidade enquanto os dragões da morte cavalgavam para grande altura no céu. Ao longe ela viu uns quantos dragões azuis empreendendo o vôo.

– Terminou?

– Por agora, – disse ele e se afastou. – As batalhas são cada vez mais ferozes.

– Os Dragões da Morte não mataram a todos os azuis.

Ele bufou.

– Ainda não. Devemos ir. É a hora.

Ela se umedeceu os lábios e saiu andando dado quarto diante dele. O fato de que o destino do mundo descansava nela fez pouco para acalmar os batimentos do coração acelerados de seu coração. Palpitava tão rápido e forte que estava segura que Lugus o ouviria.

Estavam no vestíbulo fora da sala do trono quando sua mão a tocou e ela se sobressaltou. Sua testa se enrugou com preocupação.

– Está tudo bem? – Perguntou ele.

Ela assentiu, incapaz de encontrar sua voz.

– Estou assustada de deixar Cair Rhoemyr. – Não era uma mentira. Estava petrificada de medo por ter que enfrentar a suas irmãs e o que pensariam do que ela tinha feito.

Ele a tomou em seus braços e amavelmente a abraçou.

– Tudo estará bem. Não vou permitir que nada te aconteça. – Retirou-se e inclinou a face dela para a dele. – Amo-te, Moira. Agarraria a lua do céu se me pedisse isso.

As lágrimas a cegaram com suas palavras, pois sabia que era a verdade. Doe-lhe que não pudesse devolver seu amor, mas ele não precisava saber isso, e ela tinha uma farsa que manter.

– Minhas palavras lhe machucam?

Ela apartou as lágrimas e sorriu.

- Nunca. Não tinha idéia que seus sentimentos fossem tão profundos.
- Você... Há alguma possibilidade de que possa sentir o mesmo?

Sua vacilação a tocou profundamente. Ele poderia ser um Fae com poderes para controlar reino, mas tinha sentimentos como os de um homem. Sentia dor e angústia.

Tocou-lhe o rosto.

- Há uma muito boa possibilidade, – mentiu.

Valeu a pena quando viu que seus olhos azuis se iluminaram. Envolveu-a em um esmagante abraço que quase a desossara. Quando se separaram Dartayous, Aimery, Rufina e Theron estavam com o MacNeil.

A fúria nos olhos de Rufina quase atirou a Moira. Tinha conseguido astutamente e adequadamente lhes fazer acreditar a farsa de ser a rainha que pensavam que ela certamente se converteu. Mas seu plano de matar a Lugus se estava voltando um problema. Não sabia se o podia fazer agora que tinha chegado a conhecê-lo.

Em seguida seus olhos se encontraram com Dartayous. Por ele ela faria qualquer coisa. Tinha muito que lhe compensar. Talvez esta fosse uma nova oportunidade para aprender a confiar nos outros. Negava-se a pensar que ele não pudesse querer nada com ela.

Chamou-lhe em silêncio. Quando ele não levantou a vista até ela pensou que talvez seus poderes a tivessem abandonado. Tinha passado muito tempo desde que ela os tinha usado.

Com um suspiro voltou as costas a Dartayous, mas foi golpeada pelo intenso olhar que lhe deu Aimery. Seus incômodos olhos estava nela como se lesse na profundidade da sua alma. Sabia sua mentira? Arruinaria tudo por permitir um deslize?

Ela rapidamente apartou o olhar e manteve-se ao lado de Lugus. Depois de tudo, ele era o de quem ela estava supostamente apaixonada, ou ao menos isso era o que todo mundo esperava que pensasse.

Dartayous seguiu a Aimery enquanto caminhava para a porta que os levaria a Vale dos Druidas. Seu olhar procurava constantemente Moira e o sedutor balanço de seus quadris enquanto caminhava ao lado do Lugus.

Tinha-o imaginado ou Moira lhe chamou? Ele sabia que ela podia comunicar-se com suas irmãs mentalmente, mas nunca o tinha provado com ele.

Riu de si mesmo. Estava louco. Moira tinha mudado. Tinha escolhido a Lugus. Seu amor pelo Fae era evidente para a forma em que mantinham suas mãos e falaram com as cabeças juntas.

Na verdade, queria arrancar a cabeça de Lugus de seus ombros, mas isso ia ser um pouco difícil já que não tinha mais força que um dente de leão graças à tortura que tinha padecido.

Ele flexionou as mãos. Causavam-lhe comichão ter suas armas perto dele outra vez. Estava nu sem elas.

Sua atenção logo esteve posta nos ardentes escombros da cidade enquanto foram andando pela estrada principal. Os dragões negros cavalgavam por cima do vento gritando com fortes rugidos.

Foi difícil não notar que Moira se sobressaltou quando um dos dragões gritou, mas o perturbou quando divisou os olhos abatidos de Lugus enquanto passavam pelos escombros da que foi uma vez uma parte da orgulhosa cidade.

As ações de Lugus não eram compatíveis com o que tinha deixado ver. Podia ser que ele lamentava ter liberado aos Dragões da Morte? Dartayous quase riu em voz alta ante essa idéia. Realmente estava como uma cabra.

Sua risada morreu quando divisou as gigantes pedras do portal. O princípio do fim tinha começado. Quis correr para Moira, para beijar seus doces e cheios lábios outra vez. Queria olhar seus olhos verdes de Druida e ver a esperança e a alegria que tinha havido uma vez ali.

O estalido dos relâmpagos dividiu o ar quando Lugus caminhou entre as pedras. Justo em um momento estariam no Vale e todas as esperanças às que os Druidas estavam sujeitos desapareceriam com sua presença. Dartayous trouxe e seguiu a Aimery através do portal.

* * * *

Glenna se assustou com o forte som que ecoou através do bosque. Voltou-se para o poderoso carvalho enquanto ouvia o som de passos que corriam rapidamente para ela.

Seu coração bateu forte contra seu peito. Invocou seu poder, alistando-o para usá-lo sobre o fogo para proteger-se. Só que não era nenhum depredador o que tinha vindo a matá-la, eram Conall, Fiona e Gregor.

Deixou sair o fôlego que não sabia que tinha contido e negou com a cabeça.

– Vocês me tiraram dezenas de anos de vida.

– Ouviu algo? – Perguntou Fiona. Seus olhos percorreram a área. Glenna sorriu a Conall assim ele saberia que ela estava bem. – Ouvi-o, – respondeu a sua irmã. – Foi no Nemeton.

O som de espadas sendo tiradas de suas bainhas rompeu o silêncio. Olhou para baixo e encontrou que tanto a seu marido como a seu cunhado tinham tirado suas espadas.

– Vou ver o que é, – disse Gregor e começou a avançar, mas Fiona lhe conteve.

– Não sem mim, – disse-lhe.

Glenna sorriu, porque sabia que Gregor não ia dar outro passo sem a Fiona a seu lado sem importar o que argumentasse. Aparentemente ele se deu conta disso também e se rendeu.

– Não estamos desarmadas, – recordou Glenna a Gregor enquanto caminhava detrás dele com o Conall a seu lado.

A cena que viu quando ela quando entrou no Nemeton ficaria gravada para sempre em sua memória. Moira estava rodeada pelos braços de Lugus e lhe sorria.

– A coroa, – murmurou Fiona a seu lado.

A Glenna lhe encheram os olhos de lágrimas.
– Escolheu a Lugus.
– Mas Dartayous está com eles, – disse Conall.
Gregor grunhiu.
– Ele perdeu as esperanças. Só tem que olhá-lo.
– Então estamos condenados, – declarou Conall.
Glenna voltou-se e olhou nos olhos prateado de seu marido.
– Não ainda não o estamos.
Fiona ficou sem fôlego e assinalo para o grupo.
– Aimery está com eles. Assim como Rufina e Theron. Não entendo.
Mas Glenna se entendia.
– Lugus os trouxe para vigiá-los. Quanto mais perto tem a seus inimigos melhor.
– Então deixemos que se aproxime nosso inimigo, – disse Gregor.
Ela suspirou e tratou de acalmar o tremor de seu estômago. Caminharam por volta do grupo recém-chegado. Glenna nunca apartou a vista de Moira. Estava diferente de certa forma. Parecia como se sentisse mais livre.
Mas Glenna não se deu tempo suficiente para examinar a sua irmã enquanto Conall e Gregor deixaram mostrar que eles estavam ali, chamando a atenção de Lugus.
Seus olhos foram então para Lugus. Quando ele se fez passar por um Druida tinha sido pequeno com o cabelo marrom claro, mas o homem ante ela era tão de aparência agradável como qualquer Fae que alguma vez tivesse visto. E se notava o amor em seus olhos quando olhava Moira.
Este era o mesmo Fae que tinha tratado de matar a ela e Fiona, mas como podia sentir tal ódio fazia ele quando seu amor por Moira era tão evidente?
Frang entrou no Nemeton pela esquerda, com passos pausados.
– Começou, – disse.

Moira parou bruscamente com o som da voz de Frang.
– Esta tudo bem, – Lugus murmurou em sua orelha. – Ele não pode te fazer mal. Não vou permitir isso.
Ela não pôde sorrir ante suas palavras. Apesar de que ele tinha tratado de matar a suas irmãs, tinha escravizado a toda a raça de Fae, liberado aos Dragões da Morte, e tentava assumir o controle de ambos os reino... tinha crescido com ela.
Mas ela não podia esconder seus medos para sempre. Era hora de ver se ela realmente podia obter com astúcia sua farsa. Saiu-se dos braços de Lugus e enfrentou a Frang e a suas irmãs.
A veemência nos olhos de Gregor e Conall quase a levou a cair de joelhos. Rapidamente apartou a vista deles e recorreu a suas irmãs. Fiona se mantinha distante, como se não a conhecesse enquanto que Glenna a contemplada atentamente.

Moira não podia sustentar o olhar de Glenna. Tinha a sensação de que Glenna veria através dela seu plano e o podia arruinar apesar de sua boa vontade. Mas foi Frang o mais afetado.

Seus olhos continham uma tristeza que saía da profundidade de sua alma, e seu rosto parecia tão velha como o resto dele. A desilusão dentro dele era fácil de perceber.

Ela guardou silêncio enquanto Frang caminhava até chegar diante de Lugus.

– Assim agora por fim mostra seu verdadeiro eu.

Lugus dobrou sua cabeça ligeiramente.

– Para fim tenho tudo o que desejo, – disse e olhou a Moira.

A vergonha correu rapidamente através dela. Umedeceu os lábios ressecados e manteve as costas retas. Não seria dobrada por nenhum deles apesar do que pudessem pensar dela. Demonstraria-lhes que não lhes tinha falhado. Retornaria tudo de novo à forma em que se supunha que era.

– Está tudo preparado? – Perguntou Lugus a Frang.

– É obvio. Siga-me. – Frang se voltou e se afastou.

Moira não se deu conta de quão assustada estava até que Lugus a agarrasse pela mão. Ele tratou de reconfortá-la com um sorriso, mas até com seu bonito aspecto e olhos azuis não podia dissipar o medo que ela sentia.

Ela olhou por cima de seu ombro e encontrou a Conall caminhando ao lado do Dartayous. Desejou saber de que falaram, mas duvidava que alguma vez soubesse. O mais provável é que comentassem sua traição.

Mas havia uma coisa que a incomodava. Faltava um membro crucial da profecia.

Ela atirou fortemente do braço de Lugus.

– Onde esta MacNeil?

– Tenho planos para ele, – disse e riu. – Não se preocupe. A profecia se cumprirá.

Ela tinha pouca dúvida sobre isso, mas não podia menos que perguntar-se qual era o número de planos que tinha preparado Lugus. De repente seu estômago se voltou como um peixe morto. Não havia maneira de levar a cabo seu plano.

Não sozinha.

Moira sempre tinha odiado a cerimônia de limpeza, mas agora isso tinha mudado. Agora teria a probabilidade de lhe falar com suas irmãs e as aproximar de seu plano. Não estaria sozinha.

A esperança surgiu em seu coração. Talvez, só talvez, seu plano surtiria efeito depois de tudo.

Ela começou a seguir às jovens Druidas que tinham vindo a levá-la fazia onde a cerimônia começaria, mas Lugus a deteve.

Ele se apoiou perto de sua orelha e disse:

– Olhe a Glenna e Fiona. Estão planejando algo.

– Tem lido seus pensamentos?

Ele riu e apertou sua mão.

– São muitos fáceis de ler.

Então Moira se deu conta de que não podia falar com suas irmãs. Lugus se inteiraria e tudo estaria arruinado. Tinha se sacrificado muito já para que agora algo lhe estragasse a cuidadosa estratégia.

– Não se preocupe, – disse ela. – Não poderão me afastar de você.

Seus olhos resplandeceram de felicidade.

– Depois que a profecia se cumpra te levarei da volta a Cair Rhoemyr. Encontraremos a maneira de apanhar aos dragões da morte, e reconstruiremos a cidade. Imediatamente depois que finalmente consumemos nossas bodas.

Seus joelhos já fracos quase se esgotaram. Seu plano tinha que surtir efeito. Ela podia propor-se gostar de Lugus, mas não havia maneira que compartilhasse seu corpo com ele.

– E, – continuou ele, – tenho outra surpresa.

– Mais das que me deste já? – Deixou escapar uma risada ofegante, não estava segura de que pudesse sustentar a si mesma muito mais tempo.

Ele a puxou para seus braços.

– Pode ser imortal.

Suas pernas cederam. Agarrou-a e a sustentou sobre seus pés.

– Moira? – Manteve sua face entre as mãos e a olhou de perto.

– Estou tão emocionada. Não imaginava. – E não o tinha feito. Conservou um sorriso em seu rosto embora quisesse sofrer uma crise nervosa e chorar de frustração. – Como me convertereis em imortal? – Não sabia o que a impulsionou a perguntar.

– Há uma árvore tão velha como o tempo atrás do palácio. Sua fruta tem um suco especial que te fará imortal. Agora vai, – pediu. – Estarei te esperando.

Ela partiu dando meia volta para seguir a menina e se enfrentou a Dartayous. Ele se encontrou com o profundo olhar dela, seu rosto não deixou ver nenhuma emoção. Ela quis estender a mão, para lhe tocar, para lhe dizer que tudo estaria bem.

Seu braço se levantou por iniciativa própria, precisava sentir a força de Dartayous quando sua mão foi agarrada. Ela olhou para sua mão, em seguida a Lugus.

– É minha, – disse-lhe ele veementemente.

Ela inclinou a cabeça e esfregou sua mão contra sua bochecha.

– Sei. Este homem, – disse assinalando com a cabeça para o Dartayous –, parece doente. Pensei que lhe poderia aliviar assim é que estaria bem de saúde quando o matasse.

Lugus inclinou a cabeça e a observou partir dando meia volta, mas a dúvida o roía. Tinha uma suspeita que já não tinha controle sobre sua mente, mas sempre que a provava ela saía aprovada.

Acalme-se, terá que vigiá-la até o final. Voltou-se para Dartayous e lhe encontrou olhando a Moira também. Não podia culpar Dartayous. Muitas vezes ele tinha vigiado a Moira de longe, mas agora ela era sua.

E ficaria desse modo.

Ele estava diante do Dartayous, seu nariz só a centímetros de distância.

– Olhe tudo o que queira, – disse Lugus. – Memoriza suas formas, a forma em que o cabelo brilha com a luz do sol, o brilho de seus olhos verdes quando sorri, porque em só umas horas as lembranças serão quão único terá.

Os olhos da mesma cor azul brilhante como os dele brilharam com cólera. Lugus esperou que Dartayous o golpeasse, esperava que o fizesse, mas Dartayous retrocedeu e se encolheu de ombros.

Lugus apertou os punhos. Queria uma briga. Fechava os punhos para investir contra o homem que tinha o coração de Moira, porque sem estar sob seu comando ela não estaria com ele. Ela teria escolhido a Dartayous.

– Tenho-a agora, – repetiu ele.

Dartayous levantou os olhos para ele.

– Há alguma razão para que continue repetindo isso? Pode ser que tenha medo de perdê-la?

Lugus riu para esconder o fato que a ponta tinha dado no branco.

– Só recorda quem sairá daqui com ela e quem jazerá morto.

Capítulo 22

O sol da tarde se elevava alto no céu claro. Uma fresca brisa de outono para ranger as folhas que morriam cantando uma suave canção ao inverno que chegava através do bosque. Era a morte do ano e o nascimento do novo ano que eles conheciam.

Era o ciclo eterno de morte, renascimento e vida nova.

Samhain, ou a Festa dos Mortos, começaria ao entardecer. O destino do mundo seria decidido então.

Moira deu um passo adiante para o Grupo dos Antepassados onde se dizia que os sacerdotes Druidas antigos e a magia das sacerdotisas limpariam e rejuvenesceriam.

Ela manteve as mãos para cima e as mulheres Druidas lhe tiraram seu vestido. Com sua assistência mergulhou nua nas quietas águas. Pelo espaço entre seus olhos viu Fiona e Glenna segui-la. Os Druidas cantavam um velho hino Celta enquanto vertiam a água sagrada sobre Moira e suas irmãs.

Moira fechou seus olhos e meditou enquanto os Druidas continuavam com a cerimônia. Sua mente retornou ao tempo que ela e Dartayous tinham passado juntos, sozinhos, com nada mais salvo seu amor e a paixão entre seus corpos.

Tinha-lhe dado uma vislumbre do que era o amor, e não havia dúvida em sua mente de que ele era seu companheiro. Ele poderia negá-lo tudo o que quisesse, mas já fora nesta vida ou na seguinte ela o demonstraria.

– Moira.

Seus olhos se abriram de repente. Olhou em volta e descobriu que os Druidas tinham ido. Estava sozinha com a Fiona e Glenna. O momento que tinha temido tinha chegado. Rezou em silêncio pedindo poder seguir com sua farsa e convencer a suas irmãs que ela de verdade as tinha traído.

– Moira, – falou Glenna outra vez.

Olhou a sua irmã mais jovem, temerosa de dizer algo, mas necessitando desesperadamente confiar nelas. Não queria fazer isto sozinha. Em um segundo suas velhas preocupações de estar sozinha a reclamaram.

– Sentimos sua falta.

Moira não podia parar as lágrimas que subiam a seus olhos, ou a lágrima solitária que escapou e correu para sua face. Ela se manteve em silêncio quando o que queria fazer era abraçar a Glenna e ver se tudo estava bem com ela. Para lhe perguntar se o amor dela e Conall era ainda tão forte como sempre, se Conall já tinha recuperado totalmente seu poder, e se o clã MacInnes estava indo bem.

Fiona se aproximou dela rapidamente.

– Nos fale, – pediu a Moira.

Moira apartou o olhar delas. Para salvar suas vidas ela tinha que manter-se calada, tinha que fazer pensar a Lugus que estava ainda sob seu controle. Mas sobre tudo, se suas irmãs soubessem algo ele o leria em seus pensamentos.

Se alguém merecia a felicidade eram suas irmãs. Tinha passado por muitas coisas, mas agora tinham encontrado a seus companheiros e tinham começado uma vida.

– Por favor, – disse Fiona e estirou uma mão para tocá-la. – Moira, necessitamo-lhe.

Moira se retirou, temeu que se lhes permitia tocá-la quebrar-se-ia e lhes diria tudo.

– Se afaste, – disse.

Glenna chorou abertamente, mas Fiona só sacudiu a cabeça, a dor lhe aumentava os olhos verdes. Moira nunca em sua vida tinha querido tanto gritar ao mundo pela carga que impuseram sobre ela. Mas para a felicidade de suas irmãs, pelo futuro dos Druidas e da Escócia, ela levaria a cabo seu plano.

Durante vários momentos, manteve seus olhos fixos para diante enquanto escutava Glenna chorar e Fiona consolando-a. Sua resolução de ignorá-las se rompia gradualmente. Inclusive começou a convencer-se que elas podiam ser capazes de mantê-lo fora do conhecimento de Lugus. Com essa ajuda o êxito de seu plano seria maior.

Começou a dar-se volta para elas quando um movimento captou sua atenção. Os Druidas haviam retornado. Quase suspirou sonoramente de tão agradecida que estava. A toda pressa se elevou da água e foi envolta em uma bata branca. Não veria suas irmãs outra vez até a cerimônia Samhain.

E se tudo ia seguindo seu bem pensado plano eles se estariam rindo de tudo isto pela manhã.

O sol se afundava no horizonte quando Lugus conduziu a Moira para o Nemeton. Ainda levava o simples traje branco, atado na cintura com uma corda trançada, seu cabelo lhe pendurava solto. Dois montões de madeira tinham sido empilhados para as grandes fogueiras. Explorou a crescente escuridão procurando MacNeil, mas não o viu.

Seu olhar se dirigiu a Conall e o encontrou tocando o punho de sua espada. Ele esperava algum tipo de surpresa. Era o que o fazia um lorde tão bom. Era também por isso o que os Druidas tinham escolhido seu clã para ocultá-los.

– Moira, – chamou-a Dartayous.

Sentiu a Lugus ficar rígido ao seu lado, mas ela de todos os modos virou-se para o Dartayous.

– Me olhe, – disse ele.

– Faço-o.

Ele sacudiu sua cabeça.

– Não. Olhe-me. Realmente me esqueceste?

– Não te conheço, – disse e esperou que ele não ouvisse o tremor de sua voz.

– Não acredito isso. Como pode esquecer o que havia nós entre? A paixão. O amor. Isto não podia estar passando. Quanto tempo tinha desejado lhe ouvir dizer tais palavras? Tratou de tragar, mas se encontrou a boca seca. – Não te conheço.

– Por favor, – disse ajoelhando-se. – Você me chamou seu companheiro.

Seu coração saltou em sua garganta ao vê-lo lhe rogar de joelhos. Finalmente, depois de todos estes anos de desejo ela o tinha. E tudo o que tinha que fazer era lhe dizer que ele tinha razão. Mas então Lugus ganharia e seu mundo seria governado por ele.

Dartayous ou o destino do mundo?

Quis gritar sua frustração. Por que tinha sido posta esta carga sobre ela? Não era justo.

A vida não é justa.

As palavras de Frang durante a noite do assassinato de seus pais voltaram nesse momento. O que estava passando a seu redor era mais importante que ela e Dartayous. Tinha que pôr suas necessidades e desejos a um lado e pensar nos futuros Druidas e Highlanders. Eles necessitavam seus lares e sua terra. Eles a necessitavam para fazer o que era correto.

Os olhos azuis de Dartayous lhe rogavam que lhe dissesse que ele estava certo. Ela piscou rapidamente para manter afastadas as lágrimas. Quando se encontrou levantando um pé para ir para ele se girou a toda pressa e se afastou. Uma vez que teve novamente suas emoções sob controle levantou os olhos e encontrou a Lugus observando-a atentamente. Detrás dela ouviu Dartayous ficando de pé e a Glenna fungando.

– Eu nunca tive controle sobre ti, não é certo? – perguntou ele brandamente.

– Não sei do que fala, – mentiu ela. Se ele pensasse que tinha perdido o poder então seu plano não funcionaria. Tinha que acreditar que ainda tinha o controle. – Quer dizer que pôs algum feitiço sobre mim? – perguntou com inocência.

Ele cabeceou e suspirou enquanto levantava sua mão para tocar seu rosto com cuidado.

– Como você deseja.

– É o momento, – chamou Frang entrando no Nemeton.

Moira tomou seu lugar sobre o lado oeste do fogo central onde treze velas tinham sido colocadas ao redor do fogo. Fiona tomou sua posição sobre o lado este, e Glenna tomou o sul.

–O ocaso é o tempo de Samhain, – a voz de Frang soou forte. – Durante esta noite sagrada o ano velho finaliza e o novo começa. Estamos entrando no meio do tempo, os três dias entre o ano velho e o novo.

Ele andou ao redor da Moira e suas irmãs parando e tocando a cada uma sobre o ombro. Ele se parou ao lado da Moira e colocou sua mão sobre seu ombro.

– É o momento dos tempos quando o véu entre os mundos é mais fino. É o tempo quando a magia flui livremente e os maiores passaram por este mundo nos visitam outra vez.

Um estremecimento correu através de Moira ante suas palavras. Tinha-as ouvido cada ano de sua vida, mas esta vez era diferente. Era como se Frang tratasse de lhe dizer algo.

Seguiu adiante e foi parar ao norte do fogo.

– O reino dos espíritos é poderoso e secreto, é misterioso só para aqueles que são considerados dignos.

O canto dos Druidas que os rodeava no bosque cresceu com as palavras de Frang. Moira viu Dartayous a sua esquerda vigiando-a estreitamente. Ele estava de pé, direito e alto, mas algo lhe faltava. Não eram suas muitas armas. Era algo mais profundo, algo intangível.

Esperança.

Ela se balançou e só permaneceu de pé com força de vontade. Devia haver algum modo para que ele recuperasse sua esperança. Certamente ela podia fazer isso. Podia?

Ela nunca antes tinha duvidado de sua capacidade, mas agora era em o único sentia. Dúvida e insegurança.

– Os poderes e mundos se mesclam no meio dos tempos.

Seus olhos voaram a Frang para encontrá-lo olhando-a também. Inalou profundamente e se centrou no que ela supunha que faria justo no que durasse um batimento do coração.

Suas mãos se uniram com as da Fiona e Glenna. Era o momento para que elas abrissem o véu entre os mundos e cumprissem a profecia.

Frang outra vez caminhou para suas irmãs e lhes falou. Quando ele chegou lhe disse:

–O Outro Mundo é para o sábio, mas não todos podem lutar com a sabedoria. Mantém a precaução em seu peito não seja que os mistérios resultem além de ti e o Outro Mundo tem expulsado de você a razão.

Ela não tinha tempo de questionar suas palavras enquanto o grande fogo era apagado com água e Lugus tomava seu lugar entre elas. Ele a confrontou, um sorriso tranquilizador em seu rosto.

Os velhos cantos que ela tinha aprendido de menina enchiam sua memória quando fechou os olhos. A magia fluiu por ela, mesclando-se com a de suas irmãs. Seus braços se elevaram ao céu, o vento açoitava seu cabelo e seu vestido. Não abriu os olhos quando Glenna deu um grito suave e um ruidoso som que pareceu rasgar o ar. Um batimento de coração depois Fiona fez o mesmo.

Moira logo que abriu os olhos e pôde ver uma grande coluna de vermelho fogo elevando-se ao céu proveniente de Glenna, e uma linha azul da água de Fiona. Com um suspiro ela liberou seu poder e o olhou elevar-se com os de suas irmãs.

Vermelho, azul e branco iluminavam o céu da noite. Moira sorriu. A profecia tinha começado. Apenas esse pensamento revoou para sua cabeça quando MacNeil entrou no Nemeton e caminhou para elas, seus olhos cravados nas colunas de seus poderes.

Ela logo se esqueceu de MacNeil porque Lugus começou a falar em uma língua que nunca tinha escutado, com seus braços completamente abertos e sua cabeça inclinada para trás. Fez uma rápida exploração da área e divisou a Rufina, Theron e Aimery, com suas cabeças inclinadas e os olhos bem fechados como se as palavras de Lugus lhes fizessem mal.

Sua atenção voltou a concentrar-se em Lugus a tempo para ver a coluna de seus poderes surgir e em seguida desaparecer dentro dele. Ela se desmoronou ao chão tão fraca como um gatinho recém-nascido.

– Tudo estará bem, – prometeu Lugus quando se ajoelhou a seu lado. – Sentir-se-á melhor pela manhã.

Olhou para cima e encontrou a Conall e Gregor ao lado da Glenna e Fiona.
– O que aconteceu? – perguntou a Lugus.
– É a profecia. Recorda. Está ligada a mim. – Ele ficou de pé e caminhou para o MacNeil.

MacNeil se inclinou rapidamente.

– Meu rei. – elevou-se e seus olhos procuraram Glenna. Ele sacudiu a cabeça e colocou a mão na testa.

Moira olhou como MacNeil lutava contra algo. Seus olhos voaram a Lugus que estava de pé com os braços cruzados como se esperasse que MacNeil fizesse algo. Ela o averiguou no momento seguinte quando MacNeil tirou a adaga de sua cintura e correu para ela.

Sua boca se abriu de repente em um grito quando Conall e Gregor desembainharam suas espadas. Ao lado dela, Lugus não disse uma palavra. Ele estendeu seu braço, palma acima, e Moira literalmente viu o poder voar para o MacNeil. Este o golpeou no peito e caiu para trás. Nunca mais se moveu.

O coração de Moira martelava em seu peito. Sabia que ele estava morto. Tão vergonhoso como era, ela se alegrou. Ele tinha assassinado seus pais, tinha roubado a Glenna para criá-la como própria e neste momento tinha tratado de matá-la.

Merecia um castigo maior, mas era assunto de Deus dispô-lo, não dela.

Quando a atenção de Lugus trocou a Dartayous conheceu o verdadeiro medo. Tratou de levantar-se, mas logo que tinha bastante força para levantar sua cabeça.

Não, gritava sua mente.

Não ia ficar ali e olhar como Lugus matava a Dartayous, a única pessoa que alguma vez ela poderia amar, não depois de tudo o que ela tinha sacrificado. Conseguiu ficar de pé, mas não podia manter suas pernas firmes debaixo dela.

As lágrimas se derramavam pela sua face pelas vãs tentativas de sustentar-se sobre seus pés. Não importava quão duro tentava, seu corpo não a obedecia. Enterrou os dedos na terra enquanto uma frustração como nunca havia sentido a atravessava.

– É sua hora, – disse Lugus a Dartayous enquanto levantava o braço.

Ela se deu volta para o Lugus, esquecendo sua frustração. Durante um momento pensou que ele não poderia matar a Dartayous porque vacilou, mas então Lugus a olhou. Foi então que soube que ele faria qualquer coisa para mantê-la ao seu lado.

Ela passou a vista da expressão resignada de Dartayous à decepcionada de Lugus.

– Não, – gritou e correu para o Dartayous enquanto o poder abandonava a mão de Lugus.

Capítulo 23

Dartayous apanhou a Moira enquanto caía sobre ele. Dedico-lhe um pequeno sorriso antes de fechar os olhos e desmaiar-se.

– Não, – sussurrou ele. – Moira. Moira!

– O que lhe tem feito?

Dartayous levantou a vista para ver Lugus com a cara pálida abalada pelo choque. Caminhou para Moira, com a mão estendida, enquanto tocava seu cabelo.

– Ela me salvou, – respondeu Dartayous e olhou para trás de sua amada Moira. Tratou de piscar para afastar as lágrimas que rapidamente encheram seus olhos. Não lhe emprestou atenção à umidade de seu rosto ou não lhe importou exteriorizar mais emoção do que teve em centenas de anos.

Tinha perdido o único que lhe importava.

Isto era o que sempre tinha temido. Moira estava morta, mas ele vivia. E nem sequer lhe havia dito que a amava. Esmagou-a contra seu peito enquanto caía de joelhos.

– Devia deixar-me morrer, – disse enquanto a balançava daqui para lá.

Não levantou a vista quando sentiu uma mão em seu ombro. Tudo o que queria era estar sozinho com a única mulher que tinha tido seu coração na palma de sua mão desde que era uma moça pequena.

– Dartayous, – sussurro-lhe Rufina a seu lado.

Não teve oportunidade de lhe responder quando uma explosão rasgando a terra firme afogou todos os sons. Todos os olhos se firmaram no montículo Fae e os dragões negros surgiram da terra firme.

– Estamos condenados com certeza, – gritou Rufina enquanto corria para Theron.

Mas a Dartayous não importou. Seu mundo tinha terminado no momento que Moira morreu.

– Posso ajudá-la.

Investigou nos olhos azuis de Lugus.

– Não tem feito suficiente?

Lugus baixou os olhos, em seguida se voltou para Dartayous.

– Tem razão. Fiz mais que suficiente.

Antes que Dartayous pudesse levantar-se e fazer passar Moira pelo círculo de pedra, os rugidos dividiram o ar. Conhecia esse som. Mais dragões. Um rápido olhar lhe mostrou que cada dragão que tinha habitado a terra dos Fae estava agora em seu mundo. Mas os que chamaram sua atenção foram os magníficos dragões brancos que voavam diante de outros, como se os protegessem.

Seus longos e largos corpos, com escamas brancas como placas de armadura se remontavam por cima deles com asas muito juntas que percorriam desde seus ombros até seus quadris. Suas alargadas extremidades com três dedos em cada pata tinham as garras agudas e longas que cortavam as escamas dos dragões da morte como se fora couro.

Os dragões brancos capturaram sua atenção com seus olhos amendoados em forma de espelhos, como a cor do céu da tarde. Em contraste com sua grande cabeça grande tinham uma boca pequena. Uma fila de chifres ossudos brotava da parte de atrás de sua cabeça e dois chifres largos se estendiam desde sua testa.

– É meu sonho, – Gregor ouviu Fiona dizer.

Dartayous teve que rir. Normalmente teria tido uma arma em cada mão e disposto a lutar contra qualquer forma de criatura, incluindo os dragões. Agora, rezava para que os Fae lhe deixassem sozinho. Tinha-o dado tudo para eles e não obteve nada em troca.

Lugus olhava a Dartayous balançar a Moira entre seus braços. As lágrimas banhavam seu rosto, mas Dartayous não parecia notá-lo. Tampouco tinha notado a batalha que se estava liberando no céu. Lugus separou seu olhar de Dartayous e Moira e olhou para o céu.

O que viu fez correr seu sangue de repente. Os gloriosos e sempre todo-poderosos dragões brancos, estavam sendo derrotados pelos Dragões da Morte.

Isto não podia estar acontecendo. A seu julgamento, os dragões brancos teriam resistido mais tempo aos Dragões da Morte.

Com um rugido, levantou-se sobre seus pés, com as mãos para o céu. Toda a magia que possuía corria rapidamente através dele e a enviou como um relâmpago desde seus dedos para os Dragões da Morte. Um por um, conseguiu capturá-los e encerrá-los outra vez na prisão.

Observou como os outros dragões retornassem à terra do Fae. Tinha terminado. Por agora. Era muito o que tinha que ser restaurado e uma cidade tinha que ser reconstruída.

Um soluço soou detrás dele. Voltou-se e se encontrou a Glenna e Fiona reunidas ao redor do Dartayous. Todos eles choravam pela mulher que tinha sacrificado sua vida para salvar a todo mundo.

Caminhou para eles e amavelmente sentou a Glenna longe da Moira. Lugus levantou a vista para Theron.

– Me perdoe, irmão.

Dartayous não sabia que estava tramando Lugus, e de fato não queria que tocasse a Moira de novo. Mas quando tratou de lhe apartar a mão, Rufina lhe acalmou.

Ele observou como Lugus estendia uma mão e tocava o rosto de Moira. Uma luz brilhante brilhou intermitentemente ao redor deles, e em seguida ocorreu a coisa mais estranha. Dartayous sentiu Moira respirando.

A alegria e a esperança encheram seu coração. Voltou-se para o Lugus para agradecer-lhe, mas se tinha ido. Extinto. Seus olhos procuraram Theron e a Rufina.

Theron deu um passo adiante. Foi-se o Fae que tinha mantido prisioneiro por Lugus, em seu lugar estava o rei.

– Lugus deu sua vida para a Moira. Ela vive.

– Então por que não lembra? – Perguntou Glenna com uma pergunta que Dartayous não podia responder. Rufina se ajoelhou ao lado do Dartayous e removeu o cabelo de Moira de seu rosto. – Está viva, mas só. Por causa das traições que cometeu, sua mente não lhe permitirá despertar.

– Está no Refúgio das Sombras, – disse Theron. – Pensará que está em um lugar seguro, mas quanto mais tempo este ali mais perderá da sua alma.

– Há alguma forma de despertá-la? – Perguntou Dartayous, assustado da resposta que receberia.

Theron assentiu.

– Mas o preço é alto.

– Não há tal coisa no que se refere à Moira.

Conall deu um passo para adiante, sua mão estava sobre o ombro de Glenna.

– Qual é o preço?

– Não importa o preço, – repetiu Dartayous enquanto amavelmente posava a Moira no chão.

– Seja qual seja o preço, vou pagar o se a trouxer da volta.

– O preço poderia ser sua alma – As palavras de Theron chamaram a atenção de todas as pessoas.

– Se entrar atrás dela, então nenhum de vocês pode retornar.

Dartayous ficou imóvel. Afastou os olhos de Moira e olhou a Glenna e Fiona. Choravam abertamente, mas não gemiam seu pesar. Isso seria na privacidade de seus quartos. Desejou ter uma parte dessa privacidade para si mesmo.

Dirigiu o olhar a Conall e Gregor. Cruzaram seus braços e inclinaram à cabeça.

– O que aconteceu a suas armas? – Perguntou Gregor.

Dartayous olhou sobre seu ombro a Theron.

– Necessitarei minhas armas? – Theron negou com a cabeça lentamente. Dartayous se voltou para seus amigos. – Voltarei.

– Se cuide, – disse Gregor.

Conall posou seu braço ao redor da Glenna.

– Estaremos te esperando.

Quando Dartayous recorreu a Theron e Rufina, viu a dúvida brilhando em seus olhos.

– Não te aconselho que vá atrás dela, – disse Theron. – Em toda minha vida, nunca conheci ninguém que voltasse.

Dartayous olhou de frente ao rei dos Fae.

– Só me mostre como chegar ali.

Moira se deleitou com o brilho do sol quente na ladeira e ficou com o olhar fixo no mar. Como chegou à Ilha de Skye não estava segura. Num momento estava morrendo, sua alma subindo para o Céu, e em seguida em uma piscada estava aqui.

Não tinha sentido, mas não lhe importava. A ilha era especial para ela. Era onde pela primeira vez ela e Dartayous fizeram amor, onde se deu conta que ele era seu consorte.

Deveria estar feliz. Não estava morta, mas sabia que não estava viva tampouco. Havia uma escolha que tinha que tomar. Retornar ao vale estreito e

enfrentar a todas as pessoas ou ir-se... Não podia recordar onde estava, mas isso não tinha importância.

Não havia forma de retornar ao Vale. Não tinha conseguido evitar que Lugus se apropriasse do poder. O mundo mudaria para sempre, e tudo porque tinha sido fraca. Seus segredos tinham levado a morte a toda às pessoas que lhe importava.

Sentou-se de novo na ladeira coberta de grama da colina, o sol iluminando seu rosto. Estava feliz, contente.

Onde estava Dartayous?

Olhava a esponjosa nuvem branca ao redor e fez um intento de não pensar nele, mas não importava. Ele sempre tinha estado em seus pensamentos e na atualidade não era diferente.

Ao menos sabia que não estava morto.

Ou o estava?

Lugus se tinha virado e lhe tinha matado depois que ela tinha morrido? Não acreditava. Não soava como o Lugus que tinha começado a conhecer. Era uma pergunta entretanto a que gostaria de dar uma resposta, mas sabia que não podia.

– Dartayous. Te perdi.

Em lugar da habitual pena que acompanhava cada vez que pensava nele não havia nada. Nada. Nenhuma dor, nenhum prazer só... vazio.

Era isto o que fazia este lugar? Manter a distância toda emoção para que pudesse viver sem o pesar e a vergonha?

Tudo isso ficou para trás. Não importa.

No espaço de um batimento do coração não pôde recordar o que tinha sido mais preocupante. Dormir.

Fechou os olhos e deixou que o sol iluminasse seu sono, um sono livre.

– Está seguro de que quer fazer isto? – Perguntou Rufina a Dartayous enquanto se colocava ao lado da Moira dentro do círculo de pedra.

– Quero morrer por ela.

– É só para que possa entrar. – Negou com a cabeça tristemente e se moveu para estar perto de sua cabeça.

Dartayous olhou ao redor dele. Gregor, Fiona, Conall, Glenna, Theron e Frang contemplavam-no fixamente.

– A trarei de volta, – jurou.

O poder que Lugus tinha tomado foi recuperado para a Glenna, Fiona e os Fae quando lhe tinha dado sua força vital a Moira. Quando Dartayous perguntou o que havia acontecido a Lugus disseram que Lugus estava morto. Apesar de seu ódio para com Lugus, tinha salvado a vida de Moira e isso significava algo.

– Relaxe, – disse Rufina e colocou suas mãos em suas têmporas. – Pensa na Moira.

Ele fechou os olhos e pensou na Moira, em abraçá-la uma vez mais e finalmente lhe dizer que a amava. Custasse o que custasse diria como se sentia a Moira.

–Vê-te com ela, – murmurou Rufina. – Sua alma te chamará.

O corpo de Dartayous começou a zumbir. Seu coração correu rapidamente, o sangue bombeava furiosamente através de seu corpo. Em seguida, tal como começou acabou.

Algo tinha saído mal. Sabia. Com um suspiro abriu os olhos e se encontrou sozinho. Jogou uma olhada ao redor rapidamente, não se moveu.

Já não estava no círculo de pedra. O som das ondas do mar golpeando a borda chegou a seus ouvidos. Lentamente se sentou e se encontrou cravando os olhos em dois pilares altos de pedra.

– Estou na Ilha de Skye. Por que Moira iria ali?

Então soube. Tinha sido onde primeiro tinham feito amor. Sentou-se mais reto e contemplou as águas azuis escuras do lago. Este tinha sido seu lugar favorito, o lugar ao que teria querido retornar e experimentar a vida.

Não estranhava que Moira tivesse escolhido o mesmo lugar.

Mas de todas formas talvez não era tão estranho. Tinha acontecido muito aqui. Não só compartilharam seus corpos, mas também foi aonde ele se inteirou de que ela pensava que ele era seu consorte. Também tinha sido quando ambos descobriram que ele era um Fae.

Levantou-se e olhou ao redor. Esperemos que ela não estivesse muito longe. Começou a caminhar para o topo de uma colina quando viu algo no pasto verde. Caminhou lentamente para o objeto e viu Moira.

Seu coração chegou à garganta enquanto a contemplava com os olhos fechados. Era muito tarde. Caiu de joelhos e tomou a mão dela entre a sua.

– Quem é?

Sua cabeça crepitou ao contemplar-se em seus verdes olhos de Druida que abriram enquanto lhe olhava.

– Dartayous? – Murmurou.

Dedicou-lhe um brilhante sorriso.

– Sou eu.

Ela se levantou precipitadamente e o abraçou apertadamente, passando os braços ao redor de seu pescoço. Ela se retirou rapidamente e saiu um momento de seus braços quando ele tinha começado a sustentá-la contra se. Era uma pura tortura.

– Não pode ser você, – disse. – Deveria estar no Vale cuidando dos Druidas.

– Estou. Estou cuidando da sacerdotisa que jurei que devolveria segura a suas irmãs.

Ela negou com a cabeça e partiu dando meia volta.

– Não é real.

Ele se passou a mão através do cabelo. Não outra vez.

– Vim aqui para você, – disse quando a alcançou.

– Sou feliz aqui, mas pode ficar se o desejar. – negou-se a olhá-lo, mas ele esperaria pacientemente. Esta vez ela saberia que ele era real.

Seguiu-a ao bosque e se encontrou com uma pequena cabana meio escondida entre as árvores. Parecia-se com a cabana de Rebecca. Isto ia ser mais difícil do que ele originalmente pensou, embora tivesse que admitir que ficar aqui não estaria mau. Era tranquilo, pacífico.

–Vai entrar?

Encontrou Moira de pé na porta da cabana e se apressou para ela. O interior da cabana era quente e convidativo. Um fogo resplandeceu na chaminé e o aroma de pão fresco assado encheu seus sentidos.

– Sente-se, – disse-lhe e se dirigiu para a mesa.

Ele sorriu e tomou assento enquanto a observava cortar o pão em rodela. Colocou o pão e um cântaro incomum na mesa.

– O que é isto? – Perguntou-lhe quando ela verteu o líquido do cântaro na taça.

Sorriu-lhe e piscou o olho.

– Acredito que você gostará.

Levou-se a taça aos lábios e provou o líquido. O sabor do vinho quente Fae se reuniu em seus lábios.

– Sempre você gostou deste vinho.

Riu e se sentou em frente a ele.

– Quanto tempo ficará?

– Assim é que admite que realmente estou contigo?

Encolheu-se de ombros.

– Espero que o esteja. Agora, quanto tempo ficará? – Perguntou-lhe outra vez.

– Todo o tempo que faça falta.

– Para que?

Ele posou a taça e sustentou seu olhar fixo.

– Para te convencer de retornar comigo.

Ela baixou a vista.

– Nunca retornarei.

– Por quê? – Perguntou. – Você pertence ao Vale.

– Pertenço? – levantou-se e começou a passear-se. – Tenho um lugar com as pessoas que traí?

Rapidamente foi até ela e a agarrou pelos ombros.

– Deve estar no Vale. É uma sacerdotisa Druida, Moira.

– Essa não é razão suficiente. Sou feliz aqui.

Ele tragou. Agora era o momento para lhe falar de seu amor. Mas quando abriu a boca o que ele disse foi:

– Suas irmãs precisam de você.

Covarde.

Nunca em seus quinhentos anos ninguém e menos ainda ele mesmo o tinham chamado covarde. Entretanto, isso era exatamente o que era quando se tratava de dizer a Moira como se sentia.

Ela cravou os olhos nele, esperando a ver se lhe dizia algo mais. Ordenou-se a si mesmo dizer-lhe, mas não lhe saía à voz. Só o silêncio enchia o espaço enquanto os segundos passavam.

– Basta desta conversa, – disse e se afastou dele. – É à hora de jantar.

Sabia que pelo momento ela tinha ganhado. Nada de conversa. Por agora. Mas de seguro tentaria falar outra vez. Logo.

– Está ali Dartayous? No Refúgio das Sombras? –Perguntou Fiona.

– Sim, – respondeu Rufina e se apoiou contra Theron.

Glenna deu um passo perto de Dartayous e tocou seu rosto.

– Quanto tempo até que traga Moira?

– Não há maneira de saber, – disse Theron. – Tudo o que terá que fazer agora é esperar.

Frang não prestou atenção aos muitos Druidas a seu redor que queriam saber que estava passando. Sua concentração estava com o grupo de pessoas que rodeavam a Moira e a Dartayous.

Não tinha falado desde o começo da cerimônia. Não tinha havido nada que dizer realmente. Não tinha esperado que Lugus desse sua vida para Moira, mas de todas formas o Fae sempre lhe assombrou.

Uma mão fria tocou seu braço. Levantou a vista e encontrou Glenna a seu lado.

– Como se mantém firme? – Perguntou-lhe ele.

– Eu? – Disse ela, com assombro. – Vim a te perguntar essa mesma coisa.

Depois de tudo, criou a Moira como sua.

Suas palavras rasgaram seu coração. Sempre tinha amado as crianças, e tinha esperado ter tantos quantos Deus lhe concedesse, mas então tinha traído à pessoa equivocada e foi amaldiçoado. Tinha pensado caminhar para este mundo só até que tinha sido posto a cargo da Moira.

– Ela iluminou meu mundo no mais escuro dos tempos, – murmurou. – Acredito que nunca disse isso a ela. Fui sempre atrás dela para prepará-la para o dia de hoje. Suponho que falhei de algum jeito.

–Não –, disse Glenna e o abraçou. – Foi sua decisão, seu destino. Fez tudo o que podia.

Ele assentiu e acariciou-lhe a mão.

– É muito sábia para seus anos.

Sorriu através das lágrimas.

– Tive recentemente um mestre muito bom, – disse-lhe ela e piscou o olho.

– Moira e Dartayous necessitam que nós sejamos fortes.

Frang respirou fundo e se sentou mais reto.

– Tem razão nisso. Não me compadeço mais. Não sou o que luta pela minha alma.

Apartou a vista de Moira para encontrar-se com o Theron olhando-o. Era hora de falar. Inclinou a cabeça para o Theron e se afastou de Glenna.

Não passou muito antes que Theron se unisse a ele no escarpado com vista à casa de Glenna e Conall. O muro exterior do castelo estava vivo com a atividade embora ninguém recordasse a visita dos dragões que encheram o ar graças ao Fae.

– O amor o conquistará tudo, – disse Theron enquanto se aproximava. – Ao menos isso é o que Rufina me diz.

– As mulheres parecem saber mais que nós.

Theron riu.

– E minha esposa em particular. Sabe que todo o tempo que Lugus nos manteve cativos, ela me disse que ele não o pensou?

– De verdade? – Virou a cabeça e olhou ao rei dos Fae. – Como sabia isto?

Ele se encolheu de ombros.

– Oxalá soubesse. Falou-me com final e me disse que a morte do Pai tinha sido um acidente.

– Crê nele?

– Faço-o agora, – disse depois de um momento. – Naquele tempo Lugus estava constantemente metido em algum tipo de problemas. Ninguém lhe deu uma boa oportunidade. Todos nós assumimos que ele tinha matado ao Pai. Fomos os que lhe convertemos no monstro que foi.

– E Moira lhe acalmou.

– Isso.

Frang se voltou para seu velho amigo.

– O que ocorrerá agora?

– Reconstruímos a Cair Rhoemyr. Graças a Lugus, os Dragões da Morte estão encarcerados outra vez. Nenhum de nós, incluindo Lugus, sabia de quanto dano fariam os dragões ou como tivemos pouco controle sobre eles. Eu vou mudar isso, colocando-as por escrito.

– Boa idéia, — Frang disse. – Ao menos o seguinte que pense em soltá-los terá uma idéia de quão incontroláveis são. Ainda não entendo como os refreou Lugus.

– Eu tampouco, – disse Theron com um suspiro. – Mas não o questiono.

– E Lugus? Está morto?

Durante um longo momento Theron cravou os olhos nele.

– Sim, – respondeu finalmente.

– Tem seus poderes da volta, ao igual aos da Glenna e Fiona. Tudo está quase retificado.

– Só temos que cuidar de Dartayous. Seu amor é o suficiente forte para trazê-la de volta.

– Mas o permitirá Moira?

Theron sorriu com arrependimento.

– Essa é a questão, não é assim?

Capítulo 24

A Moira não importava se este era o autêntico Dartayous ou não, simplesmente se alegrava porque ele estava aqui. Uma parte dela realmente queria saber se de verdade tinha entrado neste mundo desconhecido em que se encontrava para levá-la de volta, mas era ridículo. Depois do que lhe fez na terra dos Fae não lhe jogaria água se estivesse queimando.

A comida estava quase preparada. Voltou-se para a mesa para pôr os pratos quando encontrou que Dartayous já o fazia. Havia poucos homens que fariam tal coisa, mas era algo que ele faria.

– Você não tem que fazer isso.

– Sei, – disse sobre seu ombro. – Queria fazer algo em vez de estar sentado aqui te olhando.

– OH, então você não gosta de me olhar, – brincou ela. – Eu não sabia que era tão feia.

Ele virou-se para a mesa com uma sobancelha elevada.

– Isso não foi o que quis dizer e sabe, – disse devagar, dando um passo para ela, - somente estava dizendo que me sentia inútil sentado ali.

Moira gargalhava pela sua expressão indignada. Ela se limpou as lágrimas de risada dos olhos e o encontrou rindo-se com ela.

– Nunca tínhamos feito isto, – disse ele.

– O que?

– Brincar. – Olhou-a fixamente um momento e disse. – Está diferente.

– Liberada, – disse.

Seus olhos se encontraram e ela fechou os seus. O corpo de Moira ansiava seu toque, sua boca, a magia que eles criavam juntos. Umedeceu os lábios secos e olhou como seus olhos se posaram em sua boca. Ainda a queria? Recordava ele seus momentos especiais juntos? Ardia seu corpo para ela como o fazia o seu?

Ele não se moveu para ela, e ela não quis ter a possibilidade de ser rejeitada. Já tinha perdido muito, ela não podia perder isto também.

Ela se virou. Simplesmente seria melhor ignorar seu corpo e desfrutar do tempo que teria com ele. Com toda honestidade, depois do que tinha feito, não o merecia, mas não estava preparada para lhe dizer isso.

Quando voltou à mesa com o frango assado, Dartayous tinha tomado assento. Cortou o frango enquanto ela colocava um pote de mel e nozes sobre a mesa.

Comeram no silêncio, quebrado só pelos pássaros que cantavam a sua feliz melodia. Quando terminaram o frango, Moira se parou e serve o queijo, bolachas, maçãs e mais vinho.

– Onde conseguiu toda esta comida? – Perguntou Dartayous.

Ela se encolheu de ombros.

– Estava aqui. Todo que eu possivelmente poderia querer está aqui.

– Tudo? – Seus olhos procuraram e sustentaram os seu durante um longo momento.

– Tudo, – repetiu ela antes de cortar o queijo.
Sua mão se posou sobre a dela parando seus movimentos.
– Eu não acredito.
Ela ergueu seus olhos para ele e pôs um sorriso no rosto.
– Realmente importa isso?
– Não. – levantou-se da mesa e levantou com ele. –Vamos passear pelas árvores.

Isto era uma coisa que sempre a acalmava e havia lhe trazido paz. Tinha passado muito tempo desde que tinha tido verdadeira paz, que acalmava inclusive sua alma.

Ela suspirou por dentro ante a mão forte que entrelaçava a sua. O Dartayous que conhecia não a haveria tocado desta forma, mas então pensou outra vez, ambos tinham passado por um montão de coisa recentemente. Ele poderia ter mudado?

Mudança. Não era a parva ingênua que tinha sido alguma vez. Não fazia muito que pensava que ela sozinha podia mover montanhas. Tinha mostrado suas verdadeiras cores, e se pilhou a si mesma em falta.

–Tão perdida em seus pensamentos. O que terá feito franzir o cenho de um rosto tão formoso? – Perguntou Dartayous.

Ela riu em silêncio.

– Eu sei que não é o Dartayous que conheço. Ele nunca me teria chamado formosa.

Parou-se e se virou para enfrentá-la, o sol do entardecer se refletia em seus brilhantes olhos azuis. Havia dor ali, uma dor que tocava profundamente a alma.

– Pode permitir que as pessoas mudem? – perguntou-lhe.

Ela assentiu.

– Isso é justamente o que eu pensava. Mudei enormemente durante os dois últimos meses.

– Como? – perguntou e reassumiu seu passeio.

– Já não sou tão orgulhosa como era. Abriguei muitos segredos em minha vida, mas não mais. Tive que confrontá-los.

Ele grunhiu.

– Poucas pessoas alcançam a sabedoria tão jovens como você.

– Não é sabedoria, – disse ela recordando a dor e olhares zangados de suas irmãs quando se deram conta de sua traição. – Aprendi uma valiosa lição do modo mais duro.

Ela se deteve frente a uma árvore gigante, seus membros nodosos se entrelaçavam com outras árvores. Conhecia cada árvore nas Terras altas, mas ela nunca tinha visto uma como esta. Nem sequer a casca, branca e lisa, via-se familiar.

Com suas costas contra a árvore, ela olhou pelo lago em cima da colina.

– É uma vista formosa.

– Se, é-o, – disse e parou frente a ela.

Seus olhos brevemente se encontraram com os seus antes que ela olhasse longe. Ela não podia sustentar seu olhar vendo o desejo reunido em seus

olhos azuis. Seu cabelo negro voava na brisa e em tudo o que ela podia pensar era em passar os dedos para suas mechas sedosas.

Não era justo que um homem tivesse tal cabelo, ela refletiu.

– Me olhe.

A voz de Dartayous, baixa e áspera, agitou sua carne e fez que um calafrio percorresse seu espinho. Ela levantou lentamente seu olhar, primeiro a sua boca.

Ampla com um lábio inferior cheio, chamava-a a recordar seus beijos e os fogos que tinham sido acesos. Tratou de tragar o nó em sua garganta. Sua boca a tinha feito gritar mais vezes das que poderia contar.

Com sua respiração agora desigual e acelerada ela levantou seus olhos aos do Dartayous. O calor se mantinha em brasas de fogo e o desejo flamejava em suas profundidades misteriosas.

Seus corpos estavam unidos por mãos invisíveis, enrolando-os brandamente, impulsionando-os. Os lábios de Moira se separaram, esperando ansiosamente a sensação de seus suaves lábios quando a tocassem.

Seu fôlego quente soprou sobre sua bochecha, cheirava a vinho aromático. Ela fechou seus olhos, com a respiração apanhada em seu peito esperando... esperando.

Dartayous sabia que seu controle pendia de um fio muito fino. Queria apertá-la contra ele, mas precisava tomar-lhe com calma. Cortejá-la.

Colocou suas mãos ao lado de sua cabeça na árvore enquanto sua cabeça descia para ela. Seu corpo inteiro tremeu, não por necessidade, mas sim pelos muitos sentimentos que o percorriam. Moveu-se para aliviar o apertão em sua virilha, mas o único alívio para ele seria enterrar-se dentro da vagina apertada, molhada de Moira.

Seus lábios tocaram os dela. Teve que conter-se, especialmente quando ela deixou escapar um suspiro. Mas seu controle se quebrou. Sua língua se inundou em sua boca e bebeu de seu néctar doce como um homem moribundo.

Quando seus braços rodearam seu pescoço teve que agarrar-se à árvore para evitar baixá-la ao chão. Ele seguiu dizendo-se que devia retirar-se, mas sua boca doce persuadiu-o para ficar só por um momento mais.

Seu corpo palpitava dolorosamente de desejo, seu coração doía, mas sobretudo sua alma chorava.

Separou-se dela apesar do protesto de Moira. Respirava como se tivesse corrido todo o dia. Deu um passo atrás enquanto ela se levava uma mão aos lábios. Reconheceu que era um engano olhar sua boca o momento em que o fez.

Vermelhos e inchados por seus beijos, ela os tocou ligeiramente e fechou os olhos com um suspiro. Ele gemeu e virou-se para confrontar o lago. Precisava olhar outra coisa que não fosse Moira.

Riu em silêncio para si mesmo. O que realmente precisava era nadar em um lago frio.

Fiona se sentou ao lado da Moira, esperando e rezando para que ela despertasse logo. Não tinha havido nenhum sinal de Dartayous, embora não tinha idéia do que ele faria.

Umas mãos fortes tomou-a pelos ombros. Ela virou-se e deu um pequeno sorriso a Gregor.

– Por que não vai ao castelo e descansa? – disse ele.

Sacudiu a cabeça.

– Não deixarei a Moira ou a Dartayous.

– Ele a ama. Trará-a para casa.

Assim era como seu marido tratava de lhe dar alguma esperança. Eles tinham passado para suas próprias provas antes de encontrar seu amor, mas não tinha sido nada comparado com o que Moira e Dartayous estavam passando.

– Se só soubesse que eles estão bem, – disse ela.

Suas mãos a rodearam e a pôs de pé. Elevou a vista para ele, mas ele a atraiu a seus braços e a abraçou forte.

– Ele fará tudo que possa.

As lágrimas que Fiona tinha mantido contidas todo o dia transbordaram. Turvaram sua visão e correram pro seu rosto em uma corrente.

– Quero que volte, Gregor. Não posso perdê-la agora.

Gregor suspirou e sustentou a Fiona mais forte. Se ele pudesse apartá-la da dor o faria. Ele levantou os olhos e encontrou a Glenna e a Conall olhando-os. As lágrimas corriam pelo rosto de Glenna enquanto agarrava a mão de Conall como se não teria um amanhã.

Se eles saíam desta não haveria nada que detivesse estas irmãs. Nada.

Moira não tinha estado nunca tão coibida como agora. Estava parada em meio da pequena cabana, com o Dartayous a não mais de cinco passos, enquanto se perguntava onde dormiria ele.

Queria-o na cama com ela, mas não sabia como pedir-lhe. Quando levantou seus olhos se encontrou com seu intenso olhar.

– Tem fome? Posso preparar algo para comer, – ofereceu-lhe.

– Tenho muita fome.

Ela sorriu aliviada. O problema da cama ficava de lado pelo momento.

– O que você gostaria? Queijo? Vinho? Pão?

Negou com a cabeça às três opções. Ela o tentou de novo e nomeou tudo o que tinha, entretanto ele continuava negando.

– Pensei que tinha fome.

Deu um passo para ela.

– Estou faminto.

– Do que? – Seu olhar permanecia em seus olhos azuis que cintilavam à luz do fogo.

– De você, – grunhiu antes de esmagá-la contra ele.

Ela se derreteu em seus braços enquanto seu beijo acendia de novo o fogo de uns momentos atrás. Seus braços se deslizaram pelos seus largos ombros enquanto seus dedos se enroscavam em seus suaves cachos. Amoldou-se contra seu corpo duro e sentiu seu membro contra o estômago.

Seu pulso corria, seu coração golpeava em seu peito, mas não era suficiente. Queria estar mais perto dele. No instante seguinte, ele rasgou seu vestido e sua camisa de cima a baixo.

Ela rompeu o beijo e olhou seu corpo nu.

– Já que eu não posso rasgar a sua roupa seria bom que saísse delas rapidamente, – disse ela e lhe deu uma piscada.

Ele se desfez de suas botas e suas roupas em tempo recorde só para pegá-la e levá-la à cama. Depois de estendê-la começou a lhe dar beijos na barriga e sobre os peitos. Cada vez que ela pensava que sua boca se fecharia sobre seu mamilo ele afastava a cabeça.

Ela gritou e agarrou seus ombros. Suas mãos se fecharam ao redor de seus peitos enquanto seguia beijando sua barriga. Com seus dedos beliscando e puxando seus mamilos ela não notou que seu beijo tinha alcançado suas coxas.

Nem sequer quando lhe separou as pernas e ficou entre elas se deu conta da direção de seus beijos. Até que sua língua quente estalou sobre sua pérola.

Apartou suas dobras e a beijou como nunca tinha sido beijada. Ela se retorceu e gritou enquanto o prazer a consumia. Sua língua correu ao longo de seus lábios antes de inundar-se em seu centro para em seguida mover-se e voltar a chupar sua pérola.

Então ele se retirou.

Moirá gritou e soluçou de desejo, rogando a Dartayous que a saboreasse outra vez. Sua língua voltou a lamber e formar redemoinhos, o prazer era escandaloso, mas mais delicioso do que ela alguma vez poderia haver imaginado. Sua paixão se elevou e a palpitação entre suas pernas cresceu até logo que pôde suportá-lo.

Ela olhou abaixo para encontrar que Dartayous tinha aberto suas dobras enquanto sua língua a lambia. O ar fresco aumentava as sensações e elevava sua necessidade muito mais.

Cada vez que ela pensava que finalmente encontraria seu clímax ele se apartava e amassava seus peitos beijando o interior das suas coxas. Quando sua respiração se acalmava ele reassumia seu beijo dolorosamente doce.

Dartayous queria que Moira recordasse esta noite. Ele planejava provocá-la e tentá-la até o amanhecer. Cada vez que se apartava quando ela estava a ponto de culminar, a esquentava mais.

Ela se retorcia e gemia na cama, suas costas se arqueava lhe rogando terminá-lo. Seus mamilos estavam duros e chamavam sua boca tal como seu sexo pedia o seu. Mas ele não estava perto de terminar.

Ele subiu e fechou seus lábios ao redor de um mamilo provocando-o. Formou redemoinhos sua língua ao redor do diminuto broto enquanto a observava gemendo e agitando sua cabeça de um lado ao outro. Moveu-se ao outro peito e repetiu o processo.

Suas unhas se cravavam em suas costas e seus quadris se moviam contra seu peito, mas ainda não lhe permitiu encontrar sua liberação.

Beijou-a descendo pelo seu estômago parando para morder a pele suave na união das suas coxas. A respiração de Moira se deteve quando sua boca se moveu para seu sexo aceso. Outra vez deixou que sua língua fizesse sua magia sobre ela levando-a mais alto que a vez anterior.

Esta vez não demorou muito tempo em retirar-se, mas também era difícil não enterrar-se dentro dela. Seu corpo pedia a gritos a liberação, tal como o dela.

Mas ele sabia que seria mais prazeroso quando finalmente alcançassem essa liberação. Juntos.

– Necessito-te, – disse ela.

Ela não tinha idéia do que o fazia.

– E eu a ti.

– Então tome, – gritou.

Ele sorriu.

– Ainda não.

Ele baixou a cabeça para suas coxas. Enquanto sua língua dançava ao redor de sua pérola introduziu um dedo nela. Suas mãos agarraram os lençóis e lançou um grito

– Dartayous, – chamou-o.

Ergueu-se um pouco e baixou seu olhar para ela. Seu cabelo estava estendido sobre a cama. Seus peitos cheios e inchados se bambolevam cada vez que ela movia seus quadris, chamando-o. Ele tinha que tê-la.

Agora.

Levantou-a e a sentou escarranchado sobre ele. Devagar, deixou-a cair sobre sua palpitante virilidade. Ela jogou a cabeça para trás e gritou quando ele se embainhou totalmente.

– Estou inteira outra vez, – sussurrou.

Ele sabia exatamente como se sentia. Começou a mover-se dentro e ela o empurrou para trás até que ele estava deitado na cama. Suas mãos subiram para esfregar seus peitos enquanto ela se movia sobre ele.

Ela tinha o controle agora e a ele gostou. Nessa posição lhe permitia um movimento completo e ela tomou vantagem disto. Várias vezes o levou a borda só para retirar-se como ele tinha feito. Mas ao final foi muito para ambos.

Ele a puxou para ele e virou até que a teve estendida sob seu corpo. Inundou-se nela até que tocou sua matriz.

– Somos um, – disse ele.

– Sim, – gritou ela e se agarrou das suas costas. – Por favor, Dartayous. Necessito-te.

Apenas a ouviu. Seu corpo se fez cargo e empurrava mais rápido e mais duro. Justo quando esteve a ponto de culminar a ouviu gritar e a sentiu apertar-se ao redor dele.

Com a cabeça jogada para trás encontrou sua própria liberação enterrado profundamente dentro dela.

Capítulo 25

Moira se aconchegou contra Dartayous, seu ouvido descansando sobre seu coração. Finalmente tinha começado a acalmar-se, sua respiração se emparelhava.

– Pensei que te tinha perdido, – disse ele.

Ela sabia que estava se referindo a sua morte.

– Perdeu, durante um momento. Não sei o que aconteceu.

– Lugus te salvou.

Ela soube que o custava lhe dizer isso.

– Como?

– Deu sua vida para você.

– Não estou surpresa. Não era o monstro que todos pensavam.

– Não ao final, mas o era ao princípio. Olhe o que fez a você.

– Está se referindo ao controle que assumiu da minha mente.

– Assim o fez, – murmuro Dartayous – O que aconteceu?

– Ele disse seu nome. Então recordei tudo.

A mão dele começou a esfregar ligeiramente as costas. Estava quase dormida quando ele disse

–Por que não me disse isso? Teria te ajudado.

–Tive que fazer pensar a Lugus que tinha o controle completo sobre mim. Ele teria lido seus pensamentos e descoberto tudo.

–Não. Frang me ensinou faz muito tempo a forma de manter afastado a alguém de meus pensamentos.

–Não sabia, – disse ela.

–Porque não confiamos em nós.

Ela não disse o contrário porque era a verdade. Como podia confiar nela agora depois do que tinha feito? Havia antepostos seus desejos egoístas a seu mundo e ao dos Fae.

Foi imperdoável.

– Alguma vez haverá confiança entre nós? – Perguntou-lhe ele.

Ela não quis lhe responder. Tinha medo que se o fizesse ele saísse e a deixasse sozinha. Tinha vindo a este reino a escapar de todo o mundo, mas descobriu que não queria estar sozinha agora. Queria a Dartayous com ela.

– Moira? – Solicitou.

– Não sei.

Ele suspirou e beijou sua testa.

– Então há esperança.

Dartayous sabia que outra vez tinha deixado passar o tempo que podia haver lhe dito que a amava. Certamente tinha que haver alguma maneira de trazê-la de volta ao Vale sem dizer essas três palavras.

Sabia que se o dissesse em voz alta estaria bem e realmente perdido. Caminharia para a terra só entre as almas mortais reclamando um corpo procurando novamente e novamente.

Era muito para fazer. Preferia amá-la de longe; vê-la felizmente casada e com uma família. Não sujeita a ele, fazendo-se velha enquanto ele nunca envelheceria. Estava mais à frente do trato cruel.

* * * *

Moira despertou com deliciosa sensação dos lábios de Dartayous detrás de seu pescoço. Ela suspirou e se perdeu nele.

– Bom dia, – disse ele e amavelmente lhe mordeu o lóbulo da orelha.

– Hmmm. Bom dia. Dormiu bem?

Ele assentiu.

— E você?

Olhou para ele sobre seu ombro.

– Como um bebê, – mentiu ela. Tinha despertado cada par de horas para assegurar de que estava ainda com ela. Faziam o amor enquanto se dava conta de que verdadeiramente estava ali com Dartayous.

– O que faremos hoje?

– Não há nada a fazer, – disse ela com uma risada. – Estamos aqui sozinhos, e podemos fazer qualquer coisa que queiramos.

Virou-a sobre as costas e beijou a ponta de seu nariz.

– Enfim, tenho várias idéias.

– E quais são?

Ele a puxou em uma posição de sentada.

– Veste-se e se inteirará. – Depois que estiveram ambos os vestidos e empacotaram um pouco de fruta, Moira o seguiu ao exterior.

O orvalho ainda se pegava às pontas da grama e as árvores, mas com o sol elevando-se no céu não duraria muito.

– Aonde vamos? – Perguntou enquanto a dirigia além da cabana.

– Já o verá.

Ele não se deteve até que chegou à colina que ultrapassava o lago e as pedras de pé. Era uma grande vista e com o bosque detrás deles era o lugar perfeito para sentar-se e olhar o que tinha criado Deus.

– Você gosta? – Perguntou-lhe ele.

Assentiu e olhou ao redor.

– Eu adorei a primeira vez que o vi aqui com você.

– Sabe que quando o vi quis construir uma casa aqui.

– Aqui? – Perguntou ela.

– Bom. Disse e se voltou para ela. – Tenho a intenção de construir minha casa na Ilha de Skye.

– Assim que vai. – Foi a risada que a deixou plena por compartilhar este dia com ele.

– Sim. Vim por você, para te levar de volta.

– Mas não quero retornar, – discutiu. – Fique aqui comigo. É o paraíso.

– Não, não o é. – passou uma mão através de seus longos cabelos que chegava até os ombros e suspirou ruidosamente. – Por que não quer retornar?

– Sabe por que, – disse-lhe calmamente. – Traí a todo mundo. Inclusive você. Eu estava ali enquanto Lugus e MacNeil te torturava.

– Porque teve que fazê-lo.
– Não tinha que fazê-lo, – refutou.
Caminhou até ela e colocou as mãos em seus braços.
– Salvou minha vida.
– Sou feliz aqui. Fica comigo, – implorou. Inclusive pediria de seus joelhos se ele o pedisse. Qualquer coisa só para que ficasse.
– Basta desta conversa, — disse-lhe e obteve à força um sorriso. – Vamos de desfrutar do dia.

Seguiu pelo caminho da colina para o lago. Quando seus olhos caíram sobre as pedras altas que levavam para o portal de acesso para a terra Fae ela se perguntou se as usariam. Em uma inspeção mais próxima ela notou que estas pedras não tinham a escritura que as outras tinham.

– Não é a mesma? — Dartayous lhe perguntou enquanto chegava ao lado dela. Ela negou com a cabeça. Parece à mesma, mas não o é.

– Assim é neste mundo. Quer realmente ficar aqui?

Pensou em suas palavras durante um momento.

– Disse que não falaríamos mais disto.

– Equivoquei-me, – disse e estendeu sua mão – Está preparada para ter um dia cheio de prazer?

– Guia-me

Retrocedeu quando lhe viu caminhando para o lago.

– O que está fazendo?

– Vou nadar. –deteve-se e a olhou – Você não terá medo aos monstros marinhos? Depois de ter dito várias vezes que só estamos nós aqui.

Ela o odiava quando ele estava certo. Sem mencionar que tinha visto Glenna e Conall nadando frequentemente. Inclusive Fiona e Gregor nadavam juntos em cada oportunidade que tinham.

– De acordo, – disse.

Dartayous lhe dedicou um sorriso malvado e começou a tirar as roupas

– Certamente não tem a intenção de nadar vestida?

Antes que ela pudesse responder entrou andando na água até o pescoço. Despojou-se de suas próprias roupas e agarrou uma maçã antes segui-lo. Sorriu-lhe enquanto ela caminhava para ele.

– Trouxe-me algo? – Perguntou-lhe e inclinou a cabeça para a fruta.

Negou com a cabeça.

–É para mim. Se quiser a sua vê e consegue-a.

Ela se mordeu os lábios para abster de rir, mas não ajudou. Sua risada logo borbulhou por cima. Sua expressão assombrada se transformou com a risada.

– Você acha algo divertido? – Perguntou-lhe enquanto caminhava para ela.

– Em realidade sim.

Ficou sem fôlego quando mergulho sob a água. Buscou-lhe, esperando que se levantasse de um salto e tratasse de agarrar a maçã. Mas esse não era seu plano.

Algo tocou sua perna, mas antes que pudesse deixar sair um grito foi sacudida com força. Seu medo de monstros marinhos nem sequer lhe veio à

mente. Sabia que era Dartayous brincando com ela. Atirou bruscamente da maçã de sua mão e a levou a superfície.

Limpou a água e afastou o cabelo de seu rosto. – Isso não foi justo.

– A vida não é justa, – disse-lhe e tomou um bocado da maçã.

Suas palavras lhe trouxeram uma punhalada da dor, mas recusou permitir que a visse. Essas lembranças não eram necessárias que estivessem aqui.

Ela tratou de alcançar a maçã, mas ele a afastou de seu alcance.

– É uma maçã muito boa, – brincou.

Não havia maneira que pudesse fisicamente obter a maçã, mas havia outra forma de obtê-la. Umedeceu os lábios e quase sorriu quando seus olhos seguiram sua língua. Suas mãos saíram da água até descansar sobre seu peito.

Ela elevou um lado de sua boca e se moveu mais perto dele.

– Não me dará um pouco de comida? – Perguntou.

Sua resposta foi elevá-la até mais ainda, mas ela não se convenceu. Suas mãos foram à deriva mais abaixo, na água. Seus dedos se envolveram ao redor de seu sexo, e se assombrou de lhe encontrar já duro.

Gemeu e fechou os olhos.

– Moira, – murmurou.

Ela se esqueceu completamente da maçã enquanto as mãos subiam e desciam pelo seu duro membro. Seus olhos fortemente fechados, afastada do resto do mundo enquanto se concentrava nele.

Seus gemidos só pediram mais. Quando a mão dele chegou ao descanso de seu quadril para devorá-la não lhe deteve. A água só intensificou a sensibilidade da pele dela. Não era estranho que suas irmãs tivessem encontrado desfrute com seus maridos na água.

Abriu os olhos e encontrou que Dartayous aproximava a maçã a seus lábios. Ela fincou os dentes na maçã, deixando correr os sucos pelos lados de sua boca. Ele se inclinou para frente e os lambeu de seu rosto.

– Delicioso, – disse.

A maçã passou ao esquecimento enquanto ele punha suas mãos em seus quadris e a tirava da água. Levou um mamilo à boca enquanto a água baixava rapidamente para ele. Quando ele a pressionou de volta à água ela envolveu as pernas ao redor de sua cintura.

Seus olhos se aumentaram quando sentiu seu membro entrar nela.

– OH, vá. Por Deus, – disse com um gemido. Isto era diferente a qualquer coisa que alguma vez tinha experimentado. Manteve os braços ao redor do pescoço enquanto se movia dentro dela.

A água intensificou o desejo em seu sexo enquanto se movia contra ela. Seus mamilos foram estimulados entre o peito de Dartayous e a água formando uma dobra em seus picos endurecidos.

Enquanto Dartayous se mergulhava dentro dela, procurou entre seus corpos até que chegou até seu sexo. Com o polegar e o dedo indicador esfregou sua pérola em um nó apertado. O prazer a atravessou e a fez gritar.

Explorou enquanto as ondas de dita a rodeavam. Com os pequenos e últimos tremores de seu clímax terminando, sentiu a Dartayous endurecer-se e bombear nela. Ela posou a cabeça sobre o ombro dele enquanto a levava fora do lago. A colocou sobre a grama e ficou a seu lado.

Ela contemplou as nuvens movendo-se tranquilamente através do céu azul. Sua vida era tal como a queria. Não havia preocupações aqui, e tinha a Dartayous. Era verdadeiramente o paraíso.

– Faminta? – Perguntou-lhe enquanto se levantava e lhe oferecia outra maçã.

Ela riu.

— De você, – respondeu ela antes de fincar os dentes na fruta.

Dartayous deixou que o sol da manhã lhe esquentasse a pele e a secasse das frescas águas do lago. Com a Moira encolhida contra ele poderia passar aqui toda a eternidade.

Seus olhos se abriram repentinamente.

Rufina lhe tinha advertido disto. Este mundo lentamente assumia o controle. Tinha que sair e tirar Moira rapidamente antes que já não quisesse sair.

Ele não tinha nem ideia de quanto tempo tinha passado no Vale a partir do momento em que veio a este lugar. Podiam ser horas e podiam ter sido anos. Era hora de falar com a Moira, tempo de que lhe dissesse o que veio a lhe dizer. Tinha desperdiçado muito tempo.

– O que está ruim? – Perguntou Moira enquanto se sustentava sobre um cotovelo e o olhava.

Seu cabelo de linho lhe fez cócegas no peito.

– Nada, – mentiu.

– Seu corpo esta tenso. Não pode esconder de mim o que seu corpo e olhos se mostram ansiosos pelo mundo.

Sentou-se e contemplou as azuis águas do lago.

– Quando foi a última vez que usou seu poder?

– No Samhain antes que Lugus tomasse.

– Trata de usá-lo. – Virou-se para encontrá-la olhando-o com seus verdes olhos de Druida não perdendo nenhum detalhe.

Ela riu e se penteou com os dedos através do cabelo.

– Por quê? Foram-se.

– E se não?

– Não sei que importância tem, mas se te faz feliz, – disse ela, levantando-se, – Então tratarei de usá-los.

Foi uma boa vista ver Moira colocada na grama alta da colina da ilha olhando para o lago, seu corpo completamente nu e seu cabelo voando com a brisa.

Observou-a enquanto estirava os braços amplamente, com o rosto para o sol. Levou os braços sobre a cabeça e o vento começou em rajadas ao redor dela. Logo o vento ficou tão feroz que ele mal podia manter os olhos abertos. Ele levantou seu braço para protegê-los enquanto a vigiava.

Em seguida ela deixou cair os braços e o vento morreu tão velozmente como veio. Virou-se rapidamente para ele, seu rosto expressando cólera.

– Isto não significa nada, – gritou.

Ele engatinhou sobre seus pés e precipitadamente agarrou sua roupa enquanto a seguia quando ela saiu quase correndo para a cabana. Quando chegou à cabana a encontrou sentada diante da chaminé com uma manta escocesa envolta ao seu redor.

– Significa tudo e você sabe, – disse e fechou a porta detrás dele. – Se tiver o controle sobre o vento, então seu poder curativo também existe.

Ignorou-o e atçou o fogo, trazendo as brasas à vida.

Ele colocou rapidamente as calças e as botas em seguida se sentou junto a ela, com os cotovelos sobre os joelhos. – Glenna e Fiona lhe estão esperando. Depois de todos estes anos seus irmãos estão contigo. Tem a sua família agora. Por que quereria desprezar isso?

– É ruim do ouvido? – Perguntou não se incomodando em olhá-lo. Dei-te minhas razões.

– Não são muito boas.

Ela se levantou da cadeira e lhe enfrentou. Ele se reclinou, esperando suas seguintes palavras. Mas ela não disse nada. Deixou cair a manta escocesa e se manteve nua diante dele.

– Esqueçamos toda esta conversação de retornar, – disse ela e se sentou sobre sua perna. – Não a necessitamos.

Ele achou difícil não pensar em seus mamilos endurecidos perto de sua boca, mas sabia que devia. Ela a colocou fora de seu colo e se levantou. Seus olhos jogaram faíscas de fúria enquanto agarrava rapidamente a manta escocesa e se envolvia ao redor.

– Você não tem nem idéia do que este mundo está te fazendo, certo? – Perguntou-lhe.

– Sou feliz, – rosnou. – Me deu tudo o que quero. Que é mais do que posso dizer de seu mundo.

– Este mundo come rapidamente seu alma. Posso-o sentir roendo a minha. Se não sair daqui logo, então nunca sairemos.

Ela riu e tratou de alcançar seu vestido.

– Não acredito.

– É o que Rufina e Theron me disseram.

Deslizou o vestido sobre sua cabeça e cravou os olhos nele.

– Se sabia isso, então porque veio?

Agora. Diga-lhe Agora. Amo-te.

Isso era singelo. Entretanto, quando abriu a boca as palavras estavam alojadas dolorosamente em sua garganta. Era a coisa mais fácil de fazer, ou deveria sê-lo. Simplesmente não para um imortal.

– Por quê? – Perguntou outra vez e deu um passo para ele.

Virou a cabeça longe e suspirou.

– Salvou minha vida. – Voltou o olhar para ela. – Era quão mínimo podia fazer.

– OH, – disse e baixou os olhos, mas não antes que ele visse a luz afastar deles.

Amaldiçoou-se com dez tipos distintos de maldições por deixar passar esta oportunidade. Quem tivesse pensado que fora tão covarde?

– Então deve retornar ao Vale.

Suas palavras o cortaram como uma adaga dentada através de seu coração.

– Quer que vá?

– Não, mas tampouco pode ficar. Você disse que sente que este mundo come sua alma. Não há necessidade de me salvar. Não preciso me salvar.

Tentou outro enfoque.

– Não deseja ver o Vale outra vez? O Nemeton? Poderia caminhar durante horas sob as antigas árvores que rodeia o Vale.

– Tenho árvores aqui.

– Disse que você gostava de olhar para baixo a Glenna e Conall e ver sua felicidade.

– Tenho minhas lembranças.

– O que acontece a Fiona e Gregor? Vais confiar em suas lembranças? – Ela assentiu e se voltou para o fogo.

– Assim é que não te importa ver seus filhos. – fico rígida, mas não disse nada.

A esperança brotou em seu interior.

– E sobre os Druidas. Não pode negar o que corre pelas suas veias.

– Posso praticar aqui.

Rapidamente se estava ficando sem idéias. Então, recordou uma coisa importante.

– Jamie.

Sua cabeça deu meia volta para lhe enfrentar.

– O que acontece ele?

– Não quer ir e lhe resgatar de Rebecca? Criá-lo? Salvou-o depois de tudo. Sempre gostou de crianças.

Seu olhar fixo descendeu até o chão antes de virar de retorno ao fogo.

– Jamie está muito melhor com a Rebecca. Cuidarão dele como eu nunca poderia.

Havia só uma coisa que tinha deixado de fazer. Caminhou fazia ela e se agachou.

– Por favor, retorna comigo.

Amo-te.

– Por quê? – Perguntou-lhe, seu olhar sustentando a dele. – Me dê uma boa razão.

Amo-te.

Abriu sua boca e outra vez nada saiu dela. Inspirou profundamente e fez um intento outra vez.

– Para mim.

– Para ti? Por quê? Estaremos juntos?

Ele tragou e olhando para baixo suas mãos cobriu as dela.

– Eu gostaria de acreditar que sim.

– Por quê?

Levantou-se e começou a passear-se.

– Por que todas as perguntas? Não é suficiente que quero que volte comigo?

– Não, – disse serenamente.

Que parem os mortos. Não soube por que pensava que isso seria o suficientemente bom para ela. Merecia algo melhor que isso. Merecia ser feliz. Mas se lhe mentia para conseguir que retornasse ao Vale, então ela nunca seria feliz.

Ele se afundou sobre a cama, a cabeça entre as mãos.

– Não pertence aqui. Esconde-se de nada.

Levantou o pescoço e a encontrou olhando-o com s face inexpressiva.

– Suas irmãs, Frang, os Druidas, todos eles precisam de você.

– Há só uma pessoa que quero que precise de mim.

– Não te posso dar o que quer. Sou imortal. Já falamos sobre isto antes.

Se lhe pudesse dar isso então o faria.

Voltou-lhe as costas.

– Então deve partir.

Pela segunda vez em sua vida, tinha falhado. Como tinha chegado a isto? Como podia retornar ao Vale e lhes dizer que não podia trazê-la de volta porque não havia dito as palavras que ela precisava ouvir? E além que era um covarde do pior tipo. Era inferior a uma serpente.

Levantou-se e agarrou seu colete. Talvez Moira estivesse certa. Talvez devesse partir. Nunca teria o valor suficiente para lhe dizer que a amava, mas tampouco podia lhes dizer a suas irmãs a verdade.

Sem uma palavra, saiu da cabana e se dirigiu ao lago.

Capítulo 26

Moira afogou um soluço e enterrou o rosto entre suas mãos. Não podia acreditar que Dartayous se partiu.

O que esperava? Disse-lhe que se fora.

Tudo porque queria que lhe dissesse que se importava, que a amava. Era tão idiota. Seu orgulho lhe pesava inclusive agora. O paraíso que a mantinha segura agora estava quebrado.

Não podia ficar aqui. Não depois de ter acontecido este tempo com o Dartayous. Seu coração a urgiu a segui-lo, para lhe dizer que não lhe importava se a amava ou não enquanto ficasse. Eles juntos poderiam construir uma vida.

Levantou tão rápido que a cadeira voou para trás. Saiu correndo da casa sem sapatos. Nem sequer os espinhos que se enterravam em seus pés a deteriam de encontrar a Dartayous. Mas se parou antes de ter dado dez passos. Por que o estava perseguindo?

Tudo o que desejava dele era que admitisse que a queria. Ela sabia que sim, mas precisava ouvir as palavras. Então poderia lhe contar da fruta da imortalidade da que Lugus lhe tinha falado. Ela e Dartayous poderiam estar juntos para sempre.

Mas tudo seria um sonho se ele não admitia seus sentimentos. Talvez fosse melhor se ele partisse. Quanto mais tempo ficasse mais duro seria vê-lo partir.

Retornou à cabana e entrou. Fechou a porta e se dirigiu à cama. Nunca havia sentido seu coração tão pesado. Já não sabia quem era ou o que queria. Tudo havia se tornado tão complicado.

Escapou-lhe uma pequena risada ao lembrar-se pensando como uma menina que a vida seria simples e fácil. Não foi nem o um nem o outro e ela tinha aprendido isto do modo mais difícil.

Pela primeira vez em muitos anos, pensou em seus pais. Tinha passado muito tempo desde suas mortes e ela odiava que o tempo seguisse adiante como se eles nunca tivessem existido. Inclusive ela o tinha feito quase esquecendo deles. Sabia que Frang lhe diria que isto era a vida assegurando-se que a gente seguisse adiante.

Não importava o que fora. Tudo o que ela sabia era que sentia falta dos seus pais. Ela desesperadamente queria o ombro de sua mãe para inclinar-se sobre ele, e as mãos fortes de seu pai para que a sustentasse quando chorasse. Mas sobre tudo desejava seu guia. Por muito tempo ela tinha pensado que tinha todas as respostas e tinha provado que estava equivocada. Agora não sabia que caminho tomar pelo medo a fazer a escolha incorreta, uma vez mais.

Dartayous ficou no lago até que a lua esteve alta no céu. Ele meio tinha esperado que Moira o seguisse até aqui, mas não se surpreendeu quando não o

fez. Depois de tudo, o que esperava? Não lhe tinha dado nenhuma razão para querer segui-lo.

Covarde.

Realmente começava a odiar essa palavra.

Então há algo a respeito.

Ficou de pé com a intenção de fazer justamente isso. Se ela não retornasse com ele ao Vale então ficaria com ela. Não tinha nenhuma razão para voltar. Tudo o que ele queria estava aqui. E lhe tinha pedido que ficasse.

Riu em silêncio ante sua lógica embora soubesse que uma parte dela era este mundo consumindo sua alma. Mas nada disso importava enquanto Moira estivesse aqui.

Seguiu olhando o lago para um momento enquanto a lua refletia sua luz sobre as águas escuras. Ele se girou e começou o caminho de volta à cabana. O som das asas de uma coruja precipitando da uma árvore o tirou de seus pensamentos. Suas mãos foram instintivamente a suas armas fazendo um alto e durante um momento esqueceu por que não as tinha.

Picaram-lhe os dedos para ter o punho frio de sua espada na mão, para sentir o peso da arma quando a balançava ao redor dele. Ele teve saudades de ouvir o som metálico das espadas quando praticava com outro Guerreiro Druida. Sentia falta do impacto de espada contra espada, os músculos tensos em antecipação. Ele era um guerreiro.

Mas não neste reino. No Refúgio das Sombras ele sozinho era um homem só em uma ilha com uma mulher formosa a quem amava. Não era um mau negócio depois de quinhentos anos, refletiu.

Ele seguiu para a cabana. Quando se aproximava não viu nenhuma vela acesa ou fumaça saindo da chaminé. Ele correu o resto do caminho à casinha e abriu a porta de repente. A escuridão, negra como o breu, o fez tropeçar quando entrou. Ele vasculhou ao redor e encontrou uma vela.

Depois de acendê-la a sustentou no alto para ver ao redor do quarto. Viu Moira enroscada sobre a cama. Suspirou e colocou a vela sobre a mesa junto à cama. Depois de fechar a porta tomou a manta escocesa e a estendeu sobre ela antes de tirar as botas e meter-se devagar na cama.

Ele se colocou de lado junto a ela, com um braço sobre sua cintura. Era tarde e ele não desejava despertá-la. Na manhã lhe diria sua decisão. As coisas pareceriam melhor pela manhã.

Ao menos isso foi o que se disse.

As coisas não pareceram melhor pela manhã. Despertou quando já o sol entrava para uma janela aberta. Levantou-se da cama para não despertar a Moira e avivou o fogo no lar.

Quando voltou à cama a encontrou olhando-o. Ele sorriu.

– O que você gostaria de fazer hoje?

– Nada, – disse ela.

Havia algo diferente nela que pôs seus sentidos em alerta.

– O que aconteceu?

Ela encolheu um ombro e colocou a outra mão sob sua cabeça.

– Não sei. Só que não tenho vontade de fazer outra coisa que dormir.

Ele apartou seu medo crescente. Demorou-se muito? O Refúgio das Sombras tinha alcançado sua alma? Talvez somente necessitasse tempo. Ela tinha morrido depois de tudo.

– Não importa. Ficaremos dentro hoje. Abrirei todas as janelas e deixarei entrar o ar fresco.

Ela sorriu fracamente.

– O que você gostaria para o café da manhã?

– Não tenho fome. – Ela fechou seus olhos e logo se deslizou no sonho.

Dartayous tratou de não entrar em pânico. Isto podia não significar nada mais que ela não tinha dormido bem a noite anterior. Não podia tirar da mente que não se moveu do lugar onde a encontrou a meia noite.

Ele pôs uma cadeira ao lado da cama e mordiscou uma maçã. Permaneceu a seu lado toda a manhã e tratou de pensar em qualquer coisa exceto no fato de que a estava perdendo momento a momento enquanto ela dormia.

Está exagerando. Deixa-a dormir. Só está cansada.

Uma vez que se convenceu disso, lhe fez a espera um pouco mais fácil. Quando a hora do meio-dia se aproximava lhe levantou para olhar na cozinha diminuta para ver o que poderia encontrar de comida.

– Pena que não tenha caçado uma lebre ou um faisão, – resmungou.

Apenas dito isto, jogou uma olhada à mesa e viu uma lebre morta posta sobre ela. Olhou ao redor do quarto e ainda sob a mesa, mas não viu ninguém.

Talvez o que Moira disse era certo, que eles nunca necessitariam nada. Ela podia vê-lo como uma graça salvadora, mas pensou nisso como... estranho.

Mas ele tinha fome. Recolheu a lebre e foi fora para esfolá-la. Quando isto foi feito voltou dentro e a pôs a assar no fogo. Esperava que para o tempo em que estivesse pronta Moira despertasse.

Não podia permanecer sentado olhando a Moira outro minuto sem desejar despertá-la. Então, inspecionou a cozinha até que encontrou o pote de mel e algumas cebolas. Sentou-se à mesa, assim facilmente poderia ver Moira enquanto cortava as cebolas e fazia o molho para temperar a lebre.

Uma vez que isto esteve preparado foi ao fogo e começou a cobrir a lebre com o molho. Estava seguro que o aroma da comida despertaria, mas se equivocou de novo.

Desesperou-se quando a lebre terminou de cozinhar e Moira ainda não despertava. Sacudiu-a delicadamente e chamou seu nome.

– Moira, é hora de despertar.

Ainda assim, não abriu seus olhos.

– Moira, – gritou e a sacudiu outra vez.

Seus olhos reviraram e se abriram.

– Algo errado?

Uma onda de alívio percorreu-o ele e soube que sorria bobamente.

– É hora de comer. Assei uma lebre.

– Cheira maravilhoso, – disse ela e tratou de sentar-se.

Ajudou-a a apoiar-se contra a cabeceira.

– Trarei a comida.

Ela se via ainda pior que antes. Seu cabelo estava opaco, seu rosto pálido como se não tivesse visto o sol em meses, e seus olhos estavam quase sem vida.

Algo definitivamente estava errado.

Deu-lhe um pedaço de carne e olhou como ela o comia devagar. Tratou de ocultar que a estudava enquanto comia, mas pensou que não tinha muito êxito.

– Não partiu.

Ele elevou a vista de sua comida.

– Certamente não o fiz.

– Quero dizer ontem, quando foi. Pensei que voltaria para Vale.

Ele sacudiu a cabeça.

– Só precisava esclarecer minha cabeça.

– Então ficará?

Não pôde saber se ela estava encantada ou triste pela notícia. Ela elevou a voz, mas não o olhou aos olhos.

– Ficarei.

Ela continuou comendo, mas ele sabia que ela queria dizer algo mais. Quando a comida terminou ele se inclinou para frente, com os cotovelos sobre os joelhos e as mãos entrelaçadas.

– Como se sente?

Sorriu sonolenta.

– Muito cansada. Sinto-me como se tivesse estado acordada por semanas.

– É este reino que está consumindo sua alma

Não respondeu, nem tampouco pôde olhá-lo.

– Não podemos ficar.

– Disse que me desse uma razão para partir.

Diga-lhe Ele se inclinou para trás e suspirou.

– Dei várias.

Covarde.

la ter que matar sua consciência. Agora.

– Sim, tem-no feito.

Ele baixou o olhar. Diga-lhe agora, estúpido. É singelo. Simplesmente lhe diga: Amo-te.

Sim, ele o faria.

– Moira, eu... – Levantou os olhos e a encontrou dormindo. A esta altura ele não teria muitas mais possibilidades de lhe contar de seus sentimentos.

Era bastante ridículo para um grande Guerreiro Druida como ele, um imortal, não ser capaz de dizer umas poucas palavras de amor. Por um momento tinha temido que isso fora o que lhe impedia de retornar com ele, mas agora ele sabia que não era essa a verdade.

Ela simplesmente não desejava voltar para ninguém nem para nada.

– Passaram três dias, – disse Glenna colocando-se ao lado dos corpos inconscientes de Dartayous e Moira. – Não acredito poder esperar muito mais tempo.

Nem ela e Fiona se apartaram de seu lado, e cada momento que passava sem que eles retornassem era como uma faca introduzindo-se devagar em suas entranhas.

– Não terá que esperar por muito tempo mais.

Ela e Fiona viraram para encontrar a Rufina parada diante delas.

– Sua majestade, – disse Glenna. Ela e Fiona desceram em uma reverência.

– Por favor, levantem-se.

Endireitaram-se e se olharam a uma à outra antes de olhar a rainha.

Rufina caminhou para a Moira e a olhou.

– Trago tristes notícias.

– Não, – disse Fiona retrocedendo.

Glenna tomou a mão de Fiona.

– Nos diga, – pediu a Rufina.

– Se eles não voltarem logo nunca o farão.

Era como Glenna temia.

– Pensava que se alguém poderia trazê-la de volta seria Dartayous.

– Há muitas coisas que podem lhes impedir de desejar voltar, e se conhecer Dartayous, ele não retornará sem ela.

–Algo deve ter saído errado – Glenna se agarrava por qualquer coisa que explicasse o que estava passando.

– Provavelmente nunca saberemos.

– Pensei que os Fae sabiam tudo, – disse Fiona.

Rufina sorriu.

– Não tudo. A Escuridão que reclamou a Lugus e O Refúgio das Sombras são um dos poucos reinos nos quais não podemos escrutinar.

Glenna se negou a pensar que Dartayous e Moira não voltariam. Moira era a mulher mais forte que ela conhecia. Certamente se alguém podia superar isto era Moira.

– Muitas coisas aconteceram a sua irmã, Glenna, – disse Rufina. – Moira se deu conta que não era tão forte como ela pensava. Não sustente isso contra dela se não voltar. Ninguém é tão forte queria ser.

Glenna apertou a mão de Fiona mais forte.

– Obrigada, sua majestade. Foi muito amável de sua parte vir aqui.

– Devo voltar com minha gente. – Rufina começou a afastar-se, mas se voltou. – Obrigado por tudo o que têm feito.

Glenna inclinou sua cabeça a rainha e a olhou partir. Ela não parou a Fiona quando atirou de sua mão para liberá-la. Fiona necessitava um tempo a sós, e ela também. Ela tinha uma oração que fazer.

Moira despertou ao som de seu próprio nome. Tomou um momento compreender que alguém estava chamando-a. Abriu lentamente seus olhos e encontrou a Dartayous com seu olhar fixo nela.

– Cozinhou outra vez? – perguntou com um sorriso.

Não houve nenhum sorriso em troca.

– Temos que falar.

Não gostou do som disto ou a seriedade de seu tom. Algo estava para acontecer, e pelo medo juntando-se em seu ventre ela teve uma ideia de que era.

– Fala, – disse. Enquanto ele lutava para encontrar as palavras adequadas ela se acomodou na cama. Embora soubesse que o que ele tinha que dizer era importante em quão único podia pensar era em voltar a dormir.

– Nosso tempo aqui chegou a seu final, – disse ele. – Você não pode viver neste paraíso como o chama. O sonho que te invade está te levando. Estará entre mundos, para sempre intranquila e procurando algo.

– Como sabe isto? – Não gostou de suas palavras e a assustaram porque soavam muitíssimo como a verdade.

– Theron me disse isso. Não compreendi o que ele quis dizer até que o vi por mim mesmo. É tempo de ir, – disse e se aproximou para tomá-la.

Ela se inclinou para trás.

– Sair daqui não é minha decisão. – Ela sabia que podia fazê-lo ficar. Não havia modo que a abandonasse, ele se preocupava muito.

– Se este é o jeito que você quer. – ficou de pé devagar, com a mandíbula apertada firmemente.

Ela não sorriu, embora fora uma coisa próxima. Estava-a provando, para ver se se dava por vencida, mas não seria ela a que cederia. Não esta vez.

– É o modo em que o quero.

– Então este é o adeus.

Ela lamentou a tristeza em seus olhos enquanto tratava de ocultar seu sorriso.

– Então Adeus.

Ele caminhou para a mesa e se deteve por um momento antes de sair pela porta.

Ele retornará como o fez antes.

Incomodou-a um pouco que se partiu sem um olhar atrás. Deslizou-se para baixo até que sua cabeça descansou sobre o travesseiro. Dormiria e despertaria para encontrá-lo a seu lado.

Se acordasse.

Dartayous se perguntava sobre sua sanidade mental. Esperava que o plano que tinha inventado funcionasse, se não, teria muito que explicar quando retornasse ao Vale.

Não sabia quanto tempo a esperaria, mas esperaria. Se ela o amava como disse, então viria atrás dele quando compreendesse que realmente se partiu.

Não o tinha enganado. Tinha visto a terra em seus pés a noite passada. Ela tinha vindo atrás dele, ou tinha começado a fazê-lo. Isso foi o que provocou

sua idéia. Agora tudo o que tinha que fazer era esperar e confiar que ela fizesse o que ele planejou.

Sentou-se e se apoiou contra o pilar de pedra. Theron nunca lhe havia dito como retornar, mas ele tinha um indício que os pilares tinham algo que ver com isso.

Muito descansava sobre essa esperança.

Muito em realidade

O dormir sem sonhos que tinha ocupado a Moira poderia não ser encontrado mais. Cada vez que fechava seus olhos via os olhos azul brilhante de Dartayous olhando-a fixamente, chamando-a a reunir-se com ele.

Seus olhos se abriram de repente. Sentou-se e olhou ao redor da cabana esperando encontrar a Dartayous vadiando perto, mas estava sozinha. Não tinha ideia de quanto tempo fazia que ele se fora, mas sabia que não estava ali. Um brilho de algo sobre a mesa chamou sua atenção.

Tirou as pernas da cama e tratou de ficar de pé. Sentiu-se tão fraca como um potro recém-nascido provando suas pernas pela primeira vez. Depois que conseguiu ficar de pé sem sentir-se fraco deu um passo para a mesa.

Era mas bem como arrastar os pés, mas conseguiu aproximar-se. A esta velocidade tomaria uma eternidade alcançar a mesa que só estava a dez passados de distância. Já estava a uns passados da mesa e tratou de inclinar-se para alcançar a borda.

Perdeu o equilíbrio e caiu de mãos e joelhos. Mas não se deu para vencida. Usou a cadeira como apoio e se içou para cima.

Então o viu.

Seu anel. Tinha deixado seu anel para ela. O único laço que tinha com de onde vinha e o tinha dado.

– Realmente se foi.

A realidade da situação a envolveu como uma tormenta de gelo. Alcançou o anel e o sustentou dentro de sua palma, o metal frio lhe indicava o que seu coração chegaria a ser se ela não encontrava a Dartayous.

De repente a profecia lhe veio à memória.

“Em um tempo de conquista

Haverá três

Quem ponha fim à linha MacNeil.

Três nascidos

Na festas do Imbolc, Beltaine e Lughnasad

Quem destruirão a todos

No Samhain, a Festa dos Mortos.

Um que recusa a forma Druida

Legado do Inverno

E ao fazê-lo assim marca o início do fim.

Para que o merecedor prevaleça, o fogo
Deve perdurar sozinho para vencer ao herdeiro
A água deve apaziguar à besta selvagem, e
O vento deve inclinar-se ante a árvore.”

Era óbvio que Conall tinha rechaçado o caminho Druida para herdar o inverno, marcando o princípio do final. Glenna tinha permanecido sozinha para conquistar a Conall e reclamar seu amor. Fiona tinha acalmado a besta selvagem no Gregor, e agora ela, o vento, devia inclinar-se ante a árvore. Dartayous era a árvore, o guerreiro inflexível que ela tinha chegado a dobrar.

Por que lhe tinha tomado tanto tempo reconhecê-lo, perguntou-se?

Parou-se sobre suas pernas cambaleantes e lhes ordenou que saíssem da cabana. Seus passos estavam um pouco melhor, mas nada como ela queria. Tinha que correr e encontrá-lo antes que ele partisse, se não o tinha feito já. E ela não poderia segui-lo. Não sabia como deixar este maldito mundo ou onde encontrá-lo.

O primeiro lugar que ela decidiu olhar era o lago. Sempre tinha sido especial para eles e algo lhe dizia que ali era onde ele estaria. Ela usou as árvores como apoio quando tratou de apressar-se ao lago.

– Não me deixe, – sussurrou no ar da noite. – Não me importa se me ama ou não. Não posso estar sem você.

Dartayous suspirou e ficou de pé. Moira não vinha. Tinha esperado durante quase seis horas. Se ela tivesse querido estar com ele já teria vindo.

Enganou-se.

Fica com ela

Sacudiu sua cabeça para afastar a voz. Não era a voz da razão, a não ser uma voz que queria roubar sua alma. Era a mesma voz que tinha pego a Moira em sua rede, mas não agarraria a ele.

Glenna e Fiona tinham que saber o que aconteceu sua irmã. Elas mereciam saber o que Moira tinha sacrificado por elas. E de algum modo ele teria que aprender a viver sem ela. Para sempre.

Aquele pensamento fez pouco para melhorar seu humor. Empunhou suas mãos e lutou contra o impulso de voltar correndo por volta dela porque sabia que se ficava só um pouco mais de tempo sua alma logo seguiria a dela.

A alma de Moira estaria destinada a caminhar entre mundos para nunca conhecer a vida outra vez. Assim nem sequer podia ter a esperança de encontrá-la em outra vida. Tinha-a perdido para sempre.

Tinha começado a odiar essa palavra. Por que queria um imortal caminhar para a terra sozinho, sem voltar a conhecer alguma vez o amor de seu companheiro?

Mas sua consciência não lhe permitiria deixar sua vida tão facilmente. Era um guerreiro, um Fae. Estava triste por como Moira tinha desistido de sua vida tão facilmente. Doía-lhe o coração de saber que não tinha sido capaz de

influenciá-la para retornar com ele. E não podia voltar à cabana porque sabia que só encontraria a casca da mulher que amou.

Deu-se volta e confrontou o lago. Era hora de voltar a casa.

Capítulo 27

Moira gesticulou as lágrimas que a cegavam. O sangue entrou correndo em seus olhos pelo corte que havia feito quando caiu e a ponta de um ramo tinha-lhe raspado a testa.

Já nem sequer tentava usar os pés. Engatinhou com as mãos e os joelhos ignorando os cortes e folhas secas que recebia. O único que lhe importava era encontrar a Dartayous.

Inclusive a voz que a tinha acalmado para dormir nos últimos dias não a podia convencer. Ela tinha posto seu anel no dedo e o mantinha ali. Queria ser capaz de devolver-lhe

Com essa esperança aferrando a seu peito engatinhou até mais rápido. Esquecendo a traição que ela tinha cometido, esquecido a necessidade de estar sozinha. Seu único pensamento era encontrar a seu consorte. Desfaria-se deste mundo logo que pudesse sair. Tinha sido tão parva de não ver o que Dartayous havia tentando lhe dizer até que se passou do tempo.

Alcançou a borda da colina que dava ao lago e teve que descansar. O peito e os braços lhe doíam por usá-los para engatinhar, mas nada disso tinha importância. Ela finalmente tinha alcançado o lago.

Seus olhos imediatamente foram às pedras. Em meio delas no resplendor âmbar do sol poente estava Dartayous. Sorriu através das lágrimas e tratou de levantar-se. Mas as pernas não a sustentavam. Rendeu-se e começou a engatinhar para ele. Não tinha importância enquanto se aproximará dele sempre e quando conseguirá chegar.

Dartayous se deteve justo antes de dar um passo através das pedras. Algo lhe disse que se voltasse e olhasse detrás dele. Lentamente se foi girando, mas não viu nada. Sacudindo a cabeça começou a voltar-se de novo ao lago.

Mas algo lhe chamou a atenção. Avançou dando tombos ao redor e registrou o topo da colina. Ali, só durante um instante o viu. Um brilho de deu cabelo ao vento.

Correu rapidamente até a colina e encontrou a Moira engatinhando para ele. Seu longo cabelo estava emaranhado cheio de folhas e ramos presos nele. Seu vestido estava rasgado, suas mãos ensanguentadas. Contemplou-lhe quando ele se ajoelhou ao seu lado e quase lhe rompeu o coração.

Suas lágrimas se mesclavam com o sangue deixando um rastro em seu rosto. Ele a pegou e a abraçou.

– Tinha começado a pensar que não viria.

– Só me leve para casa, – disse ela. – Não quero estar onde você não esteja.

Ele não disse nada enquanto a levava para as pedras e se sentava entre as gigantes estruturas. Os braços dela se apertavam ao redor de seu pescoço, mas não lhe importou. Ele a sustentaria uma vez mais.

– Moira...
– Diga-me isso quando chegarmos em casa, – disse-lhe e enterrou a cabeça em seu pescoço.

Ele se sorriu.

–Se concentre, – disse a ela. — Pensa no Vale.

Ele relaxou sua mente e pensou no Vale. Um segundo mais tarde flutuava através de escuridão. Justo quando pensava que perderia a razão no negrume, seus olhos se abriram repentinamente.

As pontas desfolhadas das árvores se sacudiam amavelmente pelo vento. O aroma doce, e fresco do Vale lhe alcançou. Tinham conseguido retornar. Apoiou-se em um cotovelo para olhar a Moira com um sorriso em seu rosto. Esse sorriso se desvaneceu quando ele percebeu que ela não estava acordada.

Ficou de joelhos e a agarrou pelos ombros.

– Moira, – chamou.

– Moira!

Embalou sua forma sem vida entre os braços, com os olhos fechados. Tinha-a perdido. Em lugar de lhe declarar seu amor, em lugar de lhe dizer que estariam juntos para sempre, ele a escutou e esperou.

O idiota maior que já percorreu esta terra, ele pensou consigo mesmo. Se só tivesse uma oportunidade mais, então colocaria de lado seu medo e lhe diria que a amava apesar das vezes que tentou afastá-los.

– Por favor, Meu Deus, – murmurou no cabelo de Moira. – Traga-a de volta para mim.

Não tinha esperado uma resposta. Certamente não esperava que Deus fizesse nada. Quando sentiu algo tocar seu braço pensou que era Glenna ou Fiona que tratava de tomar a Moira, assim é que a apertou mais.

–Dartayous, não posso respirar.

Seus olhos se abriram repentinamente. Ele se inclinou para trás e investigou a doce face de Moira.

– Pensei que te tinha perdido. Outra vez.

Ela sorriu.

– Só me levou um pouco mais de tempo vir.

Era a hora. Sabia que era sua última oportunidade para dizer-lhe Inspirando profundamente a sentou sobre seus joelhos para enfrentá-la.

– Tenho algo que te dizer.

– Um momento, – disse e abriu a mão.

Ele olhou para baixo e viu o anel em sua palma. Seu olhar subiu ao rosto dela.

– Não acreditaria que o ia deixar para trás? –Perguntou-lhe ela.

– É uma mulher extraordinária.

Ela umedeceu os lábios e olhou as mãos.

– O que tinha que me dizer? –Perguntou-lhe e se encontrou com os olhos dele.

– Dever-lhe-ia ter dito isso todos os dias desde que te conheci. Amo-te. Fui muito covarde para dizer às palavras que nos vinculariam.

– A dos consortes.

– Sim, – concordou. — A dos consortes. Mantive distância de você porque não podia suportar que morreria enquanto eu vivia. Não podia suportar caminhar pelo mundo só até que nos encontrássemos outra vez. Por esse temor, quase te perco.

Ela pousou um dedo sobre seus lábios.

– Não importa mais. Nada disso. Estamos juntos.

Olhou fixamente os brilhantes olhos verdes de Druida. Ele certamente tinha sido abençoado, e atravessaria os fogos do Inferno se significava que a teria a seu lado.

Moira quis dançar de alegria para ouvir as palavras que tinha esperado toda uma vida ouvir. Tudo foi logo esquecido enquanto seus lábios reclamaram sua boca em um beijo cheio de promessa e paixão.

Ela estava ofegante e desejando estar a sós para que ele acabasse o beijo. Apesar de que não a tinham interrompido sabia que suas irmãs e outros os observavam, e isso era quão único a continha de beijá-lo outra vez. Teria que enfrentar a suas irmãs, mas podia fazer isso agora. Dartayous lhe tinha demonstrado isso.

– Vem, – disse ele e a levantou entre seus braços e subiu fora das pedras.

Ele se sentou com ela e se encontrou diante da Glenna e Fiona. Ambas tinham lágrimas banhando o rosto. Ela engoliu em seco e respirou fundo, para estabilizar a respiração.

– Sinto por tudo o que saiu mal. Não tinha nem idéia de quão fraca era, – disse, não completamente capaz de encontrasse com os olhos delas.

– Fraca? – Chiou Fiona. – Nunca conheci a uma mulher mais forte. – Os olhos de Moira voaram até seu rosto e viram a verdade brilhando em seus olhos.

Glenna tomou sua mão.

– Além disso, rompeu a prisão que Lugus tinha sobre você. Sem mencionar seu plano de realizá-lo sozinha.

– Falhei, recordou a elas.

– É igual, – disse Glenna. – Está aqui. – Assentiu Fiona.

– Estamos juntas.

Suas irmãs se postaram ao lado de Frang. Moira viu a tristeza em seu olhar. Ela caminhou fazia ele.

– Causei-te tanta dor.

– Não, – deteve-a ele. – Me provoquei a dor eu mesmo. Deveria-te ter preparado mais. Tivemos sorte.

– O bem venceu o mal outra vez, – recordou ela. – MacNeil se foi. Os druidas estão a salvo outra vez.

– Por um tempo, – disse Frang atentamente.

Então, pela primeira vez desde que chegou a viver ao Vale ele a abraçou. Elevou os braços e lhe devolveu o abraço. Retrocedeu e investigou em seus olhos azuis que recordava a... certamente isso não podia ser.

– Algo errado? – Perguntou-lhe.

Ela riu e negou com a cabeça.

– Obrigado por ser o pai que não tive. Obrigado por tudo.

Depois de posar um beijo em sua bochecha virou-se para o Dartayous. Não sabia aonde iriam daqui, mas havia tempo. Havia também à questão dos segredos conheciam pouco, mas podia esperar um pouco mais.

Dartayous caminhou para cima e para abaixo pelo penhasco. Não tinha visto Moira em quase três horas, desde que Fiona e Glenna a tinham levado para banhá-la e alimentá-la. Nem sequer Gregor e Conall se atreveram a aproximar-se agora.

Era realmente tolo, mas tinha medo de perder a Moira uma vez mais. Havia só uma só coisa que precisava lhe perguntar. Em seguida, juntos, poderiam iniciar suas vidas.

– Sabia que te encontraria aqui, – disse Moira enquanto se dirigia para ele.

Ele deixou sair à respiração. O cabelo pendurava solto ao redor de vestido de um verde suave.

– Pensei que suas irmãs nunca foram terminar contigo.

– Sei. – riu e entrelaçou os dedos com os dele. – Eu...

– Lá...

Riram.

– Você primeiro, – disse ela.

Ele tomou suas mãos entre as dele.

– Não posso viver a vida sem você. O simples pensamento de me separar de você faz que meu coração chore. Quero que fiquemos juntos. Será minha esposa?

Os olhos lhe encheram de lágrimas e mordeu o lábio inferior antes lhe lançar os braços ao pescoço. A alegria explodiu através dele enquanto a balançava apertadamente, muito apertadamente contra ele.

A colocou sobre o chão com desejo de gritar ao mundo quão maravilhosa ela era. Negou-se a pensar nos poucos anos que teriam juntos. Enfrentaria isso quando o momento chegasse.

Moira nunca tinha sido mais feliz, e apesar do sorriso em seu rosto, ela sabia que Dartayous estava chateado.

– Sabe –, disse enquanto lhe beijava a ponta de seu dedo. – Lugus me disse algo interessante.

– O que é isso? – Perguntou Dartayous, com o corpo ligeiramente rígido.

– Há uma forma de que me torne imortal.

– O quê?

Quase riu da expressão incrédula no rosto dele.

– Disse-me que há uma árvore atrás do palácio com uma fruta especial. Se como a fruta, então serei imortal.

Abraçou-a de novo e lhe mordiscou o pescoço.

– Deveríamos contar as notícias a suas irmãs?

– Acredito que pode esperar até depois de nosso passeio pelo bosque.

A risada dele ecoou a seu redor.

– Vá em frente, minha bela sacerdotisa Druida. Sou todo seu.

Capítulo 28

– Não perguntaram ainda? – Perguntou Rufina a Theron que olhava a Moira e Dartayous.

– Não, – respondeu Theron. – Mas o farão.

– É bom que lhes permita realizar seu casamento aqui.

– Era o correto.

Olhou a seu marido com os olhos entrecerrados.

– O que você sabe que eu não?

– Já o verá, – disse e riu em silêncio.

– Eu não gosto dos segredos.

– Silêncio. Eles estão a ponto de beijar-se.

Dartayous não podia acreditar que era verdade. Moira era sua esposa. Ele a atraiu aos seus braços e tocou seus lábios com os seus. O beijo começou suave e apazível, mas como sempre seu sabor levou seu corpo a uma explosão de desejo.

Foi a risada ao redor do salão o que lhe devolveu seus sentidos. Terminou o beijo e encontrou a Moira sorrindo, com um olhar de conhecimento em seus olhos.

– Olá, esposa.

– Olá, marido. – Seus olhos estavam submersos nos dele. – Há um Fae que esteve te olhando todo o dia.

– Sei, – disse ele. – Ignora-o por agora. Devemos agradecer ao rei e a rainha.

Caminharam um ao lado do outro para Theron e Rufina e se inclinaram em uma reverência.

– Nós gostaríamos de agradecer-lhes do fundo de nossos corações por nos permitir realizar o casamento em seu palácio.

–Você é parte Fae, – disse Theron. – Eu certamente eu não o teria feito outra maneira.

– Você sabia? – Dartayous tinha que saber.

Theron negou com a cabeça.

– Não tinha idéia. Todos os Fae têm o cabelo loiro. Embora seus olhos sejam azuis não me ocorreu pensá-lo.

– E minha imortalidade?

Theron e Rufina trocaram olhares. Rufina sorriu e disse:

– Você não é o único imortal que anda sobre a terra, Dartayous.

Depois de quinhentos anos ele não esperava que nada o surpreendesse, mas isto certamente o fez.

– Por que não me disseram isso?

Ela se encolheu de ombros.

– Há muitas coisas sobre seu mundo que você não sabe. Coisas mais estranhas que os Fae andando por aí. Agora, penso que deveria permitir às irmãs de Moira felicitá-los a ambos.

Dartayous virou-se com a Moira e encontrou Glenna e Fiona esperando-os. Jogaram-se sobre a Moira e a abraçaram. Ele aceitou as felicitações de Frang, Aimery, Conall e Gregor. Justo quando pensou que já estava tudo feito, Fiona e Glenna se lançaram sobre ele.

Suas risadas eram contagiosas. Ele riu com elas e as beijou na bochecha como o tinham feito elas.

– Bem-vindo à família, – disse Fiona.

Glenna deu um passo atrás com a Fiona.

– Não podíamos ter escolhido homem melhor para nossa irmã.

Ele envolveu seu braço ao redor da Moira e piscou os olhos.

– Me alegre ter sua aprovação.

– Dartayous. – Ele se voltou e encontrou a Aimery a seu lado. – Há alguém a quem gostaria de te conhecer. Dartayous, este é Taranis.

Taranis era alto e magro, seu cabelo loiro chegava aos ombros. Tinha os mesmos olhos intensos azuis dos Fae e agora mesmo estavam enfocados em Dartayous. Suas vestimentas azuis claro eram quase tão finas como as do rei, entretanto havia uma melancolia sobre ele que fez que Dartayous se detivesse.

Saudou o Fae inclinando sua cabeça e notou que era a mesma pessoa que o tinha observado o dia todo.

– Reconheço-o, – sussurrou Moira. – Ele te olhava o dia que Lugus se casou comigo.

Não recordava ao homem, mas sabia que ela dizia a verdade.

– Taranis, – disse com um aceno de cabeça.

Taranis sorriu.

– Posso te perguntar onde obtive esse anel?

Dartayous olhou seu anel e olhou para Moira. Ela encolheu os ombros. Voltou-se para o Fae e decidiu que talvez ele pudesse ajudá-lo a descobrir quem eram seus pais. – Não sei. Foi encontrado comigo.

– Encontrado? Não entendo.

– Fui abandonado quando era menino. Os Druidas me encontraram em um Nemeton só com este anel.

Taranis trouxe visivelmente.

– Quando? – Chiou.

– Faz quinhentos anos.

– Todos estes anos, – disse Taranis e sacudiu sua cabeça. – Dei esse anel a uma mulher faz quinhentos anos. Encontrei-a no Beltaine e ela roubou meu coração. Quis que estivéssemos juntos, mas disse que nunca funcionaria.

Dartayous não podia acreditar o que ouvia.

– Está me dizendo....? – não pôde terminar a pergunta.

– Você é meu filho, – disse Taranis com um sorriso alegrando seu semblante. – Tenho um filho. Dartayous não podia compartilhar a alegria de seu pai. Tinha muitas perguntas a respeito de sua mãe, uma em particular era por que ela o tinha abandonado. Sentiu a Moira apertar sua mão e se alegrou de que ela estivesse aqui. Necessitava-a.

– Sua mãe, – disse Taranis, – pediu-me que me afastasse. Acatei seus desejos durante um tempo até que me dava conta do que ela significava para mim. Quando finalmente a encontrei, estava em um convento.

– Um convento? – perguntou Moira.

Taranis assentiu.

– Era de uma família muito rica. Recusou-se a casar-se se não podia meter. Por isso se fez monja.

– Não disse-lhe sobre Dartayous?

– Não. O que me disse foi que tinha deixado um pacote com os Druidas. Eu nunca reuni as peças. Suponho que ela pensou que eu procuraria o pacote, mas eu estava muito abatido com a dor para pensar muito nisso.

Dartayous sorriu. Finalmente depois de tantos anos só, tinha a sua família, uma esposa e agora... um pai.

– Isso já não importa. Agora sabemos a verdade. Pai.

Os olhos de Taranis que encheram de lágrimas.

– Filho.

– O que acha que eles querem? – Dartayous perguntou a Moira caminhando para o palácio.

– Deve ser importante para nos tirar do banquete das bodas. – Ela tinha um indício do que era, mas não queria dizer nada ainda.

Eles alcançaram as portas duplas e as abriram. A luz brilhante do sol se vertia sobre eles. Moira olhou ao redor e encontrou a Rufina e Theron parados ao lado de uma árvore.

– Ali, – disse ela e indicou ao rei e a rainha.

– Pensa que...

– Não sei, – respondeu ela. – Vamos averiguá-lo.

Ela teve que resistir de correr para a árvore. Ela notou que Dartayous também tinha acelerado seu passo. Eles sorriram ao casal real e esperaram.

Rufina falou primeiro.

– Penso que isto te pertence, – disse e elevou sua mão para a Moira.

Moira estendeu a mão e tomou a cruz de prata da mão da rainha.

– Pensei que a tinha perdido.

– Encontramo-la no quarto que usou, – disse Theron.

– Obrigado, – disse Moira enquanto colocava o colar.

A rainha esperou até que ela tivesse terminado antes de falar.

– O que vocês dois têm feito para salvar nosso mundo e o seu é mais do que nós alguma vez poderíamos ter pedido. Vocês arriscaram suas vidas e suas almas. Um simples obrigado não é suficiente. – Moira olhou como Theron alcançava e tirava uma fruta branca da árvore.

– Talvez isto ajude, – disse e lhe deu a pequena e redonda fruta. Moira olhou para Dartayous. Ele sorriu e assentiu. Ela voltou a olhar a pequena fruta e lambeu seus lábios antes de levá-la à boca. O suco, doce, e ligeiramente forte da fruta desceu por sua garganta enquanto ela a mordida. Era suave, delicada.

Colocou o resto em sua boca e mastigou. Quando ela terminou de engolir Rufina a abraçou.

– Agora é imortal, Moira. Você e Dartayous podem estar juntos para toda a eternidade. Sente algo diferente?

– Não, – respondeu ela então se preocupou de que talvez não tinha funcionado nela.

– Supõe-se que o faça?

Rufina e Theron riram.

– Não sei, – respondeu Rufina. – Nunca a dei a um humano.

Moirá se deu volta e sorriu a seu marido.

– Para sempre.

– Para toda a eternidade, – sussurrou e beijou seus lábios.

Moirá se girou para agradecer a Rufina e Theron, mas eles haviam partido.

– Parece que estamos sozinhos, – disse Dartayous.

– Assim parece. Acredito que deveríamos retornar à recepção.

– Isso pode esperar um momento, – disse esfregou seu pescoço.

Moirá teve que estar concordar com ele.

Capítulo 29

Lugus teve que rir da ironia de tudo. Tinha pensado que morreria quando deu a Moira seu ser, mas tinha terminado de novo no Reino das Sombras. Tinha esperado não experimentar nunca o adormecimento da mente de novo.

Fechou os olhos e ficou de cócoras. Não havia nada que ver de todos os modos. Perguntou-se se Dartayous tinha tirado Moira do Refúgio das Sombras, então rezou para que tivesse tido êxito. Não podia suportar saber que Moira caminhava entre os mundos, pelo que ele que tinha feito.

Logo que lhe deu sua vida, ele tinha visto sua alma escolher o Refúgio das Sombras em lugar de seu mundo. Tinha tratado de lhe gritar, mas não lhe tinha ouvido. Não passou muito tempo antes que visse Dartayous segui-la.

Eram consortes. Não tinha enterrado a dor que isso lhe causou. Queria, não, necessitava, sentir a dor, saber que estava ainda vivo porque não passaria muito antes que também se desvanecesse.

– Abre os olhos, – ordenou-lhe uma voz.

Seu corpo inteiro se sacudiu com força. Conhecia essa voz. Lentamente abriu os olhos e se encontrou olhando o tapete de prata das escadas da sala do trono. Levantou-se e enfrentou a seu irmão.

Esperou. O castigo chegaria logo, e merecia tudo o que fora que lhe reportassem depois de tudo o que tinha feito. Qualquer coisa seria melhor que a escuridão, inclusive uma dolorosa morte lenta.

– Não tem nada que dizer? – Perguntou Theron.

– Moira está bem? Alcançou-a Dartayous a tempo?

Theron elevou a loira testa.

– Sim. Ela e Dartayous estão casados.

– Bem. – E Lugus se alegrou por ela. Deveria ter sabido que não poderia separar aos consortes.

– Alguma outra coisa?

Ele olhou para longe do olhar penetrante de seu irmão.

– Não. Estou preparado para meu castigo.

– Deveria te castigar, – disse Theron e passou ao redor dele. – Depois de tudo o que tem feito não merece menos. Entretanto, minha esposa pensa de outra maneira.

O olhar de Lugus saltou para o trono e divisou a Rufina. Inclinou a cabeça.

– Como dizia, – declarou Theron chateado, – Rufina diz que se mostrou como um herói dando sua essência de vida para a Moira.

– Exato. Deveria estar morto. Não aqui, – disse. – Isso é o que queria. Theron apontou e se deteve diante dele. – Isso é o que todos nós pensamos, mas parece que acaba de perder sua imortalidade. Agora é mortal.

Lugus esperou o golpe da morte, a forma de castigo que poria fim a sua vida de maneira singela e rápida. Nunca tinha querido nada mais, exceto a Moira.

– Então, – continuou Theron, – Rufina crê que você ganhou uma segunda oportunidade.

– O que? – Repetiu, não estava seguro que seus ouvidos tivessem escutado corretamente.

Rufina se levantou de seu assento e caminhou para ele.

– Se fosse o monstro que proclamou ser, não te teria dado meia volta quando os Dragões da Morte começaram a destruir aos outros dragões ou a esta cidade. Nem daria sua vida para a Moira. Deveria ter morrido, mas eu agarrei sua alma.

Escondeu sua moléstia.

– O que vai ser de mim? – Perguntou a ela.

– Começará de novo sua vida.

Ficou de joelhos e beijou sua mão.

– É uma rainha verdadeiramente genial. Desejo que me permita morrer.

Rufina negou com a cabeça.

– Pode desejá-lo agora, mas o tempo mudou isso. Você, entre todas as pessoas, merece uma segunda oportunidade. Toma-a, Lugus. Prometa-me que abraçará uma vida nova e não seu desejo de morrer.

– Dou-te minha palavra, – disse depois de um momento. Os votos não foram tomados provavelmente para um Fae.

Levantou-se e se voltou para seu irmão.

– Desejaria poder retroceder no tempo e recuperar os anos que perdemos. Pensarei em você frequentemente. O pai estava certo, você é o melhor rei.

Para sua surpresa, Theron lhe sorriu.

– Não, irmão. Você teria sido um rei excelente. Nunca direi suficiente, sinto por te acusar injustamente. Tenha uma boa vida.

Lugus fechou os olhos e esperou. Tinha conseguido o que poucos homens alguma vez obtinham. Uma segunda oportunidade.

Moira se escondeu atrás da árvore com o Dartayous. Tinha querido só um vislumbre de Jaime, para saber que realmente estava bem.

– Ali está ele, – murmurou Dartayous.

Ela sorriu quando viu Rebecca levá-lo para fora. Os outros meninos de Rebecca jogaram ao redor falando com o Jamie todo o tempo.

– Escolhemos a família correta para ele, – disse Dartayous.

– Não, você o fez.

Ele beijou seu pescoço.

– Pronto?

– Não ainda, – esperou até que Rebecca e os meninos estivessem fora da cabana antes de afastar da árvore. Ela entrou na cabana e deixou o saco de moedas sobre a mesa. Voltaria frequentemente com mais moedas, era o mínimo que podia fazer.

Caminho de volta até o Dartayous.

– Agora estou preparada.

Com a rapidez do Fae estavam na Ilha de Skye em uma piscada.

– Está segura disto? – Perguntou Dartayous.

– Não o teria de outra maneira. – Ela tinha ante seus olhos o lago com o portal de acesso de pedra à vista. – este é o local onde temos uma lugar para nós.

– Também suponho que ajuda saber que meu pai é um dos guardiões dos portais de acesso?

Ela riu e enlaçou seu braço com o dele.

– Isto faz que retornar aqui seja mais fácil. Seu pai deseja que guarde este portal de acesso tanto como você queira.

– Sim, deseja-o. Todo este tempo tive um pai que é primo do rei. Isso faz que nós sejamos parentes da realeza.

Sua risada flutuou no vento.

– Só o faz mais atrativo.

Fez-lhe cosquinha.

– Suponho que deveria trabalhar nos construindo uma casa então.

Moirá o olhou afastar-se para olhar o lugar que ele tinha elegido. Voltou-se para o lago e suspirou. Sua vida era boa. Tinha a seu consorte, a suas irmãs e protegia um portal de acesso ao Fae.

Que mais podia pedir?

Um bebê.

O pensamento cintilou em sua mente mais rápido que a luz. Sim, um bebê, sorriu e tocou a barriga.

Epílogo

Frang suspirou e passeou seu olhar pelo Vale dos Druidas. Seu tempo naquele lugar se terminou. Mas ele não podia partir ainda. Até tinha que examinar o futuro em pró de sua paz mental.

Ele olhou primeiro o da Glenna. Um futuro brilhante esperava a ela e Conall. Eles seguiriam mantendo aos Druidas ocultos e passariam o conhecimento sobre os Druidas a seu único menino, um filho. Haveria muitas reuniões com os Fae, e Glenna e Conall veriam coisas que a maioria das pessoas pensaria que eram fábulas. Seu amor pelas Terras altas seria legendário, e com seus poderes combinados, seu clã teria muitos anos de paz e prosperidade.

Frang sentiu que lhe tirava um peso dos ombros. Fechou os olhos e pensou na Fiona.

Muitos Druidas encontrariam seu caminho à terra dos MacLachlan onde Fiona e Gregor lhes dariam cobertura tal como os MacInnes faziam durante séculos. Sob o comando de Gregor, eles reconstruiriam o que MacNeil tinha destruído e chegariam a ser um clã que, como inimigo, outros temeriam, mas como amigo lhes daria refúgio. Suas vidas seriam duplamente benditas tanto com um filho como com uma filha. Para a guerra e a paz, seu amor pelo outro os manteria fortes e unidos. Deles era uma força com a que se podia contar, como muitos descobririam de primeira mão.

Outra pesada carga o deixou, Frang abriu os olhos e sorriu. O que constava a Fiona e Glenna era mais do que ele possivelmente poderia ter esperado. Mas a irmã que mais lhe preocupava, a que tinha sido como uma filha para ele, era a que mais o preocupava. Com um suspiro profundo, fechou os olhos vacilantes e pensou na Moira.

Ela e Dartayous cuidavam agora da entrada à Ilha de Skye. A ilha lhes proveria da paz e a alegria que ambos ansiavam, e daria a seus filhos a ampla oportunidade de explorar o reino Fae para alegria de seus corações. O coração, o corpo e a alma de Moira e Dartayous, encontraram-se. Eles estariam juntos para sempre.

Frang soltou o fôlego e sorriu quando abriu os olhos. Finalmente as irmãs teriam a vida que mereciam. Cada uma tinha tido que fazer uma viagem, mas as três se provaram a si mesmas. Para fim o enorme peso que ele tinha levado desapareceu.

Ele sabia que Glenna e Conall tinham querido lhe fazer perguntas quando lhes disse que, para ele, tinha chegado o momento de partir, mas eles morderam a língua.

Estava agradecido disso já que não desejava lhes dizer a verdade. Não ainda. Talvez nunca. Com um último olhar ao seu querido Vale, Frang se voltou e encarou o futuro do qual tinha se escondido por muito tempo.

Fim



O PDL é uma grande biblioteca virtual com e-books grátis, quadrinhos, revistas, audiobooks e muita cultura.

Todos os e-books são produzidos e geridos pelos próprios usuários, que fazem do site um grande centro de troca de novidades e discussões relacionadas à área.

Não é preciso pagar nada, é só fazer seu cadastro, pesquisar, conversar e ler à vontade!

Esse livro foi feito de leitor para leitor, sem fins lucrativos. A venda ou troca desse e-book é estritamente proibida.

Após a leitura, considere a possibilidade de comprar o livro original, assim incentivará o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser ajudar as Equipes de Tradução e Digitalização do PDL, entre no fórum e converse com os administradores.

Venha participar da nossa Equipe!